



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

O RETORNO DO REI: As representações política e cultural de Luiz Gonzaga,
traços de uma trajetória.

JOSÉ CUNHA LIMA

Orientador: Prof. Dr. Ângelo Emílio da Silva Pessoa.

Linha de Pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos

João Pessoa - PB
Novembro - 2020

O RETORNO DO REI: As representações política e cultural de Luiz Gonzaga,
traços de uma trajetória

JOSÉ CUNHA LIMA

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História do
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
da Universidade Federal da Paraíba - UFPB,
em cumprimento às exigências para obtenção
do título de Mestre em História, Área de
Concentração em História e Cultura Histórica.

Orientador: Prof. Dr. Ângelo Emílio da Silva Pessoa.

Linha de Pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos

João Pessoa - PB
Novembro - 2020

Catálogo de Publicação na Fonte. UFPB - Biblioteca Central

L732r Lima, José Cunha.

O retorno do rei: as representações política e cultural
de Luiz Gonzaga, traços de uma trajetória / José Cunha
Lima. - João Pessoa, 2020.

297 f. : il.

Orientação: Ângelo Emílio da Silva Pessoa.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. História. 2. Luiz Gonzaga. 3. Música popular. 4.
Cultura política. I. Pessoa, Ângelo Emílio da Silva.
II. Título.

UFPB/BC

CDU 94:78(043)

Elaborado por MARILIA RIANNY PEREIRA COSMOS - CRB-15/862

O RETORNO DO REI: As representações política e cultural de Luiz Gonzaga, traços de uma trajetória

José Cunha Lima

Dissertação de Mestrado Avaliada em: 24/11/2020 com conceito: Aprovada

BANCA EXAMINADORA

Prof. Drº. Ângelo Emílio da Silva Pessoa
Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal da Paraíba
Orientador

Prof. Drº. Iranilson Buriti de Oliveira
Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Campina Grande
Examinador Titular Externo

Prof. Drª. Cláudia Engler Cury
Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal da Paraíba
Examinadora Titular Interna

Prof. Drº. José Jonas Duarte da Costa
Departamento de História – Universidade Federal da Paraíba
Examinador Convidado

Prof. Drº. Ramsés Nunes e Silva
Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Estadual da Paraíba
Examinador Suplente Externo

Prof. Drº. Paulo Giovani Antonino Nunes
Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal da Paraíba
Examinador Suplente Interno

Dedicatória

A minha filha Elys Regina e a minha mãe
Ivaneide Lima.

CADA FOLHA DO SERTÃO

Juvina, légua tirana
Sabiá, triste partida
Xodó, sanfona sentida
Mané gambá, Mariana
Xamego, Maria baiana
Amei a toa, algodão
A mulher do meu patrão
Baião, amanhã eu vou
Luiz Gonzaga cantou
Cada folha do sertão

Dia dos pais, Karolina
O bom improvisador
O festão, o cantador
Aquarela nordestina
Cocotá, cintura fina
Cantei, luar do sertão
Erva rasteira, erosão
Seridó, fogo pagou
Luiz Gonzaga cantou
Cada folha do sertão

Assum preto, juazeiro
Amigo velho, ai tem
Juca, penerô xerém
De olho no candeeiro
Carapeba, cirandeiro
A noite é de São João
Aquilo sim, que vidão
Café, o fole roncou
Luiz Gonzaga cantou
Cada folha do sertão

Xaxado, moça de feira
Balaio, baião granfino
Capim novo, cantarino
Sanfoninha choradeira
Canaã, mulher rendeira
Maceió, frei Damião
Xandusinha, xô pavão
Festa, Lampião falou
Luiz Gonzaga cantou
Cada folha do sertão

(Hélio Crisanto, Poeta Potiguar)

Versos produzidos pelo meu primo especialmente para essa dissertação

SEU LULA

Expressou como ninguém
O sentir dos sertanejos
É cantado nos festejos
Mesmo estando no além
Sua música se mantém
Simbolizando a paixão
Mexendo com a emoção
No sítio e na faculdade
Trinta anos de saudade
De Luiz, Rei do Baião.

Prof. Dr. Damião de Lima (DH - UFPB)

“Alegria em Pé-de-Serra”
“Orélia” marcou minha vida
“Marilú”, a mais curtida
Essa lista nunca encerra
Quem escuta nunca erra
Conheço bem essa saga
Nesse estudo não tem vaga
Aqui não vi quebra-galho
Finalmente li um trabalho
À altura de Gonzaga

Prof. Dr. José Jonas Duarte (DH - UFPB)

AGRADECIMENTOS

A conclusão de um Curso de Mestrado não é uma conquista apenas pessoal. São muitas as contribuições e sacrifícios individuais e coletivos para a sua realização. Por isso, mesmo correndo o risco de cometer algumas injustiças, agradeço e dedico a presente dissertação as pessoas que possibilitaram sua finalização...

Aos meus pais João Lima e Ivaneide Cunha pelo incentivo e apoio nessa construção, que teve início na minha infância quando eles me apresentaram o universo das canções, a importância dos estudos para minha formação e também por estimular o prazer pela música...

À minha filha Elys Regina pela compreensão durante esse processo que coincidiu com um momento difícil de nossas vidas que foi a distância em alguns momentos. Mas seu sorriso era sempre recompensador no retorno...

Às minhas irmãs Janete e Janaína pelo incentivo sempre que solicitadas...

Agradeço aos meus parentes, tios e tias, primos e primas que acompanham minha formação desde que iniciei. Em especial para Tia Socorro Araújo e família.

Ao casal de amigos Janice (Jane) e Edivan Moraes, faltam-me palavras para agradecer, sem a ajuda de ambos não teria conseguido cursar o mestrado. Grato...

Ao meu amigo-irmão André da Cunha Ferreira, entusiasta dessa ideia desde o início. Sendo o coautor e revisor desse texto...

Ao orientador Ângelo Emílio da Silva Pessoa pela relação de parceria, pelos conhecimentos compartilhados, pela confiança no meu processo de realização desse trabalho. Tive a sorte de ter um professor sempre entusiasmado, comprometido, inspirado. Foi uma pesquisa escrita a quatro mãos e com uma visão diferenciada sobre o objeto estudado. Único defeito, ele é palmeirense...

Aos professores(as) Drs.: Martinho Guedes, Telma Dias, Carla Mary, Solange Rocha, Carlos André Cavalcanti, Tiago Bernardon, Ana Beatriz Ribeiro, Élio Flores, pelo conhecimento compartilhado em suas disciplinas, que foram de fundamental importância para realização desse trabalho e da minha formação acadêmica...

Ao querido professor Dr. Paulo Giovanni Nunes pelo incentivo e torcida frequente por mim durante esse processo, além da oportunidade de desenvolver o estágio de docência em sua disciplina.

Aos professores Drs: Cláudia Cury, Iranilson Buriti e José Jonas Duarte pelas contribuições nas minhas bancas de qualificação e defesa que sem dúvida enriqueceram esse trabalho. Cada página dessa dissertação tem as suas indicações...

Aos meus colegas e amigos da turma 2018.1, pela troca frequente de conhecimento em sala de aula, nas conversas e pelos momentos de descontração em sala, nos intervalos e nos eventos acadêmicos. Agradeço em especial ao representante da turma o Mestre Lucas Nóbrega.

Ao amigo-irmão que ganhei nesse curso, Sandeilson Nunes e sua esposa Mirely Maciel, pela parceria intelectual, recordo-me com frequência quantas horas de conversas discutindo à vida e os textos do curso...

A minha querida amiga-irmã Dêis Lima Cunha, pela ajuda nos momentos mais difíceis do mestrado. Toda vez que eu precisava de apoio ela estava presente...

Ao meu amigo historiador pernambucano Abrahão Filho, que em uma disciplina estudada juntos consegui um amigo para a vida toda...

Ao querido Geraldo Neves funcionário do PPGH que sempre me recebeu com sua atenção e compreensão...

Não posso esquecer onde tudo começou lá na UEPB, Campus III, Guarabira. Agradeço a todos os professores e professoras que muito contribuíram para a minha formação acadêmica.

Aos amigos da turma 2003.2 do curso de História, posso citar: José Adalberto, Luciana Marinho, Michel Platiny, Ivanildo Lira, Renata Karla, Solano Alves, Daiana Braz, Emerson Carlos, Isabel Cristina, Elisangela Moraes, Iolanda Paula e Sueny Oliveira...

A querida Isabela Almeida pela troca de informação historiográfica e pelo presente que me concedeu nesta vida, minha filha...

Ao amigo Ginaldo Ribeiro por sua ajuda em tudo que envolve as novas tecnologias, elemento ao qual finjo que domino, mas na verdade quem faz tudo é ele...

Tenho que agradecer a confiança concedida a mim na Hemeroteca da Fundação Casa de José Américo por: Francisco de Assis Lins, ou como ele gosta de ser chamado, Chico Lins e para a querida Luciana Paulino da Silva...

No Espaço Cultural José Lins do Rego, pesquisei no Arquivo Histórico Waldemar Bispo Duarte, com a ajuda de João Pedro da Silva (seu Pedro), José Antonio Bezerra (seu Bezerra), Verônica Lucia da Silva. E em especial a Stefany Alencar, funcionária sempre prestativa que facilitou minha pesquisa...

No arquivo da Assembleia Legislativa da Paraíba contei com a ajuda do historiador: Francisco Jean de Figueiredo, para encontrar o que procurava, ele tem um olhar clínico para a documentação...

Aos meus amigos professores: Adailson Melo, Hellosman Almeida, Isabel Ferreira, Carmen Ranyelle, Edivânia Souza, Francisco de Assis, José Robson, Aldeizy Ferreira, Marly Rocha e Auricelia Melo...

Em Araruna tenho que agradecer a Alcione Soares Moreira que me ajudou desde que recebi a notícia que tinha logrado êxito no mestrado, com isso, ganhei uma amiga preciosa...

Ao meu motorista Marcelo da Silva que sempre me transporta com esmero...

Agradeço a Alzeni Ribeiro pela bibliografia cedida...

A Anailde Cunha, que em nome da qual cumprimento todos os meus alunos e alunas, que na prática fizeram o professor que sou...

Tenho que agradecer a Prefeitura Municipal de Araruna por ter concedido a licença para ter a honra de fazer o mestrado...

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para essa realização...

Grato a todos...

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma investigação acerca das representações culturais e do poder simbólico em torno do cantor e compositor Luiz Gonzaga (1912-1989), conhecido como ‘O Rei do Baião’, enfocando a sua longa carreira, entre as décadas de 1940 e 1980, mas enfatizando de maneira mais detida a última década de atuação e de vida, quando o ‘Rei’ voltou a ganhar nova projeção no cenário musical brasileiro, após um período de relativo ostracismo em relação à grande mídia entre parte dos anos de 1960 e 1970. Gonzaga, apesar de manter as características singulares de sua produção artística no novo contexto, teve de travar contato com as novas gerações e esse processo foi marcado por ricos e às vezes tensos diálogos musicais. Nesse momento, passou a ser cognominado como ‘Gonzagão’, não só pela decisiva interação com seu filho também cantor e compositor Luiz Gonzaga Júnior (1945-1991), mas também por se tornar uma das principais figuras de referência para muitos jovens músicos que emergiam no cenário nacional à época. A aludida pesquisa desenvolveu-se inicialmente nos jornais paraibanos “*A União*” e “*O Norte*”, e depois ocorreu a inserção de outros periódicos como: ‘*O Correio Braziliense*’, a ‘*Folha de São Paulo*’, ‘*Estado de São Paulo*’, o ‘*Jornal do Brasil*’, e ‘*O Diário de Pernambuco*’; com posterior ampliação do universo das fontes, inserindo outros periódicos, iconografias, discos e músicas. Entre a produção artística e sua veiculação midiática, observa-se a multifacetada figura desse artista, que desenvolveu um traço bastante peculiar e marcante em nossa cultura. No conjunto de sua vasta produção musical, destacamos os últimos dez anos como um período de acurado interesse, uma vez que esse retorno à grande mídia implicou em um refazer de alguns de seus passos artísticos e pessoais. Destarte, esta pesquisa colocou-se na linha epistemológica da História Cultural e com um diálogo próximo com o campo da História Política e Social, englobando as relações de poder e cultura com as relações sociais. A partir desse viés, inserimos os estudos e conceitos sobre a análise e importância da fonte impressa, no caso o jornal, comparando com as informações contidas em outras fontes e em biografias produzidas antes e depois do falecimento de Luiz Gonzaga. O referencial bibliográfico utilizado, fundamentalmente, abrangeu os seguintes autores: Ângelo (2006), Chartier (1991), Bourdieu (1996), Echeverria (2006), Oliveira (1991) e Dreyfus (2012).

Palavras-Chave: Luiz Gonzaga. Música Popular. Cultura Política. História Regional.

ABSTRACT

This work is the result of an investigation about cultural representations and symbolic power around the singer and composer Luiz Gonzaga (1912-1989), known as 'O Rei do Baião', focusing on his long career, between the 1940s and 1980s, but emphasizing more closely on the last decade, when the 'Rei' gained new prominence on the Brazilian music scene, after a period of relative ostracism in relation to the mainstream media between part of the 1960s and 1970s. Gonzaga, despite to maintain the unique characteristics of his artistic production in the new context, he had to make contact with the new generations and this process was marked by rich musical dialogues. At that time, he became known as 'Gonzagão', not only for the decisive interaction with his son, also a singer and composer Luiz Gonzaga Júnior (1945-1991), but also for becoming one of the main reference figures for many young musicians who emerged on the national scene at the time. The referred research was initially developed in the Paraíba newspapers "*A União*" and "*O Norte*", and then there was the insertion of other journals such as "*O Correio Braziliense*", "*Folha de São Paulo*", "*Estado de São Paulo*", "*Jornal do Brasil*", and "*O Diário de Pernambuco*"; with a later expansion of the universe of sources, including other periodicals, iconographies, records and music. Between artistic production and its media outlet, there is the multifaceted figure of this artist, who developed a very peculiar and striking feature in our culture. In the set of his vast musical production, we highlight the last ten years as a period of accurate interest, since this return to the mainstream media implied a redo of some of his artistic and personal steps. Thus, this research was placed in the epistemological line of Cultural History and with a close dialogue with the field of Political and Social History, encompassing the relations of power and culture with social relations. Based on this bias, we inserted studies and concepts about the analysis and importance of the printed source, in this case the newspaper, comparing it with the information contained in other sources and in biographies produced before and after Luiz Gonzaga's death. The bibliographic reference used, fundamentally, included the following authors: Ângelo (2006), Chartier (1991), Bourdieu (1996), Echeverria (2006), Oliveira (1991) and Dreyfus (2012).

Keywords: Luiz Gonzaga. Popular Music. Political Culture. Regional History.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AABB – Associação Atlética Banco do Brasil
ANCAR – Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural
ARENA – Aliança Renovadora Nacional
ANPUH – Associação Nacional de História
Bandepe – Banco do Estado do Pernambuco
BEC – Banco do Estado do Ceará
BMG – *Bertelsmann Music Group*
CCTA – Centro de Comunicação Turismo e Artes
CD – *Compact Disc*
CEPE – Companhia Editora de Pernambuco
CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
DFSP – Departamento Federal de Segurança Pública
EMI – *Electric and Musical Industries*
FGV – Fundação Getúlio Vargas
Funarte – Fundação Nacional de Artes
G.R.E.S – Grêmio Recreativo e Escola de Samba
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFPB – Instituto Federal da Paraíba
IFOCS – Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INPS – Instituto Nacional de Previdência Social
MASP – Museu de Arte de São Paulo
MAU – Movimento Artístico Universitário
MDB – Movimento Democrático Nacional
MPB – Música Popular Brasileira
OAB – Ordem dos Advogados do Brasil
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PDS – Partido Democrático Social
PFL – Partido da Frente Liberal
PL – Partido Libertador
PR – Partido Republicano
PRC – Partido Republicano Conservador
PRD – Partido Republicano Democrata
PRE – Prefixo Radiofônico
PRONATEC – Programa Nacional de Acesso ao Ensino técnico e Emprego
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PSD – Partido Social Democrático
PSP – Partido Social Progressista
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
RCA – *Radio Corporation of America*
SBT – Sistema Brasileiro de Televisão
SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
TCU – Tribunal de Contas da União
TSE – Tribunal Superior Eleitoral
TVS – TV Studios Silvio Santos
UDN – União Democrática Nacional
UH – Última Hora
VHF – *Very High Frequency*

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – A Família do “Rei do Baião”	34
Figura 02 – Uma família musical.....	35
Figura 03 – O primeiro nome de Gonzaga era em homenagem a Santa Luzia.....	36
Figura 04 – O nome completo do ‘Rei do Baião’ era em homenagem a São Luís Gonzaga.....	37
Figura 05 – Capa do disco ‘Aboios e Vaquejadas’	38
Figura 06 – Luiz Gonzaga Luiz Gonzaga e Milton Nascimento.....	46
Figura 07 – Catulo da Paixão Cearense e João Pernambucano os pioneiros da música nordestina.....	47
Figura 08 – “Os Oito Batutas”	48
Figura 09 – “O Bando dos Tangarás”	52
Figura 10 – Zé do norte um dos mais criativos artistas do nordeste.....	53
Figura 11 – Capa do LP ‘Xamego’	57
Figura 12 – Harry Truman, Luiz Gonzaga e o presidente Dutra.....	58
Figura 13 – Capa do LP ‘Meus Sucessos com Humberto Teixeira’	60
Figura 14 - Dorival Caymmi, Luiz Gonzaga, Tom Jobim, Jack Lang, Caetano Veloso e Chico Buarque.....	65
Figura 15 – Catamilho, Gonzaga e Zequinha.....	70
Figura 16 – Cacau, Gonzaga e Xaxado ou Salário Mínimo.....	72
Figura 17 – Capa do LP ‘Luiz Gonzaga canta seus sucessos com Zé Dantas’	75
Figura 18 – Capa do primeiro LP de Luiz Gonzaga.....	76
Figura 19 – Luiz Gonzaga destaque no ‘Pasquim’	82
Figura 20 – Capa do disco ‘ <i>O Canto jovem de Luiz Gonzaga</i> ’	84
Figura 21 – Padre Cântio e Luiz Gonzaga na primeira ‘Missa do Vaqueiro’	86
Figura 22 – Capa do disco ‘ <i>Pisa no Pilão</i> ’	87
Figura 23 – Capa e contracapa do LP ‘ <i>Missa do Vaqueiro</i> ’	90
Figura 24 – Cartaz de lançamento do filme ‘Chapéu de Couro’	91
Figura 25 – Jorge Paulo e Luiz Gonzaga.....	92
Figura 26 – Capa e contracapa do disco ‘ <i>Missa do Vaqueiro 2</i> ’	94
Figura 27 – Gonzaga fazendo propaganda para o governo federal.....	96
Figura 28 – Capa do LP ‘ <i>Rosa de Ouro</i> ’	100
Figura 29 – Capa do disco ‘ <i>Luiz Gonzaga Volta pra Curtir</i> ’	101

Figura 30 – Cartaz do show de Gonzaga em 1953 em Fortaleza com o patrocínio do Colírio Moura Brasil.....	104
Figura 31 – Notícia de capa do Diário de Pernambuco (08/11/1951) com o patrocínio da Crush.....	105
Figura 32 – Propaganda do refrigerante Crush ao lado de Catamilho e Zequinha.....	106
Figura 33 – Reportagem do Jornal ‘O Poti’ sobre a primeira apresentação de Luiz Gonzaga no Rio Grande do Norte.....	107
Figura 34 – Cartaz de propaganda do show e o novo patrocinador.....	108
Figura 35 – Propaganda do show no ‘Jornal de Maringá’.....	109
Figura 36 – Propaganda do show em Juiz de Fora.....	110
Figura 37 – Propaganda e <i>jingle</i> das pilhas Eveready.....	112
Figura 38 – Propaganda da bicicleta Monark na década de 1970.....	113
Figura 39 – Propaganda da bicicleta Monark no ano de 1976.....	114
Figura 40 – Bicicleta Monark Barra Circular Asa Branca.....	115
Figura 41 – Propaganda da TransBrasil.....	116
Figura 42 – Embalagem do fumo Dubom.....	116
Figura 43 – Carro de som utilizado por Gonzaga para divulgar seus shows com a propaganda do fumo Dubom.....	117
Figura 44 – Propaganda do Banco Bamerindus.....	118
Figura 45 – Capa do disco ‘O Homem da Terra’ de 1980.....	120
Figura 46 – Propaganda do Bamerindus pós Gonzaga.....	121
Figura 47 – Propaganda do Café Petinho veiculada no nordeste.....	122
Figura 48 – Propaganda das sandálias Havaianas Gonzagão.....	123
Figura 49 – Capa do disco ‘Luiz Gonzaga e Carmélia Alves’.....	125
Figura 50 – Gonzaga o comediante.....	128
Figura 51 – Capa e contracapa do LP ‘Luiz Gonzaga São João do Araripe’.....	135
Figura 52 – Selo filatélico que registra a inscrição de Bárbara de Alencar no Livro dos Heróis da Pátria.....	136
Figura 53 – Dom Avelar Brandão Vilela.....	142
Figura 54 – Encontro entre Aureliano Chaves e Luiz Gonzaga.....	143
Figura 55 – Marco Maciel e Luiz Gonzaga discutindo a intervenção em Exu – 1981.....	148
Figura 56 – Decreto de Intervenção no Município de Exu. Diário Oficial do Estado de Pernambuco de 10/11/1981.....	149
Figura 57 – Fragmento da Ata da Sessão do dia 15 de setembro de 1976.....	154

Figura 58 – Chegada de Pereira Lira e anúncio do comício monstro em João Pessoa.....	161
Figura 59 – O palanque da oposição em destaque o candidato a governador Zé Américo.....	165
Figura 60 – Dedo em riste enquanto discursava característica de Argemiro de Figueiredo.....	168
Figura 61 – Dia do comício monstro.....	171
Figura 62 – Disco de Emilinha Borba com a gravação de Paraíba, no lado A tinha a música “Baião de Dois”.....	173
Figura 63 – Charge mostrando a confiança de Argemiro de Figueiredo no seu time.....	174
Figura 64 – Luiz Gonzaga usando <i>smocking</i> no dia da homenagem.....	181
Figura 65 – Projeto concedendo o título de cidadania a Luiz Gonzaga.....	183
Figura 66 – Reportagem sobre o filme Parahyba Mulher Macho.....	185
Figura 67 – Capa do disco ‘Óia Eu Aqui de Novo’.....	187
Figura 68 – Capa do disco ‘Eu e Meu Pai’.....	189
Figura 69 – Imagem de Lampião feita por Benjamim Abrahão. Os ornamentos no chapéu começaram a ser usados a partir da década de 1930.....	190
Figura 70 – Lampião com a estética do chapéu anterior à década de 1930. Ao lado Luiz Gonzaga na década de 1950, com o primeiro modelo inspirado no Rei do Cangaço.....	193
Figura 71 – Pedro Raimundo vestido de gaúcho e Luiz Gonzaga de chapéu de cangaceiro em show.....	194
Figura 72 – Contracapa do disco ‘Eu e Meu Pai’.....	201
Figura 73 – Um ano após a morte do ‘Doutor do Baião’ as homenagens póstumas.....	204
Figura 74 – Capa do LP ‘Gonzaguinha da Vida’.....	213
Figura 75 – Gonzaguinha e Gonzagão no Fantástico em 1979 cantando ‘A Vida do Viajante’.....	215
Figura 76 – Coluna Recado do jornal ‘A União’ fazendo a divulgação do espetáculo ‘Vida do Viajante’.....	216
Figura 77 – Gonzagão só virá em setembro.....	219
Figura 78 – Luiz Gonzaga cantando ‘A Vida de Viajante’ no Festival MPB 80.....	222
Figura 79 – Mostrando os ensaios para o Show ‘Vida de Viajante’.....	223
Figura 80 – Divulgação do espetáculo ‘Vida do Viajante’.....	224
Figura 81 – Gonzaguinha e Gonzagão dançando no palco do programa Grandes Nomes da Rede Globo.....	225

Figura 82 – Lançamento do disco duplo ‘ <i>A Vida do Viajante</i> ’	228
Figura 83 – Gonzagão cantando ao lado de ‘Salário Mínimo’ na Fazenda “Maria de Mello” em Alagamar/PB.....	234
Figura 84 – Figueiredo usando o chapéu de Luiz Gonzaga na Paraíba.....	235
Figura 85 – Luiz Gonzaga e o Papa João Paulo II.....	237
Figura 86 – Capa e contracapa em homenagem ao Papa João Paulo II.....	238
Figura 87 – Capa e contracapa do LP duplo da turnê que aproximou pai e filho.....	240
Figura 88 – Nazaré Pereira e Luiz Gonzaga na <i>Champs Elysées</i> com o Arco do Triunfo ao fundo.....	242
Figura 89 – Seu Luiz e Dona Helena tomando chá em frente ao <i>Le Bobino</i>	243
Figura 90 – Capa do disco comemorativo dos 70 anos de idade.....	246
Figura 91 – Capa original do disco ‘ <i>Saudade de Pernambuco</i> ’	247
Figura 92 – Alceu Valença um cangaceiro em Paris.....	248
Figura 93 – Capa do disco ‘ <i>Danado de Bom</i> ’	249
Figura 94 – Capa do show da despedida gravado em 1984 e lançado em formato de DVD em 2003.....	251
Figura 95 – Capa do primeiro disco da aproximação entre o rei e Fagner.....	252
Figura 96 – Estátua de Luiz Gonzaga no pátio do Forró.....	254
Figura 97 – Capa do disco ‘ <i>Gonzagão Sanfoneiro Macho</i> ’	256
Figura 98 – José Sarney e Luiz Gonzaga em Juazeiro do Norte.....	259
Figura 99 – Capa do disco ‘Forró de Cabo a Rabo’	260
Figura 100 – Patativa do Assaré, Luiz Gonzaga, José Clementino e Dominique Dreyfus, foto tirada em 1987.....	262
Figura 101 – Capa do disco ‘ <i>Gonzagão de Fiá Pavi</i> ’	264
Figura 102 – Capa do disco ‘ <i>Gonzagão e Fagner 2</i> ’	266
Figura 103 – Capa do LP ‘ <i>Cinquenta Anos de Chão</i> ’	267
Figura 104 – Capa do disco ‘ <i>Aí Tem Gonzagão</i> ’	267
Figura 105 – Capa do disco ‘ <i>Vou Te Matar de Cheiro</i> ’	269
Figura 106 – Propaganda do Fumo Dubom na imprensa paraibana.....	288
Figura 107 – Propaganda do São João em João Pessoa.....	288
Figura 108 – Campanha da Paralisia infantil no nordeste usando os símbolos regionais divulgados por Gonzaga.....	289

SUMÁRIO

I Algumas Considerações Iniciais.....	16
II Introdução.....	23
1 “Vim do Norte o quengo em brasa fogo e sonho do sertão”.....	32
1. 1 “Se você quiser vou lhe mostrar Luiz Gonzaga Rei do meu Baião”.....	32
1. 2 “Vamos Falar do Norte”: do Cearense ao Pernambucano.....	43
1. 3 “Ê Rio de Janeiro do meu São Sebastião: Pára o samba três minutos para eu cantar o meu baião”.....	55
1. 4 “Pra onde tu vai Baião?”.....	61
2 ‘Chega de Saudade’ do sertão: eu quero um novo baião.....	77
2. 1 ‘É só isso o meu baião e não tem mais nada não’.....	77
2. 2 Luiz Gonzaga Volta Pra Curtir.....	95
2. 3 Luiz Gonzaga o garoto propaganda: ‘publique isso para ficar documentado’.....	102
2. 4 Luiz Gonzaga: Especial.....	124
3 Sanfona contra Balas e o Pau que no mato roncou: O rei e o engajamento político.....	131
3. 1 “Quatro tiros, quatro mortes”: o conflito oligárquico Alencar versus Sampaio.....	131
3. 2 “Eita Pau Pereira que em Princesa já Roncou”: sou paraibano véio macho sim sinhô.....	153
3. 3 ‘Hoje eu mando um abraço para ti pequenina, Paraíba masculina’.....	174
4 “Óia eu aqui de novo”: o retorno do Rei do Baião em 1979.....	186
4. 1 Luiz, Respeita Januário: ‘Eu e Meu Pai’.....	187
4. 2 “Minha vida é andar por esse país”.....	199
4. 3 Gonzaguinha e Gonzagão: ‘A Vida de Viajante’.....	213
5 Um Rei regressado: Luiz Gonzaga e as novas gerações da MPB.....	229
5. 1 Volta pra casa Luiz.....	229
5. 2 Missão Cumprida: Luiz Gonzaga já tocou no trio elétrico.....	254
6 Considerações Finais.....	270
Referências.....	275
Anexos.....	286

I Algumas Considerações Iniciais

Na maioria dos trabalhos acadêmicos usam-se as linhas iniciais para mostrar os referenciais teóricos e metodológicos que serão utilizados para o embasamento da pesquisa. Entretanto, resolvi fazer diferente, me apresentar para o leitor, mostrando com isso como nasceu essa dissertação. E também para ratificar como todos nos influenciam no decorrer da vida pessoal e acadêmica. Por isso, leitor considere essas linhas iniciais como uma espécie de memorial, pois o intuito é que o leitor conheça o escritor desse trabalho e as motivações que o levaram ao tema.

Meu interesse pela disciplina de História vem da segunda fase do Ensino Fundamental, quando estudei na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Drº. Tercílio Teixeira Cruz, no município de Tacima, Estado da Paraíba, entre os anos de 1995 e 2001. Minha admiração partiu das aulas bem ministradas pelo historiador Paulo de Tarso Ferreira Jorge, ou como conheço até hoje como Professor Paulo Jorge, formado em 1983, na UFPB, Campus I. Ele, falava dos acontecimentos históricos com toda a propriedade, como se estivesse vivido determinados fatos e feitos. Lembro-me ainda das aulas sobre as Grandes Navegações e as buscas pelas especiarias do Oriente.

Em 1998, no último ano do ensino fundamental, meu município de origem, o Riachão - PB, havia se emancipado da cidade de Araruna há cerca de quatro anos, e passou a disponibilizar a segunda fase do ensino fundamental. Portanto, minha turma foi à pioneira da oitava série, hoje nono ano, no município. Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Menino Jesus, às aulas de História eram ministradas pela geógrafa Elissandra Bezerra Moraes, formada na UEPB – Guarabira. Do conteúdo das aulas o que mais me recordo era sua exposição sobre “Os Filósofos Iluministas”.

No Ensino Médio voltei a estudar no município de Tacima – PB, tendo como professora a historiadora Cilene Constantino, formada na UEPB - Guarabira. No primeiro ano era lecionada História da Paraíba, no segundo História Geral e por fim, no terceiro ano, ensinava História do Brasil.

Em 2002 prestei vestibular para o curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus III, Guarabira. Passando na sétima posição, para a segunda chamada, cuja turma se iniciou em agosto de 2003. Desde os primeiros passos da jornada acadêmica me identifiquei com o curso. Tive para isso, os melhores historiadores em minha formação. Posso destacar: Joedna Reis, Edna Nóbrega, Elisa Mariano, Waldeci Chagas, Mariângela Nunes, Telma Fernandes, Francisco Fagundes, Alômia

Abrantes e, em especial, a professora Dr^a. Marisa Tayra Teruya, de saudosa memória. No ano de 2008 defendi minha monografia, sob a orientação da historiadora Luciana Calissi, a quem agradeço, tendo como título: *Luiz Gonzaga, o Baião e o Nordeste: Construção da Identidade Nordestina na década de 1950*.

Minha aproximação com o tema vem da admiração pela produção musical do cantor e compositor pernambucano Luiz Gonzaga (Exu, 13/12/1912 – Recife, 02/08/1989), herdada dos meus pais, agricultores que sempre consideraram o “Rei do Baião” como o maior representante cultural da região nordeste. Há tempos fico me indagando: como um sertanejo, vindo do interior do país fez tanto sucesso durante determinado período, e continua sendo um influenciador décadas depois de sua morte?

Após a conclusão da graduação, iniciei meu trabalho no primeiro semestre de 2008, como funcionário contratado, no arquivo da Secretaria de Educação do município de Riachão – PB. No segundo semestre assumi pela primeira vez a sala de aula, em substituição à historiadora Janice Reis da Silva Moraes, por motivos políticos, pois a professora havia se candidatado ao cargo de vereadora no município de Riachão. Foi uma experiência maravilhosa, transmitir o conhecimento historiográfico para meus primeiros alunos, e na escola em que havia participado da turma pioneira dez anos antes. Em 2009, fui deslocado do arquivo da Secretaria de Educação para a sala de aula, ficando exclusivamente com o ensino de História Antiga.

Em 2010, saí do quadro funcional da Escola Menino Jesus, e fui aprofundar meus conhecimentos historiográficos, me dedicando à Especialização em História Cultural promovida pela UEPB, Campus III – Guarabira. O curso contava com um quadro de professores que fizeram parte de minha graduação, o único professor que não conhecia era o historiador Carlos Adriano Ferreira de Lima, responsável pela disciplina Metodologia da História Cultural. Meu trabalho final foi orientado pela historiadora Mariângela de Vasconcelos Nunes, a quem agradeço, e tinha como título: “*Saudade o meu remédio é cantar*”: Um estudo sobre a saudade na música de Luiz Gonzaga, defendida em 2011. Esse estudo deu origem ao projeto de pesquisa que foi aprovado no Programa de Pós-Graduação em História da UFPB.

Desenvolvi a pesquisa na especialização a partir de conceitos trabalhados por Durval Muniz, em sua obra: *A Invenção do Nordeste e Outras Artes* (2001), *As Sombras do Tempo: A saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história* presente no livro: *História e Sensibilidade* (2006) e *Pedagogias da Saudade: a formação histórica de consciências e sensibilidades saudosistas*, escrito na Revista História Hoje, (2013). Também tive acesso a

autores de origem portuguesa que estudam a saudade como uma característica de Portugal. Posso citar: Eduardo Lourenço em: *Mitologia da Saudade: Seguido de Portugal como destino*, (1999), Afonso Botelho, na obra: *Da Saudade ao Saudosismo*, (1990) e *Filosofia da Saudade* (1986), em coautoria com Antonio Teixeira. No prosseguimento do Curso de Pós-Graduação, esse projeto inicial sofreu algumas modificações, mantendo Luiz Gonzaga como seu centro, mas modificando a abordagem, conforme disorro adiante.

Voltando a falar sobre a vida profissional, em 2011 assumi a função de Coordenador da Biblioteca Municipal Joaquim Cabral de Melo, após a aprovação em concurso público no município de Riachão, ficando na função até o ano de 2014. Nesse mesmo ano (2011) recebi a incumbência de assumir as disciplinas de Português e História, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Pedro Ribeiro de Lima, no município de Riachão, com o intuito de fazer um estudo intensivo voltado para o vestibular naquele ano. No final do ano fomos laureados com a melhor redação do Estado da Paraíba, com o aluno Orlei Jacinto Pereira, em concurso realizado pelo Senado Federal.

No ano de 2012, havia deixado a Escola Pedro Ribeiro de Lima, para assumir na Cidade de Araruna, o cargo de Professor de História, após aprovação em concurso público, local onde exerço minhas funções laborais até hoje.

Entre os anos de 2014 e 2015, exerci a função de Apoio Técnico e Acadêmico no programa PRONATEC do governo federal, após aprovação em seleção pública, tendo como vínculo funcional o IFPB, Campus de Guarabira.

Nesse ínterim, comecei em 2013, o curso de Bacharelado em Administração Pública pelo IFPB, modalidade à distância, tendo como pólo o município de Araruna. Concluí o curso em 2017, tendo como trabalho o TCC: *Tipificação do Gerenciamento de Resíduos Sólidos Urbanos no Município de Riachão – PB*, sob orientação do professor Me. José Elber Marques Barbosa.

Tenho que falar dos conhecimentos adquiridos e desenvolvidos na Licenciatura e Especialização em História, observei a importância das biografias e/ou trajetórias de vida para a construção da historiografia, percebendo que a História do biografado vai mudando no decorrer do tempo, sendo inseridos ou esquecidos determinados assuntos da vida e da obra do personagem estudado no livro. Para compreender esse conceito foi fundamental a leitura do livro de Pierre Bourdieu (1996) *A Ilusão Biográfica*, que se tornou referência importante, uma vez que Luiz Gonzaga é o cantor e compositor mais biografado da música brasileira, com cerca de 35 biografias em várias áreas de estudo, algumas com ele ainda em vida e autorizadas, e a maioria *post mortem*.

Daí surgiram dois problemas preliminares: como escolher quais biografias a serem analisadas como referências para a futura investigação? E o que escrever de novo sobre esse ícone da música brasileira? Para a primeira resposta, escolhi as biografias¹ com editoras de maior circulação, como a Editora 34, e livros que o “Rei do Baião” autorizou como a produzida por Sá (1999) e Dreyfus (2012); e/ou outros lançados *post mortem*, ao exemplo de Ângelo (1990 e 2006), Chagas (1990), Oliveira (1991), Santos (2004), Costa e Medeiros (2011) e Austregésilo (2012).

Importante lembrar que há boa parte dessa obra de caráter mais laudatório, sem o aprofundamento documental e, de certa forma, apresentando caráter mais repetitivo de informações, cuja leitura se mostrou pouco produtora. A segunda resposta vem de um amplo levantamento nos programas de pós-graduação, em suas bases de dissertações e teses, acerca do que havia sido escrito sobre Luiz Gonzaga. Com isso, defini, junto com meu orientador, as linhas centrais dessa pesquisa que passo a apresentar na introdução.

As disciplinas que tive a oportunidade de cursar foram essenciais para a solução de importantes questões na pesquisa, sugerindo alguns encaminhamentos, assim como ampliaram os horizontes de leituras. A cada disciplina cursada eram adquiridos novos conhecimentos e apontadas algumas sugestões que pude absorver para a produção deste trabalho.

No primeiro semestre cursei duas disciplinas obrigatórias. A primeira *Teoria da História*, com a Prof^a. Dr^a. Telma Dias Fernandes. Que me apresentou as escritas do teórico: Peter Pál Pelbart, no livro *Vida Capital* (2011). Onde o autor aprofundou a visão sobre as sensibilidades, dizendo que os afetos são nosso material de trabalho, sendo parte de uma “micropolítica”, sendo o ponto de partida e chegada, meios e fins. O autor também desenvolve suas ideias usando como princípio norteador inúmeras fontes, mas a literatura era a principal. Para a pesquisa foi importante para captar as sensibilidades presente nas discussões políticas, sociais e culturais nas notícias e relatos da vida de Gonzaga.

A segunda disciplina obrigatória que fiz foi *Metodologia da História*, com a Prof^a. Dr^a. Carla Mary Oliveira. Que desenvolveu os conceitos de Arlette Farge, em: *Lugares para a História* (2011), que contém em seus estudos as situações que encontram eco na atualidade, como o sofrimento, a violência e a guerra, ou que consideram sujeitos e experiências

¹ Tenho que citar outras biografias consultadas. Entre elas estão a primeira publicada na década de 1950 e reeditada no ano de 2012 do chamado poeta vaqueiro Zé Praxedi, com o nome: “**Luiz Gonzaga e outras poesias**”. Além de utilizar textos que comparam Gonzaga com outros artistas, ao exemplo, do livro de VIANNA, Letícia C. R. **Bezerra da Silva Produto do Morro**: Trajetória e obra de um sambista que não é santo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. E ECHEVERRIA, Regina. **Gonzaguinha e Gonzagão**: uma história brasileira. São Paulo: Ediouro, 2006.

singulares, como a fala, o acontecimento, a opinião e a diferença dos sexos. Falando especificamente sobre os afetos, ela escreve sobre o sofrimento, questionando se a historiografia pode dar conta do sofrimento humano. Se o sofrer pode ser um tema para a história ou o sofrimento tem um lugar para ela. Essas questões foram muito significativas na escrita, pois busquei nos conflitos pessoais do “Rei do Baião”, a partir de sua sensibilidade e experiências pessoais e do seu envolvimento político em diversos momentos da carreira, e no conjunto de circunstâncias que levaram à reaproximação com o filho Gonzaguinha, de quem viveu afastado por bastante tempo.

A disciplina optativa História Política: *Culturas Políticas e Elites Políticas*, ministrada pelos docentes: Prof. Dr. Martinho Guedes e Prof. Dr. Paulo Giovanni A. Nunes, me atualizei em referência a teóricos sobre as discussões políticas. Pois, desde 2008, não tinha estudado mais os conceitos de História Política, me dedicando exclusivamente à historiografia cultural. Essa disciplina foi fundamental para a produção do capítulo que narra o envolvimento político de Gonzaga.

O livro que mais me chamou a atenção foi o de Ângela de Castro Gomes: *História, Historiografia e Cultura Política no Brasil: Algumas Reflexões*. Que parte da mudança de direção que as pesquisas em História tomaram no Brasil a partir da década de 1980, presentes principalmente nas dissertações e teses, que inseriram um novo modelo interpretativo para a questão social. Essa revisão historiográfica alterou de forma substancial a matriz de pensar as relações de entre dominantes e dominados. Emergindo, com isso, o sentido de um conjunto de comportamentos individuais e coletivos, politizando uma série de ações e introduzindo novos atores como participantes da política. Nesse sentido, passei a pensar Luiz Gonzaga como um agente político ativo na política local, regional e nacional.

A disciplina optativa *História Cultural: Imprensa e Impressos para as pesquisas de História*, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Cláudia E. Cury promoveu um importante elemento norteador para a pesquisa, pois eclodiu a curiosidade de saber como o Gonzagão² era representado na imprensa paraibana, tanto no período de sua maior fama (anos 1940/60) quanto no período de seu retorno aos holofotes do sucesso, depois de um período de certo ostracismo em relação às gravadoras e grande mídia, em finais da década de 1970. Estudar a

2 A partir do final dos anos 1970, o já maduro cantor e compositor Luiz Gonzaga passou a fazer algumas parcerias artísticas com o seu filho Luiz Gonzaga Júnior (Rio de Janeiro, 22/09/1945 - Renascença - PR, 29/04/1991), popularmente conhecido como “Gonzaguinha”, que vivia a fase mais popular de sua carreira. Em virtude disso, as novas gerações passaram a identificar Luiz Gonzaga como “Gonzagão”, em referência a Gonzaguinha. Nesse trabalho, usaremos indiferentemente Luiz Gonzaga e Gonzagão sempre que nos referirmos ao pai. Também usaremos o título de “Rei do Baião”, pelo qual ele ficou celebrizado. O filho será sempre referido como Gonzaga Júnior ou Gonzaguinha. Vide ECHEVERRIA, (2006).

relevância dos impressos para a construção de certas histórias, pode se constituir num rico acervo para certos períodos e temáticas, como percebo acerca do caso de minha investigação.

Esta compreensão se desenvolveu ainda mais a partir da leitura do livro: *Impresso no Brasil: Dois Séculos de Livros Brasileiros* (2010), organizado por Aníbal Bragança e Márcia Abreu. Nessa disciplina fiz a que considero minha melhor apresentação de trabalho do mestrado. Junto com os mestrandos Sandeilson Beserra e Abrahão Filho realizamos uma oficina baseada em literatura de cordel e as representações culturais de Luiz Gonzaga. Em seguida um trecho do cordel produzido para a oficina:

Eu agora te convido
A mergulhar na leitura,
A conhecer Rei Gonzaga
Grande mestre da cultura,
Levante, pegue um cordel
Embarque nessa aventura.

No segundo semestre, cursei a disciplina optativa *História e Historiografia*, com o Prof. Dr. Tiago Bernardon de Oliveira e com a Prof^a. Dr^a. Ana Beatriz Ribeiro. Nesta disciplina tive acesso a um artigo que utilizei no capítulo ao qual analiso as representações do cangaceiro Lampião, e a influência na utilização da indumentária por Gonzaga a partir da década de 1950. Foi o texto de Norberto O. Ferreras, *Bandoleiros, cangaceiros e matreiros: revisão da historiografia sobre o Banditismo Social na América Latina*. Publicado na *Revista de História*, no ano de 2003.

Também cursei a disciplina: *Cultura Histórica*, versando para a temática religiosa, com o Prof. Dr. Carlos André Cavalcante. O destaque foi o conhecimento adquirido a partir da leitura do livro de Sérgio da Mata, *História & Religião* (2010). Na referida obra se discute a complexa realidade das religiões do mundo atual, explorando nossas subjetividades nos quesitos aceitação, negação e curiosidade, sobre o lugar da religião. Questões como essas se mostraram bastante relevantes, pois o “Rei do Baião” era um ser humano muito religioso, e essa religiosidade se expressava em canções, bem como na aproximação com autoridades religiosas e, principalmente, com a invenção da ‘Missa do Vaqueiro’ em homenagem ao afamado vaqueiro Raimundo Jacó³, que será tratada posteriormente.

E por fim, os créditos foram concluídos com a disciplina obrigatória, *Seminário de Dissertação*, com o Prof. Dr. Élio Chaves Flores, que nos ajudou na produção do trabalho final do primeiro ano do mestrado. Finalizadas as disciplinas e a partir de acertos com

³ Raimundo Jacó Mendes (16/07/1912-08/07/1954).

orientador, o texto foi reconfigurado, tendo deixado a centralidade da discussão da saudade na obra de Gonzaga e se focando na fase final de sua carreira, tendo como título para o Seminário de Dissertação: *O RETORNO DO REI: A representação política e cultural de Luiz Gonzaga no jornal paraibano “A União” (1979 - 1989)*, que contou com a leitura da Prof^a. Dr^a. Cláudia E. Cury. E na etapa subsequente, o Exame de Qualificação, além da Professora Cláudia, pude contar com a participação dos Professores Iranilson Burity e José Jonas Duarte, cujas observações foram em larga medida incorporadas a esse texto.

Por fim tenho que deixar claro que meu trabalho se insere no Programa de Pós-Graduação em História da UFPB, na linha de pesquisa de Ensino de História e Saberes Históricos, onde os estudos desenvolvidos partem do pressuposto da relevância de estimularmos a cultura histórica na sala de aula, item importante para as prerrogativas dos profissionais da história, que devem aliar a docência e a pesquisa em seu labor.

Diante disso, apesar da dissertação não ter finalidade direta para a discussão do ensino da disciplina História, ao final aponto brevemente algumas possibilidades de experiências de ensino a partir da obra de Luiz Gonzaga, parte das quais desenvolvo em minha prática, e que podem ser ricas alternativas para a aprendizagem de determinados temas em História.

Assim o objetivo da referida linha de pesquisa é a: “articulações entre a produção do conhecimento acadêmico e o conhecimento escolar no que diz respeito à formação do professor, no sentido de ampliarmos o debate interdisciplinar, a reflexão teórico-conceitual e metodológica sobre os saberes históricos⁴”. Em síntese, deve-se aproximar a sociedade em geral (alunos, professores e comunidade escolar) com a universidade (universitários e docentes de cursos superiores) para o compartilhamento de conhecimento. Depois dessas palavras iniciais vamos para a apresentação teórica metodológica da pesquisa.

Enquanto professor, utilizo as canções do “Rei do Baião”, em sala de aula, posso citar: “*Asa Branca*”, “*A Volta da Asa Branca*”, “*Léguas Tirana*”, “*A Triste Partida*”, “*Acácia Amarela*” entre outras. Com referência musical uso ‘*Vozes da Seca*’ como parte de uma reflexão acerca do aludido fenômeno, na qual, busca-se compreender a relação existente entre a seca e os interesses políticos e econômicos que envolvem tal acontecimento.

Segundo Albuquerque Jr. (2001) da influência que sua obra abrangeu desde a política ao social; cantando dos festejos juninos aos sofrimentos das secas, por isso transformou-se na década de 1950, no arauto das intempéries do sertão, das lágrimas saudosas dos migrantes, herdeiro da secular cultura campesina do antigo “norte”. Conforme pude observar em outro

⁴ Fonte: https://www.sigaa.ufpb.br/sigaa/public/programa/linhasPesquisas.jsf?lc=pt_BR&id=1908. Acesso em: 24/12/2019.

trabalho “Justamente na época em que os estudiosos buscavam a identidade de cada região do Brasil, e por isso, o velho “Lua” foi um dos formadores da identidade política e cultural do Nordeste”. (LIMA, 2008, p. 28)

Desta forma, a compreensão das secas não apenas como fenômeno climático, mas, sobretudo, relacionada com a estrutura social, econômica, política e cultural, no decorrer da história brasileira é de vital importância para o entendimento da persistência da imagem do Nordeste como espaço da seca e de certas práticas clientelistas⁵ perpetradas até os dias de hoje. Portanto as produções da majestade do baião fazem parte do meu cotidiano profissional e pessoal.

II Introdução

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa o célebre cantor e compositor popular Luiz Gonzaga, o ‘Rei do Baião’ (1912 - 1989), tendo o intuito de compreender os meandros que fizeram com que esse o cantor de grande sucesso entre as décadas de 1940 e 50, tenha perdido parte da sua popularidade no início dos anos 60 e tenha retornado à mídia no centro sul do país a partir de 1979, depois de um período de praticamente uma década e meia de um ‘ostracismo’ parcial na grande imprensa nacional. Por isso que adoto para essa dissertação: *O RETORNO DO REI: As representações política e cultural de Luiz Gonzaga, traços de uma trajetória*. A temporalidade estudada, apesar de privilegiar as últimas décadas de sua carreira (1960 - 70 - 80), remetendo ao conjunto de sua trajetória artística e a elementos de sua biografia, que se tornaram indispensáveis para adensar a compreensão dessa fase final de sua longa e predominantemente exitosa carreira.

Como ponto de partida foco na vasta obra musical do “Rei do Baião”. Ao longo de cinco décadas de carreira, Luiz Gonzaga, só ou em diversas parcerias, deixou uma caudalosa produção de aproximadamente 811 (oitocentas e onze⁶) músicas, gravadas por ele ou por expressivos intérpretes da música brasileira, tendo, inclusive, atravessado as fronteiras do Brasil, com várias gravações internacionais sobre as quais falarei adiante. Há anos tenho realizado audições em caráter de fruição pessoal, como objeto de reflexão intelectual ou ainda

⁵ Segundo José Murilo de Carvalho (1999) clientelismo é um tipo de relação entre atores políticos que envolvem concessão de benefícios públicos, na forma de empregos, vantagens fiscais, isenções, em troca de apoio político, sobretudo na forma de voto.

⁶ Dados retirados da biografia produzida por Gildson Oliveira (1991).

de intervenção didática e o conhecimento dessa obra se tornou o ponto de partida a respeito do qual fui acrescentando outras referências que nos permitiu aprofundar nossos questionamentos.

Outrossim, como já frisei, de todo o vasto conjunto de grandes cantores e compositores da música brasileira, como Noel Rosa⁷, Dorival Caymmi⁸, Carmen Miranda⁹ e Ary Barroso¹⁰, para ficar em uns poucos de tantos, Luiz Gonzaga figura com destaque como o mais estudado deles. Isso segundo os pesquisadores Costa e Medeiros no livro: *Por que o Rei é Imortal?* Lançado no ano de 2011.

Cerca de 35 biografias foram localizadas, tendo sido escolhidas em nossa pesquisa as de Sá (1961), Assis Ângelo (1990 e 2006), Oliveira (1991), Costa e Medeiros (2011), Dreyfus (2012) e Austregésilo (2012), por motivos apontados anteriormente. A partir da análise das obras selecionadas, pudemos buscar um ponto específico para uma contribuição mais original, que nos pareceu ser possível a partir da investigação de certos aspectos da carreira e obra de Gonzaga a partir da mídia impressa do Estado da Paraíba, permitindo descortinar alguns aspectos menos conhecidos de sua carreira.

Diante do exposto, representações política e cultural de Luiz Gonzaga foram buscadas primordialmente nos jornais paraibanos “*A União*”¹¹ e “*O Norte*”¹². Após o levantamento dos dados percebeu-se a necessidade de ampliação ou maior diálogo com outras fontes, inserindo outros periódicos, iconografias, capas de discos e selecionando determinadas músicas de seu vasto acervo para análise. Dessa forma, os jornais, apesar de não serem as fontes primordiais, acabaram se tornando em materiais indispensáveis e muito significativos nesse trabalho, por meio dos quais pretendi, em linhas gerais, compreender quais foram às representações e o poder símbolo do ‘Rei do Baião’, na imprensa paraibana e nacional, comparando-as com os relatos biográficos.

Sobre a importância da imprensa como fonte de estudo historiográfico, Cruz e Peixoto (2007, p. 260), nos falam que “não é possível lidar com qualquer fragmento de um veículo da

⁷ Noel de Medeiros Rosa (Rio de Janeiro, 11/12/1910 - Rio de Janeiro, 04/05/1937). Foi um sambista, cantor, compositor, bandolinista, violonista. Ver: MÁXIMO e DIDIER, (1990).

⁸ Dorival Caymmi (Salvador - BA, 30/04/1914 – Rio de Janeiro, 16/08/2008). Foi um cantor, compositor, violonista e pintor. Ver: CAYMMI, (1984, 2001, 2013) e TABORSA, (2005).

⁹ Maria do Carmo Miranda da Cunha (Marco de Canaveses - Portugal, 09/02/1909 - Beverly Hills - EUA, 05/08/1955). Foi uma cantora e atriz. Ver: CASTRO, (2005).

¹⁰ Ary Evangelista Barroso (Ubá - MG, 07/11/1903 - Rio de Janeiro, 09/02/1964). Foi um compositor e apresentador. PIMENTEL, (2008), MORAES, (1979), OLINTO, (2003).

¹¹ *A União* é um jornal estatal paraibano editado na cidade de João Pessoa. Fundado no dia 02/02/1893, pelo então presidente da Província, Álvaro Machado.

¹² *O Norte* era um jornal paraibano pertencente aos Diários Associados. Fundado no dia 07/05/1908 e sua última edição circulou em 01/02/2012.

imprensa [...] sem o reinserir no projeto editorial no interior do qual se articula, ou seja, sem remetê-lo ao jornal ou à revista que o publicou numa determinada conjuntura”. Seguindo essa ideia, Pierre Bourdieu descreve a relevância do jornalista. “O jornalista exerce uma forma de dominação (conjuntural não estrutural) sobre um espaço de jogo que ele construiu, e no qual ele se acha colocado em situação de árbitro, impondo normas de ‘objetividade’ e de ‘neutralidade’” (BOURDIEU, 1998, p. 55).

Analisando a partir daí, os periódicos estudados e seus respectivos jornalistas, observei que o jornal estatal paraibano que mais fez reportagens sobre o ‘Rei do Baião’ foi ‘*A União*’. Nos mais de dez anos pesquisados, todos os meses tinham notícias ou entrevista com Luiz Gonzaga. Já o outro importante periódico¹³ estadual, ‘*O Norte*’, consistia num jornal particular voltado predominantemente para o noticiário político, só fazendo referência a Gonzaga no período junino ou quando havia alguma notícia de grande repercussão envolvendo o famoso sanfoneiro de Exu. Além das fronteiras paraibanas, destaco os jornais: ‘*O Correio Braziliense*¹⁴’, a ‘*Folha de São Paulo*¹⁵’, ‘*Estado de São Paulo*¹⁶’, o ‘*Jornal do Brasil*¹⁷’, e ‘*O Diário de Pernambuco*¹⁸’, esse último periódico muito importante, pois forneceu diversas referências, principalmente no que tange ao conflito oligárquico Alencar *versus* Sampaio, estudado com afinco posteriormente.

Após discernir um pouco sobre a imprensa, explico a temporalidade escolhida para essa dissertação, que apesar de não limitar rigidamente ao período da última década de carreira de Luiz Gonzaga (entre finais dos anos 1970 e 1989), tem seu foco maior nesse momento, no qual o “Rei do Baião” retornou à cena na grande mídia (televisão, rádios, jornais e revistas), da qual esteve praticamente ausente, desde o auge da sua carreira, entre os anos de 1940 a 1958, no sudeste e sul do país, e por meio do disco ‘*Eu e Meu Pai*’ de 1979, que originou o show: ‘*A Vida do Viajante*¹⁹’ realizado a partir de 1980, em parceria com seu filho, Luiz Gonzaga do Nascimento Junior, o Gonzaguinha, fez o ‘Rei do Baião’ voltar ao sucesso nacionalmente.

¹³ Cabe salientar que escolhi os jornais ‘*O Norte*’ e ‘*A União*’ para ver como a imagem de Gonzaga era trabalhada em um periódico governamental e outro privado. Devido ao curto período de pesquisa do mestrado não pude realizar estudos em outros jornais locais.

¹⁴ *Correio Braziliense* é um jornal editado em Brasília pertencente aos Diários Associados. Fundado no dia 21/04/1960 por Assis Chateaubriand, juntamente com a inauguração da cidade e a da TV Brasília. O nome veio do histórico *Correio Braziliense*. Fonte: <https://www.correiobraziliense.com.br/>. Acesso em: 26/03/2020.

¹⁵ *A Folha de S. Paulo* é um jornal editado em São Paulo. Fundado no dia 19/02/1921.

¹⁶ *O Estado de S. Paulo* é um jornal editado em São Paulo. Fundado em 04/01/1875.

¹⁷ *O Jornal do Brasil* é um jornal editado no Rio de Janeiro. Fundado em 1891.

¹⁸ *O Diário de Pernambuco* é um jornal editado no Recife. É o mais antigo periódico em circulação da América Latina, fundado em 07/11/1825.

¹⁹ Composição de Luiz Gonzaga e Hervê Cordovil, lançada em 1953. Cabe salientar que essa canção teve várias regravações e passou a ser a música símbolo do retorno ao sucesso do Rei do Baião a partir do ano de 1979.

A partir daí debruçei-me sobre as teorias e metodologias difundidas pela História Cultural, que vêm nos auxiliar neste trabalho com contribuições produzidas pelos pesquisadores Roger Chartier e Pierre Bourdieu, a partir da elaboração dos conceitos de “práticas” e “representações”. Partindo dessas ideias, a cultura ou mais especificamente, as diversas formações culturais, poderiam ser examinadas no âmbito produzido pela relação interativa entre estes dois pólos que se complementam.

Assim, tanto as formas culturais seriam produzidas tendo por princípio as relações “entre práticas e representações, como os sujeitos produtores e receptores de cultura circulariam entre estes dois pólos, que de certo modo corresponderiam respectivamente aos modos de fazer e aos modos de ver” (CHARTIER, 1990, p. 89).

As noções de práticas e representações culturais são importantes para a pesquisa, pois por intermédio delas verificam-se os objetos culturais produzidos, e sua relação com os sujeitos produtores e receptores dessa cultura, e os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos e, por fim, as normas a que se conformam as sociedades quando produzem cultura, inclusive mediante a consolidação de seus costumes. E como para captar melhor esses preceitos se não utilizando a imprensa, que é produtora e divulgadora de determinados suportes que chegam à sociedade? “Para reproduzir a distribuição do capital cultural e, assim, a estrutura do espaço social” (BOURDIEU, 1996, p. 35).

Dessa forma, os assuntos estudados corroboram para as possibilidades de novas perspectivas para o estudo historiográfico da cultura tanto erudita quanto popular, pois os conceitos nos permitem compreender um conjunto maior de fenômenos culturais, além de chamar a atenção para o dinamismo e eclosão dessas práticas coletivas, entendendo que cultura é produzida de modo coletivo. “O capital simbólico é uma propriedade qualquer (de qualquer tipo de capital, físico, econômico, cultural, social), percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las (percebê-las) e reconhecê-las, atribuindo-lhes valor (BOURDIEU, 1996, p. 107)”.

Partindo desse princípio, dois modos de abordagens podem ser identificados: o primeiro tem como fundamento a ratificação da construção das identidades sociais (coletivas) sendo, portanto, resultado da relação de forças entre as representações impostas ou incorporadas, fazendo parte da capacidade de aceitação ou resistência da comunidade; e o segundo que considera o recorte social ou espacial, realizando o crédito a representação que cada grupo faz de si mesmo, sua capacidade de se unir e fazer reconhecer sua existência,

sendo parte integrante da comunidade e a leitura do que se é produzido e recebido como lugares de cultura.

Outro conceito a ser citado no trabalho é o de representações do poder, na sociedade e paulatinamente na cultura, que produzem associações com um determinado imaginário político, social e cultural de onde essa cultura está sendo produzida, o espaço geográfico. Quando uma representação se liga a um circuito de significados fora de si e já determinado em um certo local do discurso, esta representação começa a aproximar-se de outra categoria importante para a História Cultural, que é o símbolo e sua relevância para as ciências humanas.

Essas formas ou campos de relações de poder estão inseridos de modo simbólico na forma como no conceito de região, ou seja, como local de reprodução, estes conceitos são objeto de representações sociais, por exemplo: percepção, apreciação, pertencimento e produção de cultural.

Levando para o objeto da presente pesquisa, Luiz Gonzaga, considero que suas canções e as indumentárias acabaram por se tornar elementos importantíssimos para a definição de uma determinada representação regional, a saber, o “Nordeste” brasileiro. E ainda, segundo Bourdieu (1991), existem também uma série de representações objetais, entre as quais posso citar: emblemas, insígnias, símbolos entre outros, assim contidos nas indumentárias do ‘Rei do Baião’, alusivos às diversas referências culturais que serão tratadas adiante. O que desenvolve o jogo pelo poder de impor uma visão de mundo através do princípio de divisão que, ao se impor, cria o efeito de consenso e unidade de um grupo, emergindo uma identidade. Não poucos agentes políticos da região e de outras regiões do país se apropriaram das marcas de Gonzaga com finalidades eleitorais ou de granjear simpatias políticas.

Assim, o campo político pode ser entendido como um campo de força (luta) que pretende transformar a relação de poder que confere a este campo a sua estrutura em dado momento histórico. O que faz com que a vida política possa ser descrita na lógica da oferta e da procura simbólica e da desigual distribuição de elementos de produção de uma representação do mundo social explicitamente formulada. Como disse acima, as representações construídas por e a partir de Luiz Gonzaga acabaram por se plasmar no próprio glossário da política regional. Nas disputas de poder, essas mesmas representações podem ter oscilado entre visões conformistas ou contestatórias, a partir das apropriações feitas pelos diversos agentes em luta.

Com isso o campo político oferece instrumentos de percepção e de expressão do mundo social. E a distribuição das opiniões depende do estado dos instrumentos de percepção e de expressão disponíveis e do acesso que os diferentes grupos têm a desses instrumentos. E que a produção de formas de percepção e de expressão torna-se monopólio dos profissionais e está sujeita a constrangimentos referentes ao campo político.

Segundo Bourdieu (1998), em matéria de política como em matéria de arte, o desapossamento dos que são em maior número torna-se consecutivo à concentração dos meios de produção propriamente políticos nas mãos de profissionais, que só com uma competência específica podem entrar com sucesso no jogo político.

Há também uma outra forma de capital que se desenvolve na transferência de uma autoridade política, um capital delegado que é detido e controlado pela instituição. E a aquisição deste capital delegado obedece a uma lógica particular: a investidura, ato por meio do qual a instituição consagra oficialmente um candidato e marca a transmissão de um capital político. Outro pesquisador que estudou as formas de representação foi Peter Burke a partir da construção simbólica presente na biografia do Rei Luis XIV. Relatando que:

Uma vantagem do termo “representação” é que ele pode se referir não só aos retratos visuais ou literários do rei, à imagem projetada nos meios de comunicação ou por eles, mas também à imagem recebida, a imagem de Luís na imaginação coletiva ou, como dizem os historiadores e antropólogos franceses, as “representações coletivas” da época. A desvantagem da expressão “representações coletivas”, pelo menos em inglês, é dar lugar à suposição de que todos têm imagens idênticas do rei, ou até de que existe de fato uma imaginação coletiva, segundo o modelo do inconsciente coletivo de Jung. Foi para evitar estes equívocos que escolhi um outro título (BURKE, 2009, p. 21).

A ideia da pesquisa foi analisar como foram construídas as representações de outro rei de nome Luiz, agora com Z e não com S como o monarca francês, no nosso caso, o ‘Rei do Baião’, Luiz Gonzaga, utilizando como fonte privilegiada, mas não exclusiva a imprensa paraibana. Tal e qual Burke para o Rei francês, pensei para o outro as “suas sucessivas representações que recebeu nos diferentes meios de comunicação. A versão que poderíamos chamar de ‘autorizada’ da história do rei sofreu contínua revisão” (BURKE, 2009, p. 22).

A História do ‘Rei do Baião’, semelhante à do rei francês, nesse sentido, também sofreu sucessivas revisões em suas inúmeras biografias e bibliográficas, no decorrer das décadas. Comparar os relatos dos jornais e com dos seus biógrafos e cotejá-los com a sua

música, torna a escrita desafiadora, pois, parte da concepção, que a arte e a literatura do período deveriam ser interpretadas como uma forma de representação.

A pergunta a ser feita: como foi à construção da imagem de Gonzaga nas biografias escolhidas e na imprensa paraibana (jornais ‘*A União*’ e ‘*O Norte*’)? Quais as representações utilizadas para tornar o ‘Rei do Baião’, símbolo cultural e político de uma região do país? Gonzaga ainda em vida era o representante de maior relevo do regionalismo cultural e depois de sua morte essa imagem ficou mais presente, principalmente no período junino ou na indumentária simbólica do nordeste do Brasil.

Feitas essas considerações preliminares, apresento a estrutura dos capítulos da dissertação da seguinte forma: no primeiro capítulo, intitulado: “*Vim do Norte o quengo em brasa fogo e sonho do sertão*”: ‘Se você quiser vou lhe mostrar Luiz Gonzaga Rei do meu Baião’. Nesse capítulo inicial realizo uma descrição biográfica do “Rei do Baião” desde seu nascimento e infância, passando pelos principais acontecimentos pessoais até chegar ao preâmbulo da carreira artística, o sucesso de mais de duas décadas.

Na sequência no segundo capítulo, intitulado ‘*Chega de Saudade*’ do sertão: eu quero um baião novo, demonstro como foi e o que provocou o esquecimento parcial midiático de Luiz Gonzaga nas décadas de 1960 e 1970 e as várias tentativas de retorno às paradas de sucesso nesse período e o que ele fez para manter a carreira. Apesar de retomar diversos aspectos já conhecidos em outros estudos, procuro focar em especial alguns pontos que serão essenciais para tratar certas problemáticas discutidas nos capítulos subsequentes.

No terceiro capítulo, trabalho com alguns engajamentos políticos de Luiz Gonzaga em dois momentos distintos de sua longa carreira. Buscando compreender o capital político e simbólico presente na imagem do “Rei do Baião”. Tendo como título *Sanfona contra Balas e o Pau que no mato roncou: O Rei e o engajamento político*, primeiramente, pretendo descrever os conflitos políticos existentes em Exu - PE, terra natal de Gonzaga, onde ele foi ameaçado de morte por um segmento de determinada oligarquia local rival dos Alencar (Gonzaga declarava-se muito próximo dos Alencar, que eram rivais da família Sampaio), e o seu decisivo engajamento para terminar esse antigo e sangrento conflito estadual.

Outrossim, no subtópico: *Eita Pau Pereira que em Princesa já Roncou*: sou paraibano véio macho sim sinhô, analiso também, a concessão do título de cidadania paraibana no ano de 1979, a Luiz Gonzaga. Nessa ocasião, o que não passaria de uma homenagem aparentemente corriqueira a um astro da cultura, avivou as chamas de um antigo conflito político vivenciado décadas antes em território paraibano e que agitou a votação do projeto lei que concederia essa cidadania. No caso em questão, veio à tona a participação do sanfoneiro

de Exu, na campanha governamental paraibana de 1950, ocasião na qual a música ‘*Paraíba*’, parceria de Gonzaga com Humberto Teixeira²⁰, foi lançada, gerando conflitos entre as coligações dominantes na política estadual de então, denominadas Argemiristas e Americistas (em alusão aos seus líderes Argemiro de Figueiredo²¹ e José Américo²²), naquele que ficou popularmente conhecido como o ‘comício monstro’ em Campina Grande. Durante esse pleito, o jornal oficial ‘*A União*’, pouco noticiou o acontecido nesse escrutínio, entretanto, na década de 1980, existem várias notícias sobre essa eleição e a participação de Gonzaga na campanha do candidato ao senado Pereira Lira²³, uma vez que as brasas adormecidas desde os anos de 1950 foram reavivadas três décadas depois.

No quarto e no quinto capítulos, focos principais dessa dissertação²⁴ e para o qual deságuam os anteriores, analiso o retorno de Luiz Gonzaga à grande mídia nacional, com o lançamento do disco ‘*Eu e Meu Pai*’, LP em homenagem ao velho Januário, pai e primeiro professor de música de Gonzaga. Esse disco foi feito em parceria com o filho de Gonzaga, Gonzaguinha, neto de Januário. E a partir daí deu origem ao show ‘*Vida de Viajante*’, em que os dois, há anos afastados, se reconciliaram e excursionaram por todo o país. Essa aproximação foi um ponto fundamental para que o sanfoneiro, cantor e compositor voltar às paradas de sucesso no centro – sul do país.

E no quinto e último capítulo discuto as contribuições, influências e aproximações do Gonzagão para carreira de cantores e compositores da “nova geração” da música brasileira e regional, e as parcerias musicais e pessoais de Gonzaga a partir do ano de 1979 até o fim da carreira em 1989. Essas novas parcerias sugeriram ricos diálogos musicais, nem sempre despidos de alguns desencontros, mas marcados acima de tudo por um convívio entre distintas gerações da música brasileira. Também aponto brevemente algumas aproximações entre a riqueza do cancionário gonzagueano e as suas possibilidades didáticas no trato de diversos temas do ensino de História, considerando, inclusive, a natureza da linha de pesquisa na qual essa dissertação foi desenvolvida.

²⁰ Humberto Cavalcanti Teixeira (Iguatu - CE, 05/01/1915 - Rio de Janeiro, 03/10/1979). Foi um advogado, deputado federal e compositor.

²¹ Argemiro de Figueiredo (Campina Grande, 09/03/1901 - Campina Grande, 14/12/1982). Foi um político e advogado. Exerceu os cargos de governador da Paraíba, deputado estadual e federal, e senador da república.

²² José Américo de Almeida (Areia - PB, 10/01/1887 - João Pessoa - PB, 10/03/1980). Foi um romancista, ensaísta, poeta, cronista, político, advogado, ministro no primeiro governo Vargas, professor universitário, folclorista e sociólogo. Destacou-se com o romance ‘*A Bagaceira*’.

²³ José Pereira Lira (Cruz do Espírito Santo – PB, 23/08/1899 - Rio de Janeiro, 31/05/1985). Foi um advogado, ministro do tribunal de contas, político e professor universitário.

²⁴ Em princípio, os capítulos quarto e quinto estavam fundidos num único texto, mas em função de seu volume e pela distinção dos assuntos – mesmo articulados –, entendemos ser mais adequado dividi-lo em dois.

Importante destacar desde já que, nesse retorno, Luiz Gonzaga teve de estabelecer um fino equilíbrio entre os elementos essenciais de sua obra (consolidados décadas antes) e a busca de diálogo com novas gerações, envolvendo, inclusive, um contexto político singular, que foi todo o movimento pela redemocratização que sacudia o Brasil de então e no qual Gonzaguinha se colocava como uma expressiva liderança no campo cultural. O velho e experiente sanfoneiro de Exu, já sexagenário e com concepções políticas muito peculiares, que veremos adiante, e há algum tempo ausente do proscênio da música, teve de estabelecer um complexo equilíbrio com essas novas gerações, cerca de 30 anos mais jovens, mostrando um esforço muito bem sucedido, o que não chegou a ser possível por parte de diversos contemporâneos de juventude de Gonzaga, cuja obra e carreira não chegaram a obter o mesmo reconhecimento popular. Muitos ensaiaram e tentaram esse “retorno”, mas poucos o conseguiram e, talvez, Gonzaga seja o caso mais singular dessa retomada do grande sucesso frente às novas gerações.

Para discernir sobre tudo isso é importante a compreensão de fontes como: livros, artigos e entrevistas, concedidas aos jornais pesquisados, além da utilização de algumas biografias, músicas e capas de discos para corroborar ou confrontar com a pesquisa realizada, a fim de distinguir como foi sendo construída a representação pública, política e cultural de Luiz Gonzaga, o “Rei do Baião”.

Portanto, nas páginas seguintes encontra-se o fruto de uma laboriosa pesquisa feita principalmente em três arquivos na capital paraibana, o primeiro no Espaço Cultural José Lins do Rego, o segundo na Fundação Casa de José Américo e o terceiro no arquivo da Assembleia Legislativa da Paraíba. Ressalto, em tempo, que pesquisar sobre Luiz Gonzaga é muito difícil, pois as fontes e contribuições são infindáveis, e cada um que se debruçou sobre o tema tem algo a acrescentar, mesmo que tenham sido contribuições de caráter mais modesto.

Com o advento desses conceitos, observo que o representante cultural mais popular da Região Nordeste é Luiz Gonzaga do Nascimento, o “Rei do Baião”, pois ele é o artista mais biografado e homenageado em composições da música brasileira. Portanto esse texto, mesmo chegando à sua forma final para avaliação da banca de defesa, ainda está em desenvolvimento em suas aspirações posteriores de continuar refletindo sobre essa obra singular de nosso cancionista. Após esses esclarecimentos tenho só a desejar uma boa leitura!

1 “Vim do Norte o quengo em brasa fogo e sonho do sertão”²⁵”

As primeiras linhas desse capítulo foram dedicadas há uma análise biográfica de Luiz Gonzaga, contendo suas influências sociais, pessoais e musicais durante sua vida da infância à idade adulta. Nesse sentido, faremos uma breve incursão sobre a influência que sobre ele exerceram alguns artistas que fizeram sucesso com a “música do Norte” antes da notável ascensão do “Rei do Baião”.

Apesar de nosso objetivo não ter sido realizado uma ‘biografia’ de Gonzaga, entender parte substantiva de sua trajetória de vida e de carreira artística foi essencial para conseguirmos dar suporte para que se tornasse possível entender os desdobramentos de seus últimos anos de carreira, marcados pela convivência entre um famoso cantor e compositor da “velha guarda” e as novas gerações que haviam chegado ao topo do sucesso a partir de meados dos anos 1960.

1. 1 “Se você quiser vou lhe mostrar Luiz Gonzaga Rei do meu Baião”²⁶”

Numa sexta-feira do mês de dezembro, numa madrugada que devia estar quente por ir avançado o tórrido verão no semiárido, uma criança que veio ao mundo. O menino veio à luz numa localidade do alto sertão do Norte do País (atualmente denominado Nordeste), fronteira entre os estados de Pernambuco e do Ceará. Com esse recém-nascido, anos mais tarde, a História da cultura de uma região, que estava em plena discussão de suas definições e limites alcançaria destaque em sua produção material, imaterial e simbólica. A história de ambos – menino e região – ficaram entrelaçadas no século XX, chegando, em muitos casos, a um ser utilizado um como sinônimo um do outro.

A criança sobre a qual falo era Luiz Gonzaga do Nascimento, que nasceu no dia 13 de dezembro do ano de 1912, na fazenda Caiçara, Chapada do Araripe, município de Exu no Estado de Pernambuco. Era o segundo filho do total de nove do casal Januário José dos Santos e Ana Batista de Jesus²⁷ (Santana, como era conhecida).

A mãe de Luiz Gonzaga era descendente empobrecida e de linhagem lateral da oligarquia Alencar, família tradicional à qual se atribui à fundação do município do semiárido

²⁵ Parte da letra da música: “*Baião de São Sebastião*”, composição de Humberto Teixeira, do ano de 1973.

²⁶ Trecho da música: “*Charlie Brown*” do cantor e compositor Benito di Paula.

²⁷ Dona Santana (Exu – PE, 19/04/1894 - Rio de Janeiro, 11/06/1960).

pernambucano. Dona Santana era filha bastarda de José Moreira Franca de Alencar, parente do Barão de Exu²⁸, “com uma cabocla cearense, chamada Efigênia²⁹”. Assim, até agora, esse é o único relato sobre os pais de Santana, avós maternos de Gonzaga. Dominique Dreyfus relata que, em 1946, quando Gonzaga retornou ao Exu pela primeira vez que “Sá Ifigênia estava bem velhinha (2012, p. 118)”. E que ela morreu em 1949, meses depois do acontecido Gonzaga levou toda a família para o Rio de Janeiro por causa do aguçamento dos conflitos oligárquicos de Exu (Dreyfus, 2012, p. 142).

Em 1909, Santana tinha 16 anos quando se casou com o agricultor e músico Januário que, à época, tinha 19 anos. O casal vivia numa casa de taipa nas terras que pertenciam ao barão quando nasceu o filho Luiz Gonzaga. O casal, devido a essa aproximação com a poderosa família, obteve alguma “proteção”, no sentido que essa prática adquire na ordem clientelística que marca profundamente a região. Esse ambiente ajudou a moldar o menino que nascia naquele ano.

A matriarca trabalhava na roça, fiava corda e tecia redes, para ser vendidas na feira da cidade. O pai, Januário³⁰, não era natural de Exu, era agricultor arrendatário, e em oportunidades festivas tocava sanfona pela região circunvizinha, além de consertar o instrumento. O pai de Gonzaga chegou ao Exu por volta do ano de 1905 junto com seu irmão Pedro Anselmo dos Santos. Também não encontrei relatos dos avós paternos de Gonzaga, tal e como costuma a acontecer com tantas pessoas desvalidas, que migram de um canto para outro e perdem os rastros de suas origens familiares.

Por não ser descendente reconhecida oficialmente dos Alencar, Dona Santana não tinha no registro o sobrenome, ela não gozava de determinados privilégios e trabalhava como qualquer moradora do povoado. Nesses casos, como em muitos outros, os descendentes por bastardia adquiriam certa proteção da família oligárquica, em termos de retribuir com laços de clientela em certas circunstâncias. Entretanto, Januário, na condição de arrendatário exercia sua função laboral em terras de influência do clã e ainda tinha tempo para realizar outros serviços ligados à música. Vivendo nessa vida de trabalho de sol a sol, caso nada de extraordinário acontecesse, a família Santana e Januário seguiria os passos de tantas outras famílias: ficaria vivendo à sombra dos grandes fazendeiros ou acabaria por migrar para outras regiões tangidas pelas necessidades e em busca de melhores condições de vida.

²⁸ Guálter Martiniano de Alencar Araripe, o Barão do Exu, (Exu, 18/06/1822 - Exu, 22/07/1889). Foi um político e fazendeiro. Foi por diversas vezes deputado provincial por Pernambuco, e era coronel da Guarda Nacional. Recebeu o baronato por decreto de 15 de novembro de 1888. Fonte: <https://www.geni.com/people/Gualter-Martiniano-de-Alencar-Araripe-Bar%C3%A3o-de-Exu/6000000016178550221>. Acesso em: 06/08/2019.

²⁹ Jornal ‘O Estado de São Paulo’ (12/12/2013).

³⁰ Januário José dos Santos (Flores – PE, 25/09/1888 - Exu – PE, (11/06/1978).

Figura 01 – A Família do “Rei do Baião”

Fonte: <https://www.fabiomota1977.wordpress.com/2010/11/03/procuro-os-netos-de-pai-januário-e-de-mae-santana-os-sobrinhos-do-rei-do-baião/>. Acesso em 23/10/2019.

Observa-se na figura a cor negra de Santana e Januário, daí vem à cor mestiça do futuro “Rei do Baião”. Como parentes bastardos e mestiços dos grandes proprietários rurais, a família de Santana e Januário viveria às sombras, não fosse o excepcional talento do filho – o extraordinário acontecimento ao qual aludimos -, que trouxe a família para uma posição de destaque e que foi objeto de diversas aproximações com o clã dos Alencar. A mãe de Gonzaga tinha os olhos verdes, herdados dos Alencar. Sobre esse fato em depoimento, em 1961, a primeira biografia autorizada, Gonzaga diz a Sinval Sá que não acredita que sua mãe seja uma Alencar. Percebe-se que essa relação familiar vai mudando no decorrer dos livros e trabalhos editados sobre o tema, à medida que são publicados.

Um fato interessante na família de Santana era que dos nove filhos do casal, quatro se tornaram sanfoneiros no decorrer da vida, quais sejam: Luiz Gonzaga, Severino Januário, José Januário (que tinha o nome artístico de Zé Gonzaga) e Francisca Januário (que tinha o nome artístico de Chiquinha Gonzaga). “Dois deles (Luiz e José) trocaram a tradicional sanfoninha pelo acordeom de 120 baixos³¹”. Os outros irmãos³² fizeram participação, na década de 1950, de um grupo musical que foi batizado com o nome de “Os Sete Gonzagas”.

³¹ Fonte: <http://www.overmundo.com.br/banco/os-filhos-de-januário-e-santana-estao-todos-mortos>. Acesso em: 23/10/2019.

Figura 02 - Uma família musical



Fonte: http://www.raimundofloriano.com.br/views/Comentar_Post/nos-era-sete-os-sete-gonzagas-2ZiQwN91X8xE4gUKsET4. Acesso em 03/11/2019.

Voltando ao assunto inicialmente abordado, qual seja o nascimento de Gonzaga, segundo o biógrafo Gilson Oliveira, seria voz corrente que foi cercado de misticismo, igual há muitos mistérios que costumam cercar a cultura tradicional no interior do nordeste, ligando os fenômenos da natureza à vida cotidiana, e ainda mais, seguindo o calendário cristão a criança nasceu no dia de Santa Luzia³³ - cujos desdobramentos explicaremos adiante -, e o autor corrobora narrando:

Até na escolha do nome, Gonzaga foi diferente dos oito irmãos. Deveria se chamar Januário, sobrenome do pai, mas um fato impediu que isto acontecesse naquela madrugada de muito calor. O sanfoneiro foi para o terreiro da casa, onde soprava o cantarino³⁴ que vinha do sovaco da serra. Correu um “Zelação” pelo céu – estrela de luz cadente – o velho toma um

³² O primeiro filho de Santana e Januário era João Januário dos Santos (o Joca) que faleceu em São Paulo, deixou dois filhos biológicos e uma adotiva. O segundo foi Luiz Gonzaga do Nascimento (o Gonzagão), que faleceu no Recife e deixou dois filhos. O terceiro herdeiro foi Efigênia Januário dos Santos (a Geni), que faleceu no Rio de Janeiro, ela adotou dois filhos. O quarto filho foi Severino Januário dos Santos (ele adotou como nome artístico o sobrenome do pai), que faleceu no Crato, e deixou seis filhos. O quinto filho foi José Januário dos Santos (Zé Gonzaga), que faleceu no Rio de Janeiro e deixou um filho. O sexto filho foi Raimunda Januário dos Santos (Dona Muniz), que faleceu no Rio de Janeiro e deixou seis filhos. O sétimo filho foi Francisca Januário dos Santos (Chiquinha Gonzaga), que faleceu no Rio de Janeiro e deixou três filhos biológicos e dois adotivos. O oitavo filho foi Maria do Socorro Januário dos Santos, que faleceu no Rio de Janeiro e deixou quatro filhos. E, por fim, o nono filho foi Aloísio Januário dos Santos, que faleceu no Rio de Janeiro e deixou três filhos. Observe-se que somente Gonzaga tinha o sobrenome diferente dos demais irmãos. E que quase todos passaram a residir na Cidade Maravilhosa, por influência do “Rei do Baião”. Fonte: <http://www.overmundo.com.br/banco/os-filhos-de-januário-e-santana-estao-todos-mortos>. Acesso em: 23/10/2019.

³³ Santa Lúcia (Siracusa – Itália, 283 Roma – Itália, 13/12/304), conhecida como Santa Luzia (*Santa de luz e protetora dos olhos*), segundo a tradição da Igreja Católica. Ver: VARAZZE, (2003).

³⁴ Pássaro canoro do interior do Nordeste, homenageado na canção: “Cantarino”, composição de Nelson Barbalho e Luiz Gonzaga, lançada no ano de 1973.

susto. Santana dá à luz e o marido destamboca um tiro de garrucha para o ar, anunciando que o filho nascera (OLIVEIRA, 1991, p. 15).

Luiz Gonzaga era o único filho de Santana que não possui o sobrenome José dos Santos que vinha do pai, os demais irmãos herdaram, entretanto, artisticamente alguns utilizaram o sobrenome do irmão famoso, ao exemplo de Zé Gonzaga e Chiquinha Gonzaga. Outro fato a ser narrado era que os biógrafos sempre buscam ligações transcendentais entre seus ídolos homenageados em seus livros, ao exemplo da ligação entre o nascimento de Gonzaga com uma estrela cadente.

Figura 03 – O primeiro nome de Gonzaga era em homenagem a Santa Luzia



Fonte: https://www.pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%BACia_de_Siracusa. Acesso em: 24/10/2019.

Posso enquadrar essa história familiar em algumas das características tradicionais da antiga região norte do Brasil, hoje, nordeste, em que o latifúndio predomina de modo muito arcaico, transformando o controle de terras numa verdadeira instituição política, social e cultural como forma de poder e mando. Não fora o excepcional sucesso do sanfoneiro, essas vidas teriam, talvez, se perdido nas estatísticas dos trabalhadores vividos à sombra o latifúndio ou emigrados para outras paragens em busca de uma nova vida.

Além disso, outro símbolo regional, que consiste numa religiosidade católica muito arraigada, e como era hábito comum nas relações de proteção e clientela, o dono da terra e a sua esposa tornaram-se os padrinhos dos filhos de quem morava ou trabalhava em sua propriedade, sendo assim, o coronel João Moreira Batista de Alencar³⁵ e a sua esposa Maria

³⁵ Emigrados de Portugal, talvez por motivos políticos, ou outros de ordem pessoal, aportaram à cidade de Salvador, na então Capitania da Bahia de Todos os Santos, Leonel de Alencar Rego, e seus irmãos Alexandre, João Francisco e Marta. Alguns historiadores afirmam que inicialmente aqui chegaram os irmãos homens entre 1650 e 1680 e que, posteriormente, já estabelecidos voltou Leonel à Portugal, para trazer sua irmã Marta, que aqui chegou já casada com Valério Coelho Rodrigues. Os quatro irmãos seriam filhos naturais de Francisco

Florinda Carvalho de Alencar aceitaram ser respectivamente o padrinho e a madrinha do recém-nascido Luiz Gonzaga.

Dessa forma, os que seriam provavelmente parentes de sangue do pequeno Luiz se tornaram seus padrinhos de pia batismal, junto com sua esposa oficial. A cerimônia aconteceu 23 dias depois do nascimento de Gonzaga, e ainda no momento do batismo o nome completo da criança ainda não estava definido.

Batizado na matriz de Exu, no dia 5 de janeiro de 1913, o padre, José Fernandes de Medeiros, sugeriu chamar o menino Luiz por ter nascido no dia de Santa Luzia, Gonzaga, porque o nome completo de São Luiz³⁶ era Luiz Gonzaga, e Nascimento, porque dezembro é o mês do nascimento de Jesus (DREYFUS, 2012, p. 31).

Embora perdendo terreno para outras denominações cristãs, a religião católica romana ainda hoje influencia na escolha dos nomes das crianças que serão batizadas, quantas pessoas não têm seus nomes e sobrenomes em homenagem a santos, padres, mártires e profetas do calendário cristão.

Figura 04 – O nome completo do ‘Rei do Baião’ era em homenagem a São Luís Gonzaga



Fonte: https://www.pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_de_Gonzaga. Acesso em: 24/10/2019.

É interessante perceber que o Luiz com Z de Gonzaga foi em referência a Santa Luzia, pois São Luís Gonzaga é escrito com S, influenciando somente no segundo substantivo próprio.

Martinho do Rego e Dorotéia de Alencar, naturais da Freguesia de São Martinho de Arrueira, Arcebispado de Braga. Fonte: A ORIGEM DA FAMÍLIA ALENCAR NO BRASIL. Por: Raidson Jenner N. de Alencar e Alexandre Fonteles. Disponível em: <http://www.casadorre.org.br/alencar.htm>. Acesso em: 03/11/2019.

³⁶ Luís Gonzaga (Roma – Itália, 09/03/1568 - 21/06/1591). Filho de um príncipe do Sacro Império chamado Ferrante Gonzaga. Dedicou sua vida à Companhia de Jesus. São Luís Gonzaga tinha apenas 23 anos e entregou sua vida em favor da caridade e da pureza de coração. Por isso, é o padroeiro da juventude e dos estudantes. Seus restos mortais foram sepultados na Igreja de Santo Inácio, fundador da ordem Jesuíta. Ver: VARAZZE, idem.

O tempo foi passando e o pequeno Gonzaga desde menino ajudava o pai na oficina de sanfonas, em contrapartida Januário, ia ensinando o ofício de sanfoneiro que era prestigiado no local onde moravam. O pequeno também trabalhava na agricultura e ajudava a mãe a vender os utensílios produzidos por Santana na feira da cidade. A pesquisadora Sulamita Vieira fala que a feira no Nordeste é um ponto cultural de destaque, sendo assim, uma verdadeira festa.

Tais cantadores, tradicionalmente, se constituíram numa das expressivas atrações das feiras nordestinas. Estas, como se sabe, juntamente com suas funções econômicas, revestem-se de grande significado social para as populações sertanejas, em termos de comunicação, socialização, enfim, ações interativas as mais diversas. No sertão, a feira é, também, uma festa. E os cantadores – tocadores de rabeca ou de viola, esta em período mais recente – se tornaram indispensáveis na alegria dessa festa. Em torno deles, pessoas se reuniam para ouvir as cantorias ou para dar um mote e ouvir os repentistas, as pelejas, enfim, constituía-se ali um espaço importantíssimo para a comunicação entre os que circulam pela feira e para a relação destes com um mundo mais amplo (VIEIRA, 2000, p. 41).

E foi na feira que Gonzaga teve acesso a outros ritmos e acordes diferentes dos ensinados pelo pai. Lá ele viu e ouviu bandas de pife (pífanos), os cegos cantores, os “repentistas improvisando seus desafios e dedilhando na viola, entre duas estrofes, os rojões que influenciariam mais tarde o ritmo do baião” (DREYFUS, 2012, p. 38).

Figura 05 – Capa do disco ‘Aboios e Vaquejadas’ - 1956



Fonte: <https://immub.org/album/aboios-e-vaquejadas>. Acesso em: 02/09/2020.

Além de ouvir os aboios dos vaqueiros que tanto lhe inspiraram desde vestimenta até o jeito de cantar. A influência foi tamanha que o segundo disco em formato de *Long Play* lançado em 1956 os aboios e vaquejadas ganharam destaque.

Semelhante à infância da meninada sertaneja, nos momentos de diversão com as outras crianças do ermo sertão, gostava de ouvir as histórias de heroísmo, resistência, bravura e barbárie dos cangaceiros e dos milagres de Padre Cícero³⁷.

Assim cresceu o filho de Januário, agora sob a proteção do fazendeiro Manuel Aires de Alencar, o Sinhô Aires. As filhas do patrão lhe ensinaram as primeiras letras, falar corretamente e a comer com talheres. Foi ainda Sinhô Aires quem lhe ajudou na aquisição de sua primeira sanfona, da marca “Veado”, comprada em Ouricuri, Pernambuco (OLIVEIRA, 1991, p. 17).

Desde a tenra idade Gonzaga já era próximo da família Alencar, talvez pelo talento precoce e grande comunicatividade, fato que lhe proporcionou algumas vantagens em comparação aos seus irmãos e as crianças da localidade, assim aprendeu a ler e escrever, sem falar nos primeiros modos ligados à etiqueta. Seu trabalho com o *Sinhô Aires* lhe rendeu seu primeiro instrumento para animar os festejos locais auxiliando o pai ou sendo a atração principal.

Numa dessas festas ele, com 17 anos, conheceu e se apaixonou por Nazarena Savaira Milfort (Nazinha), filha de um fazendeiro importante das cercanias de Exu, o que teria as maiores consequências para o rapaz. O pai da jovem não gostou desse relacionamento entre “um diabo que não trabalha, não tem roça, não tem nada (...). Mora das terras dos Aires e pensa que é um Alencar. Os Aires, podendo tirar o coro daquele negro, ficam dando liberdade e agora quer moça branca para se casar” (COSTA; MEDEIROS, 2011, p. 36).

Observo as relações sociais de classes antagônicas e raciais interferindo nas aspirações amorosas do jovem Luiz Gonzaga, pois um pobre lavrador, um simples sanfoneiro não poderia sonhar em contrair matrimônio com a filha do fazendeiro. Além do mais, Gonzaga era ligado aos Alencar e a moça era da família Saraiva; dois clãs rivais que desde tempos coloniais disputavam o poder local, e que viviam numa relativa paz, mas que não significava uma relação exatamente amistosa. Acresça-se ao problema que o filho de Januário era negro e não podia se casar com uma moça branca e de família ‘nobre’.

O próprio “Rei do Baião” narrou o acontecido no show *‘Luiz Gonzaga: Voltar Pra Curtir’*, gravado no dia 24 de março de 1972, dizendo após cantar a música *‘Estrada do Canindé’*:

Só voltei em casa 16 anos depois de minha arribada. E só fugi de casa porque queria casar, mãe era mulher violenta, “casar? Hum!”. Mas eu era tocadozim de pé de serra, namorador como o diabo, nequim

³⁷ Cícero Romão Batista (Crato – CE, 24/03/1844 - Juazeiro do Norte – CE, 20/07/1934). Foi um sacerdote, latifundiário e político. Ver: LOPES, (2000), WALKER, (2004) e LIRA NETO, (2009).

fiota. Namorei uma estudante. Ah menino! Quando o pai da moça soube, deu uma poupa da mulesta. “Tocadozinho sem futuro, Luiz casar com minha filha? Deixa ele vir pra cá que eu dou uma pisa”. Eu soube, no dia da feira, tomei umas lapadas de cana, e escorrei o homem na feira. Ô seu Raimundo, o senhor me chamou de moleque sem futuro? “E o que mais Luiz?”. O senhor disse que eu era uma tocadozim de meia tigela? “E o que mais Luiz?”. Que eu não prestava para casar com sua filha? “E o que mais Luiz?”. “Mentira, tudo invenção desse povo, tu, meu coração, filho de Januário e Santana”. O homem era muito vivo, eu saí de lá e fui contar vantagem no meio dos amigos. Taí, disse que o homem era brabo, fui lá, escorrei ela no meio da feira, disse-lhe o diabo, eu disse as dos fim. E ele se acovardou, nessa hora mesminha ele estava conversando com mãe, lá na feira das cordas. “Santana foge daqui com Luiz para evitar uma desgraça, me insultou, só não dei umas tapas porque era teu filho”. Na mesma hora nós voltamos para casa, chegamos em casa e tudo mundo se admirou, “Santana essa hora! Já voltou da feira? Não vendeu nem as cordas? O que é que houve?”. Daí a pouco, menino, foi uma São João de rei (relho³⁸), lá dentro da camarinha³⁹, tá, tá, tá, tu queria matar o homem, toma valente, tá, tá, tá. Meu pai na porta, quando eu fugi. Que eu fui passando perto do meu pai, meu pai nunca tinha me batido, ele aproveitou e emendou. Ah menino! Só voltei 16 anos depois⁴⁰.

Esse namoro frustrado com a filha do coronel Raimundo, que como relato, não permitiu o enlace matrimonial entre a Nazinha com o jovem sanfoneiro de “meia tigela”, daria início a uma mudança radical na vida de Luiz Gonzaga. Revoltado, após levar uma pisa (surra) da mãe com parceria com o pai, por ter ameaçado o coronel de morte, ele foge de casa, caminhando a pé até o Crato - CE, onde vende a sanfona a qual comprara com o pagamento do senhor Aires, e do Crato viajou para fortaleza, alistando-se no Exército Brasileiro como recruta do 23º Batalhão de Caçadores, devido à demanda por soldados, em plena Revolução de 1930. “Sua entrada para o Exército não foi motivada por questões ideológicas, mas por vontade de ser independente em relação aos pais. Se deu muito bem no Exército” (VIANNA, 1998, p. 48).

Após um ano no exército, optou por permanecer mais tempo, ficando por quase uma década, com isso viajou pelo Brasil prestando serviço nas forças armadas. Fez parte do 12º Regimento de Infantaria, depois se engajou no 11º Batalhão de Caçadores de São João Del-rei, onde se transformou no corneteiro 122, o “Bico de Aço”. Sobre o assunto anos depois

³⁸ Chicote de couro torcido. (FERREIRA, 2001, p. 1737).

³⁹ Quarto de dormir, quarto, câmara. (FERREIRA, 2001, p. 377).

⁴⁰ Show Luiz Gonzaga: ‘Volta Pra Curtir’, realizado em 1972 e lançado em forma de CD em 2001.

junto com Jota Ferreira compôs a música ‘*Toque de Rancho*⁴¹’, para falar como era a vida no exército.

*O batalhão, ta lhe chamando
Estou aqui, seu Coroné
Tatatá, tatatá, tatá
Olha a bóia
Tatatá, tatatá, tatá
Pororoca
Recruta ta tocando rancho
E o primeiro toque
Que se aprende no quarté
No tempo certo
Fiz o meu alistamento
Tô aqui senhor sargento
Prá fazer a inspeção
Quero servir
Ao exército brasileiro
Quero ser logo o primeiro
A entrar no batalhão
No tempo certo
Estarei desembaraçado
Quero ser um bom soldado
Cumpridor do meu dever
Quando sair
Quero ver limpo o meu nome
Falo grosso, sou um homem
Brasileiro pra valer*

Enquanto soldado conheceu vários estados do país e participou de muitos conflitos. Como sempre narrou em suas canções ‘tinha revolução como o diabo, tiro como o diabo, nunca dei nenhum. Êita Brasil bom danado!’. Foi assim que ele tratava sua contribuição para o exército nos depoimentos durante a carreira.

Enquanto soldado Gonzaga participou do Levante Constitucionalista organizado pelo Estado de São Paulo, em 1932. O estremecimento diplomático entre o Brasil e Bolívia contra o Paraguai na Guerra do Chaco, em 1933. A tentativa de golpe comunista em 1935 (conhecida como intentona comunista). O Golpe de Estado realizado por Vargas dando início ao Estado Novo, em 1937. Muitas vezes, os detalhes desses movimentos escapavam totalmente do entendimento da soldadesca, pois ninguém informava exatamente o que estava acontecendo (LIMA, 2008, p. 31-32).

Numa dessas viagens passou por Juiz de Fora, e conheceu o mestre Domingos Ambrósio, que lhe ensinou a tocar sanfona de 120 baixos. Sobre Domingos Ambrósio o

⁴¹ Fonte: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/1563413/>. Acesso em: 30/07/2020.

colunista do jornal “*A União*”, Wellington Carvalho escreveu um entrevista que fez com o ‘professor’ de sanfona, em 1979, na reportagem: *Luiz Gonzaga e seu mestre*.

Com a revolução de 32, várias unidades militares entraram em atrito. As divergências entre os que apoiavam o poder central, com Getúlio à frente, e os que apoiavam os insurgentes paulistas, complicavam tudo. Processaram-se muitas transferências de efeitos do exército. Luiz Gonzaga, que servia no Nordeste, veio descendo de Estado e Estado, até chegar em Juiz de Fora. Dominguinho relembra essa época. Luiz Gonzaga era corneteiro no Batalhão. [...]. Lá ele ficou uns dois anos, e passou a aprender acordeão com Dominguinho (‘*A União*’, 06/06/1979).

Segundo Domingos Ambrósio, por causa da ‘Revolução de 1932’, o batalhão que Gonzaga servia veio do Nordeste e se estabeleceu em Minas Gerais, local onde Dominginhos⁴² era lotado no serviço militar e a partir daí começou a amizade. E continua narrando:

Saiam sempre juntos para as serenatas e os bailes. Nessas ocasiões, Gonzaga fazia questão de carregar a mala com o instrumento. Se ele tocava alguma coisa? Tocava uma sanfona de oito baixos, e tocava bem. Nem Dominguinho muito menos Gonzaga não *cupunha* nada nesta época, tocavam mais era música dos outros, do Zequinha de Abreu⁴³, alguns tangos como *La Cumparsita*, *Mano a Mano*, *Clavel del Aire*, e muito bolero. Mas o Gonzaga levava jeito para a coisa, era calmo e tocava devagar: foi aprendendo aos poucos (‘*A União*’, Idem).

Na reportagem o mestre de Gonzaga falava como era o cotidiano do futuro “Rei do Baião”, em Juiz de Fora, e as principais canções de sucesso à época, com destaque as músicas do compositor de ‘*Tico-tico no fubá*’.

Quando saiu do serviço militar exercia a função de Cabo e servia no Estado de Minas Gérias, e resolveu partir para o Rio de Janeiro, então Capital Federal e grande centro cultural do país, com o intuito de voltar ao “Norte” de navio⁴⁴, que era o principal modal de locomoção nesse período. Enquanto aguardava a embarcação foi conhecer a “Cidade Maravilhosa”. À noite ia para a Cidade Nova (berço do samba no início do século XX), o

⁴² Há no jornal “*A União*” do dia 03 de julho de 1979, na mesma coluna “A Música” do colunista Wellington Carvalho, tem a reportagem: ‘Dominguinho – um rei na miséria’, falando da crise financeira do professor de sanfona de 120 baixos de Luiz Gonzaga.

⁴³ José Gomes de Abreu (Santa Rita do Passa Quatro - SP, 19/09/1880 - São Paulo, 22/01/1935). Foi um músico, compositor e instrumentista.

⁴⁴ Sobre isso, é sempre importante ouvir a música de Dorival Caymmi “*Peguei um Ita no Norte*” de 1945, nela o compositor fala do navio como meio de transporte e de sua importância cultural dada a circulação de pessoas, mercadorias e hábitos que permitia. A história do Ita chegou a ser tema premiado do desfile da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, no Carnaval do Rio de Janeiro, no ano de 1993.

bairro visitado era a Rua Júlio do Carmo, vulgarmente, conhecido como “mangue”. Frequentavam esse espaço, a saber: bebedores, soldados, marinheiros, boêmios, malandros, estivadores, prostitutas, músicos, entre outros.

Luiz Gonzaga chegou ao Rio depois de uma experiência de quase uma década de disciplina no Exército. Logo se integrou ao mercado de trabalho no mundo da música, e em muito pouco tempo foi reconhecido como artista de talento, afirmando identidade própria na história da música brasileira (VIANNA, 1998, p. 50).

Assim, depois que conheceu a vida noturna da capital da república, resolveu não retornar ao “Norte”, pensando com isso em entrar para o mundo musical. Luiz Gonzaga começou tocando sua sanfona nas calçadas, e logo foi chamando a atenção dos frequentadores. Em volta dele sempre havia muita gente escutando os acordes de suas interpretações das canções mais conhecidas à época. Com o passar do tempo foi chamado para tocar nos bares do “mangue” e nos cabarés da Lapa.

Os ritmos que Gonzaga tocava de início não incluíam as canções de origem “nortista” que já faziam parte da musicalidade do Rio de Janeiro há muito tempo, como atestam o sucesso de João Pernambuco e Catulo da Paixão Cearense nas primeiras décadas do século XX ou ainda como destacam João Máximo e Carlos Didier, na sua biografia de Noel Rosa, quando aludem ao sucesso causado pelos *‘Turunas da Mauriceia’*, quando se exibiram na Capital e inspiraram Noel e os jovens seus contemporâneos a realizar cocos e emboladas em meio à sua produção musical.

1. 2 “Vamos Falar do Norte⁴⁵”: do Cearense ao Pernambucano

A pergunta a ser feita agora é como surgiram os primeiros músicos do que hoje chamamos de nordeste? Segundo Marcos Napolitano (2002), a estrutura da canção nordestina foi formada por tensões internas e externas, na medida em que toda e qualquer música torna-se o produto do encontro de diversas influências ideológicas, tradições históricas e culturais. Por esses princípios a canção translada-se em um documento, pois reflete a condição de fruto da cultura da região mais “isolada” do país.

⁴⁵ Composição de Almirante para o grupo musical: *“Bando de Tangarás”*.

As tensões às quais o pesquisador se refere são as influências múltiplas sofridas pelos primeiros cantores e compositores nortistas, ressaltando, ainda, que colocar o nordeste como um espaço isolado do Brasil é esquecer as discussões intra e extrarregionais que vinham desde o período imperial feitas no congresso pelos ‘representantes da seca’ ou pelos saudados nortistas que estavam longe de seu lugar de origem, esse mote acompanhará a canção regional desde o seu início como veremos.

Assim, Luiz Gonzaga não foi, como muitos pensam, o primeiro cantor e compositor a disseminar essas tradições históricas e culturais da música nortista (atualmente nordestina) pelo país e pelo mundo. Durante o século XIX, as melodias sertanejas já faziam parte das ruas, teatros, casas de espetáculo e/ou salões nobres da capital do Império e, posteriormente, da República, o Rio de Janeiro. Houve cantores, compositores e grupos musicais de cunho popular que construíram o preâmbulo do que seria a música regional.

O pioneiro foi Catulo da Paixão Cearense⁴⁶, cuja família mudou-se do ‘Norte’ para o Rio de Janeiro em 1880. Lá teve acesso ao ritmo da moda, por meio dos chorões da época, como Joaquim Antônio da Silva Callado (falecido nesse mesmo ano)⁴⁷, Anacleto de Medeiros⁴⁸ e Viriato Figueira da Silva⁴⁹, quando se iniciou na música sua primeira canção composta foi à modinha “*Ao Luar*”. Nesse mesmo ano começou a estudar poesia e gramática por iniciativa de seu pai, Amâncio José da Paixão Cearense, visando obter um emprego no serviço público.

Catulo não chegou a concluir o curso de língua portuguesa, ele interrompeu os estudos e dedicou-se ao violão, instrumento naquela época visto como símbolo de vadiagem, mas também tocava flauta, compunha e cantava modinhas como “*Talento e Formosura*”, “*Canção do Africano*” e “*Invocação a uma estrela*”. Em algumas composições teve a colaboração de alguns parceiros destacados como: Anacleto de Medeiros, Ernesto Nazareth⁵⁰, Chiquinha Gonzaga⁵¹, Francisco Braga⁵² entre outros.

⁴⁶ Apesar do sugestivo sobrenome, Catulo da Paixão Cearense nasceu em São Luís - MA, (08/10/1863 - Rio de Janeiro, 10/05/1946). Foi um poeta, músico e compositor.

⁴⁷ Joaquim Antônio da Silva Callado Júnior (Rio de Janeiro, 11/07/1848 – 20/03/1880). Flautista e compositor. Considerado por muitos estudiosos como aquele que deu forma ao Chorinho.

⁴⁸ Anacleto Augusto de Medeiros (Rio de Janeiro, 13/07/1866 - Rio de Janeiro, 14/08/1907). Foi um músico, maestro e compositor.

⁴⁹ Viriato Figueira da Silva, (Macaé - RJ, 1851 - Rio de Janeiro, 24/03/1883). Foi um compositor, flautista e saxofonista. Estudou no Conservatório Imperial de Música. Como flautista excursionou pelo norte do Brasil, com muito sucesso.

⁵⁰ Ernesto Júlio de Nazareth (Rio de Janeiro, 20/03/1863 - Rio de Janeiro, 04/02/1934). Foi um pianista e compositor.

⁵¹ Francisca Edwirges Neves Gonzaga (1847 - 1935). Foi uma compositora, pianista e maestrina.

⁵² Antônio Francisco Braga (Rio de Janeiro, 15/04/1868 - Rio de Janeiro, 04/04/1945). Foi um compositor, regente e professor.

Por causa dos seus estudos em língua materna, em 1885, tornou-se professor de português dos filhos do Conselheiro Gaspar da Silveira Martins⁵³, essa aproximação com a elite política local lhe abriu algumas portas, como por exemplo, em 1908 protagonizou audição de modinhas e violão no Instituto Nacional de Música (Conservatório de Música) no Rio de Janeiro e em 1914 fez recital de modinhas no Palácio do Catete, convidado pelo então presidente da República Hermes da Fonseca⁵⁴ e sua esposa Nair de Tefé⁵⁵. A partir daí, sendo o responsável pela reabilitação do violão nos salões da alta sociedade carioca. Isso não sem que antes tenha se armado uma ruidosa polêmica política, com alegações de políticos do porte de Rui Barbosa de se estar levando ao Palácio do Governo uma música chula, grosseira, selvagem, especialmente no que diz respeito ao famoso maxixe Gaúcho ou O Corta Jaca, de Chiquinha Gonzaga, interpretada pela própria Primeira Dama num desses saraus e considerada música lasciva e marca da perdição no Brasil.

Sua composição mais famosa é, sem dúvida, “*Luar do Sertão*” (hoje considerada uma parceria com João Pernambuco, devido a um rumoroso caso de apropriação que Catulo teria feito de uma melodia do grande violonista pernambucano), de 1914, essa canção é considerada por muitos uma espécie de “*Hino Nacional do Sertanejo*”, cuja tônica é exaltar um sertão visto como puro e remoto, que estava sendo esquecido por um país que se urbanizava rapidamente e que perdia contato com essa lua saudosa que iluminaria as noites sertanejas.

Essa canção tornou-se tão representativa para essas imagens construídas em torno do sertão que no disco “*A Festa*”, lançado em 1981, por Luiz Gonzaga, essa música foi cantada em parceria com Milton Nascimento⁵⁶. O ensejo foi aproveitado por ambos para um diálogo estético, tendo o cantor “mineiro” envergado à indumentária típica do “Rei do Baião”, enquanto Gonzaga, por sua vez, estava trajado aos moldes de Milton Nascimento, inclusive com a marca distintiva do seu boné.

⁵³ Gaspar da Silveira Martins (Cerro Largo - Uruguai, 05/08/1835 - Montevideu - Uruguai, 23/07/1901). Foi um magistrado e político.

⁵⁴ Hermes Rodrigues da Fonseca (São Gabriel - RS, 12/05/1855 - Petrópolis - RJ, 09/09/1923). Foi um militar e político, presidente do Brasil entre 1910 e 1914.

⁵⁵ Nair de Tefé Von Hoonholtz (Petrópolis, 10/06/1886 – Niterói, 10/06/1981). Além de Primeira Dama do Brasil, foi pintora, cantora, atriz e pianista, sendo considerada uma pioneira mundial da caricatura e uma mulher do comportamento bastante avançado para o início do século, o que incomodou bastante os segmentos mais conservadores da sociedade da época.

⁵⁶ Milton do Nascimento (Rio de Janeiro, 26/10/1942). É um cantor, compositor e multi-instrumentista.

Figura 06 – Luiz Gonzaga e Milton Nascimento

Fonte: <https://www.facebook.com/miltonbitucanascimento/photos/luiz-gonzaga-entidade-da-m%C3%BAsica-viva-o-rei/1499894280039332/>. Acesso em: 28/10/2019.

Como já foi citado anteriormente, outro sertanejo conhecido como João Pernambuco⁵⁷ foi o outro cantor e compositor a levar a influência da canção do norte à Capital da República. Aos 12 anos, por volta do ano 1895, à família do jovem João Teixeira precisou mudar-se do interior de Pernambuco para o Recife, foi interessante para ele, pois aprendeu a tocar violão com cantadores locais.

Em 1904, resolveu sair do Recife e viajou para o Rio de Janeiro. Nessa cidade, trabalhou em várias funções. De início passou a residir com a irmã, entretanto, posteriormente foi para uma pensão em que viviam Pixinguinha⁵⁸ e Donga⁵⁹, e que era frequentada por intelectuais, músicos e instrumentistas. Tornou-se conhecido nesse círculo e passou a apresentar-se em residências de famílias da elite, como a casa de Rui Barbosa e de Afonso Arinos⁶⁰.

Em parceria com Catulo da Paixão, compôs cantigas baseadas no folclore nordestino, destacando-se o batuque sertanejo “*Cabocla de Caxangá*” de 1913, sucesso no carnaval de 1914, e que o maestro Heitor Villa-Lobos⁶¹, cinco anos mais tarde, arranjou para ser tocada em coral. Essa música, posteriormente, se tornou alvo de polêmica, quando Catulo omitiu a coautoria de João Pernambuco ao incluí-las em seu livro “*Mata Iluminada*”, de 1928. Por

⁵⁷ João Teixeira Guimarães (Jatobá, atual cidade de Petrolândia – PE, 02/11/1883 - Rio de Janeiro, 16/10/1947). Foi um músico, compositor e violonista.

⁵⁸ Alfredo da Rocha Vianna Filho (Rio de Janeiro, 23/04/1897 - Rio de Janeiro, 17/02/1973). Foi um maestro, flautista, saxofonista, compositor e arranjador.

⁵⁹ Ernesto Joaquim Maria dos Santos (Rio de Janeiro, 05/04/1890 - Rio de Janeiro, 25/08/1974). Foi um músico, compositor e violonista.

⁶⁰ Afonso Arinos de Melo Franco (Paracatu - MG, 01/05/1868 - Barcelona - Espanha, 19/02/1916). Foi um jornalista, escritor e jurista.

⁶¹ Heitor Villa-Lobos (Rio de Janeiro, 05/03/1887 - Rio de Janeiro, 17/11/1959). Foi um compositor, maestro, violoncelista, pianista e violonista.

meio de disputa judicial, João Teixeira, que teve a seu lado o maestro Heitor Villa-Lobos e o radialista Almirante⁶², passou a ter seu nome creditado. Cumpre aqui destacar que a questão de direitos autorais durante muito tempo foi objeto de disputas e muitos músicos de renome jamais obtiveram ganhos de suas produções, absorvidas por empresários do rádio e das gravadoras, bem como outros personagens do meio musical.

Sobre a relação entre o maranhense Catulo e o pernambucano João, José Ramos Tinhorão teceu as seguintes considerações: “como por um passe de mágica, o poeta Catulo da Paixão Cearense começou a escrever letras sertanejas para canções calcadas em melodias de um João do Vale⁶³ da época - no caso um João, mesmo -, o violonista João Pernambuco” (TINHORÃO, 1997, p. 74).

Figura 07 – Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco, os pioneiros da música nordestina



Fonte: <https://www.eternas-musicas.blogspot.com/2013/02/luar-do-sertao.html>. Acesso em: 28/10/2019.

Nas palavras do autor, João Pernambuco seria um João do Vale do século XIX, mas pensamos o contrário João do Vale é que se tornou uma extensão da criatividade dessa química entre o cantor e compositor maranhense do período final do Império e do início da República brasileira, Catulo da Paixão Cearense e de seu contemporâneo, o outro João, o Pernambuco.

Em 1914, João Pernambuco formou o ‘*Grupo Caxangá*’, com sete integrantes, entre os quais Pixinguinha e Donga, que lançou moda no Rio com sua caracterização sertaneja. “Nesse período a convite do Afonso Arinos, encerrou o ciclo de conferências Lendas e

⁶² Henrique Foréis Domingues (Rio de Janeiro, 19/02/1908 - Rio de Janeiro, 22/12/1980). Foi um cantor, compositor e radialista.

⁶³ João Batista do Vale (Pedreiras – MA, 11/10/1933 - São Luís - MA, 06/12/1996). Foi um músico, cantor e compositor.

Tradições Brasileiras, no Teatro Municipal de São Paulo. Fez parte de outro grupo musical em 1916 era a Troupe Sertaneja⁶⁴”.

Em 1919, lecionou violão na Casa Cavaquinho de Ouro e, mais tarde, integrou o conjunto ‘Oito Batutas’, ao lado de Pixinguinha e Donga, excursionando pelo Brasil e exterior. Nessa excursão os músicos passaram pelo nordeste e posteriormente influenciaram o surgimento de grupos musicais no Estado de Pernambuco.

Figura 08 – “Os Oito Batutas”



Fonte: <http://www.revistadochoro.com/artigos/nos-somos-batutas/>. Acesso em: 28/10/2019.

Nesse ínterim, a música brasileira era composta por vários ritmos, entre eles: choros, maxixes, lundus e batuques, principalmente, com a presença de Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco a temática sertaneja passou a fazer parte dos salões, das ruas e dos teatros da capital da república e a serem copiados por outros músicos na década de 1920.

O primeiro desses grupos foram os “*Turunas Pernambucanos*”, que era um conjunto “vocal e instrumental criado na cidade de Recife em 1920, por iniciativa do cantor, compositor e instrumentista José Luís Calazans⁶⁵, o “Jararaca”, que além de cantar no grupo também tocava violão⁶⁶”.

Todos os integrantes usavam nomes artísticos de animais, por exemplo: Ratinho, (Severino Rangel⁶⁷) no saxofone, ‘Pirauá’ no violão; Bronzeado (Romualdo Miranda) no violão; João Frazão no violão; ‘Sapequinha’ (Robson Thomaz Florêncio) no cavaquinho, e

⁶⁴ Fonte: <https://www.encyclopedia.itaucultural.org.br/pessoa19281/joao-pernambuco>. Acesso em: 28/10/2019.

⁶⁵ José Luís Rodrigues Calazans (Maceió - AL, 29/09/1896 - Rio de Janeiro, 11/10/1977). Foi um violonista, cantor de emboladas e compositor.

⁶⁶ Fonte: <http://www.dicionariompb.com.br/turunas-pernambucanos/dados-artisticos>. Acesso em: 28/10/2019.

⁶⁷ Severino Rangel de Carvalho (Itabaiana - PB, 13/04/1896 - Duque de Caxias - RJ, 08/09/1972). Começou a tocar ainda criança na Banda Musical de Itabaiana, em 1914 mudou-se para Recife onde integrou a orquestra sinfônica local tocando trompete, saxofone e ainda dava aulas numa escola de aprendizes. Fonte: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco/es/mapeamento-cultural/alagoanos-ilustres/jose-luis-rodrigues-calazans-jararaca>. Acesso em: 29/10/2019.

Sabiá (Arthur Souza) no ganzá. Começaram fazendo suas apresentações no carnaval. Em 1921, apresentaram-se durante quinze dias no Cine Teatro Moderno, na cidade do Recife, juntamente com o grupo carioca “Oito Batutas”, que faziam então uma excursão à Pernambuco. Desse conjunto musical herdaram a característica que coloca o nome artístico escrito no chapéu. Lembrando que o chapéu foi à primeira representação simbólica pensada por Gonzaga décadas depois.

Devido ao show feito ao lado dos “Oito Batutas”, em abril de 1922, desembarcaram no Rio de Janeiro. O grupo chegou à ‘Cidade Maravilhosa’ tomando parte nos festejos do centenário da Independência do Brasil. No Rio, repetiram com êxito a divulgação da então música nortista. Lembrando que nesse período ocorreu à inauguração da primeira emissora de Rádio do Brasil, fato que se tornou muito importante para a produção musical do país, e a dupla formada por dois membros desse grupo (Jararaca e Ratinho) acabou se tornando uma das pioneiras a usufruir desse meio de comunicação.

No ano seguinte os ‘*Turunas Pernambucanos*’ continuaram o sucesso na ‘capital da república’, se apresentando nos cine teatros: Trianon e Polytheama. No Cine *Palais* (Palácio) ficaram por seis meses e foram ouvidos por grande público, além de personalidades da alta sociedade, foi o caso de Rui Barbosa, possivelmente arrependido de seus arroubos antipopulares de nove anos antes. “Os integrantes foram anunciados pelos mestres de cerimônia dos shows e, posteriormente, pelos radialistas como os que faziam ‘músicas do Norte’, que eram ‘caboclos brasileiros’, que vinham das ‘cantigas de sertão’, e que conseguiam cantar ‘emboladas e desafios’”⁶⁸.

O sucesso do grupo na divulgação da música nortista foi retumbante, tanto que quando estavam na capital da república até João Pernambuco fez parte dos “Turunas Pernambucanos”, enquanto se apresentavam no Rio, e durante dois anos as casas de espetáculos sempre lotadas, logo depois, excursionaram por toda região sul do país e fizeram shows em Buenos Aires, na Argentina, e em Montevideu, no Uruguai. O grupo se desfez em 1926. Mas deu subsídio para o surgimento de outros turunas.

No caso os ‘*Turunas de Mauricéia*’, formado em 1926, “o nome do grupo foi escolhido por sugestão do historiador Mário Melo⁶⁹, em lembrança aos tempos do domínio

⁶⁸ De Jararaca e Ratinho a Tonico e Tinoco: quando o sertão chegou ao rádio. Professora Rose Esquenazi mostra como os ritmos do interior começaram. Fonte: <http://www.rádios.ebc.com.br/todas-vozes/edicao/2015-06/de-jararaca-e-ratinho-tonico-e-tinoco-quando-o-sertao-chegou-no-radio>. Acesso em 29/10/2019.

⁶⁹ Mário Carneiro do Rego Mello (Recife, 05/02/1884 – Recife 24/05/1959). Jornalista, tendo em veículos como “*Jornal do Comércio*”, “*Diário de Pernambuco*” e “*O Estado de São Paulo*”.

holandês e do governo de Maurício de Nassau, que chamava a cidade de Recife de Mauricéia, enquanto ‘Turunas’ significa os valentes⁷⁰”.

Era um conjunto composto por um cantor e instrumentistas, e faziam parte Augusto Calheiros⁷¹ no vocal, João Frazão no violão, Manuel Lima⁷² no violão e pelos irmãos João, Romualdo⁷³ e Luperce Miranda⁷⁴ no bandolim. Eles cantavam emboladas, cocos e sambas nordestinos, e trajavam roupas sertanejas, com chapéus de abas largas erguidas na frente, onde podiam ser lidos os nomes artísticos dos integrantes: ‘Guajurema’, ‘Riachão’, ‘Periquito’ e ‘Patativa do Norte’. À moda dos “*Oito Batutas*” e dos “*Turunas Pernambucanos*”. Sobre a excursão dos “*Turunas de Mauricéia*”, o historiador Nicolau Sevcenko escreveu:

Entre 1928 e 1929 veio em excursão para o Rio um conjunto pernambucano, com um repertório especializado de ritmos nordestinos, os Turunas da Mauricéia, tendo como destaques o extraordinário cantor e compositor Augusto Calheiros, apelidado muito a propósito de Patativa do Norte, e o genial violinista cego Manoel de Lima, entre vários outros músicos notáveis. Eles tocavam uma grande variedade de ritmos, praticamente desconhecidos do público carioca, cocos, emboladas, trizadas, baiões, martelos... Tinham uma série de apresentações marcadas para o Teatro Lírico, no largo da Carioca, como uma curiosidade e só (SEVCENKO, 1998, p. 592).

Discordo quando o autor diz que os ritmos nordestinos eram praticamente desconhecidos, pois como já vimos, no final do século XIX os versos nortistas de Catulo da Paixão Cearense eram conhecidos, e no decorrer da Primeira República ganhou a companhia de João Pernambuco.

⁷⁰ Fonte: <http://www.dicionariompb.com.br/turunas-da-mauriceia/dados-artisticos>. Acesso em: 29/10/2019.

⁷¹ Augusto Calheiros (Maceió, 05/06/1891 – Rio de Janeiro, 11/01/1956). Cantor e compositor iniciou sua carreira artística no Recife nos anos 1920. Em 1927, junto ao grupo pernambucano ‘*Turunas da Mauricéia*’, transferiu-se para o Rio de Janeiro. A estreia do grupo no Rio de Janeiro ocorreu no Teatro Lírico, em espetáculo patrocinado pelo jornal “*Correio da Manhã*”, onde Calheiros fez enorme sucesso por causa de sua voz afinada e estilo peculiar de interpretação. Fonte: <http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoas/mapeamento-cultural/alagoanos-ilustres/augusto-calheiros>. Acesso em: 29/10/2019.

⁷² Manoel Bezerra Lima (Pão de Açúcar - AL, 06/06/1883 – Recife, 15/01/1945). Violonista e compositor.

⁷³ Romualdo Bezerra Pessoa de Miranda (Recife, 1887 - Bom Jesus do Galho – MG, 1971).

⁷⁴ Luperce Bezerra Pessoa de Miranda (Recife, 28/07/1904 – Rio de Janeiro, 05/04/1977). Compositor e bandolinista. Integrrou o grupo *Turunas da Mauriceia*, mas não participou da célebre excursão ao Rio de Janeiro. Em Recife montou o conjunto, o Voz do Sertão, e só então viajou para o Rio. Gravou algumas músicas com o novo grupo até formar, em 1929, o Regional Luperce Miranda, que atuou em rádios e na gravadora Parlophon. Na década de 1930 acompanhou Mário Reis, Carmen Miranda e Francisco Alves. Nos anos seguintes trabalhou nas rádios Mayrink Veiga e Nacional, até 1937, quando voltou para Pernambuco. De volta ao Rio, excursionou pela Europa e deixou marcas como um dos maiores bandolinistas do país. Fonte: <http://www.dicionariompb.com.br/luperce-miranda/biografia>. Acesso em: 29/10/2019.

E na década de 1920 desembarcou na capital da república o primeiro grupo com os ritmos do sertão. Outro fato narrado por Sevcenko era um ritmo desconhecido por mim, as ‘trizadas’, visto que, não encontrei nenhum relato histórico do mesmo.

Mas o sucesso foi tão retumbante, as platéias ficaram de tal modo arrebatadas pelo grupo, que novas apresentações e excursões foram rapidamente marcadas por todo o Sul. Naturalmente as rádios também os contataram para apresentações e o que fora até então um grande sucesso transformou-se numa febre, um autêntico delírio coletivo. Essa demanda excitada atraiu outro grupo nordestino, A Voz do Sertão⁷⁵, encabeçado pelo cantor Minoma Carneiro e o violinista Romualdo Miranda (SEVCENKO, 1998, p. 593).

O sucesso de público nas casas de espetáculos e a audiência nas primeiras emissoras de rádio do Rio de Janeiro disseminaram os ritmos nordestinos, nesse momento, já havia a designação de nordeste como região⁷⁶. Essa influência fez surgir novos grupos musicais sob a inspiração dos Turunas tanto de Pernambuco, quando da Mauricéia, e com isso eclode no “A Voz do Sertão”, comentado por Sevcenko, mas também no “*Bando dos Tangarás*”.

Inspirados nos sucessos que foram, no Rio de Janeiro, os conjuntos regionais ‘*Turunas Pernambucanos*’ e de Mauricéia, surgiu o “*Bando dos Tangarás*”, que era igual, aos demais grupos vocais e instrumentais, e que contou com três dos mais importantes nomes da música popular brasileira de todos os tempos e que faziam a função de: Noel Rosa no violão, Braguinha⁷⁷ no violão e vocal e Almirante no pandeiro e vocal. Além de contar com a participação de Henrique Brito⁷⁸ no violão e Alvinho⁷⁹ no violão e vocal.

Assim, “o grupo foi formado em 1929 a partir de uma dissidência do grupo ‘Flor do Tempo’ formado por volta de 1925, por alunos do Colégio Batista, no Bairro da Tijuca, para fazer apresentações amadorísticas e participar de festivais”. Apesar da maioria dos integrantes serem cariocas seu repertório era formado por cocos e emboladas de inspiração ‘nortista’.

⁷⁵ Conjunto vocal e instrumental criado em 1927 pelo bandolinista Luperce Miranda e do qual também fazia parte o cantor de emboladas e compositor Minoma Carneiro. A composição era: Luperce Miranda (bandolim), Meira (violão), José Ferreira (cavaquinho), Robson Florence (bandolim) e Minoma Carneiro (voz). Fonte: <http://www.dicionariompb.com.br/grupo-voz-do-sertao>. Acesso em: 29/10/2019.

⁷⁶ “O termo Nordeste é usado inicialmente para designar a área de atuação da Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca (IFOCS), criada em 1919. Neste discurso institucional, o Nordeste surge como a parte do Norte sujeita às estiagens e, por essa razão, merecedora de especial atenção do poder público federal” (ALBUQUERQUE JR., 2001, p. 81).

⁷⁷ Carlos Alberto Ferreira Braga (Rio de Janeiro, 29/03/1907 - Rio de Janeiro, 24/12/2006). Foi cantor, compositor e instrumentista.

⁷⁸ Henrique Brito (Natal, 15/07/1908 – Rio de Janeiro, 11/12/1935). Foi um violonista e compositor.

⁷⁹ Álvaro de Miranda Ribeiro. Foi um cantor, compositor e violinista.

Figura 09 – “O Bando dos Tangarás”



Fonte: <https://www.immub.org/artista/bando-de-tangaras>. Acesso em: 30/10/2019.

O nome “*Bando dos Tangarás*” vem de uma lenda nortista que o tangará é um pássaro que quando está em bando canta e dança se exibindo para os demais, sempre em formato de círculo e um ao centro⁸⁰. No caso o tangará central era o cantor e compositor Almirante, saltitando, cantando e dançando com desenvoltura. Quando o ‘*Bando dos Tangarás*’ chegou ao fim em 1931, os cantores e compositores Braguinha, Almirante e Noel Rosa começaram carreira nas rádios do Rio de Janeiro.

Almirante tornou-se radialista, ficando conhecido como “a mais alta patente do rádio” brasileiro, passando a dar destaque para o samba e a música regional sertaneja. E desse modo novos cantores e compositores nordestinos foram surgindo em meio a esse movimento cultural de circulação de músicas de diversas regiões permitido pela difusão do rádio. Posso destacar, nesse contexto, o paraibano Alfredo Ricardo do Nascimento⁸¹, mais conhecido como Zé do Norte.

A história de vida do Alfredo Ricardo não foi fácil, pois aos 11 anos de idade perdeu os pais, indo morar com um tio. Ele começou a trabalhar ainda criança, na lavoura de algodão e como tropeiro. Desde pequeno gostava de acompanhar os cantadores. Fugiu da casa do tio em 1921, devido a uma briga, viajando para Fortaleza passando a fazer serviços braçais. E “em 1928, mudou-se para o Rio de Janeiro e ingressou no Exército, indo servir no I Regimento de Infantaria da Vila Militar, no Rio de Janeiro⁸²” passando a residir no Morro da Mangueira.

⁸⁰ CASCUDO (1974, p. 852-853).

⁸¹ Alfredo Ricardo do Nascimento (Cajazeiras – PB, 18/12/1908 – Rio de Janeiro, 04/01/1992). Foi um militar, cantor, compositor, poeta, radialista, escritor e folclorista.

⁸² Fonte: <http://www.dicionariompb.com.br/ze-do-norte/biografia>. Acesso em: 31/10/2019.

Figura 10 - Zé do Norte, um dos mais criativos artistas do Nordeste



Fonte: <http://www.overmundo.com.br/overblog/o-fabuloso-e-esquecido-ze-do-norte>. Acesso em: 31/10/2019.

Depois que deixou o serviço militar passou a trabalhar como fiscal de feira, em 1938. Durante uma apresentação nessa feira foi vista por Joracy Camargo⁸³, que o convidou para se apresentar “ao lado dos consagrados Sílvio Caldas e Orlando Silva. Cantou, então, para uma plateia de cerca de 20 mil pessoas que vibrou, pedindo para que ele repetisse diversas vezes a embolada ‘*Errou o tiro*’, em que debochava do capitão que matou Lampião⁸⁴”.

Essa apresentação foi um sucesso e a partir daí, o radialista Lacy Martins⁸⁵ (irmão Herivelto Martins⁸⁶) o convidou em 1939, para cantar na Rádio Tupi, foi nessa oportunidade que adotou o nome artístico de ‘Zé do Norte’. Fazendo parte do programa de ritmo regional nordestino “Noite da Roça”, que também lançou diversos artistas como: “Alvarenga e Ranchinho” e Luiz Gonzaga, este ainda em começo de carreira.

Em 1940 foi trabalhar no programa “*Hora Sertaneja*” na Rádio Transmissora Brasileira (atual Rádio Globo). ‘Por esse período, em alguns dos seus programas, foi acompanhado por um sanfoneiro quase desconhecido chamado Luiz Gonzaga⁸⁷’. Depois passou a apresentar programas de rádio com inspiração nordestina em outras emissoras, como a Clube do Brasil, Guanabara e Tamoio. Em 1948, Zé do Norte publicou o livro “Brasil Sertanejo” voltado à temática do folclore nordestino:

Mas seu talento lhe permitiu ir além, porque foi compositor num clássico do cinema brasileiro. Sua música “Mulher Rendeira” ficou mundialmente

⁸³ Joracy Schafflor Camargo (Rio de Janeiro, 18/10/1898, - Rio de Janeiro, 11/03/1973). Foi um jornalista, cronista, professor e teatrólogo.

⁸⁴ Fonte: <http://dicionariompb.com.br/ze-do-norte/dados-artisticos>. Acesso em: 31/10/2019.

⁸⁵ Hedelacy Martins foi um radialista e compositor, natural de Engenheiro Paulo de Frontin - RJ.

⁸⁶ Herivelto de Oliveira Martins (Engenheiro Paulo de Frontin, 30/01/1912 - Rio de Janeiro, 17/09/1992). Foi um compositor, cantor, músico e ator.

⁸⁷ Fonte: <http://www.overmundo.com.br/overblog/o-fabuloso-e-esquecido-ze-do-norte>. Acesso em: 31/10/2019.

conhecida após ser incluída na trilha sonora do filme “O Cangaceiro”, do citado diretor Lima Barreto⁸⁸, de 1953, que ganhou o Festival de Cannes daquele ano e foi visto por milhões de pessoas em mais de oitenta países no mundo⁸⁹.

Essa canção obteve sucesso mundial e com isso, começaram as polêmicas de autoria (composição), pois segundo alguns pesquisadores o mote pertencia ao cangaceiro Lampião ou ainda ao domínio público. Luiz Gonzaga durante a carreira também sofreu com polêmicas semelhantes, principalmente com a música “*Asa Branca*”.

Voltando ao nosso personagem, a história de vida de Luiz Gonzaga se assemelha com a de “Zé do Norte”, ambos desde criança trabalharam na agricultura de subsistência em terras arrendadas. E o gosto por música veio nesse período, os dois migraram para a cidade de Fortaleza e posteriormente serviram no exército, mesmo não tendo a idade ideal para servir à caserna. Começaram as suas carreiras artísticas na mesma década (1940), no Rio de Janeiro utilizando as emissoras de rádio como seu palco para as primeiras canções. Lembrando que o rádio era o principal meio de comunicação de massas do país. Outro ponto de semelhança entre Gonzaga e Zé do Norte era que eles participavam dos programas de músicas regionais organizados por Alfredo Nascimento, o Almirante.

Durante a pesquisa nos periódicos paraibanos encontrei uma notícia do Jornal ‘*A União*’ do dia 17 de janeiro de 1981, ao qual citava a participação de Luiz Gonzaga e Zé do Norte do Festival de Verão do Guarujá. Gonzaga fez a abertura na sexta e no sábado teria a participação de Zé do Norte, Jackson do Pandeiro, Alceu Valença e Geraldo Azevedo. Se constituiu num festival que reuniu gerações diferentes da música nordestina.

Enfim, todos esses grupos musicais ou cantores e compositores individuais precisaram migrar para o Rio de Janeiro, capital da república e grande centro cultural do país, onde se situavam as principais estações de rádio. Em busca pelo maior reconhecimento de seus trabalhos e com o afã de se apresentar nos palcos cariocas possibilitou um espaço de ampla divulgação para a música nortista, esse foi o mesmo caminho trilhado por Luiz Gonzaga, que atingiu uma dimensão de popularidade não alcançada por nenhum desses nortistas nas décadas que se seguiram.

⁸⁸ Victor Lima Barreto (Casa Branca - SP, 23/06/1906 - Campinas, 23/11/1982). Foi um renomado diretor do cinema brasileiro, com vasta obra que o tornou um dos principais expoentes da sétima Arte no Brasil.

⁸⁹ Abílio Neto. Idem.

1. 3 “Ê Rio de Janeiro do meu São Sebastião: Pára o samba três minutos para eu cantar o meu baião⁹⁰”.

No início da carreira, Gonzaga tocava nas ruas e bares as músicas que faziam sucesso, tais como: tangos, fados, valsas, *foxtrot*es e *blues*. E foi assim que ele conheceu o bandolinista Xavier Pinheiro⁹¹ formando uma dupla, com o intuito de acumular certa quantia em dinheiro para comprar uma nova sanfona com cento e vinte baixos, instrumento que aprendera a tocar quando estava em Minas Gerais, com o mestre Domingo Ambrósio. A partir daí, foi tentar a sorte nos programas de calouros, que eram moda nas emissoras de rádio, obtendo sempre notas baixas, pois o sanfoneiro continuava seguindo as mesmas linhas melódicas de quando começou a tocar no “mangue”. Em relação ao assunto Dominique Dreyfus assinala que:

Gonzaga começou a frequentar os programas de Renato Murce⁹² e Ary Barroso. No primeiro imitava Augusto Calheiros, Antenógenes Silva⁹³, Carlos Gardel⁹⁴. No segundo, tocava uma valsinha, um tanto, um chorinho, ou até mesmo um samba. Nunca era gongado. Tinha técnica suficiente para chegar até o final da música que apresentava. Mas a nota que tirava jamais passava de um 3. Ary concluía a apresentação com um daqueles implacáveis sarcasmos, e a coisa ficava por isso mesmo (DREYFUS, 2011, p. 80).

Além de tentar tocar nos programas de calouros, o sanfoneiro de Exu continuava tocando nos bares do Rio de Janeiro, principalmente no Bar Cidade Nova, que era o ponto de encontro dos estudantes secundaristas e universitários vindos primordialmente do Estado do Ceará. Estando “saudosos de sua terra natal, os cearenses ficaram emocionados ao perceber a pontinha de sotaque nordestino do sanfoneiro valsista e tanguero do bar. Puxaram conversa, acabaram ficando amigos dele” (DREYFUS, 2011, p. 81).

Um desses jovens era o estudante de direito Armando Falcão⁹⁵, presidente da república dos universitários cearenses. Numa ocasião esses estudantes pediram para Luiz

⁹⁰ Trecho da música “*Baião de São Sebastião*”.

⁹¹ Poucos dados biográficos foram encontrados do compositor e violonista Henrique Xavier Pinheiro, somente que nasceu em Salvador - BA. Foi marinheiro antes de ir para o Rio de Janeiro, tentar a vida como artista. Foi o primeiro incentivador de Luiz Gonzaga para a carreira artística no Rio de Janeiro, quando Gonzaga saiu do serviço militar.

⁹² Renato Floriano Murce (Rio de Janeiro, 07/02/1900 - Rio de Janeiro, 26/01/1987). Foi um radialista.

⁹³ Antenógenes Honório da Silva (Uberaba - MG, 30/10/1906 – Rio de Janeiro, 09/03/2001). Foi um acordeonista e compositor.

⁹⁴ Charles Romuald Gardés (Toulouse - França, 11/12/1890 - Medellín - Colômbia, 24/06/1935). Foi o mais famoso dos cantores de tango da história. Fonte: <https://www.veja.abril.com.br/entretenimento/cantor-carlos-gardel-icone-argentino-nasceu-na-franca/>. Acesso em: 30/10/2019.

⁹⁵ Armando Ribeiro Severo Falcão (Fortaleza, 11/11/1919 - Rio de Janeiro, 10/02/2010). Foi um político, responsável pela publicação da Lei Falcão que norteava a propaganda política na ditadura militar. Fonte: ‘*Folha*

Gonzaga dedilhar alguma música do ‘Norte’ e se ele não tocasse, não teria a tradicional gorjeta ao instrumentista.

Ele se preparou por um tempo para realizar o pedido dos estudantes, e quando se sentiu preparado tocou uma música que tinha na memória, aprendida com seu pai Januário na infância. A música Gonzaga deu o nome de “*Vira e Mexe*”, a apresentação da canção foi um sucesso no Bar Cidade Nova, agradou tanto os universitários nordestinos, quanto o público carioca que estava presente.

A música “*Vira e Mexe*” era inspirada no folclore nortista, e também foi bem aceita pelo público presente no auditório do programa de Ary Barroso, e por isso, acabou tirando a nota máxima, que era 5 (cinco), ganhando o prêmio em dinheiro de 15 mil réis. Depois disso foi convidado para trabalhar na Rádio Tupi, em um programa de músicas regionais. De início ganhava pouco no trabalho, mas fazia o seu nome, pois o rádio era o grande aparelho de difusão na primeira metade do século XX.

No decorrer da década de 1940 e a partir da fama repentina adquirida no programa de Ary Barroso, Gonzaga começou a gravar pela RCA⁹⁶ Victor, tocando instrumentalmente com o rótulo de “xamego”, mas na verdade os acordes se aproximavam muito do choro e do tango, ritmos de sucesso à época. Com isso, passou a tocar em clubes, cinemas e a receber convites para participar de programas de auditório. Sulamita Vieira diz que “o rádio é, pois, o responsável pela formação de verdadeiras redes nacionais de ouvintes denominadas genericamente e de modo particular de fãs” (VIEIRA, 2000, p. 52).

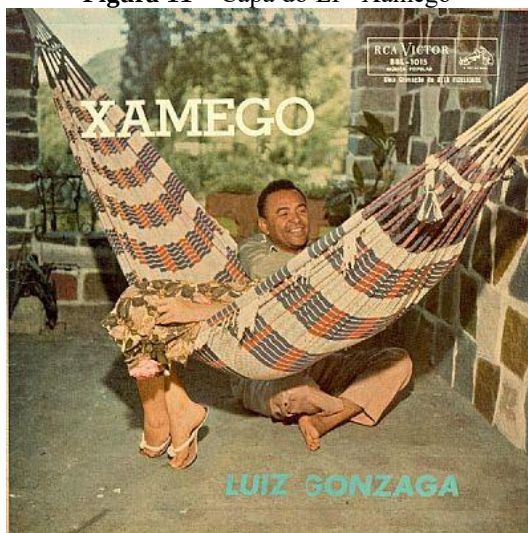
Mas somente em 1945, ele conseguiu gravar as primeiras músicas como cantor, com destaque para a canção “*Dança Mariquinha*”. A partir daí, eclode Luiz Gonzaga um artista completo, pois era instrumentista, compositor e intérprete. Posteriormente lançou com enorme sucesso “*Dezessete e Setecentos*” composição sua com Miguel Lima e a canção “*A Moda da Mula Preta*” de Raul Torres⁹⁷. Cabe salientar que em 1958 a gravadora de Gonzaga lançou um álbum que trazia o primeiro ritmo difundido pelo sanfoneiro o “Xamego” e reuniu com isso todas as composições de Miguel Lima.

de São Paulo’ de 12/02/2010. Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1202201016.htm>. Acesso em: 06/08/2019.

⁹⁶ *Radio Corporation of America* foi uma empresa norte-americana cuja fundação data de 1919, que era pioneira no setor de telecomunicações. Em 1929 a RCA comprou a Victor, formando a RCA Victor, o mais antigo selo fonográfico da América (1901). O selo era facilmente identificado pelo famoso logotipo de um cachorro, chamado “Nipper”, que olha atentamente para uma concha acústica de um fonógrafo e escuta a chamada “*Voz do Dono*”.

⁹⁷ Raul Montes Torres (Botucatu - SP, 11/06/1906 – São Paulo, 12/07/1970). Foi um cantor e compositor. Influenciado pela moda sertaneja do Nordeste, vinda da cidade do Rio de Janeiro, Raul Torres organiza nos anos 1920 os conjuntos *Turunas Paulistas* - imitando o conjunto pernambucano *Turunas da Mauricéia*.

Figura 11 – Capa do LP ‘Xamego’



Fonte: <https://immub.org/album/xamego>. Acesso em: 02/09/2020.

Com o sucesso de suas músicas tocando em todas as emissoras de rádio do “Sul” (como era conhecido o sudeste) do país, resolveu viajar para o “Norte” (como era conhecido o Nordeste até então), primeiro para rever os pais, que não o viam há cerca de 16 anos, e depois para difundir as suas músicas na região de origem. Foi recebido com grandes homenagens por onde passou, pois seu sucesso já havia chegado há muito tempo a esses lugares por meio das rádios retransmissoras.

Foi por esse período que Gonzaga começou a pensar uma indumentária que poderia representar a região nordestina, que seria o mote para suas canções de maior sucesso. Assim, a inspiração veio a partir que ele conheceu o cantor Pedro Raimundo que se apresentava vestido de gaúcho. E o que veio à baila a mescla entre dos trajes dos cangaceiros e dos vaqueiros, tema que será analisado posteriormente.

Temos que levar em consideração que com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e a eleição do general Eurico Gaspar Dutra⁹⁸ para presidente do país. Mudou-se, também o panorama musical do Brasil, pois “no período da Grande Guerra, houve a chamada *Política da Boa Vizinhança*, com isso o país foi invadido com músicas norte-americanas e pelo padrão político dos Estados Unidos” (TINHORÃO, 1997, p. 56).

Cabe salientar que a *Política da Boa Vizinhança* foi implementada durante os governos de Franklin Delano Roosevelt nos Estados Unidos (1933 a 1945). Sua principal característica foi à adoção de uma política de negociação diplomática e a colaboração

⁹⁸ Eurico Gaspar Dutra (Cuiabá - MT, 18/05/1883 - Rio de Janeiro, 11/06/1974). Foi um militar, décimo sexto Presidente do Brasil.

econômica e militar com o objetivo de impedir a influência europeia na região, com o intuito de manter a estabilidade política no continente americano e assegurar a liderança dos estadunidenses no hemisfério ocidental.

Sobre o presidente Dutra tenho que relatar que o sanfoneiro de Exu era um dos cantores favoritos do general. Tanto que, em agosto de 1947, na visita do presidente norte-americano ao Brasil, Luiz Gonzaga foi o convidado especial para se apresentar para Harry Truman no jantar comemorativo. E em outra oportunidade em 1949 o exuense famoso fez um show particular para Dutra, o General Goés Monteiro, General Caronbert Pereira da Costa e alguns convidados.

Figura 12 – Harry Truman, Luiz Gonzaga e o presidente Dutra



Fonte: <https://docplayer.com.br/75505016-O-abc-do-sertao-aspectos-semantico-culturais-e-foneticos-do-portugues-brasileiro-na-obra-de-luiz-gonzaga.html>. Acesso: 30/08/2020.

O fim da *Política da Boa Vizinhança* provocou também o movimento de relativa perda de espaço do samba, que deixou de imperar como o ritmo quase absoluto da moda, dando chance para o surgimento de novas expressões musicais, sendo uma das mais importantes a eclosão da “nova” onda musical: o baião como ritmo nacional.

No início do sucesso de Luiz Gonzaga como artista (cantor e compositor), nasceu seu filho, no dia 22 de setembro de 1945, Luiz Gonzaga Nascimento Junior, o Gonzaguinha, no Rio de Janeiro, cujas relações artísticas e familiares serão analisadas adiante. Filho da cantora e dançarina Odaléia Guedes dos Santos⁹⁹, que morreu quando o menino tinha pouco tempo de nascido, o garoto foi registrado como filho legítimo de Gonzaga, entretanto algumas biografias discordam dessa legitimidade, dada a alegada esterilidade de Gonzaga em virtude de doença venérea (DST) contraída à época do Exército.

⁹⁹ As biografias estudadas trazem informações dispersas sobre a mãe de Gonzaguinha. Dizem que ela era carioca, cantora e dançarina, e que contraiu tuberculose quando Gonzaga Júnior ainda era bebê. E que o Luiz Gonzaga a retirou do convívio com a criança para fazer tratamento. Entretanto até o ano da morte é controversa.

Gonzaguinha foi criado por seus padrinhos, o primeiro parceiro musical Xavier Pinheiro e por dona Leopoldina¹⁰⁰ Pinheiro (Dona Dina), que haviam acolhido Gonzaga quando dava os primeiros passos de sua carreira e agora acolhiam o seu filho, no morro de São Carlos, Bairro do Estácio, berço do samba carioca. Na infância, Gonzaga Júnior foi praticamente abandonado pelo pai, que trabalhava muito, por isso seu filho foi deixado para ser criado pelos padrinhos no morro de São Carlos no Rio de Janeiro.

Enquanto isso Luiz procurava um compositor para suas ideias, pois sua parceria com Miguel Lima durou pouco porque Miguel era especialista em emboladas, que tem por características um mote e a música é produzida de improviso, e não era o que Gonzaga queria. E em 1946 “aconteceu um marco na carreira do futuro artista, foi o desenvolvimento da parceria com o advogado cearense Humberto Cavalcanti Teixeira¹⁰¹” (MARIZ, 2006, p. 42).

A princípio fizeram sucesso com a música “*Baião*”, que deu origem a um novo gênero musical brasileiro, com ritmo “sertanejo”, agora sendo dançado nos centros urbanos. Mas, o maior sucesso da dupla Luiz e Humberto foi lançado em 1947, era a música “*Asa Branca*”, fruto da música folclórica do repertório tradicional do sertão nordestino, com nova letra e uma melodia melhor trabalhada e definida, transformando-se num tipo de ‘Hino do Nordeste’.

As principais composições de Gonzaga e Humberto foram reunidas em 1968 em um álbum, com destaque para a canção ‘*Paraíba*’ que será estudada posteriormente.

Figura 13 – Capa do LP ‘*Meus Sucessos com Humberto Teixeira*’



Fonte: <https://immub.org/album/meus-sucessos-com-humberto-teixeira>. Acesso em: 02/09/2020.

¹⁰⁰ Não foram achados dados biográficos de Leopoldina Pinheira, somente que era portuguesa de nascimento.

¹⁰¹ Humberto Cavalcanti Teixeira (Iguatu - CE, 05/01/1915 - Rio de Janeiro, 03/10/1979). Foi um advogado, político e compositor.

O resultado dessa parceria rendeu grandes canções, juntos passaram a narrar em suas composições à temática sertaneja, mais especificamente nordestina, dos retirantes que buscam uma melhor oportunidade nas cidades “sulistas”, mas que querem voltar à cidade natal.

A música de Gonzaga, ao trazer à tona a experiência deste povo pobre, ao buscar afirmar o que considera “uma cultura marginalizada”, mais do que reproduzir uma visão tradicional camponesa, ajuda esta cultura a se atualizar, reafirmar-se em outro nível. [...]. Mais do que um fenômeno de resistência cultural, a música de Gonzaga participa da atualização de todo o arquivo cultural do migrante diante das novas condições sociais que enfrenta nas grandes cidades. O Nordeste de Gonzaga é criado para realimentar a memória do migrante. [...]. O que marginalizou a música feita por Gonzaga foi ter se identificado como uma música regional, como expressão de uma região que era vista como o espaço atrasado, fora de moda, do país, região marginalizada pela própria forma como se desenvolveu a economia de país e como foi gestada discursivamente. [...]. O sucesso de suas músicas entre os migrantes participa da própria solidificação de uma identidade regional entre indivíduos que são igualmente marcados nestas grandes cidades, por estereótipos [...] “falando o mesmo sotaque”, tendo os mesmos gostos, costumes e valores, o que não ocorria quando estavam na própria região. Mais do que agir no consciente de seus ouvintes, as canções gonzagueanas mexiam com o inconsciente desses nordestinos em transmutação nas grandes cidades. A sensação sonora presente traz pedaços de passado, cruza tempos e espaços, fazendo o Nordeste surgir no Sul (ALBUQUERQUE JR, 2001, p. 159-160).

Assim, Luiz Gonzaga transformou-se numa espécie ‘construtor’ simbólico da Região Nordeste que estava em definição desde o ano de 1942, onde foi realizada a última divisão regional do país. Sendo aglutinados os estados que tinham o clima e a cultura mais parecida, mas cujo elemento central, mais do que uma paisagem geográfica e cultural, foram determinantes políticos e econômicos articulados paulatinamente desde o século XIX, conforme Silveira (2009). Seja como for, “a música de Gonzaga vai ser pensada como representante desta identidade regional que já havia se firmado anteriormente por meio da produção freyreana e do romance regional”. (ALBUQUERQUE JR., 2001, p. 155).

Partindo do princípio, que a formação regional do nordeste brasileiro, está no cerne da chamada “Indústria das Secas”, essa iconografia veio por meio das calamitosas secas que afetavam esse espaço geográfico desde o período colonial, por isso juntaram os estados que sofriam com tal “fenômeno” sob o signo da mesma região e que vinha sendo estudada a partir

da década de 1920, pelo chamado Movimento Regionalista, capitaneadas de um lado por Gilberto Freyre¹⁰² e de outro por Djacir Menezes¹⁰³, como descreve Rosa Godoy:

Se as ideias veiculadas pelo autor de *casa grande & senzala* encontraram terreno fértil onde germinarem, mais tarde Gilberto Freyre reconheceria que a sua caracterização se restringia ao Nordeste açucareiro, cujo território abarcava a faixa litorânea do Norte da Bahia ao Maranhão, aludindo a um ‘outro Nordeste’ pastoril. A conotação territorial e econômico - social transparecia. Exatamente, *O Outro Nordeste* seria o título do livro de Djacir Menezes, publicado à mesma época que o *Nordeste*, do Mestre de Apicucos (SILVEIRA, 2009, p. 25).

No início da década de 1920 já havia a ideia de um Nordeste que abrangeria da Bahia ao Maranhão, contido na faixa litorânea e o nordeste do interior agropastoril. Gonzaga vai cantar os dois nordestes, o de Freyre com menos intensidade e o de Menezes como representante simbólico desse espaço esquecido das autoridades.

Outro egresso do Nordeste que começava a se destacar no cenário musical, mas que cantava mais um norte do mar, dos pescadores, dos cantos praieiros, bem distinto do de Gonzaga, foi Dorival Caymmi, que também angariou um grande sucesso à época. Aqui cabe uma pergunta, com o sucesso ‘repentino’ de Luiz Gonzaga na década de 1940, quem era o seu público e como a regionalização influenciou sua obra musical? Então vamos ver agora.

1. 4 ‘Pra onde tu vai Baião?’¹⁰⁴

Cabe salientar que a região e suas delimitações de fronteiras não passam de um vestígio em construção de um ato de autoridade que consiste em circunscrever o espaço geográfico impondo uma definição oficial. Este ato de direito consiste em afirmar com autoridade uma verdade que tem força de lei. Sendo assim, o nordeste como região também surgiu baseado nos conceitos históricos e geográficos vigentes no século XX, entretanto, a discussão vem do século XIX. Francisco de Oliveira ratifica dizendo que:

¹⁰² Gilberto de Mello Freyre (Recife, 15/03/1900 - Recife, 18/07/1987). Como escritor, dedicou-se à ensaística da interpretação do Brasil sob ângulos da sociologia, antropologia e história. Foi também autor de ficção, jornalista, poeta e pintor. É considerado um dos mais importantes sociólogos do século XX..

¹⁰³ Djacir Lima Menezes (Maranguape - CE, 16/11/1907 - Rio de Janeiro, 14/06/1996). Foi um intelectual, sociólogo, jurista, economista e filósofo.

¹⁰⁴ Música dos compositores João do Vale e Sebastião Rodrigues, lançada em 1982.

Uma ‘região’ seria, em suma, o espaço onde se imbricam dialeticamente uma forma especial de reprodução do capital, e por consequência uma forma especial da luta de classes, onde o econômico e o político se fusionam e assumem uma forma especial de aparecer no produto social e nos pressupostos da reposição (OLIVEIRA, 1981, p. 29).

Não se pode hoje sustentar que existem critérios capazes de fundamentar somente em classificações ‘naturais’ de regiões. E que as ciências humanas (geografia, história, sociologia, antropologia entre outras) ao pretender propor critérios sobre a regionalização, estarão efetivamente registrando um estado de luta das representações. Sobre a região Nordeste, Manoel Correia de Andrade (1980), nos diz que o Nordeste uma das regiões geográficas mais discutidas e menos conhecidas do país. Como ocorre, em geral, com as regiões geográficas, nem os limites naturais, nem a sua extensão são razoavelmente estabelecidos. Isto porque a natureza não dá pulos, não sofre, salvo em casos excepcionais, mutações bruscas de paisagens.

Pierre Bourdieu (1998) aponta que o debate regionalista é um discurso performativo que tem o objetivo de impor como legítima uma nova definição de fronteiras e de dar a conhecer e fazer reconhecer a região assim delimitada. O poder sobre o grupo quando se trata de dar existência ao próprio, reside na capacidade de formar uma visão e divisão comuns, uma visão idêntica de sua unidade, ou de identidade para ser símbolo ou representação dessa região. O ato de enunciar tem poder de objetivar e oficializar o fato que enuncia num espaço público, como num jornal de grande circulação, e a objetivação concretiza-se na realização da manifestação simbólica e cultural.

Toda a tomada de posição que aspire à ‘objetividade’ acerca da existência atual ou potencial [...] de uma região, de uma etnia [...] acerca da pretensão à instituição que se afirma nas representações [...] contribui para determinar as probabilidades objetivas [...] de ter acesso à existência (BOURDIEU, 1998, p. 119).

O regionalismo tornou-se um caso particular das lutas propriamente simbólicas e representativas em que os agentes políticos e culturais estão envolvidos seja individualmente, seja coletivamente, sendo que o que verdadeiramente está em jogo é a conservação ou a transformação das relações de forças simbólicas e das vantagens econômicas, políticas e sociais. E quando os dominados entram isolados nas relações de forças simbólicas, no caso de interações cotidianas, não têm outra escolha que não a aceitação (resignada, provocante,

submissa ou revoltada) da definição dominante de sua identidade ou a busca da assimilação cultural.

O agenciamento destas estratégias demonstra o reconhecimento das forças simbólicas dominantes e que estão associadas à posse de uma identidade legítima, para ser publicamente oficializada, afirmada e reconhecida por símbolo ou representante de uma região. Para Bourdieu (1998), os sistemas simbólicos exercem um poder estruturante, na medida em que são também estruturados. E a estruturação decorre da função que os sistemas simbólicos possuem de integração social para um determinado consenso. O consenso aqui apresentado é o da hegemonia, ou seja, de dominação, conceitos importantes para o autor em questão. Assim, “as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material e simbólico acumulados pelos agentes” (BOURDIEU, 1998, p. 11).

Os sistemas simbólicos diferenciam-se segundo sua instância de produção e de recepção. E a autonomia de determinado campo constitui-se na medida em que um corpo especializado de produtores de discursos desenvolve-se. E, deste modo, o poder simbólico é uma forma transformada e legitimada de outras formas, ou como campos de poder. Assim,

O campo do poder (que não deve ser confundido com o campo político) não é um campo como os outros: ele é o espaço de relações de força entre os diferentes tipos de capital ou, mais precisamente, entre os agentes suficientemente providos de um dos diferentes tipos de capital para poderem dominar o campo correspondente e cujas lutas se intensificam sempre que o valor relativo dos diferentes tipos de capital é posto em questão (por exemplo, “taxa de câmbio” entre o capital cultural e o capital econômico); isto é, especialmente quando os equilíbrios estabelecidos no interior do campo, entre instâncias especificamente encarregadas da reprodução do campo do poder, são ameaçados (BOURDIEU, 1996, p. 52).

Assim, Gonzaga junto com outros artistas ajudou a desenvolver uma forma de representação regional a partir do campo de poder usando o simbólico. Nesse sentido, posso citar Dorival Caymmi cantando um nordeste praiano, centrado na Bahia de Todos os Santos e Orixás. Dorival, igual a Gonzaga na infância no Nordeste, teve contato com a música local cantando nas igrejas. Sua primeira composição em 1930 foi à música “*No Sertão*”, falando sobre o interior do Nordeste. Assim, que assumiu a maioria tentou a carreira artística no Rio de Janeiro, chegando em abril de 1938, um ano antes da chegada do então Cabo Nascimento (Luiz Gonzaga) à ‘Cidade Maravilhosa’.

No Rio Caymmi foi levado por Assis Valente¹⁰⁵ e Lamartine Babo¹⁰⁶ para se apresentar na Rádio Nacional cantando ‘*Noite de Temporal*’, acompanhado do toque do berimbau. Em seguida, foi apresentado ao diretor da Rádio Tupi que o contratou. O baiano estreou cantando o samba ‘*O Que é Que a Baiana Tem?*’. Essa canção virou sucesso mundialmente na voz de Carmen Miranda em 1939 com o filme ‘*Banana da Terra*’. E estereotipou a iconografia da baiana.

No auge do baião como ritmo nacional nos anos de 1950, Carmen Miranda, que morava nos Estados Unidos, chegou a cantar duas músicas desse gênero. A primeira foi uma versão para a canção “*Baião*” de Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga, que em inglês recebeu o nome de “*Ca Room Pa Pa*” do compositor Ray Gilbert¹⁰⁷. E a segunda foi “*Delicado*”, composição de Waldir Azevedo¹⁰⁸ e Aloysio de Oliveira¹⁰⁹, gravado em 1955.

Percebo também que ambos os artistas foram contemporâneos, pois trabalharam nas principais emissoras de rádios da então Capital do País, no mesmo período da carreira. Sobre esse assunto, o jornal ‘*Correio Braziliense*’ fez uma reportagem especial ligando os dois cantores e compositores, no centenário de Dorival Caymmi em 2014, relatando que:

Nos corredores e eventos da época de ouro do rádio, os nordestinos não chegaram a ser muito próximos, mas nutriam um respeito mútuo lembrado pelos filhos de Caymmi. Nunca foi lançado em disco, mas Gonzaga chegou a cantar uma música de Caymmi no rádio, nos anos 1940, Peguei um ita no Norte (‘*Correio Braziliense*’, 30/04/2014).

Aconteceram encontros formais entre o Gonzagão e Dorival durante a carreira dos dois artistas. Posso citar um almoço que ocorreu na casa do cantor e compositor Chico Buarque¹¹⁰, no dia 21 de dezembro de 1983, em homenagem ao Ministro da Cultura da França, Jack Lang¹¹¹, que estava visitando o Brasil e queria a presença de artistas brasileiros

¹⁰⁵ José de Assis Valente (Santo Amaro - BA, 19/03/1911 – Rio de Janeiro, 06/03/1958). Foi um ilustrador e compositor.

¹⁰⁶ Lamartine de Azeredo Babo (Rio de Janeiro, 10/01/1904 - Rio de Janeiro, 10/06/1963). Foi um dos mais importantes compositores brasileiros dos anos 30 a 50.

¹⁰⁷ Ray Gilbert (Hartford - EUA, 05/09/1912 - Los Angeles - EUA, 03/03/1976). Foi um letrista e produtor musical estadunidense.

¹⁰⁸ Waldir Azevedo (Rio de Janeiro, 27/01/1923 - São Paulo, 20/09/1980). Foi músico e compositor.

¹⁰⁹ Aloysio de Oliveira (Rio de Janeiro, 30/12/1914 - Los Angeles, 04/02/1995). Foi um produtor musical, cantor, compositor, dublador, músico e locutor.

¹¹⁰ Francisco Buarque de Holanda (Rio de Janeiro, 19/06/1944). É um músico, dramaturgo, escritor e ator.

¹¹¹ Jack Lang (Mirecourt, França, 02/09/1939). É um político e intelectual francês. Foi Ministro da Cultura de François Mitterrand e, em 1981, lançou as bases do renascimento da indústria cinematográfica francesa, com um modelo de forte intervenção do Estado. Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/12/06/ilustrada/8.html>. Acesso em: 26/03/2020.

para lançar o projeto de intercâmbio entre os dois países. O jornal *'Folha de São Paulo'* deu destaque ao encontro e registrou a presença de seu Luiz e Caymmi.

Figura 14 - Dorival Caymmi, Luiz Gonzaga, Tom Jobim, Jack Lang, Caetano Veloso e Chico Buarque.



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 21/12/1983. <http://caetanoendetalhe.blogspot.com/2016/07/1983-encontro-com-ministro-frances-jack.html>. Acesso em: 26/03/2020.

Além dos artistas fotografados pelo jornal que fez a cobertura, o almoço contou a presença de Gonzaguinha, filho do “Rei do Baião”, também estavam presentes Simone, João Bosco¹¹², Carlinhos Vergueiro¹¹³, Toquinho¹¹⁴, os cineastas: Ruy Guerra¹¹⁵ e Miguel Farias¹¹⁶, e a atriz Zezé Motta, entre outros convidados.

Ao abordar a temática das representações coletivas e as identidades sociais, destaco as pesquisas do historiador Roger Chartier, que partindo do texto, livro e da leitura como exemplos, apresenta uma maneira nova de articular os espaços sociais e as práticas culturais. Também entendo que “estas representações são matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social” (CHARTIER, 1991, p. 183). Ou, como esse autor nos explica:

A operação de construção de sentido efetuada na leitura como um processo historicamente determinado cujos modos e modelos variam de acordo com os tempos, os lugares, as comunidades e que as significações múltiplas e móveis de um texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores (ou ouvintes) (CHARTIER, 1991, p. 178).

Nessa oportunidade festiva estavam lado a lado as representações de um nordeste musical em suas semelhanças e diferenças. Dorival o cantor da praia e Gonzaga o cantador do

¹¹² João Bosco de Freitas Mucci (Ponte Nova - MG, 13/07/1946). É um cantor, violonista e compositor.

¹¹³ Carlos de Campos Vergueiro (São Paulo, 27/03/1952). É um cantor, compositor e produtor musical.

¹¹⁴ Antonio Pecci Filho, (São Paulo, 06/07/1946). É um cantor, compositor e violonista.

¹¹⁵ Ruy Alexandre Guerra Coelho Pereira (Maputo – Moçambique, 22/08/1931). É um cineasta, poeta, dramaturgo e professor. Está radicado no Brasil desde 1958.

¹¹⁶ Miguel Faria Júnior (Rio de Janeiro, 28/09/1944). É um cineasta.

sertão. Caymmi ficou marcado por descrever o litoral do Estado da Bahia, com seus personagens cotidianos da zona urbana ou retirados das obras de Jorge Amado. Seu Luiz tem a simbologia de narrar o ciclo de secas e chuvas do sertão nordestino e as pessoas do mundo rural ou personagens assemelhados nos escritos de Raquel de Queiroz¹¹⁷, Graciliano Ramos¹¹⁸, Ariano Suassuna¹¹⁹ entre outros.

Entretanto, ambos os cantores não se limitaram as iconografias as quais lhe atribuíram. Por exemplo, a primeira composição de Dorival foi à canção “O Sertão” em 1930.

Se não há na discografia oficial do Gonzagão nenhuma música do compositor de “Gabriela”, o “Rei do Baião” gravou a canção “O cantador”, composição de Dori Caymmi¹²⁰, filho mais velho de Dorival, e Nelson Motta¹²¹, para o disco o “Canto Jovem de Luiz Gonzaga” de 1971, que será destaque posteriormente. Provavelmente o último contato entre os artistas nordestinos aconteceu em 1988, quando foram convidados para compor o Conselho do Prêmio Sharp de Música.

Destaco também outro compositor, conterrâneo de Luiz Gonzaga, o pernambucano Capiba¹²², outro construtor da representação musical da região nordestina, a partir de sua vasta obra ligada principalmente ao festejo de momo. Ele é considerado por muitos como a “Personificação da música pernambucana, Capiba é um dos mais importantes autores de frevo da história da música popular brasileira. Compõe quase uma centena de canções do gênero, até hoje cantadas nos carnavais de Olinda e do Recife¹²³”.

Versátil em sua produção compôs em vários ritmos como: “sambas, valsas, polcas, guarânias, modinhas, tangos, missas, lundus, dobrados, maracatus, cocos, cirandas, marchas, choros e cantigas. Ele introduz o maracatu nos salões da conservadora sociedade recifense quando percebe que o ritmo pode ser transformado e ganhar nova roupagem¹²⁴”. Capiba faz parte da discografia do “Rei do Baião”, recebeu uma homenagem em 1989, no frevo ‘Ao

¹¹⁷ Rachel de Queiroz (Fortaleza, 17/11/1910 - Rio de Janeiro, 04/11/2003). Foi uma tradutora, romancista, escritora, jornalista, cronista prolífica e dramaturga.

¹¹⁸ Graciliano Ramos de Oliveira (Quebrangulo - AL, 27/10/1892 - Rio de Janeiro, 20/03/1953). Foi um romancista, cronista, contista, jornalista, político, militante e memorialista.

¹¹⁹ Ariano Vilar Suassuna (Parahyba do Norte, 16/06/1927 - Recife, 23/07/2014). Foi um dramaturgo, romancista, ensaísta, poeta e professor.

¹²⁰ Dorival Tostes Caymmi (Rio de Janeiro, 26/08/1943). É um músico, cantor, produtor musical, arranjador e compositor.

¹²¹ Nelson Cândido Motta Filho (São Paulo, 29/10/1944). É um jornalista, compositor, escritor, roteirista, produtor musical, teatrólogo e letrista.

¹²² Lourenço da Fonseca Barbosa (Surubim - PE, 28/10/1904 - Recife, 31/12/1997). Foi um compositor e instrumentista.

¹²³ Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa12273/capiba>. Acesso em: 26/03/2020.

¹²⁴ Idem. Acesso em: 26/03/2020.

Mestre Capiba’, música instrumental em que se destaca a sanfona de composição de Luiz Gonzaga e João Silva.

Esses artistas ajudaram a fomentar essa formação e imagem regional, utilizando para isso, o espaço cultural. “A noção de espaço contém, em si, o princípio de uma apreensão relacional do mundo social: ela afirma, de fato, que toda a “realidade” que designa reside na exterioridade mútua dos elementos que a compõem” (BOURDIEU, 1996, p. 48).

A partir das discussões de movimentos de teor regionalista, que já vinham do século XIX, quando chegou ao século XX, mais precisamente em 1942, acontece à última divisão regional oficial do Brasil, justamente o período que emerge a música de Gonzaga. Sendo assim, Luiz vai ser o primeiro cantor e compositor a se referir a região como os dois topônimos (Norte e Nordeste). Ou como descreve a pesquisadora Cleide Nogueira de Faria:

O nordestino, assim como o recorte regional Nordeste, nasceram a partir de um conjunto de práticas regionalistas e de um discurso regional que se propaga entre as elites do Norte do país, a partir do final do século XIX, quando essa região vive uma crise econômica e política, sofrendo uma subordinação em relação ao Sul do país, principalmente São Paulo (FARIA, 2002, p. 09).

A história do espaço geográfico que hoje se compreende a região nordestina foi historicamente marcada no seu interior das intempéries climáticas (secas) que impedia a produção em larga escala de produtos importantes para o desenvolvimento econômico e social incompatíveis ao perfil ecológico da mesma. As autoridades locais, associadas em geral aos grandes proprietários de terra, reforçavam os laços de clientelismo e sujeição econômica, não apresentando políticas que combatessem as causas da pobreza, adotando na maior parte dos casos políticas assistencialistas para a população mais pobre, que buscava melhores condições de vida em outras regiões ou participando de migrações internas aos estados.

Há milhares de retirantes que fogem do sertão ao longo do século XIX, “onde a seca está destruindo tudo”, vêm para a zona da Mata. Mas, de acordo com a visão usual das autoridades locais, tal como apontada em citação apresentada por Rosa Godoy: *‘esses homens habituados, uns ao ócio, outros à vida pastoril, e poucos à cultura do algodão, são ineptos para o duro e fatigante trabalho da canna, que é quase o único gênero que se cultiva na zona littoral’*” (SILVEIRA, 2009, p. 156). Assim, espremidos entre o latifúndio no mundo rural e uma política hostil nas cidades, para esses trabalhadores a emigração se colocava como uma alternativa.

A primeira grande onda migratória aconteceu na segunda metade do século XIX no chamado ‘primeiro ciclo da borracha’¹²⁵. Um segundo ‘êxodo’ nordestino aconteceu na década de 1940, período da industrialização acentuada do país a partir da ‘Política da Boa Vizinhança’ que fomentou siderurgia no Brasil que precisava de mão de obra para o desenvolvimento dessa empreitada, lembrando que a construção civil também estava precisando de trabalhadores. Entre essas grandes ondas, um movimento de menor proporção, mas contínuo, se verificava no início do século XX. “Essas atividades só puderam aliciar centenas de milhares de trabalhadores em virtude da miserabilidade das populações nordestinas, porque, mesmo combinadas com lavouras de subsistência, provêm uma renda mínima que apenas permite sobreviver” (RIBEIRO, 2006, p. 312 - 313), e as vítimas da seca buscavam na região mais desenvolvida uma melhor oportunidade. Para isso surge a ideia da ‘regionalização desigual e combinada’ como ratifica Rosa Godoy:

Desse modo, o chamado desenvolvimento desigual e combinado, ou seja, as diferenças entre as regiões, faz parte da lógica de acumulação, pois o modo de produção capitalista é, enquanto estrutura e enquanto processo, desigual em termos sociais e espaciais. Veste uma carapaça ideológica, portanto, o discurso dos ‘desequilíbrios regionais’, na medida em que ‘pensa’ os espaços em confronto (espaço equilibrado *versus* espaços em desequilibrado) e/ou como enteléquias homogêneas (não diferenciando internamente a região), em que admite, em última instância, a possibilidade de um ponto de ‘equilíbrio’ do espaço (SILVEIRA, 2009, p. 52).

O “espaço equilibrado” era a zona de industrialização implantada no sudeste no final da década de 1930, lembrando que nesse período começou a diminuir a imigração estrangeira, e o país tinha o problema da falta da força de trabalho, indo buscar na “região em desequilíbrio”, e o nordeste passou a ser esse local.

Os sertões se fizeram, desse modo, um vasto reservatório de força de trabalho barata, passando a viver, em parte, das contribuições remetidas pelos sertanejos emigrados para sustento de suas famílias. O grave, porém, é que emigram precisamente aqueles poucos sertanejos que conseguem alcançar a idade madura, com maior vigor físico, tentando a fixar-se nas zonas mais ricas do Sul aqueles nos quais a paupérrima sociedade de origem investiu o suficiente para alfabetizar e capacitar para o trabalho. Desse modo, o elemento humano mais vigoroso, mais eficiente e mais combativo é roubado à região, no momento preciso em que deveria ressarcir o seu social (RIBEIRO, 2006, p. 313).

¹²⁵ Haverá um segundo ciclo da borracha durante a Segunda Guerra Mundial também com migrantes nordestinos, conhecidos como: “Os Soldados da Borracha”.

Esse ponto de “equilíbrio regional” é o sudeste e sua industrialização, tanto que as ondas migratórias têm dois estados como rotas prioritárias: o Rio de Janeiro no início, tanto que os primeiros músicos nordestinos (Catulo da Paixão Cearense, João Pernambuco, os grupos turunas, Zé do Norte e Luiz Gonzaga foram todos para a ‘Cidade Maravilhosa’). Posteriormente, São Paulo passou a ser o local preferido de quem saía do nordeste, isso é percebido por Gonzaga, tendo em vista que ele montou um escritório de trabalho na ‘Terra da Garoa’ no auge da sua carreira. Vale lembrar que o avanço das fronteiras agrícolas no Oeste do Paraná e nos vastos espaços do Mato Grosso, também contaram com muitos imigrantes nordestinos, mas esse é um processo onde a lógica local é diferente dos grandes centros industriais do Sudeste.

As secas no Nordeste levavam, a cada ano, para a capital paulista, levas e mais levas de nordestinos. Instalados nos subúrbios da metrópole, principalmente em Santo André, e também no Brás, redutos nordestinos, forneciam à indústria brasileira mão de obra abundante e barata e, ao Rei do Baião, um público. O centro nevrálgico do baião, a essas alturas, era São Paulo (DREYFUS, 2012, p. 158).

Assim, Luiz Gonzaga passou a ser para esses migrantes que chegavam do nordeste no sudeste a voz distante do sertão, sendo seu representante nas rádios, chegaria aos grandes centros urbanos (São Paulo e Rio de Janeiro) do país passando a frequentar os espaços mais elitizados (casa de shows e teatros) indo até os subúrbios, onde a população migrante dos nordestinos estavam e que viam naquelas melodias sua região natal bem próxima.

No início da difusão do baião como ritmo nacional, vários instrumentos eram usados para a produção musical (piano, bandolim, pandeiro, flauta). Entretanto, em 1950, Gonzaga percebeu que precisaria de muitos músicos para compor seu grupo musical, por isso, definiu o triângulo, a zabumba, e principalmente a sanfona, como os instrumentos responsáveis pela produção rítmica dos seus xotes, maracatus, e baiões, e os temas a ser musicados seria a cultura nordestina, eclodindo a busca por uma identidade regional, gerando uma cumplicidade entre Gonzaga e o público ouvinte, que era o migrante.

Isso ocorreu porque o baião era tocado com vários instrumentos como piano, bandolim, violino precisando com isso de uma estrutura semelhante a uma orquestra sinfônica para sua execução, dificultado com isso o transporte dos instrumentos e a locomoção dos músicos. Gonzaga formulou que o baião fosse tocado por sanfona, triângulo e zabumba para sanar essa dificuldade logística. Para isso contratou os músicos José Bezerra dos Santos,

conhecido nos meios radiofônicos como ‘Zequinha’, para tocar o triângulo e João André Gomes conhecido como ‘Catamilho’ o zabumba, compondo com a partir daí o primeiro trio forrozeiro, trio pé de serra ou também como ficou conhecido trio nordestino.

Figura 15 – Catamilho, Gonzaga e Zequinha



Fonte: <http://www.artecultural.blog.br/2012/05/estudando-vida-e-obra-de-luiz-gonzaga.html>. Acesso em 30/08/2020.

A formação facilitou a traslado da embaixada do baião por todas as regiões do país e o que mais se intensificou foi à rota Rio - São Paulo nesse período. A neblina junto com a vida corrida dos artistas provocou um acidente com o transporte de Gonzaga. A imprensa noticiou o acontecido com grande clamor. O fato aconteceu no dia 07 de maio de 1951, quem estava no volante como descreve o jornal ‘*A Noite*’ da ‘Capital Federal’ era “o radialista Luiz Gonzaga, [que ficou] preso à direção do veículo, estava em estado de “*schock*”, enquanto seus colegas se contorciam em dores. Retirados do interior do automóvel, foram removidos para o Hospital Getúlio Vargas”.

A notícia do acidente do sanfoneiro famoso se espalhou no país nas páginas dos principais jornais e revistas, o público acompanhou a pronta recuperação dos músicos e a rádio Mayrink Veiga estava cheia de cartas dos rádios ouvintes pedindo o retorno do trio que estava no auge do sucesso.

O acontecido rendeu a composição de duas músicas a primeira ‘*Baião da Penha*’ de David Nasser e Guio de Moraes, descrevendo a promessa que Gonzaga foi pagar no alto da Igreja de Nossa Senhora da Penha no Rio de Janeiro. E a segunda canção foi realizada pelo sanfoneiro e irmão do ‘Rei do Baião’ Zé Gonzaga junto com José Amâncio na letra ‘*Viva o Rei*’¹²⁶.

¹²⁶ <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/1563388/>. Acesso em: 20/08/2020.

*Luiz Gonzaga não morreu
 Nem a sanfona dele desapareceu
 Seu automóvel na virada se quebrou
 Seu zabumba se amassou
 Mas o Gonzaga não morreu*

*O Catamilho
 Seu zabumbeiro de fama
 Danou a cara na lama*

*Quase morre o pobrezinho
 E o Zequinha
 O famoso rei do passo
 Quase que virou bagaço
 Com a pancada no focinho
 Ai coitadinho*

*Luiz, escuta esse baião
 Quem tá cantando
 Com a sanfona é teu irmão
 Ta esperando
 Todo povo brasileiro
 O seu grande sanfoneiro
 Com as cantigas do sertão*

Após a recuperação os músicos retomaram a vida de andanças pelo país. Essa correria gerava alguns transtornos como, por exemplo, o uso excessivo de bebidas alcoólicas por parte do zabumbeiro ‘Catamilho’, o que irritava Gonzaga, pois em algumas oportunidades o músico se apresentou embriagado o que provocou um fato inesperado a queda do zabumbeiro do palco num show em Itabuna, na Bahia. Provocando a demissão do instrumentista e em solidariedade seu parceiro ‘Zequinha’ também pediu para deixar o grupo também. Deixando o ‘Rei do Baião’ sem sua formação original.

Em seguida o ‘Rei do Baião’ fez a segunda formação musical com o anão Osvaldo Nunes Pereira para tocar o triângulo, e que recebeu o apelido de ‘Xaxado’ (ritmo que Gonzaga estava divulgando) e posteriormente passou a ser chamado de ‘Salário Mínimo’ e o outro instrumentista convidado foi Juraci Miranda para tocar o zabumba, e que ganhou a corruptela de Cacau ou ‘Custo de Vida’ por causa de sua estatura. A estreia aconteceu na noite do dia 23 de outubro de 1953, em Santo Antônio de Jesus na Bahia.

Figura 16 – Cacau, Gonzaga e Xaxado ou Salário Mínimo



Cacau (zabumba), Luiz Gonzaga e Salário Mínimo (triângulo)

Fonte: <http://www.overmundo.com.br/banco/luiz-gonzaga-e-cem-o-anao-xaxado-e-a-turne-de-53>. Acesso em: 30/08/2020.

Essas formações musicais contribuíram com parte significativa do repertório de Luiz Gonzaga dedicada ao nordestino deslocado de seu meio social, cultural e político. O modo de socialização típico do sertão, o cordel cantado nas feiras, os repentes e os desafios transformaram-se em canções transmitidas pelas rádios, que assumem e passam a ser a plataforma principal de divulgação da música nordestina, destarte, a carreira de Gonzaga ficou atrelada às ondas do rádio. Assim, os migrantes nordestinos nos espaços urbanos do Centro-Sul teriam, com o rádio, acesso ao mundo que deixaram para trás.

As emissoras de rádio tinham em seu favor para a divulgação de sua programação as revistas do rádio e os jornais em circulação que continham um espaço reservado para essa divulgação, utilizando com isso, estratégias publicitárias adotadas para o fomento da indústria cultural. Assim, eclodiu a popularização do Baião e, paulatinamente, sua massificação. Como observou Dominique Dreyfus: “Luiz Gonzaga, primeiro produto industrial da cultura nordestina, tinha se tornado um fenômeno de massa” (DREYFUS, 2012, p. 158).

Em meio a esse contexto de profundas e longevas mudanças estruturais, a vida política permanecia acesa. E o que estava acontecendo no mundo da política brasileira no ano de 1950? A campanha eleitoral, em nível estadual e federal. E Luiz Gonzaga participou (tocando) da campanha aqui na Paraíba (que será tratada posteriormente) e também na campanha presidencial de Getúlio Vargas. E com a posse de Vargas, a amplificação de ideais nacionalistas ganhou novo impulso estimulando a produção de músicas regionais, beneficiando a obra musical de Gonzaga que passou a ser um dos ícones da música brasileira.

Nesse contexto de valorização do nacionalismo e da já mencionada forte presença de trabalhadores imigrados do Nordeste nas principais cidades do Centro-Sul, a música de Gonzaga significava uma lembrança da identidade nordestina, na cidade estranha, longe de

sua gente. Como relata Vieira (2000, p. 48): “Referenciada, portanto, nessas ideias, concebo a música de Luiz Gonzaga como representativa de um vínculo entre o sertão e a cidade”.

Com isso, observo que a música de Luiz Gonzaga nas décadas de 1940 e 50 vai participar ativamente da construção da iconografia regional. Além de lembrar os “tempos áureos”, com temáticas rurais e saudosistas, lembrará ao sertanejo emigrado, a época em que morava na sua terra natal e na delícia daquele tempo, confortando sua saudade e contribuindo para o fortalecimento do regionalismo cultural do Nordeste, especificamente do sertão.

Para quem não conhecia a região afirmou-se a imagem de que o nordeste seria somente sertão, como se não houvesse outras divisões mesorregionais dentro dos estados e mesmo o semiárido fosse sinônimo de eterna seca. Na literatura, um fenômeno como o de “Vidas Secas”, sucesso do escritor alagoano Graciliano Ramos, lançado em 1938, além de toda uma “literatura da seca” reforçou ainda mais essa imagem de eterno desvalimento.

A construção do Nordeste como um imenso sertão, lugar rural imaginado, cantado na cidade a partir de fragmentos da memória e da saudade encontrou no rádio o espaço que possibilitava a dramatização desse cenário. Vieira (2000) argumenta que viver o sertão na cidade consistia na proposta da música de Luiz Gonzaga e seus parceiros.

Albuquerque Jr. (2001) aponta que nas músicas gonzagueanas o Nordeste aparece livre das dissonâncias do meio urbano. Essas músicas eram direcionadas, em princípio, aos migrantes nordestinos que fixaram domicílio nos centros urbanos do sudeste. O autor argumenta que no Brasil do início do século vinte, as regiões se limitavam a norte e sul. Essa oposição se populariza também em modernidade e tradição, mundo urbano e mundo rural, centro e periferia, assim as oposições são apontadas como fatores que constroem tanto o discurso de Nordeste, como o de identidade. E “se liga diretamente às relações de poder e sua espacialização; ela remete a uma visão estratégica do espaço, ao seu esquadrinhamento, ao seu recorte e à sua análise, que produz saber” (ALBUQUERQUE JR., 2001, p. 25).

Gonzaga aproveitou as oportunidades que surgiram e teve uma fina percepção do momento, do lugar e da situação que vivenciava e conseguiu traduzir isso na sua arte: primeiro herdou os espaços em que outros músicos já haviam produzido décadas antes; também vivenciou a ‘Era de Ouro do Rádio’ para disseminar sua canção; teve seu público predominante, os imigrantes nordestinos em constante fluxo para as grandes cidades do Centro-Sul nas décadas de 1940 e 1950, com imigração fomentada, inclusive, pelo Governo Federal. Esse mesmo Governo Federal, em sua política de Estado, convocou estudiosos para dividir o Brasil em regiões a partir do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tendo como critérios apontados clima, cultura, entre outros, muito embora tenhamos

problematizado a complexidade desse arranjo espacial. Esse conjunto de fatores se agregou nesse período e o baião e Luiz Gonzaga acabaram emergindo como símbolos regionais, e por isso, quando o ritmo saiu de maior ênfase da grande mídia nacional, ao final da década de 1950, continuou a ser o representante cultural mais marcante de toda uma região.

A sede do baião mudou de estado na década de 1950, saiu do Rio de Janeiro e migrou para a capital paulista. O que provou essa mudança? Primeiro a gravadora RCA transferiu sua prensa para a maior cidade do país e o segundo motivo foram às diversas ondas migratórias partidas do nordeste para a terra da garoa, e essa população era o público alvo de Gonzaga, pois eles queriam ouvir as canções que lembravam seu lugar de origem.

E aproveitando a onda de sucesso do Baião, hierarquia musical brasileira, em 1952, Luiz Gonzaga recebeu em São Paulo, o título que o acompanharia por toda a vida, o de “Rei do Baião”, na mesma oportunidade Humberto Teixeira foi laureado com a alcunha de “Doutor do Baião” e a Carmélia Alves (1923-2012), seria aclamada a “Rainha do Baião”, Luiz Vieira (1928-2020) o “Príncipe do Baião” (título herdado por Dominginhos no final da década de 1970) e Claudete Soares (1937) era a “Princesinha do Baião” completando a corte musical e regional.

Nesse mesmo ano rompeu amigavelmente a parceria com Humberto Teixeira. O sucesso do baião era enorme e novos compositores emergiram, e por causa disso, passou a trabalhar com o médico pernambucano José de Sousa Dantas Filho, mais conhecido como Zé Dantas¹²⁷.

A diferença entre os dois compositores era: Humberto tinha deixado o nordeste há muito tempo, com isso não possuía uma iconografia atualizada do nordeste, quando ele migrou a região ainda era norte. Já Zé Dantas tinha migrado para o sudeste para estudar, tinha uma memória recente do sertão, cenário primordial para a produção do ritmo Gonzagueano.

E vai ser com Gonzaga que as composições do seu conterrâneo vão chegar às paradas de sucesso rapidamente. Pois suas canções retratavam com perfeição os hábitos, as tradições culturais e o cotidiano do povo nordestino. As principais composições de Gonzaga e Dantas foram reunidas em 1959 em um álbum.

¹²⁷ José de Souza Dantas Filho (Carnaíba de Flores – PE, 27/02/1921 - Rio de Janeiro, 11/03/1962). Foi médico, compositor, poeta e folclorista.

Figura 17 – Capa do LP ‘Luiz Gonzaga canta seus sucessos com Zé Dantas’



Fonte: <https://immub.org/album/luiz-gonzaga-canta-seus-sucessos-com-ze-dantas>. Acesso em: 02/09/2020.

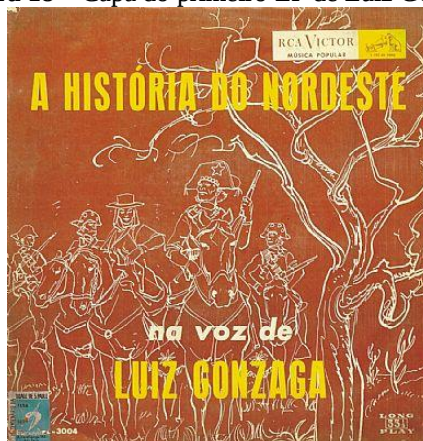
Com a fama gerada pelo baião, em 1954, Humberto Teixeira elegeu-se Deputado Federal pelo Estado do Ceará (com a ajuda de Gonzaga que tocava em seus comícios) pelo Partido Social Progressista (PSP) de Ademar de Barros. Seu empenho na Câmara Federal rendeu a aprovação da Lei Humberto Teixeira¹²⁸, que permitia a maior divulgação da música brasileira no exterior, através de caravanas musicais financiadas pelo Governo Federal. Observamos que no decorrer da carreira Gonzaga participou de muitas campanhas políticas, principalmente no momento em que ele saiu do centro da mídia no sudeste, passando a usar os palanques políticos como seu espaço para shows. Cabe salientar que era do interesse de Teixeira a aprovação da aludida lei, pois havia até então, o problema de arrecadação dos ganhos para os artistas, que vinham do início da indústria fonográfica e do rádio.

Assim, Gonzaga e o seu baião continuaram sendo sucesso na década de 1950, era rotina o lançamento de vários discos no formato de 78 rotações consecutivamente desde 1941. Entretanto, no ano de 1955, pela primeira vez as músicas do ‘Rei do Baião’ foram produzidas no formato de *Long Play*, o título do álbum era: ‘*A História do Nordeste Na Voz de Luiz Gonzaga*’.

Era uma região recém-criada pelo governo e que tinha um cantor para contar sua história, cultura, religião, entre outros temas a partir de suas interpretações. Fato interessante era que esse *aedo* regional não estava com sua imagem na capa, à gravadora escolheu a iconografia de um bando de cangaceiros em uma paisagem ressequida, muito assemelhado com uma xilogravura.

¹²⁸ Lei nº. 3.447, de 23/10/1958.

Figura 18 – Capa do primeiro LP de Luiz Gonzaga



Fonte: <https://immub.org/album/a-historia-do-nordeste-na-voz-de-luiz-gonzaga>. Acesso em: 02/09/2020.

A RCA Victor produziu esse disco com as principais canções de Humberto Teixeira e Zé Dantas que já eram sucesso com músicas como: “Paraíba”, “Respeita Januário”, “Saudades de Pernambuco”, “Xote das Meninas”, “ABC do Sertão” “Acauã”, “Algodão” e “Asa Branca”. Portanto, a gravadora estava transladando as composições que mais venderam em formato de 78 rotações.

O reinado do baião começava sua migração para as novas mídias como o cinema e a TV, essa última havia sido inaugurada recentemente, estava muito jovem na casa dos telespectadores, que passava a ver seus ídolos em movimento. Diferente do rádio, onde somente se imagina quem estava cantando e por meio dos jornais e revistas que tinham as imagens fixas dos cantores.

Isso simbolizou a iconografia de país moderno, simbolizado por uma população de maioria urbana e o baião de Gonzaga tinha como mote musical cantar o rural, imaginar suas origens e revivê-las no espaço da saudade, na esperança do retorno. E, no final da década de 50, o ritmo que representava uma região foi substituído por novas ondas musicais, que transformaram o baião em cinzas de uma fogueira musical do que já foi à canção popular do Brasil.

2 ‘Chega de Saudade’ do sertão: eu quero um novo baião

Quando o baiano João Gilberto lançou em 1959 o disco ‘*Chega de Saudade*’, trazendo a composição famosa de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, não imaginava que um novo país musical estava chegando de banquinho e violão, a sanfona foi paulatinamente suplantada por novas formas de tocar e cantar e surgiram instrumentos de cordas elétricas, levando toda uma geração de músicos da ‘Era de Ouro do Rádio’ a ser substituída por jovens de ternos e gravata (e depois com indumentárias cada vez mais consideradas extravagantes ousadas), cabelos longos cantando a urbanidade e a praia.

Era a chegada, em levadas distintas, da ‘Bossa Nova’, da ‘Jovem Guarda’ e da ‘Tropicália’ que aportavam no cenário musical bem mais urbano, transformando as paradas musicais numa geléia geral de ritmos e sons. Entre fins dos anos 50 e dos 60, uma verdadeira revolução musical varreu o país. Inclusive, a indústria fonográfica, de difusão sonora e visual desenvolveu novas tecnologias, que afetaram bastante a produção e circulação das obras musicais. O long-play, a TV, os festivais transmitidos para todo o país, trouxeram uma nova paisagem musical à tona. Poucos representantes das gerações dos anos 20 a 40 conseguiram se adaptar a essa nova situação. Muitos tiveram suas carreiras praticamente encerradas. Na música nordestina, aparecia outra geração, mais próxima de uma música politicamente engajada, como veremos adiante. Entre tantos relegados a um total ou parcial ostracismo estava o Rei do Baião.

Mas a pergunta a ser feita o que Luiz Gonzaga fez nesse período de relativo ostracismo midiático na carreira artística? Em resposta digo: fez de um tudo, comédia, propaganda, celebrações religiosas. Assim, passo a apresentar às adaptações da dita majestade do baião às novas gerações.

2.1 ‘É só isso o meu baião e não tem mais nada não’

Segundo Vianna (1998) em meados da década de 1950, quando já tinha alcançado a sua maior popularidade, a carreira de Luiz Gonzaga começou a atravessar um declínio a princípio lento e depois mais profundo, a ponto de poder se falar em certo ostracismo na grande mídia entre os anos de 1960 e boa parte dos 1970.

A emergência de novos ritmos, como a ‘Bossa Nova’ e posteriormente o Tropicalismo, a entrada do “Iê, Iê, Iê” (posteriormente conhecida como Jovem Guarda) e do rock no cenário cultural brasileiro trouxeram outros elementos ao cenário, deixando Gonzaga e muitos de sua geração num relativo ou total esquecimento ou retração a pequenos grupos de admiradores. O golpe de 1964 e a radicalização política subsequente só tornaram o cenário cultural ainda mais complicado para a geração de músicos egressa da ‘Era do Rádio’. No caso de Gonzaga, ainda, os filhos dos antigos imigrantes nordestinos adquiriram hábitos da nova região e deixaram paulatinamente de ouvir as músicas que haviam encantado os seus pais.

Gonzaga, então, se voltou para o sertão e interior do país em excursões patrocinadas por fabricantes e comerciantes interessados em divulgar seus produtos. Isso aconteceu a partir da eleição de Juscelino Kubitschek, em 1956, marcou uma configuração política e um debate sobre o ‘nacional’ bastante distintos dos moldes estabelecidos sob a influência de Vargas. Como já relatei, a carreira de Gonzaga estava muito atrelada ao rádio e na segunda metade da década de 1950, a TV se disseminou pelo sudeste, dando espaço para nossos ritmos musicais que se adaptaram ao novo meio de comunicação, primeiro veio a “Bossa Nova” a partir de 1958. Esse movimento da música popular brasileira lançado por João Gilberto, Tom Jobim, Vinícius de Moraes e jovens cantores e compositores de classe média da zona sul carioca (primeira sede da corte do baião), derivado do samba e com influência do jazz. As novas tecnologias de gravação, por exemplo, permitiam que cantores de voz mais intimista pudessem se expressar, dispensando a necessidade dos famosos “vozeirões” como o de Vicente Celestino, ou mesmo que o acompanhamento se desse com uma instrumentação de sonoridade menos vibrante.

Logo depois, numa outra direção, a da eletrificação dos instrumentos, no final dos anos 50 emergiu o “Iê, Iê, Iê”, com o estrondoso sucesso de Celly Campello¹²⁹ e seu “Estúpido Cupido” ou o “Banho de Lua”, com temas jovens e ligados a namoros, jovens com lambretas e jaquetas de couro e similares, do qual se desdobrou a popularíssima a “Jovem Guarda” em 1965. Esse novo outro movimento musical surgiu em São Paulo (segunda sede da corte do baião), em 1965, a partir de programa com o mesmo nome apresentado pelo cantor e compositor Roberto Carlos, em companhia do cantor e compositor Erasmo Carlos, da cantora Wanderléa, realizados na TV Record de São Paulo, por jovens cabeludos, de cintura de fina, calça justa, salto alto, fivelas destacadas, pulseiras e medalhões de ouro.

¹²⁹ Célia Campelo Gomes Chacon (Taubaté-SP, 18/06/1942 – Campinas-SP, 04/03/2003) foi uma pioneira da introdução do rock do Brasil, junto com seu irmão Tony Campello. Em 1959, sua música “Estúpido Cupido” disparou nas vendas execuções nas rádios, consolidando uma nova vertente musical no país. <http://dicionariompb.com.br/celly-campello/dados-artisticos> acesso em 05/10/2020.

Foi para essa turma que Gonzaga perdeu o estrelato, isso o deixou “amargurado com os jovens que tão duramente o tinham expulsado da cena musical, e cantou [...], sua revolta num xote, convenhamos, sarcástico e reacionário, que fizera com um novo parceiro encontrado no Crato dois anos antes, José Clementino” (DREYFUS, 2012, p. 239). A música a qual a biografia se refere era ‘*Xote dos Cabeludos*¹³⁰, lançada em 1967.

*Atenção senhores cabeludos
Aqui vai o desabafo de um quadradão*

*Cabra do cabelo grande
Cinturinha de pilão
Calça justa bem cintada
Costeleta bem fechada
Salto alto, fivelão*

*Cabra que usa pulseira
No pescoço medalhão
Cabra com esse jeitinho
No sertão de meu padrinho
Cabra assim não tem vez não
Não tem vez não
Não tem vez não*

*No sertão de cabra macho
Que brigou com Lampião
Brigou com Antônio Silvino
Que enfrenta um batalhão
Amansa burro brabo
Pega cobra com a mão
Trabalha sol a sol
De noite vai pro sermão
Rezar pra Padre Ciço
Falar com Frei Damião*

*No sertão de gente assim
No sertão de gente assim
Cabeludo tem vez não
Cabeludo tem vez não
Cabeludo tem vez não*

Para lutar contra os cabeludos, Gonzaga buscou as representações de bravura dos cangaceiros Lampião e Antonio Silvino, mais as insígnias do sagrado com *Padim Ciço* e Frei Damião, esse último conhecido por seus discursos reacionários atacando principalmente as

¹³⁰ Fonte: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/295405/>. Acesso em: 30/08/2020.

vestimentas e a vaidade como símbolos do pecado. Essa não foi à única música que Gonzaga cantou demonstrando sua mágoa contra os cabeludos, posso citar a composição de Nelson Valença ‘*Coronel Pedro do Norte*’ de 1971. Já as temáticas nordestinas e sertanejas foram enquadradas em novas configurações, muito afinadas com uma música de denúncia social e engajamento político, influenciada pelo Cinema Novo, pelo CPC da UNE e por compositores como Geraldo Vandré¹³¹, que trazia uma abordagem politicamente muito mais radical que a de Luiz Gonzaga. O Nordeste de Vandré estava muito mais ligado à denúncia do latifúndio, à defesa da reforma agrária e outros temas ou abordagens que iam bem mais longe que as denúncias sociais gonzagueanas do período anterior.

Fato interessante é que mesmo com essas “novas ondas musicais” do início da carreira até o ano da morte de Gonzaga, em 1989, o único ano em que ele não lançou um disco foi 1969. Outra curiosidade era que no LP que ficou marcado como sendo o lançamento da Bossa Nova tinha um baião “minimalista” era a música ‘*Bim Bom*’, composição de João Gilberto.

Essas mudanças no cenário musical foram tão visíveis que Juscelino Kubitschek recebeu do humorista Juca Chaves¹³², o nome de presidente “Bossa Nova”, e a gestão de Juscelino pretendia representar no seu cerne o início de uma “Nova Época” para um Brasil que deveria se urbanizar, se industrializar, se internacionalizar, crescer cinquenta anos em cinco. Uma nova capital fora construída e com isso uma nova onda migratória nordestina (público alvo de Gonzaga) deixou de ir preferencialmente para São Paulo e Rio de Janeiro e voltou-se para Brasília e o Centro-Oeste.

No Brasil de JK havia pouco espaço para o folclore e as culturas regionais na cultura de massa, pois contrastavam com as ideias de progresso nacional sob os moldes de uma busca de internacionalização, que promoveu a produção e importações de novidades como a televisão e os automóveis. “Nesse momento Luiz Gonzaga passou a gravar pouco; o baião, cuja cultura transcendia classes, ficou marginalizado e restrito a poucos programas de rádio, pois virou signo de um país rural que precisava se modernizar” (VIANNA, 1998, p. 60 - 61). Gonzaga paulatinamente foi perdendo espaço na mídia e casas de espetáculos do sudeste, até só ter o nordeste como palco para seus shows.

¹³¹ Geraldo Pedrosa de Araújo Dias, artisticamente Geraldo Vandré (João Pessoa, 12/09/1935), é um importante cantor e compositor nordestino, que desenvolveu obra musical muito marcada pela denúncia das mazelas sociais do latifúndio e engajamento político. Foi um dos mais destacados ganhadores dos Festivais de Música que sacudiram o Brasil a partir de meados dos anos 60. <http://dicionariompb.com.br/geraldo-vandre>. Acesso em 06/10/2020.

¹³² Jurandyr Czaczkes Chaves (Rio de Janeiro, 22/10/1938). É um compositor, músico e humorista.

Em alguns momentos era lembrado, como se deu no caso do apresentador de TV Carlos Imperial¹³³ numa de suas sacadas de *marketing*, percebendo que Gonzaga estava fora da mídia por causa dos novos gêneros musicais, declarou em 1968, em seu programa *Os Brotos Comandam*, da TV Continental¹³⁴ “que a *pop-music* dos Beatles tinha suas raízes no baião, e propagou o delicioso boato de que os quatro ingleses acabavam de gravar ‘Asa Branca’ no novo disco, o duplo *White Álbum* (disco branco)” (DREYFUS, 2012, p. 245).

Isso rendeu ao “Rei do Baião”, uma volta repentina aos meios de imprensa no sudeste, por meio de entrevistas para comentar o assunto. Essa tentativa de retorno, não era do mesmo jeito do período que o Baião era o ritmo do Brasil nos anos de 1940 a 1950. Analisando a pesquisa de Sulamita Vieira (2000, p. 60), sobre o tempo que o baião estava no auge, observa-se que o samba continuava como o ritmo mais gravado e as canções produzidas por Luiz Gonzaga ficavam em segundo lugar.

Já no ambiente político e cultural dos anos 1960, com a intensa polarização política que atingiu toda a sociedade e a música brasileira, o já citado Geraldo Vandré, então com grande popularidade, foi o primeiro a gravar a música “*Asa Branca*” como uma canção de protesto e contestação. A própria estética gonzagueana começava a ser apropriada de uma maneira que fugia ou radicalizava sua conotação social e política.

E em meio a tudo isso eclode outro movimento musical era a “Tropicália”. Que pedia a ruptura cultural na música, e que tem como marco o lançamento, em 1968, do disco *Tropicália* ou *Panis et Circencis*. Seus participantes foram os cantores e compositores Caetano Veloso, Gilberto Gil e Tom Zé, a cantora Gal Costa, a banda Os Mutantes e o maestro Rogério Duprat.

Houve também as contribuições da cantora Nara Leão (musa da Bossa Nova) e os letristas José Carlos Capinam, Torquato Neto, do maestro Júlio Medaglia, e não posso esquecer-me de citar o mentor do movimento o artista gráfico, compositor e poeta Rogério Duarte. O nome ‘Tropicália’ surgiu a partir de uma obra do artista Hélio Oiticica, que propunha uma experiência sensorial a partir de elementos que eram considerados característicos do Brasil.

¹³³ Carlos Eduardo da Corte Imperial (Cachoeiro de Itapemirim - ES, 24/11/1935 - Rio de Janeiro, 04/11/1992). Foi político, produtor musical, apresentador de TV. Ver: MONTEIRO, 2008.

¹³⁴ Foi uma emissora de televisão sediada no Rio de Janeiro, operava no canal 9 VHF. Pertencia às organizações Rubens Berardo. Foi à terceira emissora do país. Funcionou entre os anos de 1959 a 1970.

Esse novo movimento artístico foi organizado principalmente pelos baianos Caetano Veloso¹³⁵ e Gilberto Gil¹³⁶, que ratificaram que a estética do movimento tinha a iconografia baseada pelo “Rei do Baião”, Carmen Miranda, Vicente Celestino, Braguinha entre outros músicos, também apropriados de uma forma muito singular em relação aos seus contextos originais. Sobre mistura de baião com os novos ritmos, Marilena Chauí analisou dizendo que era “a mescla de mitos agrários e modernizantes levou o Tropicalismo à criação de uma música que, em sua própria estrutura, pudesse revelar essa mistura entre o arcaico e o moderno, as contradições do país” (CHAUÍ, 1989, p. 98).

Gonzaga representava esse mito rural a partir de suas canções sertanejas e, Caetano e Gil, dois nordestinos, eram a imagem dessa nova música, que não era somente regional e sim nacional. Seja pela vertente de contestação política mais direta ou pela vertente tropicalista, Gonzaga era objeto de atenção da nova geração, mas havia perdido o protagonismo que tivera em épocas passadas.

Assim, Caetano e Gil passaram a dizer que Luiz Gonzaga tinha sido o primeiro referencial musical de ambos. Isso de início provocou a redenção dos cabeludos para o ‘Rei do Baião’, desenvolvendo uma aproximação com os cantores baianos, e paulatinamente com uma geração de jovens que gostavam da guitarra elétrica e das reportagens contestadoras d’*O Pasquim*, que o convidou junto com seu filho para uma entrevista.

Figura 19 – Luiz Gonzaga destaque no ‘Pasquim’



Fonte: Jornal ‘O Pasquim’ 23/08/1971

¹³⁵ Caetano Emanuel Viana Teles Veloso (Santo Amaro - BA, 07/08/1942). É um músico, produtor, arranjador e escritor.

¹³⁶ Gilberto Passos Gil Moreira (Salvador, 26/06/1942). É um cantor, compositor, instrumentista, produtor musical e político.

Entre as questões da entrevista Ziraldo perguntou onde o sanfoneiro de Exu “continuava enchendo praça, auditórios, circo, teatro no interior do Brasil, não é? Ou você estava parado?”. Gonzaga começou a responder dizendo que a principal fonte de renda dele vinha dos patrocinadores:

Eu pegava os patrocinadores, botávamos nas costas e ia cantar pro povo nas festas. Eu, dificilmente, dava espetáculo no cinema, no teatro, pra cobrar pro povo me ver cantar. Eu cantava de graça na praça para o povo. Então, eu consegui reunir as maiores platéias. Daí os meninos iam me assistir, os futuros gênios, como Gil, Caetano e outros e daí saiam querendo tocar sanfona (*‘O Pasquim’*, 1971, p. 5).

A entrevista serviu para Gonzaga se aproximar definitivamente dos cabeludos – pelo menos os tropicalistas - e para pedir indiretamente desculpas por seu preconceito, além de ser conhecido por uma geração que não sabia quem era o ‘Rei do Baião’.

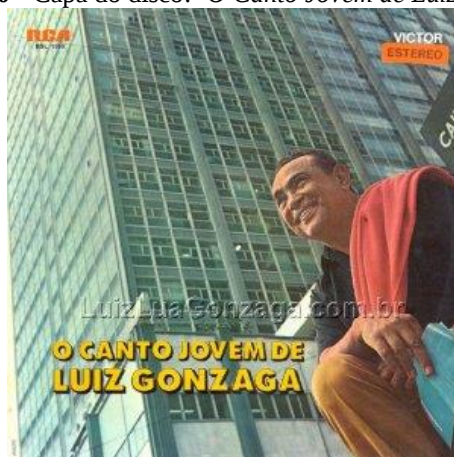
Com isso o Luiz Gonzaga voltou a ser novamente escutado, embora de maneira passageira, pelos setores urbanos brasileiro, isso por intermédio dos artistas que estavam fazendo a chamada “Música de Protesto” em contestação à Ditadura Militar. Gonzaga nunca se posicionou contra os presidentes militares pois, como vimos, ele também foi militar e tinha certa percepção da política muito peculiar, apesar de sua grande sensibilidade social. Quem era contrário ao regime, era seu filho Gonzaguinha que e por causa disso e dos ressentimentos acumulados pelas suas relações pessoais anteriores, tinham brigas frequentes. Gonzaga Júnior era universitário, e ideologicamente ligado aos grupos de esquerda, produzindo músicas com forte teor de contestação política e denúncia das mazelas sociais, sendo uma das vozes mais expressivas à época e podendo ser considerado como “subversivo”, no linguajar das autoridades de plantão.

Seja como for, Gonzaga ficou emocionado com a gravação de “*Asa Branca*” primeiro por Vandré e em seguida por Caetano Veloso em pleno exílio em Londres. Em forma de agradecimento tempos depois, e buscando retornar à mídia de modo nacional o ‘Rei do Baião’ na década de 1970, gravou o disco: *O Canto Jovem de Luiz Gonzaga*. Contendo canções dos mais influentes cantores e compositores do período. As músicas cantadas são de Antônio Carlos e Jofafi, Gilberto Gil¹³⁷, Caetano Veloso, Gonzaguinha, Edu Lobo, Capinam, Tom

¹³⁷ Para aprofundar as relações artísticas entre Gilberto Gil e Luiz Gonzaga. Ver: MORAES, (2014).

Jobim e Vinicius de Moraes, Catulo de Paula¹³⁸, Nonato Buzar¹³⁹, Geraldo Vandré, Dori Caymmi e Nelson Mota, e encerra com uma composição de Humberto Teixeira, dizendo: “*Bicho, Eu Vou Voltar*”, anunciando o retorno da corte do baião.

Figura 20 - Capa do disco: ‘*O Canto Jovem de Luiz Gonzaga*’



Fonte: <https://www.nativaperiodico.wordpress.com/2012/06/26/meu-walkman-45/>. Acesso em 30/07/2019.

Observa-se na capa do LP que o “Rei do Baião” não estava trajado com a indumentária que lhe havia dado uma marca distintiva (chapéu de cangaceiro e gibão de vaqueiro), que ele havia criado como símbolo do nordeste. Tendo como plano de fundo um arranha-céu, representando a modernidade de suas músicas.

Gonzaga tateou nesse terreno com passos de certa ambiguidade, pois tentava se aproximar dos cantores jovens (alguns dos quais acusados de subversivos e portadores de uma estética e comportamentos muitos distintos dos seus), e ao mesmo tempo fazia campanhas políticas ou de propagandas para os governos militares, isso “por não entender bem de ideologias políticas”, segundo sua principal biógrafa a pesquisadora Dominique Dreyfus (2012). Faria reparos a essa formulação, uma vez que Luiz Gonzaga buscava estabelecer um equilíbrio entre sua carreira e visão de mundo e as novas gerações, uma vez que o “Rei do Baião” queria retornar ao sucesso e qualquer oportunidade poderia ser válida a depender das linhas de tensão que conseguisse estabelecer. Tanto que em 1971, em pleno “Anos de Chumbo”, recebeu o título de Imortal da Música Brasileira na TV Tupi.

¹³⁸ Ermenegildo Evangelista de Souza (São Benedito – CE, 13/08/1923 - Fortaleza, 10/12/1984). Foi um cantor e compositor.

¹³⁹ Raimundo Nonato Buzar (Itapecuru-Mirim - MA, 26/08/1932 - Rio de Janeiro, 02/02/2014). Foi um cantor, compositor e produtor musical.

A postura política de Luiz Gonzaga ao longo de sua trajetória foi um tanto contraditória. Por um lado, afeito à disciplina e respeitador incondicional da hierarquia, fez campanhas eleitorais movido por simpatia e confiança, alheio à ideologia, para Getúlio Vargas, Eurico Gaspar Dutra, Carlos Lacerda e outros políticos de oposição como o PTB, PSD, UDN. Foi simpático ao golpe militar de 1964 e algumas de suas músicas foram utilizadas em propagandas referentes ao Nordeste de governos da ditadura (Médici, Geisel e Figueiredo). Por outro lado, em 1971, no decorrer da ditadura, tentou em vão se candidatar à Câmara Federal por Pernambuco pelo MDB, partido de oposição. Além disso, musicalmente se aproximou de jovens que faziam música politicamente engajada contra a ditadura, como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Geraldo Vandré e seu filho Luiz Gonzaga Júnior, com quem várias vezes se indispôs publicamente por causa de política. Ao lado do padre João Cântio, ligado à Igreja Progressista (movimento Católico de Esquerda), chegou a celebrar algumas Missas do Vaqueiro no sertão nordestino (VIANNA, 1998, p. 63).

Essa celebração surgiu por causa do vaqueiro Raimundo Jacó, que era um afamado boiadeiro do interior pernambucano, primo de Gonzaga, inclusive nasceu no mesmo ano que o “Rei do Baião”. Raimundo foi assassinado em circunstâncias que nunca foram explicadas. E seu Luiz na entrevista que concedeu ao ‘*Pasquim*’ lembrou o fato:

Em 1954, morreu misteriosamente um vaqueiro chamado Raimundo Jacó. Primo meu. Eu fiz uma canção com o Nelson Barbalho, aquele jornalista do Recife, em homenagem a Raimundo. A canção veio por aí a fora, e no ano passado, eu cantando essa canção *prum* padre chamado Padre João Cântio, que é padre e vaqueiro, ele resolveu rezar uma missa no local onde Raimundo morreu. E foi um sucesso. Ele celebrou vestido de couro, vestido de vaqueiro. O altar foi todo de couro (‘*O Pasquim*’, 23/08/1971).

Essas palavras do sanfoneiro de Exu foram proferidas após a primeira edição da missa que ocorreu em 1970, 16 anos depois do crime e sete anos após o lançamento da composição em homenagem ao vaqueiro cantador, ficando definido como dia da celebração o terceiro domingo de julho. “A ideia de criar a Missa do Vaqueiro surgiu em 1969, a partir do padre João Cântio. Inspirado pela canção ‘*A Morte do Vaqueiro*’, convidou o ‘velho Lua’ para criar o evento. A primeira edição aconteceu no dia 18 de julho de 1970 (‘*Diário de Pernambuco*’, 27/07/2020)”.

Figura 21 – Padre João Cândia e Luiz Gonzaga na primeira ‘Missa do Vaqueiro’



Fonte: <http://www.alvinhopatriota.com.br/gonzagao-e-joao-cancio-criaram-missa-para-homenagear-o-vaqueiro/>. Acesso em: 12/08/2020.

O padre João Cândia do município de Serrita, interior do Pernambuco soube da história, viu o cruzeiro em lembrança do boiadeiro brutalmente morto e teve a ideia de fazer uma celebração em homenagem aos trabalhadores símbolo do sertão da “civilização do couro”. A canção que foi citada por Gonzaga era ‘A Morte do Vaqueiro’¹⁴⁰:

*Numa tarde bem tristonha
Gado muge sem parar
Lamentando seu vaqueiro
Que não vem mais aboiar
Não vem mais aboiar*

*Tão dolente a cantar
Tengo, lengo, tengo, lengo
Tengo, lengo, tengo*

*Ei, gado, oi
Bom vaqueiro nordestino
Morre sem deixar tostão
O seu nome é esquecido
Nas quebradas do sertão*

*Nunca mais ouvirão
Seu cantar, meu irmão
Tengo, lengo, tengo, lengo
Tengo, lengo, tengo*

*Ei, gado, oi
Sacudido numa cova
Desprezado do Senhor
Só lembrado do cachorro*

¹⁴⁰ <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/204734/>. Acesso em: 12/08/2020.

*Que inda chora
Sua dor
É demais tanta dor
A chorar com amor*

*Tengo, lengo, tengo, lengo
Tengo, lengo, tengo
Tengo, lengo, tengo, lengo
Tengo, lengo, tengo
Ei, gado, oi
E, ei*

A composição de Nelson Barbalho e Luiz Gonzaga homenageando narra a vida e a morte do vaqueiro nordestino, que só tem serventia para seu patrão quando está na ativa, como descreve Carlos Alberto Dória no livro: *‘Ensaaios Enveredados’* (1991). A música foi lançada em 1963 no LP *‘Pisa no Pilão’* ou como ficou conhecido também *‘Festa do Milho’*.

Figura 22 – Capa do disco *‘Pisa no Pilão’*



Fonte: <http://www.forroemvinil.com/lps/luiz-gonzaga-pisa-no-pilao/>. Acesso em: 12/08/2020.

Foram vaqueiros iguais a Raimundo Jacó que serviram de inspiração ao sanfoneiro famoso e primo da vítima em questão, para os aboios nas canções e que desde 1950 haviam sido homenageados na canção que abria os shows de Gonzaga com a música fazendo referência ao *‘Boiadeiro’*.¹⁴¹

*Vai boiadeiro que a noite já vem
Guarda o teu gado e vai pra junto do teu bem
De manhazinha quando eu sigo pela estrada
Minha boiada pra internada eu vou levar*

¹⁴¹ <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/204734/>. Acesso em: 12/08/2020.

*São dez cabeça é muito pouco é quase nada
Mas não tem outras mais bonitas no lugar*

*Vai boiadeiro que o dia já vem
Levo o teu gado e vai pensando no teu bem
De tardezinha quando eu venho pela estrada
A fiarada ta todinha a me esperar
São dez fiinho é muito pouco é quase nada
Mas não tem outros mais bonitos no lugar*

*Vai boiadeiro que a tarde já vem
Leva o teu gado e vai pensando no teu bem
E quando eu chego na cancela da morada
Minha Rosinha vem correndo me abraçar
É pequenina é miudinha é quase nada*

*Mas não tem outra mais bonita no lugar
Vai boiadeiro que a noite já vem
Guarda o teu gado e vai pra junto do teu bem.*

A letra dos compositores Klécio Caldas e Armando Cavalcanti mostrava uma vida idílica de quem trabalhava na lida com o gado e torna-se oposta aos versos tristes de Nelson Barbalho. Mas ambas ratificam a importância do vaqueiro e do couro retirado das reses, inclusive o couro era o ornamento principal da ‘Missa do Vaqueiro’.

Ele fez o cruzeiro e botou um chapéu de couro lá em cima, na cabeça da cruz. O altar todo com motivos sertanejos. E eu fui quem fiz o sermão. Então vou cantar pra vocês essa canção e vocês vão ver que coisa maravilhosa. Na hora em que ele ofereceu a comunhão, mandou os vaqueiros se apearem dos cavalos, os vaqueiros, todos vestidos de couro, tiraram os alforjes e ali mesmo comeram rapadura com farinha e queijo e ele benzeu a comida deles. A comunhão foi essa. Um ato inédito no Brasil (‘O Pasquim’, 23/08/1971).

No lugar próximo onde simbolicamente fica a coroa de espinho do Cristo, foi colocado o chapéu que protege do sol escaldante do sertão, mas que também protege dos espinhos da caatinga. Os vaqueiros que vão assistir à missa usam ‘traje a rigor’, chapéu e gibão de couro todos ornados, os quais serviram de inspiração para a criação da indumentária do ‘Rei do Baião’ e que se transformou na vestimenta representativa de uma região conforme sugerida por Capistrano de Abreu. A inovação da celebração era e ainda é a comunhão, sai o cálice e o pão do rito sagrado religioso e dá espaço aos alimentos cotidianos dos boiadeiros na lida diária.

Raimundo Jacó interpretava um personagem secular do nordeste descrito pelo potiguar Câmara Cascudo era “o vaqueiro aboiando, como há séculos, para humanizar o gado bravo, era um protesto, um documento vivo da continuidade do espírito, a perpetuidade do hábito, a obstinação da herança tradicional (CASCUDO, 2005, p. 111)”. Os aboios de Raimundo faziam parte da memória de infância de Luiz Gonzaga descreve ao ‘*Pasquim*’ sua versão do acontecido com o familiar:

Raimundo vaqueiro, Raimundo Jacó, Raimundo doido, Raimundo meu primo. Foi o maior vaqueiro eu conheci naqueles pés de serra. Tinha um aboiado bonito, eu dizia pra mãe: oi mãe, é Raimundo. E era ele mesmo. Chamava Raimundo doido porque montava em qualquer bicho. Não respeitava parada. Ah, Raimundo morreu na madeira, morreu na lenha. Encontraram Raimundo morto. Ninguém sabe se foi assassinado ou do que foi que ele morreu. Só sei dizer que encontraram Raimundo naquela situação, com a vaca amarrada, o cavalo amarrado e ele escorado num tronco *de murana* [sic] ali, morto. Já fazia mais de um dia, mas urubu não teve audácia de botar o bico nele porque o cachorro não deixou. O maior amigo do homem é o cachorro. Se urubu chegava perto o cachorro... Fome, sede, se acabando, mas... O povo chegou, pegou Raimundo, levaram Raimundo pro cemitério do sítio do Moreira, e o cachorro acompanhou o enterro. Enterraram Raimundo numa rede. O povo voltou pra casa e o cachorro não voltou. Ficou ali. Ainda com aquela impressão dos urubus. Se passava urubu mesmo de longe... Ele já não podia mais latir, coitado. Morreu ali mesmo. O cachorro em cima da cova de Raimundo. Raimundo morreu. Raimundo Vaqueiro, Raimundo doido, Raimundo meu primo. Mas estou aqui Raimundo, pra contar a história da tua vida. Foste um herói, desconhecido, nunca fizeste mal a ninguém, morreste abandonado, abandonado pelos patrões, ruins, que não dão nada aos vaqueiros... Trabalham até morrer, no abandono. Mas eu to aqui Raimundo pra contar a história de tua vida. (‘*O Pasquim*’, 23/08/1971).

Além da história do vaqueiro Raimundo Jacó, emerge o místico relato do cachorro como o melhor amigo do ser humano, que protege e/ou defende seu dono mesmo depois de morto e como auge morre em cima do túmulo do seu criador. O cão serve de companhia para o boiadeiro e ajuda na pega do gado e por isso merece também a homenagem do “Rei do Baião”. Raimundo Jacó provavelmente foi assassinado por causa dos conflitos entre a família Alencar e Sampaio que durou muito tempo e posteriormente será discutido.

Na década de 1970 a ‘Missa do Vaqueiro’ só crescia no calendário turístico e religioso do interior do nordeste, e passou a contar com a participação de outros integrantes que

contribuíram para sua realização, como, por exemplo, o príncipe dos poetas Pedro Bandeira¹⁴² e o compositor Jandúhy Finizola que produziu a trilha sonora da cerimônia, que o grupo musical Quinteto Violado lançou em LP no ano de 1976.

O Quinteto Violado é um conjunto instrumental e vocal formado no ano de 1970, no Recife, e que tem por característica a interpretação ou a regravação de temas nordestinos provindos do folclore ou da música regional. A maioria dos componentes é de Pernambuco e tiveram como padrinhos musicais Gilberto Gil e Caetano Veloso, além de ser responsável pelo incentivo a carreira de Elba Ramalho. Já participaram de festivais de música na Europa e receberam prêmios como o Sharp e o Shell de melhor grupo instrumental. Durante a carreira fizeram várias releituras da produção de musical de cantores como Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro entre outros.

Figura 23 – Capa e contracapa do LP ‘Missa do Vaqueiro’



Fonte: <https://immub.org/album/missa-do-vaqueiro-1>. Acesso em 15/08/2020. Acesso em 08/08/2020.

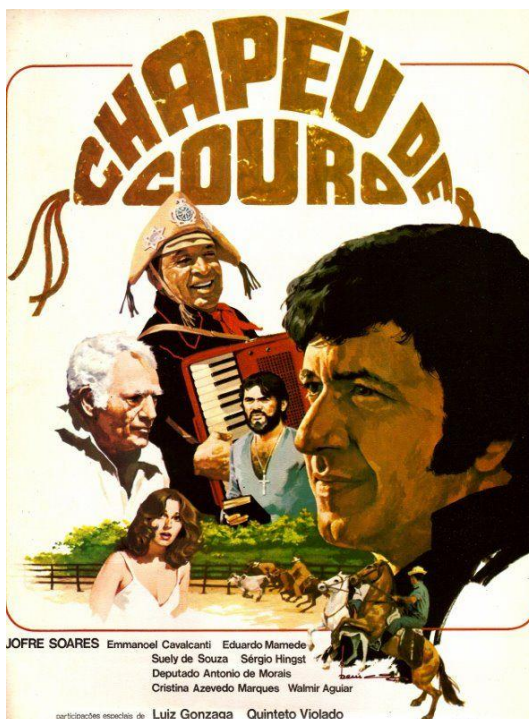
Outra pessoa que agregou sua imagem à cerimônia realizada em homenagem aos vaqueiros foi o comunicador e político paulista Jorge Paulo¹⁴³. Isso ocorreu nas gravações do filme “*Chapéu de Couro*” em que “o radialista e cantor viajava por cidades [do nordeste e sudeste] famosas por seus espetáculos folclóricos e sua música sertaneja. Nelas encontrava outros cantores, célebres repentistas e boiadeiros campeões¹⁴⁴”.

¹⁴² Pedro Bandeira (São José de Piranhas, 01/05/1938 – Juazeiro do Norte, 24/07/2020). Poeta, compositor, repentista, cantador, escritor, radialista e apresentador de TV. Formado em letras, teologia e direito.

¹⁴³ Jorge Paulo Nogueira (São Paulo, 23/04/1938 – São Paulo, 30/04/2015). Contador, político, apresentador de rádio e televisão seus programas radiofônicos e televisivos eram dedicados à música nordestina.

¹⁴⁴ <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=ID=024631&format=detailed.pft>. Acesso em: 30/09/2020.

Figura 24 – Cartaz de lançamento do filme ‘Chapéu de Couro’



Fonte: <https://cineplayers.com/filmes/chapeu-de-couro>. Acesso em: 30/08/2020.

A película contava com a participação de Luiz Gonzaga, Quinteto Violado, Anastácia, Zenilton¹⁴⁵, Eli Correa¹⁴⁶ entre outros. As cenas com o “Rei do Baião” foram gravadas durante a ‘Missa do Vaqueiro’ de 1978. Jorge Paulo e Gonzaga dividiram o altar a céu aberto e primeiro cantaram ao lado do compositor Janduhy Finizola, a música ‘*Cavalo Crioulo*’ e depois interpretam ‘*Asa Branca*’.

A relação de Jorge Paulo com seu Luiz sempre foi de proximidade. Primeiro enquanto vereador na cidade de São Paulo, o comunicador organizou o projeto que concedeu o título de cidadania paulistana ao “Rei do Baião” em 1973.

E Gonzaga participava das campanhas políticas do ‘Chapéu de Couro’ [apelido como Jorge Paulo era conhecido no meio artístico] fazendo os comícios do candidato a deputado federal, mesmo considerando as mudanças partidárias, uma vez que o político deixou o MDB, onde militou na oposição consentida à ditadura até 1979, pelo PDS, atraído pelo então Governador paulista e presidenciável Paulo Salim Maluf¹⁴⁷. Como se vê, as relações pessoais estavam além dos vínculos partidários. E o sanfoneiro de Exu era o convidado principal nos

¹⁴⁵ José Nilton Veras (Salgueiro – PE, 14/02/1939) É um cantor e sanfoneiro especialista em música nordestina.

¹⁴⁶ Antônio Eli Corrêa (Sertaneja - PR, 09/04/1952). É um radialista e empresário.

¹⁴⁷ <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/nogueira-jorge-paulo>. Acesso em 07/10/2020.

programas de rádio e televisão que ‘Chapéu de Couro’ apresentava nas décadas de 1970 e 1980.

Figura 25 – Jorge Paulo e Luiz Gonzaga



Fonte: <http://www.forroemvinil.com/tag/jorge-paulo/page/2/>. Acesso em: 30/08/2020.

A imprensa paraibana dava atenção à celebração religiosa do interior do estado vizinho e observava que com os passar dos anos a missa ficava maior e mais representativa, principalmente no setor do turismo, analisemos a reportagem: “Missa do Vaqueiro” vai ser oficiada no próximo domingo.

A “Missa do Vaqueiro” principal evento turístico do interior pernambucano será oficiada no próximo domingo, dia 20, mas os festejos, que constam de vaquejada, apresentações folclóricas, comemorações, encontros musicais e afetivos começam na sexta – feira. O palco desse importante acontecimento, que já ultrapassou os 10 anos de existência, é a imensidão do espaço sertanejo e discorre sobre as passagens bíblicas, numa linguagem bela e de fácil assimilação. Espera-se que este ano a cidade de Serrita, que fica distante 534 quilômetros do Recife, receba, além de vaqueiros de todos os Estados nordestinos, incalculável multidão ansiosa de ver de perto a ‘Missa do Vaqueiro’, que revive o evangelho recitado e exercido à maneira cristã – católica do lidador de gado, com um brilho especial, um retrato luminoso de uma cultura, uma região e um povo (Cecílio Batista, ‘O Norte’, 13/06/86).

Com isso, vemos que 16 anos depois da criação a celebração de início muito pequena para homenagear um vaqueiro assassinado misteriosamente, tinha se transformado num evento grandioso e que passou há durar três dias e havia emergido atrações ligadas à cultura local como as vaquejadas, os violeiros e os shows com músicos famosos. Eclodiu a partir daí

a profissionalização dos ritos da cerimônia católica no município de Serrita, sendo a maior festa religiosa da microrregião.

O ritmo do evento era “o baião, o repique das violas e os ritmos regionais ainda não comercializados, servem de roteiro para as partes da missa. O final, uma verdadeira apoteose, conta sempre com a participação de Luiz Gonzaga, sanfoneiros e aboiadores (*‘O Norte’*, 13/06/86)”. O “Rei do Baião” era o personagem principal do evento, todos esperavam sua participação tocando durante a missa e muitas vezes fazendo a homilia ao lado do padre Câncio.

Assim, a ‘Missa do Vaqueiro’, tornou-se a partir da década de 1980, uma das manifestações da cultura nordestina, na qual se misturam ritualisticamente festa popular e celebração religiosa pautada na simplicidade da Igreja Progressista. “A cerimônia é ao ar livre, num altar de pedra em forma de ferradura, utilizando-se o linguajar sertanejo em todas as orações. [...]. Um forró anima os participantes e não faltam as comidas típicas de milho, a rapadura, o queijo de leite de cabra, e a venda de objetos artesanais da região” (*‘A União’*, 18/07/1987).

Os participantes do evento são os vaqueiros, aboiadores, repentistas, agricultores e turistas dos diversos estados vizinhos de Pernambuco, em alguns casos os devotos partem em comitivas de equinos ou muares, com suas roupas características e seus utensílios de labuta. Eles vão em busca da Meca dos boiadeiros, a cidade de Serrita, que recebia levas e levas de participantes da cerimônia, avivando a fé popular e incrementando os negócios no lugar.

E “o ritual da cerimônia foi adaptado para a realidade sertaneja, como no ofertório, quando os participantes, montados em seus cavalos, vão até o altar, depositando peças de suas indumentárias e instrumentos de trabalho” (*‘A União’*, 18/07/1987). No final da década de 1980 a cerimônia começou a despertar o interesse da mídia que passou a transmitir as formas originais do ritual e a importância do acontecimento no sertão.

Isso movimentou o poder público e privado que passaram a organizar e patrocinar a missa, ao exemplo, da Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes do Estado, Associação dos Vaqueiros do Alto Sertão de Pernambuco, e de órgãos governamentais como a Empresa de Turismo de Pernambuco (Empetur), Fundação de Desenvolvimento do Estado de Pernambuco (Fundespe), Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe) entre outras.

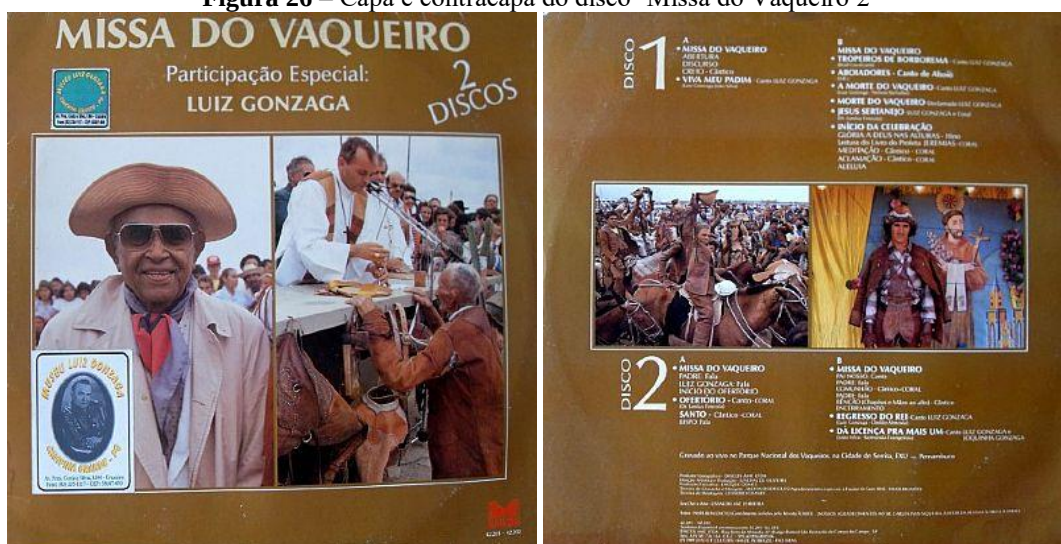
Devido à grande aglomeração de público e aos riscos que tais concentrações de pessoas implicam, também noticiava o jornal que um “serviço médico de urgência funciona no local, que dispõe também de serviço de comunicação, postos de informações turísticas,

área de acompanhamento e banheiros públicos. Um campo de pouso foi construído perto do local da festa, onde uma área ficou destinada ao comércio de restaurantes típicos” (*A União*, 18/07/1987).

O ano de 1988 foi o último que o Gonzagão, já com idade avançada e saúde comalida, participou da cerimônia religiosa dos vaqueiros que havia ajudado a criar junto com o ex-padre João Cância e o poeta popular Pedro Bandeiro. Nessa oportunidade foi gravado o exemplar número dois do LP ‘Missa do Vaqueiro’.

Tratava-se de um LP duplo contendo a ritualística da missa, cânticos popular, aboios, banda de pífanos e algumas músicas de Luiz Gonzaga na temática religiosa e de compositores como João Silva, Rosil Cavalcanti, Nelson Barbalho, Janduhy Finizola, Onildo Almeida e João Evangelista. Na foto da capa já se nota um Gonzaga ancião, após uma década em que tinha saído de um relativo ostracismo em relação à grande mídia e voltara a ter uma grande amplitude de audiência em todo o território nacional.

Figura 26 – Capa e contracapa do disco ‘Missa do Vaqueiro 2’



Fonte: <https://immub.org/album/missa-do-vaqueiro>. Acesso em: 13/08/2020.

Fato a ser destacado é que anos depois da criação da ‘Missa do Vaqueiro’ o padre Cância decidiu deixar a batina, casou com Helena Cância. Que hoje é a presidente da Fundação João Cância que organiza toda a festividade que conta com cerca de 70 mil participantes no final de semana do evento. Depois de 50 anos da celebração, 2020 foi o primeiro ano que não houve a missa por motivo da pandemia.

Depois dessa incursão sobre a criação e o envolvimento de Luiz Gonzaga com uma celebração religiosa de cunho popular em sua região, volto a discutir sua carreira no decorrer da década de 1970.

2. 2 Luiz Gonzaga Voltar pra Curtir

Observo que na década em questão o sanfoneiro de Exu queria era divulgar suas canções, e com isso, buscava os diferentes meios para fazer. Todavia, Gonzaga tinha uma certa ligação com os governos militares que passou em várias oportunidades a citar órgãos governamentais, por exemplo, na música “*Nordeste Pra Frente*”, composição de Luiz Gonzaga e Luiz Queiroga¹⁴⁸, lançada em 1968, no final ele diz: “E ainda diziam que o meu nordeste não ia pra frente, falavam até que a Sudene não funcionava, mas Dr. João¹⁴⁹ chegou lá, com fé em Deus e meu *Padim Ciço*. E todo mundo passou a acreditar no serviço. Essa é que é a história”.

Tenho que salientar que Gonzaga tinha sim uma certa visão de política, mais ligada à trajetória de seus pais, clientes políticos dos Alencar e às normas tradicionais de respeito às hierarquias e à busca de resolver as situações via “relações pessoais”; é uma forma muito peculiar de ser fazer política nas pequenas cidades e que estava no “DNA político” de Gonzaga. Isso a par de sua sensibilidade social para o drama dos desvalidos. Então, eu diria que Gonzaga queria retomar o sucesso de público e tentar estabelecer uma “linha de diálogo” com as gerações emergentes e suas distintas concepções de política, de valores e representações. Gonzaga era identificado com uma cultura política sertaneja (mesmo tendo se evadido de Exu muito jovem), enquanto Gonzaguinha era afinado com outra cultura política, mais urbana, mais ligada aos movimentos sociais, ao mundo industrial e comercial (e foi essa visão comercial do filho que acabou contribuindo para mudar a carreira do ‘Rei do Baião’).

Isso explica, também, a aproximação de seu Luiz com os governantes, o intuito era resolver os problemas regionais e locais. Ele já tinha o hábito de fazer propagandas de produtos e passou a fazer propagandas governamentais nos jornais de circulação no nordeste sobre a importância, fomento, incentivo e desenvolvimento da agricultura na região durante os anos de 1970.

¹⁴⁸ Luiz de França Guilherme de Queiroga (Recife, 24/01/1930 - Olinda, 15/05/1978). Foi um compositor, radialista, autor teatral, humorista, cantor e ator.

¹⁴⁹ João Gonçalves de Sousa (Lavras da Mangabeira - CE, 20/08/1913 - Rio de Janeiro, 16/01/1979). Era um Engenheiro Agrônomo. Trabalhou na Sudene entre os anos de 1964 a 1967.

Figura 27 – Gonzaga fazendo propaganda para o governo federal



Fonte: 'O Diário de Pernambuco', 28/03/1971. Acesso 10/10/2019.

Em diversas ocasiões, Gonzaga se colocou como intermediário entre o governo federal e os lavradores nordestinos que ouviam pelo rádio e viam pelos jornais que o Gonzaga estava falando sobre os empréstimos que tinham ao seu dispor. Deixando claro que ele era o representante do agricultor em meio às instituições do estado, como o ministério, as prefeituras e os órgãos de fomento agrícola como a ANCAR (Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural¹⁵⁰). Isso mostra que a imagem do 'Rei do Baião' ainda era importante na região que ele cantava.

Nesse ínterim, no ano de 1972, houve outra tentativa de retorno à mídia carioca, no dia 24 de março, no Teatro Tereza Rachel recém inaugurado, zona sul do Rio de Janeiro. Luiz Gonzaga apresentou o show: '*Volta Pra Curtir*'. Contando com a presença de grande público e organização dos cantores Gilberto Gil e Caetano Veloso que tinham acabado de retornar do exílio na Inglaterra. Sobre o espetáculo o pesquisador Sérgio Cabral¹⁵¹ escreveu no encarte do CD lançando em 2001 em conjunto pelas gravadoras RCA/BMG:

Meninos, eu vi! Graças ao aval assinado pela dupla Caetano e Gilberto Gil, Luiz Gonzaga, que jamais havia cantado na zona Sul carioca, apresentou-se no Teatro Tereza Rachel numa temporada em que empolgou platéias

¹⁵⁰ Órgão criado em 1954 pelo presidente do Banco do Nordeste do Brasil Rômulo de Almeida.

¹⁵¹ Sérgio Cabral Santos (Rio de Janeiro, 27/05/1937). É um jornalista, crítico e produtor musical, pesquisador, escritor e compositor.

sucessivamente superlotadas, cuja maioria, sem dúvida, o via pela primeira vez.

Enfim, a zona Sul carioca conheceu Luiz Gonzaga, o cantor e o sanfoneiro do rádio e das cidades do interior. E viu que se tratava de um dos maiores artistas da música popular brasileira: como compositor, um dos pais da nossa música (com Humberto Teixeira, inventou o baião na forma em que se consagrou no Brasil e no mundo); como cantor, o melhor intérprete da música nordestina; como instrumentista, criador de uma escola.

Em 2001, ano do lançamento do CD *Luiz Gonzaga: Voltar pra Curtir*, até então inédito, Sérgio Cabral, no alto dos seus 64 anos, escreveu no encarte, chamando a ‘nova’ geração de fãs de Gonzaga de meninos, eu vi! Ou seja, ele escrevia para as novas gerações que não tinham tomado contato com o espetáculo realizado no início da década de 1970. Em seu relato falava que o “Rei do Baião” não tinha tocado o ritmo que lhe deu o título de majestade no bairro nobre da capital carioca. O escritor atribuía o sucesso do sanfoneiro ao rádio e dizia que o público dele estava nas pequenas cidades do país.

O público do espetáculo contava com a presença de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia e Capinam entre outros ligados ao mundo da MPB. No meio do show aconteceu um certo desconforto quando Gonzaga homenageou o Ministro da Justiça Armando Falcão, dizendo que de presidente de república de estudantes na década de 1940 quase chegou à presidência da República Federativa do Brasil. Ratificou no discurso os cargos que ele assumiu: “bacharel, deputado, líder, ministro foi tudo isso faltou pouco para ser presidente da república [...], foi no governo de Juscelino que ele manobrou na política, meu irmão! Tem nada não, [...] Agora o senhor agüente meu deboche que lá vai chumbo¹⁵²”.

Provavelmente, se Gonzaga não fosse amigo do ministro Armando Falcão, sairia do show direto para dar depoimento em alguma delegacia do Rio de Janeiro, talvez por isso, seus biógrafos trabalham com um “Rei do Baião”, um ser despolitizado, ou tentaram amenizar as coisas em relação à necessidade de se aproximar do Rei do Baião. Entretanto, Sérgio Cabral explica os meandros políticos do período.

É preciso entender à época, março de 1972. A ditadura militar no auge e Caetano e Gil voltavam de um longo exílio em Londres. A dupla voltou com o carinho do povo brasileiro e desempenhando um papel de liderança não política, mas estética. Foram uma espécie de orientadores da juventude brasileira em matéria de arte e cultura. Quando os dois disseram publicamente que Gonzaga era um dos maiores nomes da nossa música, chegara à hora de apresentá-lo à garotada.

¹⁵² Trecho retirado da música *Cigarro de Paia*, faixa um do CD *Luiz Gonzaga: Volta Para Curtir*. 2001, RCA/BMG.

Curiosamente, Luiz Gonzaga interessava-se por política tanto quanto por física nuclear. Não tinha ideia sequer do papel desempenhado pelos dois únicos partidos políticos existentes, o MDB e a Arena. Isso explica a situação constrangedora que criou logo no início do show, ao falar carinhosamente do seu amigo Armando Falcão, um dos “generais civis” do regime implantado à força. O público, formado por jovens da oposição, em sua maioria esmagadora, percebeu felizmente a ingenuidade política do artista e se manteve discreto. Afinal, o velho Gonzaga tinha pleno direito de gostar ou não gostar de política. Bastava a sua obra. Como ele disse na faixa “Numa Sala de Reboco”, ao abordar o mutirão da construção da casa: “minha cooperação foi tocar” (Sérgio Cabral, CD: *Luiz Gonzaga Volta Pra Curtir*, 2001).

Gonzaga tinha muito envolvimento com a política – ou pelo menos com certa cultura política ligada ao personalismo e outras práticas que havia conhecido na sua Exu natal –, principalmente com o partido que tivesse no governo, como veremos no segundo capítulo. O que ele pleiteava é que resolvessem os problemas do nordeste, tendo no contato pessoal com autoridades o seu modo de fazer política. Uma questão interessante a considerar é que na década de 1970 o “velho Luiz”, isso para as gerações de cariocas que não o conheciam, muitos dos quais filhos, netos e bisnetos dos primeiros migrantes nordestinos passaram a conhecê-lo e admirá-lo.

Além disso, o sanfoneiro de Exu trilhou algumas veredas para se aproximar dos jovens de esquerda que faziam a música de contestação e protesto ou que ensaiavam novas atitudes comportamentais estranhas ao mundo de valores masculinos e tradicionais do velho sanfoneiro. No caso da chamada “canção de protesto”, Gonzaga se gabava de ter sido o primeiro cantor a fazer com a música “*Vozes da Seca*” composição sua em parceria com Zé Dantas, lançada em 1950, com um pedido de ajuda ao presidente Getúlio Vargas. Em relação a Caetano e Gil com seu ‘desbunde’, cabelos longos, roupas extravagantes, eventualmente tão chocantes para o ‘Rei do Baião’, o jeito talvez fosse fazer certa “vista grossa” e continuar buscando os caminhos de aproximação.

Sobre o referido show relatado pelo jornalista Sérgio Cabral, o cantor e compositor Caetano Veloso e um dos entusiastas do espetáculo declarou ao jornal carioca a *Última Hora*¹⁵³:

Vi três vezes o show de Luiz Gonzaga no *Terezão*. É o espetáculo mais bonito que se possa imaginar. Só em “Rosa de Ouro” eu vira antes tanta justeza na colocação de artistas tão imensos no palco. É impossível que alguém não goste desse show. Luiz Gonzaga é um velho “retado”. Dominginhos é genial, Maria Helena, todo mundo. Quanta luz! Nota 10”.

¹⁵³ Jornal ‘*Última Hora*’ – Coluna Tribunal UH, no dia 23/03/1972.

Caetano comparou o show de Gonzaga ao espetáculo realizado no ano de 1965, organizado por Hermínio Bello de Carvalho¹⁵⁴, realizado no Teatro Jovem, tinha o objetivo apresentar o tradicional samba de morro que estava igual a Gonzaga, fora da mídia, sem espaço para se apresentar para o público jovem, desde que Getúlio Vargas (incentivador do samba e do baião como ritmos nacionais) tinha saído de cena em 1954 e que novos parâmetros de nacionalidade haviam emergido. Como era a apresentação do Rosa de Ouro:

O show começava com cinco sambistas, todos vestidos de branco, usando cada um na gravata a cor de sua escola de samba. Num cenário no qual aparecia uma pequena mesa de bar, os artistas iam cantando e se identificando junto à platéia. Eram eles: Elton Medeiros¹⁵⁵, da Escola de Samba Unidos de Lucas; Jair do Cavaquinho¹⁵⁶, da Portela; Anescar¹⁵⁷, do Salgueiro; Nelson Sargento¹⁵⁸, da Mangueira e ainda da Portela o garoto Paulinho da Viola¹⁵⁹ em início de carreira.

No elenco ainda tínhamos a veterana Aracy Cortes¹⁶⁰, artista que reinara absoluta no palco dos teatros da Praça Tiradentes nas décadas de vinte e trinta e que retornava as apresentações públicas depois de um longo afastamento. Porém o acontecimento mais importante do Rosa de Ouro, foi ter revelado para o Brasil uma grande intérprete recentemente descoberta por Hermínio Bello de Carvalho e que iria revolucionar os conceitos interpretativos tradicionais do samba, mostrando toda uma cadência impregnada de pureza e plena identificação com suas raízes africanas, seu nome, Clementina¹⁶¹ de Jesus.¹⁶²

O espetáculo serviu para mostrar às novas gerações, as veteranas intérpretes do chamado samba de morro: a antiga cantora de sucesso Aracy Cortes e a veterana, mas ainda desconhecida, Clementina de Jesus, e nomes que faziam parte das escolas de sambas cariocas.

¹⁵⁴ Hermínio Bello de Carvalho (Rio de Janeiro, 28/03/1935). É um compositor, poeta e produtor musical.

¹⁵⁵ Elton Antônio Medeiros (Rio de Janeiro, 22/06/1930 – Rio de Janeiro, 03/09/2019). Foi um compositor, cantor, produtor musical e radialista.

¹⁵⁶ Jair de Araújo Costa (Rio de Janeiro, 26/04/1922 – Rio de Janeiro, 06/04/2006). Foi cantor, compositor, instrumentista e dançarino.

¹⁵⁷ Anescar Pereira Filho (Rio de Janeiro, 04/06/1929 – Rio de Janeiro, 22/02/2000). Foi um cantor, compositor e instrumentista.

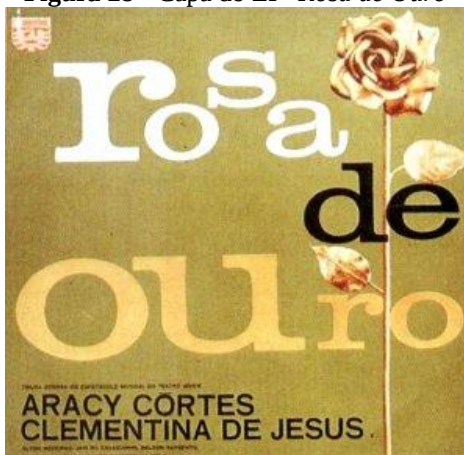
¹⁵⁸ Nelson Mattos (Rio de Janeiro, 25/06/1924). É um compositor, cantor, escritor, pintor, músico e ator.

¹⁵⁹ Paulo César Batista de Faria (Rio de Janeiro, 12/11/1942). É um cantor, compositor e violonista.

¹⁶⁰ Zilda de Carvalho Espíndola (Rio de Janeiro, 31/03/1904 – Rio de Janeiro, 08/01/1985). Foi uma cantora, a primeira cantora popular brasileira, foi praticamente a única a fazer sucesso na década de 1920.

¹⁶¹ Clementina de Jesus da Silva (Valença, 07/02/1902 – Rio de Janeiro, 19/07/1987). Foi cantora e compositora.

¹⁶² Fonte: <http://www.luizamerico.com.br/fundamentais-rosa-de-ouro.php>. Acesso em: 20/11/2019.

Figura 28 - Capa do LP ‘Rosa de Ouro’

Fonte: <http://www.luizamerico.com.br/fundamentais-rosa-de-ouro.php>. Acesso em: 20/11/2019.

Tendo como organizadores o poeta Hermínio Bello de Carvalho e o Kleber Santos. Já o show de Gonzaga tinha dois nordestinos como diretores: José Carlos Capinam e Jorge Salomão, e como músicos:

Lá estava o extraordinário Dominginhos na sanfona, um Dominginhos novo, pois acabara de trocar o seu nome artístico (até então, era chamado de Neném). Estavam também Renato Piau na guitarra, Porfírio Costa no baixo e mais o grupo que seguia com Luiz Gonzaga por todo Brasil, com Maria Helena cantando, tocando triângulo e cabaça, além de “fazer escada” para as piadas do cantor; Toinho no triângulo; Ivanildo Leite no triângulo, gonguê e zabumba e Raimundinho no reco-reco. Era o perfeito som Gonzagueano (Sérgio Cabral, CD: *Luiz Gonzaga Volta Pra Curtir*, 2001).

Os músicos que acompanhavam Luiz Gonzaga tinham sido escolhidos por ele mesmo, e havia um instrumento que modernizou a sonoridade do baião, a guitarra elétrica. O show foi um sucesso, recebeu da crítica especializada muitos elogios, entretanto, esse acabou sendo um acontecimento episódico e o ‘Rei do Baião’, permaneceu sem maior espaço midiático, continuando a tocar somente no interior do país, principalmente no Nordeste.

Figura 29 – Capa do disco ‘Luiz Gonzaga Volta Pra Curtir’



Fonte: <https://www.nativaperiodico.wordpress.com/2012/06/26/meu-walkman-45/>. Acesso em: 30/07/2019.

Depois desse show no Tereza Rachel que gerou repercussão na mídia, Gonzaga passou a ser ouvido novamente pela classe média brasileira, mas não era na mesma intensidade do auge do baião, no entanto, a sua influência era sentida em outros cantores e compositores.

Por exemplo, em 1972 foi lançado o filme “*Quando o Carnaval Chegar*” do cineasta Cacá Diegues e a participação dos cantores: Chico Buarque, Nara Leão, Maria Bethânia, e dos atores: Hugo Carvana e Antônio Pitanga. Na trilha sonora aparece a canção “Baioque”, composição de Chico Buarque e interpretação de Bethânia. O termo baioque foi criado a partir da mistura do baião de Luiz Gonzaga com o rock desenvolvido pelos tropicalistas.

A canção inicia no ritmo do baião, e com o pensamento do sertanejo em migrar e depois a letra vai avançando até atingir os acordes do rock, e com a idealização da vida urbana representando o moderno que está no Rio de Janeiro. Os versos dizem: “Mamy, não quero seguir definhando sol a sol / Me leva daqui, eu quero partir requebrando rock’n roll / Nem quero saber como se dança o baião / Eu quero ligar, eu quero um lugar / Ao sol de Ipanema, cinema e televisão”. Essa música foi cantada por vários cantores, como o próprio Chico Buarque em 1974, Nara Leão, Edson Cordeiro, Oswaldo Montenegro e Elba Ramalho que batizou o nome de seu disco no ano de 1997.

Entretanto, o maior representado do baioque como ritmo foi Raul Seixas, que misturou as melodias do “Rei do Baião” com a sonorização do “Rei do Rock” Elvis Presley, e estão presentes nas músicas: ‘*Quero Ir*’ de 1971, ‘*Let Me Sing, Let Me Sing*’ de 1972, ‘*Mosca na Sopa*’ de 1973, ‘*Os Números*’ de 1976, entre outras. Além da tradução de ‘*Asa Branca*’ para o inglês com o nome de ‘*White Wings*’.

Mas o sanfoneiro de Exu era citado como sendo a referência de cantores como: Alceu Valença, Fagner, Belchior, Moraes Moreira, Geraldo Azevedo, Elba Ramalho, e de Raul

Seixas; que eram os nomes de uma nova geração, que levaram uma nova música regional nordestina ao sucesso a partir dos meados dos anos 70, que misturava sua estética tradicional aos novos ventos da música contemporânea, como ficou marcado na introdução de Avohai, de Zé Ramalho, com o teclado eletrônico de Patrick Moraz (ex-Yes) e a guitarra do ex-Mutante Sérgio Dias Batista, transformada num dos maiores sucessos do final daquela década. A música da região nordestina aparecia com novas e surpreendentes cores.

Também em nível de música nacional Gonzaguinha começou a descrever a influência do pai em sua vida e obra. A partir de 1972, quando Luiz Gonzaga começou a fazer parte da maçonaria, intensificou as campanhas filantrópicas, organizando a ‘Ação Contra a Seca no Nordeste’, realizando eventos para arrecadar fundos para auxiliar aos flagelados das intempéries climáticas que assolam a região nordeste. Embora por vias bem diferentes do filho, o velho ‘Rei do Baião’ atacava problemas sociais, o que poderia ser um caminho de aproximação entre os dois e entre as duas gerações.

Entretanto, me perguntei como Gonzaga ganhava dinheiro fora das paradas de sucesso, e na entrevista concedida ao Pasquim estava parte da resposta, que era a realização de propagandas, não só as políticas, mas sim a de produtos variados no decorrer da carreira, tal como veremos adiante.

2. 3 Luiz Gonzaga o garoto propaganda: ‘publique isso para ficar documentado’

Um dos modos de sobreviver como músico depois do declínio do sucesso nacionalmente, foi voltar a fazer shows no interior do nordeste, onde estava seu público cativo, mas também era o local onde os contratos não eram os melhores. Entretanto, havia algo que podia impulsionar a carreira novamente e que Gonzaga tinha sido um dos pioneiros, o marketing, ou seja, ele continuou a realizar muitas propagandas atrelando sua imagem aos vários produtos que passaram a lhe patrocinar. Vale salientar que, mesmo fora da mídia nacional nas décadas de 1960 e 1970, Luiz Gonzaga nunca ficou sem patrocinador em âmbito regional e mesmo, em alguns casos, nacional.

Voltando ao ápice de seu sucesso na segunda metade dos anos de 1940 se estendendo até os anos finais dos anos de 1950, o primeiro produto que atrelou sua imagem ao ‘Rei do Baião’ foi o *Colírio Moura Brasil*. Sobre o contrato Costa e Medeiros dizem:

No final de 1951, o Laboratório Moura Brasil contratou Luiz Gonzaga para fazer uma turnê pelo país, viajando de caminhonete de Porto Alegre – RS a Belém – PA. O pagamento do cachê foi fabuloso, em dinheiro e um Cadillac. [...]. Mas o laboratório, ao final da turnê, ao invés de entregar um Cadillac, como prometido, dera-lhe apenas um jipe (COSTA; MEDEIROS, 2011, p. 75).

As cláusulas do contrato diziam que o *Cadillac* era para o ‘Rei do Baião’, e o jipe seria para seu Januário que participou da turnê no nordeste. Para quem não conhece o Moura Brasil, essa marca é um colírio desenvolvido no início do século XX pelo oftalmologista cearense José Cardoso de Moura Brasil. Esse medicamento de livre uso, ou seja, não precisando de recomendação médica, suscitou muitos debates nos anos de 1940 no governo Vargas, sobre a ética na propaganda radiofônica. O colírio teve seu uso crescente a partir do período que o país deixou de ser rural, e que a urbanização passou a provocar a poluição atmosférica e que seus habitantes tinham que limpar seus olhos.

Esse contrato de patrocínio com o laboratório não foi bom financeiramente para Gonzaga, pelo menos segundo seu ponto de vista, os pontos positivos foram: fazer a primeira excursão por todo o Brasil, o segundo ponto foi ver seu sucesso estrondoso pelo nordeste, o terceiro foi voltar a tocar ao lado de seu pai. Certamente, naquele tempo, o nível de profissionalização no meio artístico em geral e musical, em específico, era muito precário e os artistas ficavam, não raro, à mercê de contratos leoninos, nos quais obtinham ganhos muito limitados de sua arte. Gonzaga teve de aprender a lidar com esses trâmites, mas apenas após a ligação com Gonzaguinha, anos mais tarde, passou a ter uma gestão mais compensatória de sua carreira musical.

Essa turnê passou por Pernambuco com destaque ganhando as páginas principais do jornal ‘*Diário de Pernambuco*’ que deram grande divulgação à apresentação do contrerrâneo que fazia sucesso no sudeste do país. O show aconteceu no auditório da Rádio Tamandaré, a terceira emissora do Recife ligada aos Diários Associados, teria a participação especial de seu Januário e dos músicos que o acompanhavam Catamilho e Zequinha que faziam parte da primeira formação musical pensada por Gonzaga.

Figura 30 – Notícia do ‘Diário de Pernambuco’ (08/11/1951) com o patrocínio da Crush.



Fonte: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/diretoredacao/2015/03/10/o-pop-star-cabra-da-pestes/>. Acesso em: 07/08/2020.

A viagem para a realização dessa excursão não tinha ocorrido antes por causa do acidente que Gonzaga e seus músicos tinham sofrido em maio. Assim que se recuperou ‘A maior sensação da música brasileira’ veio e o patrocinador era o refrigerante Crush, que era uma empresa norte americana surgida no início do século XX e que queria ampliar seu mercado consumidor no nordeste, pois no centro sul do país a marca já era conhecida.

Lembrando que nesse período várias cidades do interior do nordeste ainda não tinham energia para gelar o refresco de laranja. Essa situação começou a ser dirimida a partir da construção da Usina de Paulo Afonso, que recebeu uma homenagem na música ‘Paulo Afonso’ de 1955, composição de Gonzaga e Zé Dantas.

*Olhando pra Paulo Afonso¹⁶³
 Eu louvo nosso engenheiro
 Louvo o nosso cassaco
 Caboclo bom verdadeiro
 Oi! Vejo o nordeste
 Erguendo a bandeira
 De ordem e progresso
 A nação brasileira
 Vejo a indústria gerando riqueza
 Findando a seca
 Salvando a pobreza*

Nesse período ocorria a ideia que se industrializasse o nordeste todo o problema seria resolvido, acabaria com isso, a pobreza e a seca, celeuma que acomete a região e que é o mote principal das canções do ‘Rei do Baião’. Voltando ao patrocinador da excursão, atualmente poucas pessoas conhecem o refrigerante Crush, o qual Gonzaga foi um dos pioneiros na sua divulgação.

Figura 31 – Fazendo propaganda do refrigerante Crush ao lado Catamilho e Zequinha



Fonte: https://theoldreader.com/profile/Hugo_Avelar?page=31. Acesso em: 07/08/2020.

Cabe salientar que Gonzaga nunca fez um contrato de exclusividade com somente uma marca, por isso, tinha em favor do sanfoneiro uma amálgama de anunciantes concomitantemente. Sendo assim, na mesma excursão ele poderia receber o patrocínio de variadas marcas. No caso em destaque as primeiras turnês da década de 1950 tinham o apoio da Crush e dos Colírios Moura Brasil.

A divulgação dessas excursões do sanfoneiro de Exu ficavam por conta dos jornais locais, como posso citar a reportagem do periódico ‘O Povo¹⁶⁴’, de fortaleza do dia 07 de maio

¹⁶³ <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/1561751/>. Acesso em: 08/08/2020.

de 1953, contando com várias marcas de medicamentos com o *Cilion*, o *Urodonal* e o *Tossilan*, ao lado de seus devidos usos. Entretanto, foi o patrocinador famoso o Colírio Moura Brasil que possibilitou levar Gonzaga, no auge do sucesso, para cantar na cidade que o acolheu quando ele fugiu de sua Exu no final da década de 1920. A apresentação do maior teatro cearense teve a transmissão da Rádio Iracema¹⁶⁵. Com isso, vemos que o colírio tinha suas propagandas dirigidas ao grande público nas emissoras de rádio, então o maior meio de divulgação de comerciais da época. Esse medicamento era o patrocinador do programa da Rádio Nacional do locutor Almirante e tinha a temática “2 gotas, 2 minutos, 2 olhos limpos”.

Figura 32 – Cartaz do show de Gonzaga em 1953 em Fortaleza com o patrocínio do Colírio Moura Brasil



Fonte: <https://silveiraroccha.blogspot.com/2016/12/show-de-luiz-gonzaga.html>. Acesso em: 04/08/2020.

Sobre a relação com os laboratórios Moura Brasil Gonzaga relatou para Dominique Dreyfus que: “Esse colírio me arrasou! Eram duas e às vezes até três cidades por dia! Claro, eu pude conhecer o Brasil todinho, do Rio Grande do Sul até Manaus com essa excursão. Mas tinham prometido me dar um bocado de coisas e no final das contas não recebi nada” (DREYFUS, 2012, p. 174).

¹⁶⁴ ‘O Povo’ é um jornal editado em Fortaleza, é o mais antigo em circulação no Ceará, foi fundado em 07/01/1928 pelo jornalista, poeta e político Demócrito Rocha. Fonte: <https://www.opovo.com.br/>. Acesso em: 04/08/2020.

¹⁶⁵ Rádio sediada em Fortaleza, foi fundada pelos irmãos Flavio Barreto Parente e José Barreto Parente e do empresário José Josino da Costa, em 9 de outubro de 1948. Atualmente é uma rádio evangélica.

Essa turnê com o patrocínio do Laboratório Moura Brasil e do refrigerante Crush foi um sucesso. No ano de 1954, Luiz Gonzaga voltou ao nordeste e realizou sua primeira apresentação em Natal, capital do Rio Grande do Norte e contou com a presença do pai e de um irmão.

E o jornal *O Poti*¹⁶⁶ juntamente com a rádio de mesmo nome ligados aos Diários Associados, com quem Gonzaga tinha um contrato e que fizeram parte de inúmeras apresentações em rádios, jornais e revistas. Para isso um jornal do grupo fez a divulgação do evento.

Figura 33 – Reportagem do Jornal ‘O Poti’ sobre a primeira apresentação de Luiz Gonzaga no Rio G. do Norte.



Fonte: <https://tokdehistoria.com.br/2019/08/04/65-anos-da-primeira-apresentacao-de-luiz-gonzaga-em-natal/>. Acesso em: 04/08/2020

O Show ocorreu na sexta-feira, dia 13 de agosto, realizado no palco do Alecrim Clube e transmitido pela Rádio Poti, os sucessos cantados foram: “Feira do gado”, “Olha a pisada”, “Lascando o cano”, “Algodão”, (todas essas músicas composições de Luiz Gonzaga e Zé Dantas), “Velho Novo Exu” (composição de Luiz Gonzaga e Sylvio M. Araújo) e entre outras canções.

Para o jornal potiguar o sanfoneiro de Exu era um “defensor da música nordestina” na região sul e sudeste do Brasil, lugar de início inóspito para os emigrados e de choque de

¹⁶⁶ O Jornal *O Poti* foi criado em 29/07/1954, era editado em Natal, como uma ramificação do *Diário de Natal*. Em 1958, *O Poti* passou a ser um jornal dominical. A Rádio Educadora foi inauguração em 30/11/1941. Em 1944, a REN seria comprada pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand, que mudariam o seu nome para Rádio Poti. Em 2007 passou a se chamar Rádio Clube de Natal. Fonte: <http://www3.carosouvintes.org.br/radio-poti-de-natal-narrando-as-primeiras-historias/>. Acesso em: 04/08/2020.

culturas entre o rural e urbano em plena capital do país. Gonzaga veio ao nordeste, sua fonte de inspiração, e contou o símbolo primordial dessa inspiração seu pai, e isso era o destaque da notícia – propaganda da visita ao estado do Rio Grande do Norte, após fazer sucesso no Rio de Janeiro:

Luiz Gonzaga, o ‘Rei do Baião’, em Natal pela primeira vez após o estrondoso sucesso de suas últimas gravações. Uma grande novidade nessa temporada de Luiz Gonzaga será a presença do velho Januário, seu pai, que toca sanfona de 8 baixos, apresentando também o “anão” do xaxado. Aluizio, o caçula da família, também acompanhará Luiz Gonzaga nessa visita a Natal. A estreia do “rei do baião” está marcada para hoje, às 21 horas, no auditório da Rádio Poti (‘O Poti’, 13/08/1954).

Gonzaga, seu Januário, o zabumbeiro Cacau e o tocador de triângulo o ‘Xaxado’, que faziam parte da segunda formação musical criada por Gonzaga, tocaram o final de semana todo em Natal, contando com a presença maciça do público, o auditório da Rádio Poti sempre lotado. Além do contrato com Assis Chateaubriand para a apresentação, o patrocinador dessa turnê era outro medicamento, o Sonrisal.

Figura 34 – Cartaz de propaganda do show com o novo patrocinador



Fonte: <https://tokdehistoria.com.br/2019/08/04/65-anos-da-primeira-apresentacao-de-luiz-gonzaga-em-natal/>.
Acesso em: 04/08/2020.

O antiácido Sonrisal, igual ao Colírio Moura Brasil era um medicamento de uso livre, sem a necessidade de uma receita médica surgido na década de 1940. Era um produto

conhecido pela população, por isso tinha o slogan: “Contra azia e má digestão, Sonrisal – o antiácido do Brasil”. O produto era veiculado por meio de diversos anúncios em revista, programas de rádio e jornais, e que era um dos patrocinadores de Luiz Gonzaga no nordeste.

Nesse período o ‘Rei do Baião’ tinha outro patrocinador para as apresentações realizadas nas regiões sul e sudeste do país era a Alpargatas Roda. Assim, em outubro de 1955, Luiz Gonzaga se apresentou no Cine Maringá com sua caravana "Embaixada do Baião".

Figura 35 – Propaganda do show no ‘Jornal de Maringá’¹⁶⁷



Fonte: <http://www.maringahistorica.com.br/2013/03/luiz-gonzaga-no-cine-maringa-1955.html>. Acesso em: 04/08/2020.

A alpargata começou a ser produzida no Brasil industrialmente em 1908 pela Fábrica Brasileira de Alpargatas e Calçados. Segundo Santos *et al* (2015, p. 2047), “A marca Roda surgiu quase por acaso quando uma engrenagem suja de graxa marcou um papel então um dos sócios da empresa Robert Fraser sugeriu que fosse o logotipo da empresa e a marca da Alpargata de Roda fosse a representação de uma engrenagem que tinha 19 dentes”.

Era um calçado popular fez muito sucesso no interior do sul e sudeste do Brasil entre os anos de 1930 a 1960. Enquanto em Maringá, a dita majestade do baião só iria cantar uma noite, no mesmo mês passou três dias em Juiz de Fora patrocinado pela mesma marca.

¹⁶⁷ ‘O Jornal de Maringá’ era editado na cidade de Maringá no Paraná, foi fundado no dia: 18/06/1950 por Avelino Ferreira e sua esposa Leonor do Lago Ferreira. Na década de 1980 passou a se chamar ‘Jornal do Povo’.

Figura 36 – Propaganda do show em Juiz de Fora



Fonte: 'Folha Mineira'¹⁶⁸, 26/10/1955

A curta turnê no interior do Estado de Minas Gerais, durou da quinta ao sábado da última semana de outubro de 1955. A notícia não descreve aonde o cantor iria se apresentar, mas que faria a transmissão que seria a Rádio Industrial. Com o slogan: “Conforto em cada passo – economia em cada par!”. A propaganda do jornal da cidade apresentava Gonzaga desse jeito:

Ele e sua sanfona!... Ele e sua simpatia! Ele, o “Rei do Baião”, cantando para você, cantando para todos nesta cidade! Luiz Gonzaga, o mais brasileiro dos cantores, dentro de pouco tempo estará entre nós, num amável oferecimento do ALPARGATAS RODA, o calçado das multidões (*Folha Mineira*, 26/10/1955).

O jornal apresenta à época, metade da década de 1950, Gonzaga com “o mais brasileiro dos cantores”, isso ocorria porque ele e o seu baião estavam no auge das paradas de sucesso nacionalmente desde meado da década anterior. Minas era o estado vizinho ao qual seu Luiz chamou de quartel general do baião, que era São Paulo o estado que mais recebia migrantes nordestinos a partir da segunda metade do século XX.

Todas essas viagens pelo Brasil tinham outro patrocínio que era fundamental na locomoção do que passou a se chamar da corte do baião, que eram os cantores e instrumentistas que acompanhavam o sanfoneiro de Exu. Era o apoio da petroleira anglo-holandesa Shell que garantia o abastecimento da turnê.

¹⁶⁸ 'A Folha Mineira' era um jornal editado em Belo Horizonte. Foi fundado por José Alves Júnior no ano de 1934 e teve seus trabalhos encerrados em 1977.

Com o advento da Bossa Nova e da Jovem Guarda atreladas ao desenvolvimento da jovem TV brasileira na década de 1960, as músicas de Gonzaga deixaram de ser consideradas um ritmo nacional e passou a ter o signo de uma musicalidade regional, diminuindo com isso, os shows no sul e sudeste e os patrocínios minguando na mesma proporção. Mesmo assim, a Milharina, marca de massa (flocos) de milho apropriada para a realização de comidas típicas como o cuscuz e a canjica e que são cantadas em várias canções do ‘Rei do Baião’:

Rarai!!! Tô de água na boca, que cheirinho bom! É cuscuz de Milharina é Milharina. Vem menina para vê seu cuscuz, gostinho de milho verde é Milharina. Na hora do café, um cuscuz amarelinho é ouro que reluz, um homem se seduz com xamego e com cheirinho de um bom cuscuz. A receita a gente ensina pra fazer um bom cuscuz é Milharina¹⁶⁹.

O cuscuz ou como também é conhecido dos rincões do nordeste como pão de milho é um alimento típico da mesa regional. E colar a imagem da Milharina ao que seria até então o mais conhecido cantor do interior do país, foi à estratégia do lançamento do produto. Que na propaganda ganhou uma sonorização muito semelhante aos baiões do período. No finalzinho dessa década surgiu outro anunciante. Enquanto a Milharina daria energia para o corpo, o novo contrato comercial levaria energia para os aparelhos de rádio dos rincões mais afastados do nordeste. Que produto era esse? As pilhas Eveready.

Esse produto tinha como garoto propaganda nacionalmente o cantor e compositor Teixeira, mas para o lançamento no nordeste escolheram Luiz Gonzaga, que em cima do caminhão, ele cantava o xote “*Esteira da Maria*” e o xaxado “*A Pilha Pulo do Gato*”, e quem cantasse e dançasse direitinho ganhava os prêmios, e durante o show era distribuído o produto para a plateia.

¹⁶⁹ Fonte: <https://www.facebook.com/LuizBrasilGonzaga/videos/vinheta-do-cuscuz-milharina-anos-70/2931709040188074/>. Acesso em: 07/08/2020.

Figura 37 – Propaganda e jingle das pilhas Eveready



Fonte: <http://www.forroemvinil.com/fotos/luiz-gonzaga-foto-da-propaganda-das-pilhas-eveready/>. Acesso em: 08/08/2020.

Em 1971, durante a entrevista concedida ao jornal o *Pasquim* o ‘Rei do Baião’ conclamou seu inspirador Pedro Raimundo (assunto que será tratado posteriormente) para voltar a cantar e sabe quem ia ser o patrocinador seria essa pilha. Gonzaga disse: “Pedro Raimundo, o pessoal do nordeste está falando muito em você, com muita saudade. Há também o seguinte: as pilhas Everede (*sic*) estão querendo fazer um negócio com você para viajar. Volta Pedro Raimundo”. Posso dizer que ele não era o único a fazer a divulgação na região, em várias rádios durante os jogos de futebol tinha um espaço para a “*pilha do gato preto*”.

A partir da década de 1970, o sanfoneiro de Exu passou a ampliar seu leque de patrocinadores, nacionalmente lançou a composição do carioca Roberto Martins (1909 - 1992), ‘Meu Chevrolet’¹⁷⁰, no ano de 1972.

¹⁷⁰ <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/82381/#radio:luiz-gonzaga>. Acesso em: 07/08/2020.

*No meu Chevrolet, vamos passear
Pela estrada a fora, vamos namorar
No meu Chevrolet, vamos passear
Vamos fazer planos pra depois casar*

*Chevroletear, vem meu amor
Chevroletear, vamos embora
Vamos até lá ver o preto
Nosso casório sai a qualquer hora
De véu e grinalda que bonito é
Você vai sonhando no meu Chevrolet }bis*

Essa canção veio no período da ampliação do parque industrial brasileiro voltado à produção de automóveis, era o chamado ‘Brasil Grande’ que os governos dos militares queriam atribuir ao país. E regionalmente passou a ter a imagem de um ‘Papai Noel’ do nordestino devido aos prêmios distribuídos em suas apresentações, como vemos no cartaz a seguir, dessa vez de uma importante marca de bicicleta de alcance nacional:

Figura 38 – Propaganda da bicicleta Monark na década de 1970

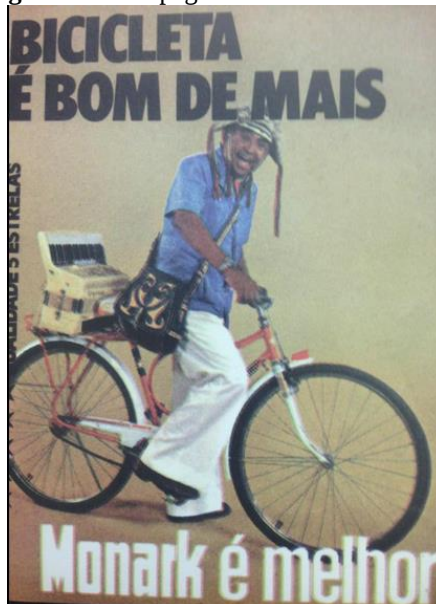


Fonte: <https://www.facebook.com/ForrodeVitrola/photos/a.230036277113677/1925036380946983/?Typ=3&theater>. Acesso em: 07/08/2020.

Essa propaganda era parte da turnê patrocinada pela marca de bicicleta Monark no ano de 1976 que começou em Vitória da Conquista na Bahia e passou por várias cidades do

interior do nordeste posso citar: Paulo Afonso, Juazeiro, Cruz das Almas e Santo Antônio de Jesus na Bahia, Petrolina e Caruaru no Pernambuco, Campina Grande – PB, e em Bacabal e Imperatriz – MA, entre outras cidades que não consegui rastrear por onde Gonzaga passeou com sua sanfona branca em sua bicicleta Monark, que ‘é bom de mais’.

Figura 39 – Propaganda da bicicleta Monark



Fonte: <https://www.facebook.com/LuizGonzagaRei/photos/pcb.1674072792645088/1674096855976015/?type=3&theater>. Acesso em: 07/08/2020.

A logística de divulgação, locomoção e sonorização dessas apresentações era feita por outro patrocinador, o Armazém Paraíba. Esse patrocínio não era exclusivo do ‘Rei do Baião’, também fizeram show nesse período por conta da Monark, os cantores: Altemar Dutra, Antônio Marcos, Wanderley Cardoso e a cantora paraguaia Perla. Com Luiz Gonzaga estavam também: Marinês, Abdias e Zito Borborema, nas cidades do Maranhão, estado de origem do Armazém Paraíba, os shows acontecia em frente da loja.

Fato interessante para ser citado entre a parceria do ‘Rei do Baião’ com a empresa fabricante da bicicleta Monark é que a marca surgiu em 1948, cerca de um ano após o lançamento da música ‘Asa Branca’. E em 1987, para comemorar o aniversário de 40 anos dessa canção, a fábrica lançou uma edição limitada da chamada Monark Asa Branca.

Figura 40 – Bicicleta Monark Barra Circular Asa Branca

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=sd8L0I6IIA4>. Acesso em: 07/08/2020

Atrelando com isso, a imagem representativa do Gonzagão em várias partes da bicicleta, como na parte central do transporte onde tinha uma gravura de Luiz Gonzaga e na parte inferior do quadro havia o desenho de pássaro branco representando a Asa Branca, e ainda, várias peças possuíam a cor branca em partes diferentes do veículo. Por outro lado, o produto se adequaria a um público regional ou ligado a um mundo rural, tendo a figura de Gonzaga como imagem adequada a tal finalidade.

Entretanto, os modais terrestres de transportes não foram os únicos que Gonzaga foi o garoto propaganda.

O ‘Rei do Baião’ utilizou os trajes que escolheu como símbolo regional, usou um aparelho muito parecido com a Asa Branca ou com os pássaros que ele homenageava em suas canções, era mais uma vinheta com uma imagem, agora uma propaganda veiculada nacionalmente. Era a propaganda para a empresa aérea TransBrasil.

Gonzaga, diferente de seu discípulo Dominginhos não tinha receio de andar de avião. Assim, em 1946, na primeira viagem em que veio visitar sua família no Exu, quando ele já era sucesso no Rio de Janeiro, o meio de transporte utilizado foi o avião, que pousou em Petrolina e o restante do caminho foi utilizado o caminhão, veículo que muito serviu de palco durante toda a carreira.

A empresa aérea TransBrasil havia sido fundada pela família Fontana em 1955, e pertencia ao conglomerado da indústria de alimentos Sadia, por isso, que o nome fantasia era Sadia S.A. Transportes Aéreos. Ela figurou entre as quatro maiores do ramo em operação no país e encerrou seus trabalhos no ano de 2002. No vídeo comercial para ampliação das linhas nacionalmente havia ainda mais dois artistas.

Figura 41 – Propaganda da TransBrasil

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=KkdHDnS6pcA>. Acesso em: 06/08/2020.

Gonzaga trajando seu chapéu de couro e gibão, sentado numa poltrona espaçosa e após ser servido de uma refeição, iniciava a propaganda dizendo: “*Oxente! Agora voar pela TransBrasil ficou tão simples quanto minha gente*”. O vídeo contava também com a participação da modelo e atriz Vera Fischer e do pugilista Éder Jofre, passando uma representação de integração nacional e facilitação do transporte pelo país, a partir da frase final da propaganda: “*Brasil é com a gente*”.

Uma das publicidades que mais durou na carreira do filho de Januário, foi à produzida para o fumo Dubom. Era uma indústria nordestina de produção do chamado fumo de palha, a sede da empresa era em Arapiraca, sertão alagoano, local muito visitado por Gonzaga que nutria uma relação de amizade com o proprietário. Durante os shows o artista distribuía os pacotes que tinham sua imagem nas embalagens.

Figura 42 – Embalagem do fumo Dubom

Fonte: <https://www.facebook.com/222630481326/photos/esse-%C3%A9-a-propaganda-do-fumo-dubom-ltda-arapiraca-al/366484451326/>. Acesso em: 06/08/2020.

A divulgação dessa marca de fumo, no tempo que a lei permitia foi tão intensa que aproveitando o sucesso da novela escrita por Dias Gomes: *‘O Bem Amado’*, os atores: Paulo Gracindo (que colocou o apelido de Lua em Gonzaga por causa do formato de sua face arredondada) e que interpretava o prefeito de Sucupira Odorico Paraguaçu e Emiliano Queiroz que interpretava seu Dirceu Borboleta, o auxiliar do prefeito, fizeram uma propaganda citando Luiz Gonzaga.

E que inicia o comercial dizendo: *“Dubom fumo de cabra macho, Dubom fumo de cabra macho”*. E depois Odorico Paraguaçu perguntava: *“que confusão é essa seu Dirceu?”*. Seu Dirceu Borboleta respondia: *“A confusão é que fui comprar o fumo que o senhor pediu e me deram esse boró”*. Odorico Paraguaçu retrucava dizendo: *“deixe de ser burro, seu Dirceu, o fumo Dubom tem o retrato de Luiz Gonzaga, ouviu?”*. E Gonzaga finalizava o áudio dizendo novamente: *“Dubom fumo de cabra macho”*¹⁷¹.

Figura 43 – Carro de som utilizado por Gonzaga para divulgar seus shows com a propaganda do fumo Dubom



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=d5nrMPbptnM>. Acesso em: 06/08/2020.

As propagandas de cigarro nesse período atribuíam a imagem de virilidade, por isso, que Gonzaga enfatiza que o fumo é de e para ‘cabra macho’ era também conhecido como o fumo da ‘folhinha verde’ na embalagem, como é conhecido e distribuído até hoje.

A década de 1980 foi profícua em relação a campanhas publicitárias, nacionalmente era o garoto, ou melhor, o show homem iconográfico do Banco Bamerindus (Banco Mercantil e Industrial do Paraná S/A), o qual era cliente de longa data. No vídeo em homenagem ao Gonzagão por causa dos seus 50 anos de carreira, o narrador dizia:

Luiz Gonzaga, um nordestino forte. Há quase meio século acompanhado de sua sanfona, ele é a voz de todo um povo de quem é súbito e rei. Em todos os momentos sempre ao nosso lado, lá vai ele tangendo nosso coração

¹⁷¹ Fonte: <https://soundcloud.com/portallibahia/luiz-gonzaga-fumo-dubom-com>. Acesso em: 07/08/2020.

*brasileiro, a Luiz Gonzaga, homem de nossa terra. A homenagem do Bamerindus, o Banco de nossa terra*¹⁷².

O vídeo começava fazendo uma citação indireta a frase clássica de Euclides da Cunha que ficou imbuída na cultura popular: *‘o nordestino, antes de tudo é um forte’*. Sendo assim, Gonzaga para os produtores do vídeo representava essa força, a partir de sua maturidade. Era uma rede bancária que tinha suas principais agências no sul e sudeste do país, mesmo assim seu Luiz tinha conta na instituição. Por isso, a homenagem recebida.

Figura 44 – Propaganda do Banco Bamerindus



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=KyzgwbpSkfQ>. Acesso em: 06/08/2020.

O plano de fundo da propaganda era uma noite toda estrelada, como que representando o céu do sertão nordestino. Enquanto a propaganda era veiculada o ‘Rei do Baião’ tocava sua sanfona branca e cantava: *“Êra, isso aqui é forró bom, aprendi com o velho meu pai, o velho Januário, inventor do forró, meu pai fez três filhos forrozeiros: Zé Gonzaga, Januário e eu, é isso aí! Agora quando o forró é tocado por mim, é muito mais forró é muito mais tutu é muito mais zoada*¹⁷³”.

O sanfoneiro de Exu atribui ao seu pai à invenção do forró, ritmo ao qual tinha aderido e desenvolvido a partir da década de 1980, com a parceria do compositor João Silva e da nova geração da música regional, aos quais será relatada a importância posteriormente.

Luiz Gonzaga relatava no trecho final da campanha publicitária que dois outros irmãos também tinham entrado para a vida artística, mas deixa claro que quem tocava melhor era ele. A relação com tal instituição bancária era tão sólida que o ‘Rei do Baião’ em 1981 participou

¹⁷² Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=KyzgwbpSkfQ>. Acesso em: 07/08/2020.

¹⁷³ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=KyzgwbpSkfQ>. Acesso em: 06/08/2020.

de um disco chamado: “*O Som Brasileiro do Bamerindus*”, esse long play era um brinde para os clientes e amigos da família Andrade Vieira, fundadora do banco.

Esse disco fez parte de uma campanha de marketing buscava a “Interação regional” da instituição pelo país, esse long play foi distribuído também para várias emissoras de rádio. O objetivo principal era mostrar a proximidade do Bamerindus com a cultura local. Luiz Gonzaga participou da primeira música do disco com a canção: “*O Homem da Terra*”¹⁷⁴,

*Aonde está o homem
O homem da terra
Que trabalha o chão?
É ele o herói sem nome
Que cultiva a terra
Que nos dá pão*

*Olhando para o tempo
Está pedindo chuva
Ou desejando sol
Rezando pra não dar geada
Que castiga tanto a sua plantação*

*No grito do aboio
No ronco do trator
No canto da colheita
Em tudo o seu amor*

*Trabalhando a terra, ele está feliz
Ele é a força desse país*

Essa canção foi como jingle do Banco Bamerindus relatando as diferentes formas de trabalho braçal nas várias regiões do país. E por curiosidade tinha feito parte do disco de 1980 de Luiz Gonzaga que tinha recebido justamente o nome dessa música. E contava com várias regravações, por exemplo, de ‘*Tropeiros da Borborema*’, ‘*Triste Partida*’ (contando com a participação de Gonzaguinha), ‘*Siri Jogando Bola*’ e ‘*Estrada do Canidé*’. E músicas inéditas como: ‘*Mamulengo*’, ‘*Lá Vai Pitomba*’, ‘*O Mote*’, ‘*Cananã*’, ‘*Cego Aderaldo*’ e, um tributo em homenagem ao precursor do baião, Humberto Teixeira, que foi homenageado na composição ‘*O Adeus da Asa Branca*’.

¹⁷⁴ Fonte: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/1562162/>. Acesso em: 08/08/2020.

Figura 45 – Capa do disco ‘O Homem da Terra’ - 1980



Fonte: <https://esquizofia.wordpress.com/2014/06/25/viva-o-vinil-luiz-gonzaga-o-homem-da-terra/>. Acesso em: 08/08/2020.

A capa do disco apresentava uma iconografia de um sertão bem diversificado e que cabia dentro e fora da sanfona e das músicas de Gonzaga. A música que dá nome ao LP era de composição do casal de compositores: Walter Santos e Tereza Souza que tinham criado o estúdio ‘Som da Gente’ para a produção de jingles publicitários, e é por isso que no encerramento do ‘brinde’ do Bamerindus a música de encerramento e a canção “Erosão”, novamente cantada por Gonzagão.

*Ainda hei de ver um dia
A minha terra sem a praga da erosão*

*Ai! Quem me dera se eu pudesse
Se Deus me desse uma atenção
E ajustasse todo o povo
No mutirão para acabar com a erosão
Ainda hei de ver um dia
De novo o verde
Se espalhar no meu sertão*

*A erosão parece uma serpente
Rachando a terra, devorando o chão
E a riqueza que era da gente
Vai toda embora com a erosão
Por isso, agora estou aqui cantando
Chamando o povo pra esse mutirão
Vamos minha gente, salvar nossa terra
Das rachaduras da erosão*

*No meu pedacinho de chão
Não tem perigo de erosão*

*Eu aprendi o jeito certo
De proteger a terra e a minha plantação*

*Ai, minha gente, que fartura
Tanta riqueza se espalhando pelo chão
É macaxeira, girimum caboclo
Batata- doce, melancia e melão
Feijão de corda se enroscando em tudo
Dá gosto de ver minha plantação
Lá no açude, a água tão limpinha
Espelha o verde e a criação
É tão bonito este meu pé-de-serra
Com a terra livre da erosão (bis)*

A canção debatia o problema enfrentado pelos agricultores com a erosão. Problema esse que aumenta a cada ano nas terras nordestinas, agravado pela devastação de sua vegetação nativa, a caatinga. A sonoridade regional das sanfonas não foi feita por seu Luiz e sim por seus discípulos Dominginhos e Oswaldinho. O disco também contou com as participações de outros músicos, cantores e compositores representando as demais regiões do Brasil. Posso citar: Luiz Arruda Paes, Nélson Ayres, Heraldo do Monte, Luiz Roberto Borges, além da ilustração e texto de apresentação do pesquisador e jornalista Zuza Homem de Mello. As representações de nordestinidade musical deixadas pelo ‘Rei do Baião’ foram usados novamente pela instituição bancária na década de 1990.

Figura 46 – Propaganda do Bamerindus pós Gonzaga



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=FF-4VFSHPjg>. Acesso em: 06/08/2020.

O trio musical nordestino (composto por triângulo, zabumba e sanfona) pensado por Luiz Gonzaga na década de 1950, quarenta anos depois estava fazendo parte da campanha publicitária mais famosa do Banco Bamerindus que tinha o intuito de incentivar a população a poupar nessa instituição bancária, isso ocorria por causa da alta inflacionária do período.

O estado de origem de Gonzaga não queria saber se ele estava na crista do sucesso ou não. Por isso, durante toda sua carreira a propaganda em Pernambuco tinha a presença

frequente do sertanejo de Exu. Vou citar uma propaganda na década de 1980, era um produto muito consumido e um símbolo regional, estou falando do café, mais especificamente do Café Petinho.

Esse “produto [ainda] é beneficiado no Moinho Petinho Indústria, com sede no Recife, onde trabalham mais de 300 funcionários. A partir da unidade, ele é distribuído para todo o Estado, atendendo a quase 3,5 mil estabelecimentos” (*‘Diário de Pernambuco’*, 30/08/2017). E Gonzaga era o garoto propaganda em outdoor espalhados pelo estado, nas rádios e principalmente na mídia local.

Figura 47 – Propaganda do Café Petinho veiculada no nordeste



Fonte: <https://gramho.com/explore-hashtag/Cafepetinho>. Acesso em: 07/08/2020.

O vídeo veiculado na mídia local iniciava com o ‘Rei do Baião’ batendo no recipiente do café e gritando: “*Tá é danado de bom!*” e uma criança pergunta: “*O que é seu Lula?*” Ele respondia: “*Café Petinho na lata, arretadinha, lacradinha. Quando você chegar em casa que abrir essa lata, a negada vai dizer: Petinho na lata*”. E depois canta:

Ontem eu sonhei que estava em Moscou tomando café Petinho com uma russa cossacou. E acordei quando a nega me chamou com seu café Petinho ta na mesa meus amor. Ai, ai, ai, ai Maria Nazaré a maior russa do mundo e pediu o meu café. Café Petinho é o melhor café, café Petinho é o melhor café. Se você não acredita pergunta a Nazaré, hei¹⁷⁵...

Para a produção dessa campanha publicitária foi utilizada à letra e a melodia da música ‘*Pagode Russo*’ composição de Gonzaga e João Silva que tinha sido lançada em meados da década de 1940, e que tinha voltado ao sucesso nos de 1980, quarenta anos depois, na onda de sucesso do forró desenvolvida na parceria entre ambos.

¹⁷⁵ Fonte: <https://gramho.com/explore-hashtag/Cafepetinho>. Acesso em: 07/08/2020.

No estado vizinho de Pernambuco, a Paraíba, também era espaço das propagandas de Gonzaga. Um exemplo era o comercial para uma marca de calçado cuja fábrica possuía sede em Campina Grande. O jingle dizia assim: *“Sandálias Dupé dá pé, Sandálias Dupé dá pé, não é só para trabalhar, que as Sandálias Dupé dá pé, não é só para passear, que as Sandálias Dupé dá pé, não é só para se banhar que as Sandálias Dupé dá pé, Sandálias Dupé é resistente, ta no pé de toda gente”*. E o locutor da Rádio Cariri de Campina Grande complementava a propaganda dizendo: *“Sandálias Dupé calçam o Brasil, resistente, qualidade BESA [Borracha Esponjosa S/A Indústria e Comércio], empreendimento apoiado pela SUDENE”*, Gonzaga finaliza complementando: *“Sandálias Dupé é resistente ta no pé de toda gente”*¹⁷⁶.

As sandálias estilo japonesa Dupé era o principal produto da empresa BESA. Essa “indústria obteve, junto à SUDENE, tanto o investimento para as atividades iniciais em 1967, como também obteve, em 1971, os recursos necessários ao processo de alavancagem financeira que permitiu a diversidade e a ampliação da sua linha produtiva”¹⁷⁷. Esse produto que tinha o Gonzagão atrelado sua imagem era a concorrente local das sandálias Havaianas.

Figura 48 – Propaganda das sandálias Havaianas Gonzagão



Fonte: <https://www.havaianomaniacos.com.br/2019/06/havaianas-sao-joao-2019-gonzagao.html>. Acesso em: 08/08/2020.

¹⁷⁶ Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com/2014/10/jingle-sandalias-dupe-luiz-gonzaga.html#.XyrvfxR7nIV>. Acesso em: 08/08/2020.

¹⁷⁷ Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com/2011/02/especial-besa-borracha-esponjosa-sa.html#.XyrykRR7nIU>. Acesso em: 08/08/2020.

Essa última marca de calçados em 2019, ano em que se lembrava os 30 anos do falecimento do ‘Rei do Baião’, lançou as chamadas Havaianas Gonzagão em pleno São João de Campina Grande. Local onde desde 2011 a empresa lança edições especiais no período junino com temas como bandeiras, balões, fogueiras e sanfonas estampas. Essa foi a primeira vez que houve a personalização do produto.

Essa utilização da mídia, que atrela Luiz Gonzaga às festividades juninas continua presente na propaganda e é renovada essa representação cultural a cada ano, principalmente na região nordeste.

Na Paraíba, posso destacar outro patrocinador frequente, era o Café São Braz. Entretanto, tiveram variados produtos que escolheram o ‘Rei do Baião’ como divulgador e não importavam se ele estava nas paradas de sucesso ou fora dela. Cito: o Baú da Felicidade, as bebidas Martini e Cinzano, a aguardente Chica Boa, a Pitu e a Serra Grande, o Café Caboclo, as Casas Pernambucanas, as Lojas Paulistas, o Fusca Vida de Viajante, a enxada Tupi entre outros. Todos esses produtos patrocinavam para Gonzaga ficar próximo do seu público.

Portanto, as propagandas fizeram com que Gonzaga não saísse definitivamente da mídia em nível nacional e regional e representam uma fonte alternativa de recursos. Já no final da década de 70 a presença do ‘Rei do Baião’ começou a se tornar mais frequente, como veremos adiante.

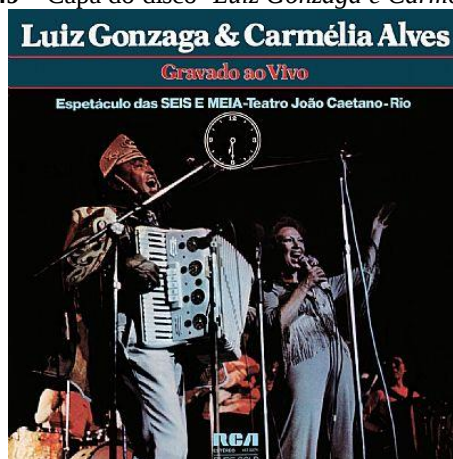
2. 4 Luiz Gonzaga: Especial

Isso ocorreu a partir do ano de 1976, quando a música ‘*Capim Novo*’ fez parte da trilha sonora da novela ‘*Saramandaia*’ da TV Globo eram as canções de seu Luiz retornando paulatinamente às telas da televisão por intermédio de novela de sucesso. E, a partir daí, começaram a perguntar por onde anda o Luiz criador do baião? Isso rendeu por parte da emissora a gravação do ‘*Especial Luiz Gonzaga*’ com direção de Augusto César Vannunci, e contou com a participação dos membros da família de Januário, a única ausência foi a de dona Santana que havia falecido anos antes. O programa foi exibido em duas sextas-feiras seguidas, dias 13 e 20 de agosto. Com isso, o rei e o seu baião voltaram a ser notícia na maior rede de TV do país. Sua imagem iria retornando aos poucos à mídia nacionalmente.

Em 1977, Luiz Gonzaga e Carmélia Alves, ‘Rei e Rainha do Baião’ foram contratados para realizar uma série de shows no ‘Projeto Seis e Meia’. Esse projeto era desenvolvido pela Fundação Nacional de Arte (Funarte), os espetáculos aconteciam de terças a sábados e começavam pontualmente às seis e meia. E o intuito era apresentar intérpretes, músicos e compositores dos diversos pontos do país, e havia a junção das novas e das antigas gerações da música brasileira. Esse projeto durou até o ano de 1982 e em algumas oportunidades os shows saíam do Rio de Janeiro para outros estados.

A partir dessa apresentação de Gonzaga e Carmélia foi gravado um álbum em março de 1977, no Teatro João Caetano, na cidade do Rio de Janeiro, primeira sede da corte do baião. O LP fez tanto sucesso que o programa dominical Fantástico da Rede Globo, do dia 16 de outubro de 1977, fez o lançamento do disco.

Figura 49 – Capa do disco ‘Luiz Gonzaga e Carmélia Alves’



Fonte: <https://immub.org/album/luiz-gonzaga-carmelia-alves>. Acesso em: 30/08/2020

O apresentador do programa, o cantor Fábio Júnior disse sobre o assunto: “A série de shows Seis e Meia juntou de novo uma dupla que só se encontrava nos tempos da Era de Ouro do Rádio, Luiz Gonzaga e Carmélia Alves, rei e rainha do baião. O show aplaudido também pelos paulistas foi todo gravado está saindo agora em disco¹⁷⁸”. Eram as ditas majestades do baião voltando às paradas de sucesso e enchendo os teatros no sudeste do país, lembrando o início da carreira de ambos.

Assim, algumas surpresas começaram a ocorrer: a primeira foi que o nome Luiz Gonzaga ganhou um verbete na Enciclopédia Britânica Barsa, sendo com isso, objeto de consulta para os que tinham curiosidade sobre sua vida e obra. E a segunda surpresa foi no Roberto Carlos Especial de fim de ano de 1977. Tendo como tema música e futebol, o ‘Rei da

¹⁷⁸ Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=W_weuoyTKQM. Acesso em: 30/08/2020.

Música Brasileira’ convocou a Seleção Brasileira da MPB. Dizendo que vai citar “alguns craques compositores desta música popular brasileira, e nessa seleção acho que fico no banco, pode crer!”¹⁷⁹.

A primeira convocada foi ‘Wave’ (mais conhecida como ‘Vou Te Contar’ – de Tom Jobim e Vinicius de Moraes) era representante da Bossa Nova e, para surpresa de muitos a segunda chamada para o selecionado era o clássico regional ‘Asa Branca’. As demais convocadas foram à campeã do festival da Rede Record de Televisão de 1967: ‘Ponteio’ de Edu Lobo e José Carlos Capinam, ‘Cinema Olympia’ de Caetano Veloso, canção que era sucesso nas vozes de Elis Regina e Gal Costa e, por fim, ‘Travessia’ de Milton Nascimento e Fernando Brant.

Eram novos e velhos compositores e ritmos sendo homenageado por Roberto Carlos, era o cabeludo ao qual Gonzaga insinuava ter perdido espaço na mídia na década de 1960, citando o ‘Rei do Baião’ com uma referência da MPB. Lembrando que seu Luiz já havia gravado de modo instrumental um dos maiores sucessos do ‘Rei da Jovem Guarda’, ‘Meu Pequeno Cachoeiro’ (composição de Raul Sampaio) em 1972, música que tornou-se oficialmente o hino da cidade de Roberto Carlos.

Outra relação musical que se desenvolveu nesse interregno aconteceu em 1968, foi à parceria com a chamada música romântica ou como é popularmente conhecida “Música Brega”. Gonzaga foi o responsável em 1973 pelo incentivo na carreira do cantor mineiro Fernando Mendes, bancando o seu nome em um dos programas de rádio mais escutados da década de 1970, era o programa do famoso apresentador de TV e radialista Haroldo de Andrade Show. Gonzaga fez isso, porque Mendes já estava nas paradas de sucesso das rádios nordestinas com seus primeiros discos, mas não tinha mercado promissor no sudeste.

A admiração de Fernando Mendes pelo ‘Rei do Baião’ foi tão grande que o cantor mineiro, no seu terceiro disco, fez um *pout pourri* com baiões de Gonzaga e o convidou para cantar, o nome da música ficou ‘Baião Collection’ e tinha um trecho das seguintes canções: “Asa Branca”, “Canário do Reino”, “Coronel Antonio Bento”, “Ovo de Codorna”, “O Cheiro da Carolina”, “Eu Só Quero Um Xodó”, “Marinheiro Só”, “Qui Nem Jiló”. Essa parceria fez Gonzaga pela primeira vez invadir as pistas de dança das discotecas pelo Brasil. Além de fazer parte da trilha sonora da telenovela ‘Salário Mínimo’ da Rede Tupi de Televisão.

Durante sua carreira, o sanfoneiro de Exu lançou músicas de cunho humorístico ou contava histórias engraçadas de sua vida e viagens, talvez seja por isso, que o cearense Renato

¹⁷⁹ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Fc7ct5D4VFI>. Acesso em: 30/08/2020.

Aragão tenha o convidado para algumas participações no programa dominical da Rede Globo ‘Os Trapalhões’. As duas primeiras aparições foram em 1978 e Gonzaga cantou e tocou ao lado do quarteto de humoristas a canção de Zé Dantas ‘Siri Jogando Bola’ sucesso em meados da década de 1950. E após o intervalo comercial, ele voltou para apresentar a música ‘Mané Gambá’, a primeira composição do jovem Jorge de Altinho e de Luiz Gonzaga. Antes de se apresentar o ‘Rei’ dialogou com o personagem ‘Didi’, sobre as novidades em determinados assuntos:

Didi – Luiz Gonzaga sua sanfona e sua simpatia, tudo bom pelo sertão?

Gonzaga – Bom danado, você pergunta pelo sertão e eu sentindo o cheiro do nordeste aqui.

Didi – É verdade, mas faz tempo que não vou por lá. E já que não tem ninguém aqui vendo. Aquele negócio de ‘Ovo de Codorna’ funciona mesmo?

Gonzaga – Você não usou não?

Didi – Não, não é para um amigo meu.

Gonzaga – ‘Ovo de Codorna’ andou mais ou menos, o ‘Capim Novo’ deu um bom resultado, mas o que está agradando agora é o ‘Chá Cutuba’. Mas o que eu vou apresentar é o ‘Mané Gambá’¹⁸⁰.

Na linguagem bem humorada entre os dois nordestinos ironizavam as canções de Gonzaga que citavam os afrodisíacos naturais utilizados popularmente. E apresentavam um sucesso recém-lançado. E, por fim, a terceira participação no mesmo programa não foi tocando e sim interpretando. A cena passava-se num cartório onde Gonzaga tentava registrar seu irmão e acontecia um imbróglio por causa do nome escolhido. Seu Luiz entra no cartório acompanhado do Didi e diz:

Ele é Grande assim, mas até hoje nunca foi registrado. O escriturário pergunta: Muito bem, qual é o nome dele? Gonzaga responde: Bode. O escriturário olha e pergunta: O senhor está brincando comigo? Isto lá é nome de gente? Gonzaga intervém: Agora é tarde, foi esse nome que meu pai queria que botasse nele. Em resposta o escriturário diz: É o senhor vai me desculpar, mas com esse nome eu não registro. Gonzaga retruca: Como não vai registrar? Quer que você está pensando, se nosso pai quis que fosse bote e tem que ser bode. Didi diz: não esquenta não, vamos simhora cabrito¹⁸¹.

Nesse período quem escrevia os roteiros dos Trapalhões era Carlos Alberto de Nóbrega e Renato Aragão, ambos aproveitaram as representações regionais que o ‘Rei do Baião’ tinha sobre si, com símbolos de couro produzidos a partir de bovinos e caprinos, e

¹⁸⁰ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Y1B3ILYkN28>. Acesso em: 30/08/2020.

¹⁸¹ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=OGO39b7-5QQ>. Acesso em: 30/08/2020.

utilizaram em uma peça de humor, intercalando com paródias que nomes considerados estranhos e usando como modo inspirador a natureza e seus elementos.

Figura 50 – Gonzaga o comediante



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=OGO39b7-5QQ>. Acesso em: 30/08/2020.

No decorrer da década de 1980, a trupe de humoristas se apropriou das iconografias que Gonzaga tanto divulgou no decorrer da carreira. ‘Os Trapalhões’ fizeram filmes sobre o cangaço usando a estética promovida pelo ‘Rei’ e produziram discos de forró em que se destacavam as composições de Renato Aragão. Era, portanto, Gonzaga chegando à comédia em horário nobre do domingo na TV brasileira.

Mesmo com tudo isso, o sanfoneiro de Exu percebia que o seu espaço ainda estava reduzido na mídia para realizar seus shows no sudeste voltou-se para onde sua dita majestade não tinha se acabado. E em entrevista concedida ao jornal paraibano ‘O Norte’, ele profetizou que sua carreira ainda não tinha se findado, na reportagem de capa com título: ‘Gonzaga: a sanfona não se acabou’:

A sanfona não se acabou em lugar nenhum do mundo. Onde existir uma propriedade rural, onde existir uma fazenda, onde existir um povo comendo produtos rurais, o povo comendo carne vinda das fazendas, chácaras, dos sítios... Tem o vaqueiro, tem o ruralista, tem pecuarista, e onde tem uma pessoa dessas, tem uma dança, tem um casamento, tem uma festa, tem uma novena, tem uma padroeira, tem entronização, tem uma renovação, e onde tem essas coisas tem festa, tem sanfona – foi o que disse ontem o “Rei do Baião”, Luiz Gonzaga, em Campina Grande. Ele estará, hoje, em João Pessoa, quando à noite se apresentará para um show público, no parque Solon de Lucena, também num patrocínio do Café São Braz (‘O Norte’, 27/06/1979).

Luiz Gonzaga atribuía seu sucesso à área rural, onde estava o seu público mais cativo, mas também estava a sua fonte de inspiração. Observo que o cantor tinha shows em Campina Grande e na capital paraibana justamente no período junino, onde ele fez seu nome e desenvolveu esse momento festivo para os nordestinos, criando uma tradição regional. Continuando os relatos:

Gonzaga prontificou-se a ajudar as autoridades de Campina Grande na realização de uma festa anual e um festival de Música Popular Nordestina para beneficiar os sanfoneiros, homenagear Rosil Cavalcante atrair turistas. “E eu parto com a ideia, se a Prefeitura topar essa festividade seria a partir de Santo Antônio até São Pedro” (*‘O Norte’*, 27/06/1979).

Esse era o preâmbulo da ideia do que se transformaria no ‘Maior São João do Mundo’ em Campina Grande, evento que ele participava todo ano. A partir do ano de 1979, seu envolvimento mais próximo com seu filho, Gonzaguinha abriu novas portas. E também com sua luta em prol de melhorias para a região nordestina, permitiu que o veterano músico retomasse a carreira de sucesso como um dos mais destacados representantes e símbolos de uma região por meio de parcerias com outros cantores.

A partir disso, posso dizer que Luiz Gonzaga na sua busca de retomar o sucesso, ficou nas décadas de 1960 e 1970 Tateando, como boa parte dos músicos de sua geração, para estabelecer uma conexão com os jovens da nova geração, que já foram formados num mundo mais urbano, para os quais a “roça” era uma realidade distante. Em termos de arte, essa aproximação tinha de ser “sincera”, apesar de certas negociações e concessões terem de ser feitas, um certo “jogo de cintura”. Gonzaga quis buscar novamente o sucesso, precisava dialogar com um novo público e, talvez, a busca de se aproximar do filho tenha sido exatamente uma busca de reatar dois fios: o da afetividade e o da carreira artística.

Cabe salientar que o poder símbolo que Gonzaga trazia sobre si, influenciava não só no âmbito musical, pois o “Rei do Baião” usava sua dita majestade em determinados movimentos políticos ao longo de sua carreira.

Veremos, adiante, como muito além de sua militância musical, o seu engajamento político em questões de âmbito regional – com sua decisiva participação na pacificação de uma sangrenta luta em sua cidade natal, e seu envolvimento involuntário numa querela política que reacendia velhas rivalidades nas quais ele havia se envolvido décadas antes –, e que mostrou como o ‘Rei do Baião’ tateou seus caminhos ao longo de uma década em que começou como um cantor e compositor aparentemente condenado a aparecer nas antologias

de antigas produções musicais e no final da década de 1970, iniciou o seu retorno em grande estilo ao sucesso nacional que tanto almejava reconquistar.

3 Sanfona contra Balas e o Pau que no mato roncou: O rei e o engajamento político

Mas além das lides artísticas nos tempos de maior projeção e da sua luta por retomar o topo do sucesso tempos depois, Gonzaga acabou por se envolver com questões de natureza bem distinta da produção musical. Um homem que ganhara tal projeção artística, não poderia – e, talvez, nem desejaria –, passar ao largo de outras questões que sacudiam a sociedade na qual vivia. Afinal, as relações entre arte e política costumam a ser mais estreitas que usualmente se pensa, conforme veremos adiante.

Luiz Gonzaga não teve exatamente uma militância político-partidária ou alguma vinculação político-ideológica e programática, mas não deixou de se envolver em questões políticas, na maioria das vezes ligada aos seus relacionamentos pessoais e ao interesse em promover certas causas em defesa dos sertanejos afligidos por condições adversas, principalmente em relação às secas que atingiam periodicamente o semiárido e que cantou em muitas canções. Como já frisamos, não se tratava de uma política engajada, mas de uma sensibilidade social com suas repercussões políticas. Às vezes essas situações trouxeram recompensas, outras dissabores, mas não podemos passar ao largo das mesmas para entender elementos substantivos de sua carreira.

3.1 ‘Quatro tiros, quatro mortes’: o conflito oligárquico Alencar versus Sampaio

Luiz Gonzaga deixou Exu por longos anos, mas Exu nunca deixou Luiz Gonzaga e ele acabou retornando homem feito para a terra que havia deixado quase um menino. Essa terra, além dos cheiros, sons e gostos da infância, também tinha lá seus velhos problemas das antigas disputas de famílias e Gonzaga acabou por nelas se enredar e assumir uma posição de pacificador numa sangrenta luta que se arrastava há décadas.

Diante da crescente perda de sucesso no Centro-Sul - onde havia estourado nas décadas de 1940 e 50-, no início da década de 1960, conforme já falamos anteriormente. Gonzaga buscou acolhimento artístico e afetivo em sua terra natal. Mas se Gonzaga não era o mesmo menino que havia fugido em 1930 e o homem feito e cantor de sucesso que havia

retornado 16 anos depois e narrara nos seus próprios termos presente na canção “*Respeita Januário*”:

Quando eu voltei lá no sertão
Eu quis mangar de Januário
Com meu fole prateado
Só de baixo, cento e vinte, botão preto bem juntinho
Como nêgo empareado...

Eita com seiscentos milhões, mas já se viu!
Dispois que esse fi de Januário vortô do sul
Tem sido um arvorço da peste lá pra banda do Novo Exu
Todo mundo vai ver o diabo do nego
Eu também fui, mas não gostei
O nego tá muito mudificado
Nem parece aquele mulequim que saiu daqui em 1930

Era um homem maduro, na década de 1980, quando retornou à sua terra para nela morar no parque ‘Aza Branca’, e onde ficou até os últimos dias, só saindo para compromissos artísticos. Mas se Gonzaga havia mudado, o que dizer de sua Exu? Afinal, algumas décadas haviam se passado e velhas e novas situações se apresentaram ao ‘*Rei do Baião*’.

Luiz Gonzaga continua sendo, três décadas após o seu falecimento, o cidadão mais conhecido do município de Exu, mais de 600 km de distância do Recife, capital do estado, localizado no alto sertão pernambucano, situado à altura da Serra do Araripe, na divisa entre os estados de Pernambuco e Ceará. Administrativamente, o município atualmente segundo o IBGE cidades é composto pelo distrito sede e pelos povoados de Tabocas, Timorante, Viração, Zé Gomes entre outros. Possui mais de 31 mil habitantes. Sobre a origem histórica e a toponímia local Dreyfus (2012) diz:

Confraternizando com a tribo dos índios que viviam lá, os Açus, cuja corruptela do nome daria Axu e logo Exu¹⁸², o jovem Leonel Alencar, acompanhado de três irmãos, fundou a fazenda Várzea Grande. Os Alencar casaram, se multiplicaram e foram ocupando o espaço. Assim foram nascendo, entre muitas outras, as fazendas da Caiçara, de Bodocó, de Salgueiros, da Gameleira, situada no pé da serra do Araripe. Nessa última, foi fundado o povoado de Exu, situado a alguns quilômetros apenas do antigo, e que surgiu no início do século, às margens do rio Brígida (DREYFUS, 2012, p. 27).

¹⁸² Cabe salientar que Exu era uma divindade trazida da África para o Brasil pelos escravizados que tiveram presença marcante na terra em que Gonzaga nasceu tempos depois. Portanto, a toponímia da cidade em questão pode ter várias versões. Para tanto, utilizei a trabalhada por Dominique Dreyfus.

Discordando da biógrafa tenho certeza que a ocupação do que hoje é o território de Exu não foi uma confraternização e sim um conflito entre os colonizadores que queriam implantar a criação de gado para a produção de carne e couro, contra os nativos que habitavam o espaço há anos. Após a invasão da terra dos Açus ou Axios, o primeiro nome dado foi Bom Jesus dos Aflitos de Exu, e essa designação de aflitos podia se dar num contexto de violentos enfrentamentos da frente colonizadora contra as populações locais, que marcaram os sertões nordestinos desde meados do século XVIII, história que ainda precisa ser mais conhecida no âmbito da nossa historiografia¹⁸³.

Após a fragmentação das terras de Exu em propriedades surgiu à Fazenda Caiçara, lugar onde Luiz Gonzaga nasceu. Segundo o *site* do IBGE cidades em relação à evolução histórica do Exu, “em 1734, era criada a freguesia do Senhor Bom Jesus dos Aflitos de Exu. No ano de 1846, o povoado de Exu era elevado à categoria de vila”. E corrobora afirmando: “O município foi instalado em 07 de junho de 1885, passando à condição de autônomo em 09 de julho de 1893, em face da lei n. 52, de 03 de agosto de 1892, sendo seu primeiro prefeito Manoel da Silva Parente. Em 1895 foi supresso o município” e reintegrado ao Município de Granito¹⁸⁴.

O Exu retornou à categoria de cidade no dia 8 de setembro de 1907. Sendo atualmente administrado por um membro de “clã¹⁸⁵” Saraiva, o senhor Raimundo Pinto Saraiva Sobrinho. E essa história vem de longe, a influência de certos grupos familiares no comando político de vários municípios da região e na qual Luiz Gonzaga acabou enredado durante anos de sua vida. A rivalidade entre as oligarquias exuenses pelo poder local e estadual, vem do período colonial e algumas vezes extrapolava as divisas da província de Pernambuco. E somente a liderança ativa do “Rei do Baião”, na década de 1970, junto com o governo federal pôde colocar fim a mais de meio século de morticínios derivados de lutas de famílias, que iremos discutir adiante. Uma das oligarquias proeminentes do lugar era ligada à família Alencar, que junto com a família Sampaio, foram protagonistas desse conflito.

¹⁸³ No século XVII, esses conflitos, que se prolongaram em menor intensidade pelo XVIII, tomaram a denominação de “guerra dos bárbaros”, marcada pelo confronto entre a frente colonizadora pecuarista e as populações indígenas. Um brevíssimo resumo está em PIRES, Maria Idalina. Guerra dos Bárbaros: o terrível genocídio que a história oficial não conseguiu esconder. <http://blog.editoracontexto.com.br/guerra-dos-barbaros-o-terrivel-genocidio-que-a-historia-oficial-nao-conseguiu-esconder/>. Acesso em 09/10/2020.

¹⁸⁴ Fonte: <https://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/exu/historico>. Acesso em: 28/03/2019.

¹⁸⁵ Quando me referir às famílias nobres de Exu usarei os substantivos: clã, castas, oligarquia e entre outros. Certamente cada uma dessas designações tem sua definição própria, mas aqui usaremos de forma genérica, apenas destacando o seu significado de poder familiar.

Exu é terra dos Alencar, antepassados – entre outros tantos – do romancista José de Alencar¹⁸⁶ e de sua heróica avó, a revolucionária Bárbara do Crato¹⁸⁷, e do político Miguel Arraes de Alencar. Desembarcando de Portugal, Leonel Alencar chegou na região em 1709 (DREYFUS, 2012, p. 27).

A partir daí, observo que a oligarquia teve nomes de destaque na historiografia regional, entre esses se destaque Bárbara de Alencar, que foi homenageada por Gonzaga na música “*Meu Araripe*”, junto com outros exuenses famosos que estavam na memória dos compositores Luiz Gonzaga e João Silva, a canção foi lançada em 1968, em alusão ao primeiro centenário da fazenda principal dos Alencar. O sanfoneiro de Exu começa a fazendo a seguinte exclamação: *Viva a São João do Araripe! Viva a seu Januário!*

*Meu Araripe¹⁸⁸, meu relicário
Eu vim aqui rever meu pé de serra} bis
Beijar a minha terra
Festejar seu centenário*

*Sejam bem vindos
Os filhos de Januário
Pro centenário do Araripe festejar
E a nossa festa
Não vai ser de candeia
Já tem luz que alumeia
Que os homem mandou dar} bis*

*Quero louvar
Os grandes desse lugar
Luiz Pereira, Dona Bárbara de Alencar
E o Barão que não sai da lembrança
Que mandou buscar na França
São João e Baltazar} bis*

O local do lançamento da música encomendada pelos Alencar para festejar a inauguração da luz elétrica no sítio Araripe, foi no armazém da propriedade. Onde houve uma festa que durou duas semanas, contado a presença de Luiz Gonzaga e Dominginhos. A festividade foi tão importante que a gravadora produziu um disco em homenagem ao evento.

¹⁸⁶ José Martiniano de Alencar (Messejana – CE, 01/05/1829 - Rio de Janeiro, 12/12/1877). Foi um escritor e político de enorme projeção, responsável por parte expressiva da criação literária romântica no Brasil imperial.

¹⁸⁷ Bárbara Pereira de Alencar (Bom Jesus dos Aflitos de Exu, 11/02/1760 – Fronteiras – PI, 18/08/1832). Foi uma comerciante e ativista política. Primeira presa política do Brasil é considerada uma heroína da Revolução Pernambucana e da Confederação do Equador.

¹⁸⁸ Fonte: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/1561814/>. Acesso em: 04/04/2020.

Figura 51 – Capa e contracapa do LP ‘Luiz Gonzaga São João do Araripe’



Fonte: <https://immub.org/album/sao-joao-do-araripe>. Acesso em: 02/09/2020.

A fundação da fazenda ocorreu em 1868 a partir da construção da igreja de São João Batista. Na música cita o ex-proprietário Luiz Pereira de Alencar Filho, irmão do Barão de Exu e bisneto do patriarca da família Leonel Alencar. Fala da ex-moradora Bárbara de Alencar e homenageia ainda os padrinhos do “Rei do Baião” e outros personagens que fizeram parte da história do Araripe.

Por causa disso, esse clã atribui a si a qualidade de fundadores da povoação, paulatinamente da cidade, muito em consequência a isso, deu origem a um dos maiores conflitos entre famílias pelo poder local, tema esse que marcou a face de diversas localidades desde o período colonial, seja na luta entre Pires e Camargos na Capitania de São Vicente do século XVII, seja entre os Montes e os Feitosas, no Ceará do século XIX. Na literatura brasileira tornou-se célebre a luta entre Campolargos e Vacarianos, em *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo.

O Jornal ‘O Estado de São Paulo’ publicou reportagem sobre o assunto, relatando que a luta política dos Alencar no Sertão teria começado em 1710, há mais de 300 anos, “quando os irmãos portugueses Leonel, Alexandre, João Francisco e Marta, perseguidos pela Coroa portuguesa, se instalaram no pé da Serra do Araripe, entre as capitanias do Ceará e de Pernambuco. A chegada deles deu início a divergências com outras famílias”.

Uma neta de Leonel, Bárbara de Alencar, que viria a ser avó de José de Alencar, autor de *O Guarani*, se destacou com seus filhos na Revolução de 1817, contra a Coroa. Foi presa e torturada. Viveu dois anos numa cela empesteada de pulgas e ratos. Libertada, veria sete anos depois, em 1824, o filho seminarista José Martiniano proclamar a República na Praça do Crato, no Ceará. À frente do governo da capitania estava um Sampaio. A tropa do

governador Inácio Manuel Sampaio¹⁸⁹ fuzilou dois filhos de Bárbara – Tristão e Carlos José –, um irmão, Leonel, e um sobrinho, Raimundo. A matriarca Bárbara era símbolo de um mundo caboclo que resolvia as pendências no punhal e, ao mesmo tempo, de ideias iluministas que conquistaram França e Estados Unidos. Essas ideias chegaram ao universo de Bárbara por meio de amigos padres que passaram pelo seminário de Olinda. Vista como legítima representante do Brasil, sem trocadilhos, bárbaro, ela é apresentada ainda como a mulher que desafiou homens da família Sampaio por se opor a perseguições de índios, padres e negros. (*O Estado de São Paulo*, 12/10/2013).

A matriarca famosa do clã Alencar, Bárbara Alencar nasceu no Exu, quando a localidade chamava-se Senhor Bom Jesus dos Aflitos de Exu, por causa dos jesuítas que fundaram a Igreja Matriz da localidade. Ela veio à luz na mesma Fazenda Caiçara, onde Gonzaga nasceria 152 anos depois. Essa propriedade pertenceu ao patriarca da família Alencar, o português Leonel Alencar Rego, avô da matriarca. Quando cresceu, Bárbara Alencar se mudou para a então vila do Crato, no Ceará, casando-se com o comerciante português José Gonçalves do Santos. Essa matriarca era mãe dos também revolucionários: José Martiniano Pereira de Alencar e Tristão Gonçalves.

Durante a Revolução Pernambucana de 1817, foi presa e torturada numa das celas da Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção. É considerada, portanto, a primeira prisioneira política da História do Brasil. Morreu depois de várias peregrinações em virtude de fuga da perseguição política em 1832 na cidade piauiense de Fronteiras.

Figura 52 - Selo filatélico que registra a inscrição de Bárbara de Alencar no Livro dos Heróis da Pátria.



Fonte: https://www.pt.wikipedia.org/wiki/B%C3%A1rbara_de_Alencar. Acesso em 20/03/2019.

Outro personagem famoso e ligado à política no município de Exu era Guálter Martiniano de Alencar Araripe, o Barão de Exu. Ele foi um político brasileiro, coronel da

¹⁸⁹ Manuel Inácio de Sampaio e Pina Freire (Portugal 07/08/1778 – 07/08/1856). Foi um administrador colonial português. Foi governador-geral da capitania do Ceará, de 1812 a 1820. Enquanto Governador do Ceará, enfrentou revoltas populares e organizadas, tal como a Revolução Pernambucana, ou "Revolução de 1817", e suas extensões, o "movimento de 17 no Ceará". Fonte: <http://www.coisadecearense.com.br/governador-sampaio/>. Acesso em: 06/08/2019.

Guarda Nacional e eleito por diversas vezes deputado provincial por Pernambuco. Filho de Luís Pereira de Alencar e de Ana Pereira de Carvalho casou-se duas vezes, a primeira com Jacinta Xavier de Carvalho e em segundas núpcias com Alexandrina Ferreira Leite, mas não deixou descendência legítima. Sobrinho de Bárbara de Alencar era primo-irmão de Tristão Gonçalves¹⁹⁰ e do senador José Martiniano Pereira de Alencar. Recebeu o baronato por decreto de 15 de novembro de 1888. O título faz referência à cidade pernambucana de Exu. Sobre o barão o jornal ‘*O Estado de São Paulo*’ discorreu:

Barão de Exu. A rixa entre os Alencar e os Sampaio voltou a recrudescer na manhã do dia 10 de abril de 1949. Foi nesse dia que houve um tiroteio em Exu no qual morreram o coronel Romão Sampaio e Cincinato de Alencar. O filho de Cincinato, Francisco Aires de Alencar, saiu ferido. "Francisco, meu marido, ficou 30 anos e três meses paralisado", conta Diva de Alencar Parente, 79 anos, em frente ao casarão da fazenda Gameleira, que pertenceu a Gualter Martiniano de Alencar, barão de Exu. O diploma do barão está na parede de um metro de espessura da casa que fica no alto de uma colina, no começo da Serra do Araripe. O barão era sobrinho de Bárbara de Alencar, avô de Cincinato e bisavô de Francisco, que morreu de diabetes em 1979 (‘*O Estado de São Paulo*’, 12/10/2013).

Portanto, os Alencar representavam a mais tradicional família de poderosos locais, que por anos a fio, vindo do período colonial e imperial exercia o domínio político e econômico sobre a região. Seu poder raramente foi contestado, muito embora outras famílias que vieram a se radicar na região, os Sampaio e os Saraiva, ligados ao comércio e vindos da cidade de Serrita – PE, tenham começado a desafiar essa proeminência nas primeiras décadas do século XX. A família Alencar, que havia participado da frente colonizadora da cidade, era ligada à agricultura e pecuária. Foram lentas rivalidades, disputas por um lugar privilegiado na Igreja ou numa procissão, um ciúme aqui acolá e a lenta fervura chegou ao ponto de ebulição. A partir do ano 1949, o conflito oligárquico se intensificou. Essas três famílias passaram a viver em pé de guerra, os Alencar de um lado (popularmente conhecidos como Boca Branca), e os Sampaio e Saraiva do outro (Boca Preta) – cognomes cuja razão dos pseudônimos não conseguimos aferir –, matando e aterrorizando toda a população local.

A disputa política ficou tão famosa que foi gravado um curta metragem: *Exu, Uma Tragédia Sertaneja*¹⁹¹, levado ao ar em 16 de janeiro de 1979, retratou a briga das famílias Sampaio e Alencar, na cidade pernambucana de Exu, que se arrastava com intensidade desde

¹⁹⁰ Tristão Gonçalves de Alencar Araripe (Crato – CE, 1789 - Jaguaratama - CE, 30/20/1825). Filho da Bárbara de Alencar. Foi brutalmente assassinado pelas forças imperiais no interior do Ceará.

¹⁹¹ Globo Repórter Documento – **Exu, Uma tragédia Sertaneja**. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=qeVq46R9WOQ&pbjreload=10>. Acesso em 10/03/2019.

1949 com mortes violentas de ambos os lados. Exibido como um *Globo Repórter Documento*, com direção de Eduardo Coutinho¹⁹², contou com depoimentos do cantor e compositor Luiz Gonzaga, natural de Exu, e de membros das duas famílias. Até uma intervenção federal foi sugerida para dar fim ao conflito¹⁹³.

O programa televisivo começa com uma imagem de Luiz Gonzaga fazendo um solo na sanfona para uma repentista recitar versos de aboio de vaqueiros. Depois começam as imagens de um cortejo fúnebre e com alguns participantes inclusive armados. O narrador Sérgio Chapelin¹⁹⁴ diz:

Este foi o último enterro a contar pontos no saldo de mortes entre a família Alencar e Sampaio. O morto é José Aires de Alencar, o Zito, Prefeito de Exu, assassinado em 12 de maio deste ano (1978). Em 1949, Zito Alencar, então com 18 anos, foi o autor do primeiro assassinato do ciclo. Depois disso fugiu para a Paraíba, onde até trocou de nome. Zito voltou há dois anos para se candidatar e eleger-se prefeito. Não governou mais que quinze meses. Tombou na frente da farmácia São José, vítima de um pistoleiro¹⁹⁵.

Dias depois, o pistoleiro foi identificado por Fernando Alencar. Era Gerson Lins, o *Joinha*, preso na cadeia de Juazeiro do Norte. Lá gozava de um regime especial, saía e entrava quando queria da cela. A repórter pergunta: “Gerson Lins, você matou Zito Alencar?” Ele responde: “Sou acusado”, a repórter: “Você foi mandado por alguém?” o acusado responde: “Fui mandado por Avelar Sampaio Peixoto”. A repórter questiona: “Você recebeu quanto?” Gerson responde: “Eu recebi 30 pra dois. Recebi 15 e os outros 15 para dar ao rapaz”. A repórter inquirir novamente: “Você acha conveniente matar para receber dinheiro?”, o acusado responde: “não senhora”. “Por que faz isso?”, Gerson responde: “eu acredito que é uma sina”. Mais tarde *Joinha* desmentiu sua confissão, dizendo ter sofrido torturas.

Os filhos de Zito, contudo, já na noite do enterro, tinham outras preocupações. A repórter pergunta: “vocês têm a pretensão de vingar a morte dele?”. O filho responde: “bem, essas coisas a gente não pode dizer assim, são coisas do momento, mas, Deus é quem sabe o que vamos fazer”. A repórter pergunta para a filha: “Vocês vão querer vingança?” ela

¹⁹² Eduardo de Oliveira Coutinho (São Paulo, 11/05/1923 - Rio de Janeiro, 02/02/2014). Foi um cineasta e jornalista brasileiro, considerado um de nossos maiores documentaristas, sendo celebrizada sua obra “Cabra marcado para morrer” (1984), na qual mostrava a tragédia de João Pedro Teixeira e sua família, no contexto da repressão ao movimento das Ligas Camponesas, nos finais dos anos 1950 e começo dos 60.

¹⁹³ Fonte: <http://www.memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/globo-reporter/globo-reporter-exu-uma-tragedia-sertaneja.htm>. Acesso em: 26/03/2019.

¹⁹⁴ Sérgio Vieira Chapelin (Valença – RJ, 12/05/1941). É um jornalista, repórter, locutor e apresentador de TV.

¹⁹⁵ Globo Repórter Documento, Idem.

responde: “vamos querer sim! Vamos querer vingança, porque eu sei que ele [Zito] não temia a morte, temia a seca e a fome. Era a única coisa que ele temia. Queremos vingança sim!”.

Em discurso de Gonzaga na missa de comemoração da emancipação política do Exu em 08 de setembro de 1978, gravado pelo Globo Repórter, o “Rei do Baião” diz: “O Exu se dividiu, mas o povo pequeno sempre esteve unido, é preciso que olhemos para esse povo, esse povo que, esquecido pelos homens públicos, eu nunca vi um homem público da minha terra citar o nome povo. Será que eles não sabem o que é povo?”. Dois dias depois o carro de Antonio Saraiva capotou, segundo o mesmo, fruto de um atentado.

Como se comportavam essas famílias em determinados momentos políticos? Os Alencar, por exemplo, no período Vargas, eram ligados ao PSD e os Sampaio a UDN. Mudaram a partir da vitória do governador Cid Sampaio, as famílias inverteram as siglas partidárias. No período da ditadura militar a partir de 1964, as famílias migraram para ARENA I Família Sampaio e ARENA II Família Alencar.

A rivalidade latente há anos se tornou um conflito de cunho político e sangrento no Domingo de Ramos de 1949, quando Zito Alencar iniciou o ciclo de crimes assassinando Romão Sampaio e, em consequência disso, seus desafetos mataram Cincinato Alencar. Após esse crime houve uma aparente e precária paz. Somente sete anos depois houve a terceira morte, de Juarez Alencar, irmão de Zito e filho de Cincinato Alencar, foi morto no Crato – CE, assassinado por Otacílio Pereira ligado aos Sampaio. Logo depois se verificou um novo período sem assassinatos, no qual os Alencar mantiveram seu domínio político de mais de 24 anos.

Em 1949, enquanto Luiz Gonzaga leva a esposa e a sogra para conhecerem o Araripe e Exu, acontecem discordâncias e mortes entre as famílias eternas rivais Sampaio e Alencar, interrompendo sua viagem. Essa disputa ameaçava sua própria família, tendo em vista a relação dele com os Alencar. Essas rivalidades eram comuns no nordeste, consequências de uma prática conhecida historicamente como coronelismo. Atento a essa situação, Gonzaga providencia uma casa no Crato para sua família, enquanto organizava a sua transferência para o Rio de Janeiro. (SOBRAL, 2013, p. 43).

A reportagem do jornal ‘*O Estado de São Paulo*’ (12/10/2013), mostra a função de ‘Pacificador’ de Luiz Gonzaga. O ‘Rei do Baião’ acabou entrando nesta história porque, a partir dos anos 1970, tentou pacificar as famílias de Exu. “Era aceito como mediador graças ao seu sucesso como cantor no sul e porque não tinha sangue Sampaio nem era considerado um Alencar das duas primeiras castas – dos nobres e dos intermediários”. Entretanto,

Gonzaga descendia dos Alencar “misturados”, das relações entre os padrões e/ou proprietários de terras com seus moradores.

Luiz Gonzaga, em sua cor de pele, trejeitos e iconografia simbolizava os mestiços dos indígenas e negros que viviam no interior do país durante o período colonial e imperial e eram os responsáveis pela criação, manutenção e apresamento das reses, fundadores da profissão do vaqueiro, aquele que cuida das vacas para a produção da carne, leite e couro, elementos fundamentais para a sobrevivência e desenvolvimento econômico, social e cultural do ermo sertão.

Em um período de domínio político dos Alencar, entre 1949 e 1971, alguns Sampaio se mudaram de Exu, mas a refrega não dava sinais de se encerrar. Em 1965, assassinaram o jovem Antônio J. Sampaio Peixoto, que foi covardemente morto pelas costas por Aldísio e Canuto Alencar. Dois anos depois novo crime, e em 1972 ambas as famílias resolveram assinar um acordo de paz. “Três famílias nobres do Exu se matando e eu, filho de Januário, humilde, trazendo paz. O governador Eraldo Gueiros¹⁹⁶ não conseguia nada. Os prepotentes do Exu só sabiam falar: ‘o negócio aqui é matar. Matam um nosso, nós matamos dois deles’, e as coisas ficavam por aí mesmo” (DREYFUS, 2012, p. 283).

Nessa época, o então governador de Pernambuco, Eraldo Gueiros Leite (1971-1975), solicitou de Luiz Gonzaga que este desempenhasse a função de mediador entre as famílias rivais Sampaio e Alencar, a fim de promover a paz em Exu. Todavia, Gonzaga não obteve êxito nessa função. Acreditando que, para desempenhar tal papel, deveria ser alguém que imprimisse uma autoridade maior, ele resolveu que sairia candidato a deputado federal, pelo então MDB – *Movimento Democrático Brasileiro*. A provável candidatura pôs a família de Gonzaga em polvorosa, pois todos sabiam da sua inabilidade como político e somente o Padre João Câncio conseguiu demovê-lo da ideia (FIRMO, 2012, p. 105).

No dia 15 de outubro de 1972 foi assinado um acordo de paz na cidade de Garanhuns – PE. O juramento foi feito ‘em nome de Deus e de padre Cícero Romão’, que nenhuma das famílias envolvidas iria participar da campanha política. Um primo de Luiz Gonzaga, Antônio Bento, foi eleito prefeito como candidato único na chapa majoritária. Entretanto, dois membros do clã Alencar foram eleitos vereadores. Houve um período de relativa paz, mas em 17 de janeiro de 1973 houve o assassinato de Raimundo Aires de Alencar.

¹⁹⁶ Eraldo Gueiros Leite (Canhotinho - PE, 18/01/1912 - Recife, 05/03/1983). Foi integrante do Superior Tribunal Militar e da Procuradoria Geral da Justiça Militar. Tomou posse em março de 1971 no cargo de governador biônico do Estado de Pernambuco.

Segundo Ângelo (2006) antes houve outras tentativas de apaziguamento, em vão. Pelo próprio Gonzaga, inclusive, que um dia “quase foi linchado”, no dizer do cientista e compositor paulistano Paulo Vanzolini¹⁹⁷, que presenciou a cena com seus próprios olhos, em Exu: “Gonzaga estava em cima da carroçaria de um caminhão, cantando. Num dado momento ele resolveu discursar sobre a briga das famílias, pedindo paz, essas coisas. De repente, choveram paus e pedras sobre ele. Foi engraçado o show terminar daquele jeito” (ÂNGELO, 2006, p. 51). A data do acontecido não foi escrita na biografia. Gonzaga se envolveu várias vezes na busca pela paz do Exu, inclusive pensou até em candidatar a esposa, Dona Helena¹⁹⁸:

O desejo de Gonzaga de ajudar (ou assumir o poder local?) o Exu era tal, que numa entrevista à imprensa em São Paulo anunciou a candidatura de Helena a prefeita. Segundo a principal interessada, só esqueceram uma coisa: que ela não se candidataria a prefeita de nada. A ideia de Gonzaga era, também, de envolver Helena na vida do Exu, de aproximá-la da região, para que ela aceitasse viver no Parque Aza Branca (DREYFUS, 2012, p. 282).

Houve, ainda, uma segunda tentativa de acordo de paz. Agora organizada pelo Cardeal Primaz do Brasil Dom Avelar Brandão¹⁹⁹ e com a participação do Gonzaga. Ao lado de dom Avelar Brandão, o ex-governador Marco Maciel teve participação decisiva na paz alcançada em Exu (OLIVEIRA, 1991, p. 90). Conforme foi noticiado pela imprensa regional:

Paz em Exu. Depois de uma longa reunião, ontem em Exu, finalmente as famílias Alencar, Saraiva e Sampaio concordaram com um pacto de paz entre elas, visando evitar mais mortes naquele município. O diálogo entre as famílias em litígio foi coordenado pelo arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, Dom Avelar Brandão. Na reunião também esteve o cantor Luiz Gonzaga. Para que os membros das três famílias participassem da reunião, o governador Marco Maciel de Pernambuco, determinou ao secretário da Segurança mandar suspender as buscas realizadas pela polícia para prender suspeitos de crimes, bem como os depoimentos durante o dia de ontem (*‘O Norte’*, 05/08/1981).

Apesar de contar com a presença de uma das mais altas representações da Igreja Católica no Brasil, instituição que tinha historicamente sua forte penetração no interior do

¹⁹⁷ Paulo Emílio Vanzolini (São Paulo, 25/04/1924 - São Paulo, 28/04/2013). Foi um zoólogo e compositor.

¹⁹⁸ Helena das Neves Cavalcanti (Gravatá – PE, 15/06/1926 – 1993). Era contadora e compositora. Casou-se com Luiz Gonzaga no dia 16 de junho de 1948.

¹⁹⁹ Dom Avelar Brandão Vilela (Viçosa – AL, 13/06/1912 - Salvador, 19/12/1986). Em 1980 tornou-se Cardeal primaz do Brasil. Era irmão do ex-senador Teotônio Vilela e tio do ex-governador de Alagoas, Teotônio Vilela Filho.

Nordeste e mesmo das relações familiares de Dom Avelar, esse novo acordo foi rompido meses depois.

Figura 53 - Dom Avelar Brandão Vilela



Fonte: <https://www.facebook.com/CardealAvelar/>. Acesso em 20/04/2019.

Entretanto, Gonzaga começou a buscar outros meios para finalizar a guerra entre os clãs. E o seu novo intento foi notícia nacionalmente. No Jornal Hoje do dia 27 de julho de 1981, o apresentador Berto Filho²⁰⁰, noticiou que Luiz Gonzaga, hospedado no mesmo hotel que o Presidente, havia lhe solicitado uma audiência para expor o problema: “O Presidente em exercício Aureliano Chaves²⁰¹, teve em Belo Horizonte uma audiência diferente. Ele se encontrou com Luiz Gonzaga, o Gonzagão. Que cantou e fez um pedido a Aureliano”. Luiz Gonzaga faz a introdução da música boiadeiro e diz:

Senhor Presidente, eu sou de Exu, aquele pé de serra lindo, lá no nordeste, Pernambuco, divisa do Ceará, cidade violentada, o senhor deve está por dentro do assunto. Aproveitando essa oportunidade, quero pedir de coração, dê uma olhadinha por nossa terra, conto com o senhor Presidente. Deus o guie sua grande estrela.

Depois Gonzaga improvisa um trecho da música boiadeiro, e diz: “Aureliano eu ti dou meus parabéns”. “Vou mandar estudar” – Aureliano disse. (DREYFUS, 2012, p. 286). O repórter, ao fim da audiência com o presidente em exercício, pergunta ao Rei do Baião. “Você defende uma intervenção federal em Exu por quê?”, Gonzaga responde: “é o pensamento de

²⁰⁰ Ulisberto Lelot (Rio de Janeiro, 13/04/1940 - Rio de Janeiro, 12/04/2016). Foi um jornalista, locutor e apresentador de telejornais.

²⁰¹ Antônio Aureliano Chaves de Mendonça (Três Pontas – MG, 13/01/1929 - Belo Horizonte, 30/04/2003). Foi governador de Minas Gerais e vice-presidente da República. Aureliano Chaves ocupou a presidência da República por dois períodos, dois meses em 1981 (relativo à temporalidade que Gonzaga solicitou a intervenção) e um mês em 1983, devido aos problemas de saúde de João Figueiredo.

todo exuense, menos os políticos que mantêm o poder. Mas o povo sonha com uma intervenção no Exu”.

Figura 54 – Encontro entre Aureliano Chaves e Luiz Gonzaga



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=3LBmiy5_NRE. Acesso em: 15/10/2020.

A notícia do pedido de intervenção federal repercutiu nacionalmente. O *Jornal do Brasil*²⁰² fez um tutorial de página inteira relatando o que estava acontecendo no Exu:

Luiz Gonzaga pede a intervenção em Exu. O cantor e compositor Luiz Gonzaga declarou, ontem, em entrevista ao programa O Povo na TV²⁰³, que “só a intervenção federal pode terminar com a guerra de Exu”. Luiz Gonzaga, que morou muitos anos na cidade, disse que acompanhou os crimes desde o começo e que “tudo é uma questão de disputa pelo poder”. O cantor afirmou que já pensou em candidatar-se a prefeito de Exu para tentar apaziguar as famílias Saraiva e Alencar, mas desistiu, porque sua família teve medo que ele também fosse morto. Segundo Luiz Gonzaga, a disputa pelo poder na cidade chegou a tal ponto que não se pode achar em Exu um candidato neutro. O compositor de Asa Branca lamentou que não tinha conseguido levar a paz a Exu e disse que “a cidade não evoluiu devido a essas matanças intermináveis. Luiz Gonzaga acentuou que “tinha esperança que Dom Avelar Brandão Vilela conseguisse a paz, mas esses crimes no Rio de Janeiro trazem a certeza de que só uma intervenção do Governo Federal resolverá o problema” (*Jornal do Brasil*, 01/10/1981).

A esperança de Luiz Gonzaga era para que a intervenção federal começasse logo para dar fim aos conflitos. Por isso, o *‘Jornal do Brasil’* continua as notícias:

²⁰² É um tradicional jornal que é editado na cidade do Rio de Janeiro. Foi fundado em 1891, pelo jornalista Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas.

²⁰³ Foi um programa de televisão transmitido pela TVS, atual SBT, entre 1981 e 1984. Tratava-se de um programa de entrevistas sobre temas polêmicos e escandalosos.

Governo toma providências. Brasília – O Presidente Aureliano Chaves determinou, ontem, ao Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel²⁰⁴, que tome todas as providências para impedir o acirramento das tensões entre as famílias Sampaio e Alencar, em Exu, e para acabar com a sucessão de mortes que vêm ocorrendo há algum tempo na cidade pernambucana. Hoje, o Presidente telefonará para o cantor Luiz Gonzaga, que lhe pediu intervenção no município, para comunicar as providências acertadas com o Ministro (*Jornal do Brasil*, 01/10/1981).

Todavia, nem todos foram a favor da intervenção como Gonzagão dizia, pois o presidente em exercício recebeu um telegrama da Senhora Teresinha Sampaio Aires Alencar, de Exu, manifestando-se contra a intervenção proposta pelo cantor Luiz Gonzaga. O Palácio do Planalto prontamente divulgou o texto do telegrama para a imprensa. A mensagem dizia:

Com a dor de quem perdeu sogro, marido e inúmeros primos e outros parentes e com a responsabilidade de quem tem dois filhos para criar, asseguro a Vossa Excelência que o problema de Exu, minha terra, é extra política. A situação política do município é de absoluta tranquilidade. A intervenção seria um ato de força que alijaria apenas as lideranças, colocando no poder os que não têm representatividade municipal e transformando a sociedade local em culpada por atos impensados de duas ou três famílias, quando muitas (*Jornal do Brasil*, 01/10/1981).

Entretanto, os argumentos contra a intervenção caíam por terra a partir do momento em que novas mortes iam sendo somadas à rixa familiar.

Guerra de Exu faz mais uma vítima no Rio. No dia da missa de 7º dia por Antônio Saraiva de Arraes, a briga no município pernambucano de Exu fez mais uma vítima no Rio: José Sarto Aires de Alencar foi sequestrado na Gávea e morto com quatro tiros. Seu corpo foi encontrado em Guadalupe. A família Alencar no Rio se armou e está pronta para a briga – contra os Sampaio – Saraiva – com a ajuda dos Cordeiro. O Presidente Aureliano Chaves mandou o Ministro Ibrahim Abi-Ackel tomar as providências cabíveis para interromper a matança. Em Manaus, D. Avelar Brandão Vilela considerou necessária e urgente a ação da polícia e do Poder Judiciário. O compositor Luiz Gonzaga pediu intervenção federal em Exu (*Jornal do Brasil*, 01/10/1981).

Observa-se que mais uma família entrou no conflito, a família Carneiro, que lutaria ao lado dos Alencar contra os Saraiva – Sampaio, além do conflito ter extrapolado em muito o âmbito geográfico das fronteiras exuenses, tornando a intervenção imprescindível. Sobre o

²⁰⁴ Ibrahim Abi-Ackel (Manhumirim – MG, 02/03/1927). Foi ministro da justiça entre 1980 e 1985, durante o governo de João Figueiredo.

assunto perguntaram a opinião do ex-governador pernambucano Miguel Arraes de Alencar e ele não quis falar sobre o assunto:

Arraes evita falar sobre briga em Exu. Recife – Embora pertença à família Alencar, o ex-governador Miguel Arraes prefere não se pronunciar sobre a luta que envolve os dois clãs sertanejos da cidade de Exú, há 32 anos: sua participação, como mediador, ocorreu em 1949, quando secretário da Fazenda – foi enviado ao município, a pedido do então governador Barbosa Lima Sobrinho. Ele disse que embora os Sampaio e Alencar estejam entrelaçados, por laços matrimoniais, não descende do primeiro tronco. E lembrou que o segundo grupo ficou conhecido em 1817, quando apoiou a revolução daquele ano, e tomou a cidade cearense do Crato. O movimento, no entanto, foi abafado naquela localidade pelos Figueira Sampaio. Os primeiros eram grandes proprietários de terras, e os segundos formados de comerciantes, em sua grande maioria. Para o ex-governador, entre os Sampaio e os Alencar há aqueles que detestam as rixas entre as duas famílias, e não estão interessados em matar ou morrer (*'A União'*, 04/10/1981).

Nem todos ficaram contentes com ação do Gonzagão, pois temiam perder o poder local e ameaçaram o “Rei do Baião”, como a imprensa paraibana destacou:

Luiz Gonzaga poderá ser a próxima vítima de Exu. Recife – O cantor Luiz Gonzaga poderá ser um das próximas vítimas da guerra entre as famílias Sampaio, Saraiva e Alencar, por ter pleiteado – junto às autoridades – intervenção federal para o município sertanejo de Exu. A informação foi prestada ontem pelo líder do clã dos Saraiva, José Pinto Saraiva, ao jornal “Diário de Pernambuco”, em entrevista concedida na chamada “Cidade do Diabo”, localizada a 680 quilômetros²⁰⁵ da capital. Ele disse que tem ouvido insistentes comentários a esse respeito, embora também seja partidário da intervenção. Porque a luta política impedirá para sempre, a paz na localidade. Inúmeras pessoas já vieram me dizer que o cantor, está muito interessado na intervenção e vai morrer, se ela for decretada ratificou Saraiva. Ele também defende a medida e se declarou cansado de “Explicar, tantas vezes, porque a intervenção é a única solução para o problema de Exu, mas ninguém tem interesse em revolver essa questão”. E acrescentou: “Luiz Gonzaga, que é um homem de bem e deseja ver a felicidade dos seus conterrâneos, sem interesse político ou econômico, também concorda comigo. Continuar lutando por seus irmãos nordestinos, sem as ameaças covardes de homem odientos, que no sangue carregam apenas o vírus da violência, do ódio e da morte. Afinal, que seria de nós, nordestinos, se não houvesse um Luiz Gonzaga, com sua sanfona branca, gibão e chapéu de couro, a destilar ternura e música nas nossas noites de São João? (*'A União'*, 07/10/1981).

²⁰⁵ Retificando a informação do periódico a distância entre o Recife e a cidade de Exu é de aproximadamente 600 km.

Alguns dias depois dessa reportagem o conflito voltou à tona, dessa vez matando o vice-prefeito de Exu, que havia assumido o mandato em consequência do assassinato de Zito Alencar.

Vice-prefeito de Exu é assassinado em Tabocas. Recife – O ex-vice-prefeito de Exú, Wilson da Cruz Luna, que em 1980 pediu afastamento do cargo temendo ser morto na briga dos Alencar e Sampaio/Saraiva, foi assassinado no começo da noite de anteontem no distrito de Tabocas, a 4 km da cidade, pelo fazendeiro João Saraiva Arraes, ligados aos Sampaio, que também foi morto no tiroteio. Outras duas pessoas saíram feridas no incidente. Wilson da Cruz Luna fora eleito em 1976, na chapa de José Ayres de Alencar, com 3 mil 730 votos pela Arena e com a morte do titular em 1978 assumiu o cargo. Porém, em 1979 ele abandonou a Prefeitura devido a problemas psiquiátricos, provocados principalmente pelo medo de ser morto na briga das duas famílias. Internado numa clínica do Crato, ele chegou a ir até a cidade de Castanhal no Pará, e voltou a Exú há poucos meses. O crime ocorreu quando o vice-prefeito saía de sua casa no centro de Tabocas e se dirigiu para uma caminhonete, sendo alvejado pelo João Saraiva Arraes. O tiro acertou a cabeça e ele teve morte imediata. Mesmo assim, João Arraes correu para o carro e, pelos cabelos, colocou para o carro e, colocou Wilson Cruz Luna no chão e disparou outras cinco vezes. Os disparos alertaram o irmão da vítima, Wilton Cruz Luna, que saiu em sua defesa, conseguindo acertar o assassino quando este já se preparava para fugir, causando-lhe também a morte. Os disparos de Wilton Cruz Luna acertaram também um irmão de João Arraes, Raimundo Saraiva Arraes, que lhe dava cobertura. Na fuga, conseguiu acertar o irmão do vice prefeito quando ele já estava se deslocando para dentro de casa. Até as primeiras horas da noite ontem, a SSP – PE informava que apesar de ferido, Raimundo Saraiva Arraes, ligado aos Sampaio, e Wilton Cruz Luna, aos Alencar, estavam fora de perigo. O sepultamento do Vice-prefeito ocorreu na tarde de ontem em Exú – que mais uma vez teve reforço policial e a ele compareceram a maioria dos membros da família Alencar, a quem a família Luna dava apoio político no distrito de Tabocas. Wilson Cruz Luna teve que assumir um cargo que jamais desejara, apesar de ter se candidatado e participado da campanha Sertanejo de Barbalha, no Ceará, ele tinha ido para Exú ainda menino onde conheceu o ex-prefeito e tornaram-se amigos. Mais tarde, devido a sua influência no distrito de Tabocas, acabou aceitando concorrer na chapa do Sr. Zito Alencar. Pecuaria e agricultor, somente se preocupou com os negócios do pequeno município quando foi obrigado a assumir e apesar das brigas entre as duas famílias procurou não acirrar os ânimos entre os dois clãs. Entretanto, as pressões políticas levaram-no a pedir licença do cargo, no final de 1980, deixando uma nova confusão na Câmara Municipal, que no começo desse ano aprovou o nome do vereador José Peixoto Alencar para assumir o cargo (*'A União'*, 10/11/1981).

O conflito permanece ativo enquanto a intervenção federal não é colocada em prática, mortes continuam a ser somadas, notícias são publicadas com a mesma frequência dos homicídios.

Quatorze mortes desde 1949. Recife – de 1949 até hoje foram mortas 14 pessoas da família Sampaio ou a ela ligados, enquanto a família Alencar tem 16 membros assassinados nesta luta, na qual também morreram oito pessoas não pertencentes aos dois clãs, e foram praticados cerca de 20 atentados não fatais. Situado no sertão do Araripe, o município de Exú não dispõe de qualquer indústria e a sua maior fonte de renda é a extração de gipsita, matéria – prima utilizada para a fabricação de gesso, além de uma rudimentar pecuária e uma precária agricultura, ambas atingidas há três anos pela seca. Desde o início deste ano 40, soldados da Polícia Militar do Estado cercam e policiam a cidade, exigindo documentos de qualquer pessoa que chegue, como forma de dificultar a ocorrência de novos crimes. No entanto, o aparato policial não impediu que três assassinatos fossem cometidos dentro dos limites do município e o primeiro a morrer, apesar do policiamento, foi Manoel Litório Saraiva Pereira, baleado quando se preparava para se mudar da cidade em meados de julho. Anteontem os assassinatos de João Arraes e Wilson Luna, cometidos a 4 km de Exú, demonstraram que o policiamento não impede a luta entre as famílias (*'A União'*, 10/11/1981).

Assim, Gonzaga afirma ao jornalista Assis Ângelo: “Ninguém dava jeito em Exu. Eu dei” (ÂNGELO, 1990, p. 65). Poucas pessoas, no Brasil, marcaram tão forte e definitivamente a história de uma cidade como Luiz Gonzaga marcou o Exu.

Entre 1949 e 1981, a população de Exu viveu aterrorizada por causa dos conflitos decorrentes da disputa pelo poder político entre as famílias Alencar, Sampaio e Saraiva. “Ninguém dava jeito a Exu. Eu peguei Aureliano (Chaves) numa boa e 15 dias depois ele mandou intervir (na cidade). A intervenção se encaixou que nem uma luva, e nunca houve crime político lá. Antes, eram muitos. Aureliano é fogo” (ÂNGELO, 1990, p. 66). Sobre o acontecido em sua última entrevista, concedida ao jornalista Gildson Oliveira, Gonzaga rememorava o fato:

Todavia, ela só foi obtida com o empenho direto e pessoal de Luiz Gonzaga, em Minas Gerais, por volta de 81. Depois de chatear muita gente, encontrou, por acaso, em Belo Horizonte, hospedado no mesmo hotel em que estava, o então Vice-presidente da República, Aureliano Chaves. Quando o cantor chegava ao hotel, depois de um show, tinha um recado de Aureliano na portaria, avisando que desejava conhecê-lo, pedindo-lhe para marcar a hora. Não perdeu tempo. Botou até “água de fulô” para falar com o “home”, “chapéu de couro e sanfona branca nas costas. Escolheu o instante em que ele ia sair e soltou o aboio” (OLIVEIRA, 1991, p. 90).

Intervenção pedida ao governo federal, que logo entrou em contato com o governador de Pernambuco Marco Maciel, amigo de Gonzaga, que escolheu o major Jorge Luís de Moura, “o interventor nomeado através do Decreto estadual nº 7549/09/11/81, ocupou a função até a volta da tranquilidade à região, o que começou a virar fato depois de 14 meses, a

contar do dia da sua chegada como enviado especial do governo para dar cabo àquela briga sem fim” (ÂNGELO, 2006, p. 51).

O decreto do Governo do Estado de Pernambuco foi publicado no Diário Oficial no dia 10 de novembro de 1981, e dá conta da nomeação de um interventor no Município de Exu. “O interventor, major Jorge Luís de Moura, permaneceu na função durante um ano e dois meses” (ÂNGELO, 1990, p. 66). Portanto, a intervenção duraria até o ano de 1983. Gonzaga não se conteve, duas semanas depois da posse do interventor estadual, ele foi visitar e ver seu município que esperava pacificado.

Figura 55 – Marco Maciel e Luiz Gonzaga discutindo a intervenção em Exu – 1981



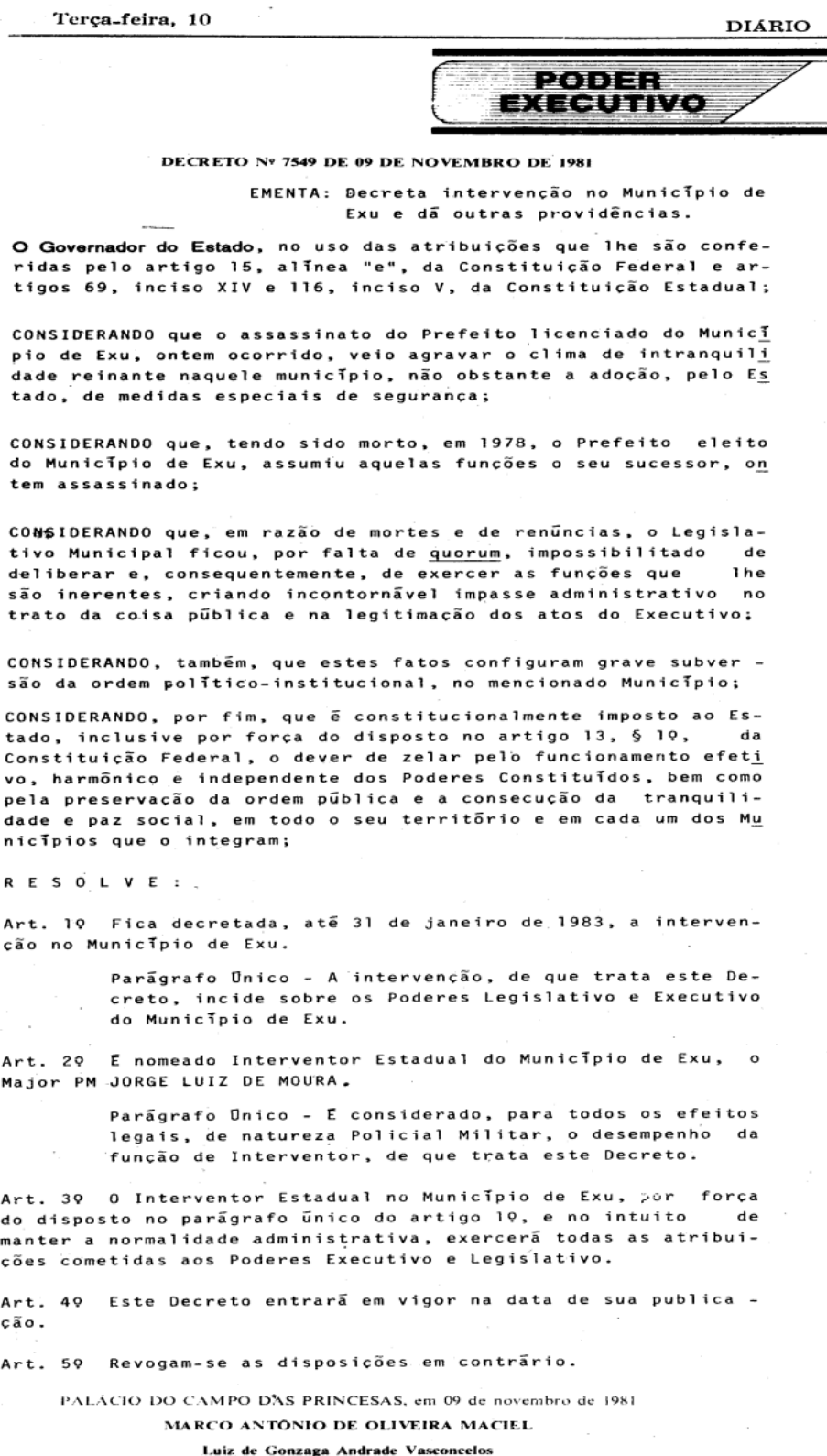
Fonte: <http://www.fotos.noticias.bol.uol.com.br/entretenimento/2012/12/11/relembre-a-vida-e-a-obra-de-luiz-gonzaga-o-rei-do-baiao.htm>. Acesso em 05/08/2019.

É possível observar que Luiz Gonzaga buscava se aproximar do poder em vários níveis, lembrando que ele reivindicou a intervenção federal com o então Presidente Aurelino Chaves, e foi um dos articuladores em nível estadual como o governador Marco Maciel, de quem si dizia principal cabo eleitoral. Desde pequeno como vimos no primeiro capítulo na infância Gonzaga participava da casa grande da família Alencar e pode ter desenvolvido algum traquejo político e tecido relações pessoais, que o ajudaram nessa circunstância.

O momento político era muito grave, pois até Luiz Gonzaga vivia ameaçado de ser morto em Exu, tanto que deixou de frequentar sua cidade natal. Os anos de conflito viam se acirrando, mas em 1978, além de dois prefeitos, parte dos representantes do legislativo também viam sofrendo atentados à bala. Por isso, o decreto de intervenção era inevitável.

O decreto faz referência à morte de Zito Alencar e do vice-prefeito. Além de determinar que o interventor acumularia as funções do Legislativo e do Executivo municipal. Lastreava-se nos artigos da Constituição Federal então vigente, que norteavam a intervenção e delimitavam o final da mesma.

Figura 56 – Decreto de Intervenção no Município de Exu. Diário Oficial de Pernambuco de 10/11/1981.



No *Long Play* ‘O Eterno Cantador’ lançado em 1982, Gonzagão em nova parceria com seu filho Gonzaguinha cantaram uma música relatando os conflitos em Exu. A composição era de Gonzaga Júnior e faz referência ao velho Januário, e as mortes entre os políticos na busca pelo poder local.

*Prece Por Exu Novo*²⁰⁶

Seu moço
 É tão triste a história
 Que já nem sei do começo
 Não gosto de sua lembrança
 E quando lembro estremeço
 Eu era ainda criança
 E tudo já estava no avesso
 Amor demais deu em ódio
 Tomou as contas de um terço
 Pai Nosso, nos salve Maria
 Não deixe esses filhos sem berço } bis

São tantos ódios à solta
 São tantas vezes a cruz
 São tantos corpos tombados
 São tantas vidas sem luz
 São tantas vezes a raiva
 Descendo o seu negro capuz
 É tanto sangue e maldade
 Que só o canto traduz
 Pai Nosso nos salve Maria
 Ajude a gente Jesus } bis

E vamos embora daqui
 Meu Deus não dá pra ficar
 Meu Cristo, eu quero sumir
 Eu vou fugir pra acolá
 Exu ficando vazio
 E o povo buscando lugar
 Adonde havia alegria
 Sobrevive o mal-estar
 Pai Nosso, nos salve Maria
 Da lei do morrer ou matar } bis

Que os poderosos se matam
 Problema é do poder
 Mas sempre sobra pros pobres
 Isso eu não posso entender
 Acaba restante uns quatro
 Pra tentar se resolver
 Quatro tiros, quatro mortes
 E ninguém há pra nascer
 Pai Nosso, nos salve Maria

²⁰⁶ Fonte: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/1562794/>. Acesso em: 30/03/2019.

A morte não pode vencer } bis

*Pois é, meu pai Januário
Parece que a paz não vingou
Nas terras do teu pé de serra
Acauã só agorou
Canta mais triste o Assum Preto
Mais triste do que já cantou
No céu, já não vejo Asa Branca
Foi simhora e não voltou
Pai Nosso no salve Maria
Padim Ciço, por favor } bis*

*E entra ano e sai ano
E tudo sem solução
Confio que a juventude
Com sua revolução²⁰⁷
Nos traga o amor e acabe
O horror desta tradição
E assim, permita meu povo
Que volte pro meu sertão
Nos mostre Pai Nosso e Maria
Irmão ajudando irmão } bis*

A melodia triste da canção relata que o conflito vinha de longa data e o motivo principal era a disputa pelo poder local, que já tinha gerado as contas de terço, ou seja, quase 50 pessoas mortas no conflito direto ou indireto. Um dos exemplos de vítima indireta era o primo de Gonzaga, o vaqueiro Raimundo Jacó, já mencionado anteriormente, que em sua homenagem organizou a “Missa do Vaqueiro”.

Com a intervenção, as tropas estaduais tinham autoridade de invadir as fazendas para recolher armas de todos que estavam envolvidos no conflito. O Gonzagão que tinha deplorado a guerra oligárquica na música “*Rio Brígida*”, cantou outra música relatando no final a esperança do fim do conflito. Pois Luiz Gonzaga lembrava que antes da implantação da intervenção estadual, houve outras tentativas de acordo entre as famílias envolvidas, tal como o já mencionado, patrocinado pelo arcebispo primaz do Brasil, Dom Avelar, havia suspenso as hostilidades somente por dois meses.

Outra tentativa anterior, feita pelo Exército, também tinha fracassado como aparece no documentário feito pelo Globo Repórter. Podemos relatar que as últimas chamadas do conflito foram apagadas apenas em 1990, quando o prefeito José Peixoto de Alencar foi o primeiro a terminar o mandato na cidade sem registro de mortes.

²⁰⁷ Observar que na letra, Gonzaguinha usou o termo “revolução”, o que dava uma configuração política bastante singular frente às concepções do seu pai.

Em junho de 1990, em seu escritório, no bairro Carmo Sion, Belo Horizonte, Aureliano Chaves, concedeu uma entrevista ao jornalista Gidson Oliveira, e lembrou como foi o encontro com o sanfoneiro de Exu, no hotel Del Rey. O ex-vice-presidente fez elogiosas considerações sobre o trabalho que Gonzaga realizou na música em favor do nordeste, e disse, textualmente:

Luiz Gonzaga reunia aquilo que era a síntese de ser do sertanejo: humilde, talento e arraigado amor à sua terra. Lembro-me, quando estava exercendo a Vice-Presidência da República, eu me encontrei com ele no Hotel Del Rey, em Belo Horizonte. Aproximando-se de mim e, com o sorriso franco que sempre o acompanhava, pediu permissão para me fazer um pedido, que assinalava o vigor do seu amor à sua terra, Exu: Dr. Aureliano, faça um esforço para levar a paz à minha terra (OLIVEIRA, 1991, p. 91).

Naquela época, recorda, “Exu estava convulsionada por brigas políticas de raízes familiares. Aquele pedido singelo ficou gravado em minha mente. E tudo que me foi possível fazer, fiz, inclusive quando exerci a Presidência da República, substituindo o presidente Figueiredo, para levar a paz a Exu. Pelo menos, ao que sei, Exu está pacificado” (OLIVEIRA, 1991, p. 91).

Luiz Gonzaga, prossegue Aureliano Chaves, “é digno da admiração e apreço dos brasileiros. Mas, principalmente o Nordeste, pelo qual ele devotava um amor especial, deve cultivar-lhe a memória. Sua música é como ele era: alegre e, no fundo cívica”. (OLIVEIRA, 1991, p. 91).

Cabe, de passagem, observar que a caracterização de Gonzaga, nas palavras do político Aureliano Chaves como “síntese de ser do sertanejo: humilde, talentoso e de arraigado amor à sua terra”, demarca um certo tipo de representação do sertanejo obediente e ordeiro, bem distante da do cangaceiro. Também, na concepção de Aureliano, um político integrado às tradicionais famílias e a uma política de elites, Vice-Presidente numa ditadura militar, a definição da música de Gonzaga como “cívica” tem uma conotação ainda muito marcada pela definição de uma certa vertente do nacionalismo musical, como discutimos anteriormente.

Pernambuco é, talvez, o estado onde mais houve lutas de famílias pelo poder local. E a mais famosa que enredou Gonzaga e opôs os Alencar contra os Sampaio e Saraiva, transcendeu fronteiras, uma vez que houve vítimas no Recife e no Rio de Janeiro, numa demonstração de que a rixa foi bem longe da pequena Exu. Atualizando a história anos depois, o jornal ‘*O Estado de São Paulo*’ disse:

A cidade deveria ser alegre, viver no ritmo da sanfona branca de Luiz Gonzaga, o filho mais ilustre. Mas Exu é uma tristeza só. Os moradores se apressam em lembrar que a luta entre as famílias Alencar e Sampaio ficou no passado. Em 1982, ano em que os brasileiros voltavam às urnas para eleger governadores, 18 anos após o golpe militar contra o presidente João Goulart, Gonzagão ajudou a acabar com uma disputa do tempo do Brasil Colônia, que se transformou no maior símbolo das rixas de clãs na política nacional. A tragédia pode ter ficado no passado, mas, aos poucos, quem é de fora percebe que as marcas do conflito sangrento, que deixou cerca de 40 mortos apenas no período mais recente – da década de 1940 ao início dos anos 1980 (*‘O Estado de São Paulo’*, 12/10/2013).

Os descendentes de Bárbara de Alencar continuaram influenciando a política brasileira. “Da matriarca descendem republicanos e monarquistas, getulistas leais e adversários ferrenhos de Vargas, intelectuais do Partido Comunista e generais do regime militar, aliados de Lula e tucanos, gente da esquerda e da direita²⁰⁸”.

Um dos ramos dos Alencar chegou até a assumir a Presidência da República, com o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. Outros políticos de destaque são o ex-governador de Pernambuco, Miguel Arraes de Alencar, e mais recentemente Eduardo Campos, neto de Arraes. Enfim, Gonzaga ficou conhecido como o pacificador do Exu, que lhe deu capital político, ao qual tentou se lançar candidato várias vezes, e que com isso, conseguiu ter uma penetração maior nos meios políticos em estados nordestinos. Sobre capital político Bourdieu diz:

E o capital político é uma força de capital simbólico, crédito firmado na crença e no reconhecimento nas inúmeras opções de crédito pelos quais os agentes conferem a uma pessoa. O poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce (BOURDIEU, 1998, p. 188).

Assim Gonzaga tinha capital político por intermédio do capital simbólico e exercia em sua sanfona e musicalidade, além de marcas praticamente indelévels de certo aspecto da cultura regional, acabaram por também tornar-se parte da cultura política local e mesmo das disputas políticas bem concretas que sacudiram diversos Estados. Após vermos a sua presença direta num conflito em sua cidade natal, vamos ao vizinho Estado da Paraíba, onde sua música acabou protagonizando uma disputa política bastante rumorosa.

²⁰⁸ *‘O Estado de São Paulo’*, 12/10/2013.

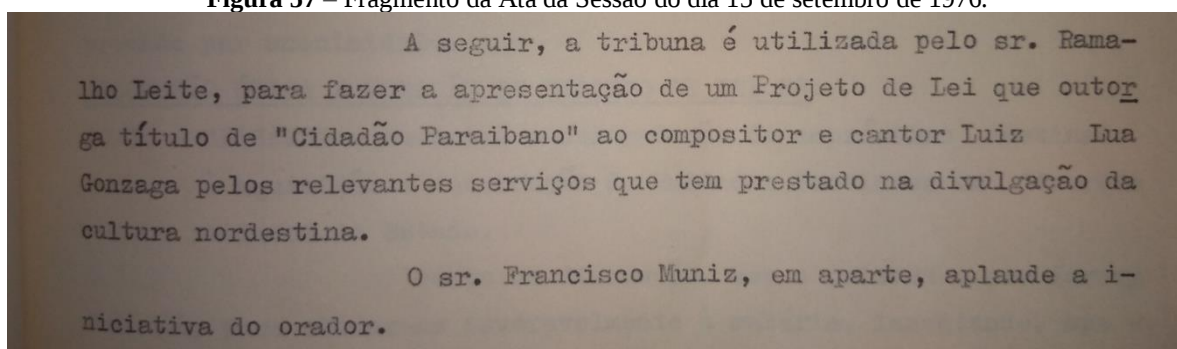
3. 2 “Eita Pau Pereira que em Princesa já roncou”: Sou Paraibano véio macho sim sinhô...

Na última década em que viveu, o “Rei do Baião” começou a receber as homenagens por sua longa carreira artística como divulgador cultural, político, social e cultural do Nordeste do Brasil. Suas biografias não chegam a tratar especificamente quantas honrarias e cidadanias municipais e estaduais, o Gonzagão foi bastante laureado ao longo de sua carreira, mas na década de 1980 se intensificou o reconhecimento por seu trabalho.

De todo esse conjunto de homenagens, vamos trazer uma a plano, de março de 1979 (ano do retorno aos holofotes do sucesso nacionalmente), quando Luiz Gonzaga recebeu o pergaminho de Cidadão Paraibano. Na ocasião ele não pensaria que essa honraria lhe renderia tanta celeuma por causa de uma composição produzida para uma campanha política local de 1950, e que as raízes dessa celeuma estavam na Revolução de 1930, na Paraíba, “Pau Pereira” de Princesa.

Essa intrigante história inicia-se, no dia 15 de setembro de 1976, na sessão ordinária da Assembleia Legislativa, Casa de Epitácio Pessoa, em João Pessoa, capital paraibana. Foi na tarde de debates bastante acalorados, conforme disponível na ata da reunião legislativa. Em dado momento, teve acesso à tribuna o deputado Ramalho Leite²⁰⁹, que propôs um projeto para concessão do título de Cidadão Paraibano, ao Senhor Luiz Gonzaga do Nascimento, o chamado “Rei do Baião”, a justificativa era os serviços prestados à Paraíba, ao Nordeste e ao Brasil.

Figura 57 – Fragmento da Ata da Sessão do dia 15 de setembro de 1976.



Fonte: Arquivo da Assembleia Legislativa da Paraíba.

²⁰⁹ Severino Ramalho Leite (Bananeiras – PB, 06/10/1943). É um político, jornalista e advogado. Na ocasião exercia seu segundo mandato como deputado estadual.

A ata da supracitada reunião ordinária possui várias páginas datilografadas, entretanto, só dedicam dois parágrafos para a iniciativa do então deputado estadual Ramalho Leite, e somente teve um aparte do deputado Francisco Muniz²¹⁰, que mantinha uma parceria artística com o homenageado, pois era compositor da música ‘*Meu Padim*’ lançada em 1960 por Gonzaga.

Todavia os desdobramentos posteriores dessa proposta levaram à eclosão de algumas discussões relativas a um longo quiproquó, que vai bem longe na História do Estado da Paraíba. A imprensa local relatou assim o acontecido:

Título para Gonzaga. O deputado Severino Ramalho Leite (Arena), apresentou projeto de lei concedendo título de cidadania ao compositor Luiz Gonzaga, “em reconhecimento pelos serviços prestados à Paraíba e ao Brasil, como divulgador da música nordestina”. Afirmando que o compositor “é um apaixonado pelas coisas da Paraíba, o parlamentar disse que a expressão *muié macho*, inserida na letra do baião *Paraíba*, “foi deturpada e transformada em epíteto insultuoso à mulher paraibana. Luiz Gonzaga sempre queixou-se dessa falsa interpretação de sua música, pois, na verdade, pretendeu homenagear nosso Estado, essa Paraíba, masculina e muié macho sim senhor, inspirado na luta de Princesa”. Acrescentou que o autor de “Asa Branca”, atendendo recomendação do seu amigo José Lins do Rego²¹¹ – “Luiz, nunca percas tua virgindade de nordestino” –, jamais perdeu suas raízes de filho do Nordeste e finalizou dizendo que a Paraíba deve-lhe uma reparação a uma palavra que também será da mulher paraibana. – Luiz, não lhe temas mágoa, e a Paraíba te agradece e te quer como filho” (*A União*, 16/09/1976).

A notícia enfatiza, logo de início, o partido político de Ramalho Leite, a Aliança Renovadora Nacional (Arena), sigla diretamente ligada à base de apoio a ditadura militar, instaurados no país desde 1964. O partido emergiu a partir dos antigos partidários da UDN (União Democrática Nacional), que dera maciço apoio ao golpe de 1964 e que a partir da volta dos partidos políticos, pautados na lei do bipartidarismo passou a se chamar de Arena, o partido do governo federal e do governador da Paraíba Ivan Bichara²¹².

Como defesa da concessão do reconhecimento aos préstimos ao Estado da Paraíba, o propositor ratifica que Gonzaga é um apaixonado pelo pequenino estado, e que a música

²¹⁰ Francisco Muniz de Medeiros (1934 - 08/06/2013). Foi um dos fundadores do PT na Paraíba. Foi deputado estadual de 1974 a 1978. Era professor de Filosofia da UFPB.

²¹¹ José Lins do Rego Cavalcanti (Pilar – PB, 03/06/1901 - Rio de Janeiro, 12/09/1957). Foi um dos mais importantes escritores brasileiros de meados do século XX e que produziu uma farta obra sobre a cultura regional nordestina. Participou intensamente da campanha política de 1950 ao lado de José Américo.

²¹² Ivan Bichara Sobreira (Cajazeiras, 24/05/1918 – 11/06/1998). Foi um político e escritor paraibano. Em sua juventude esteve vinculado ao movimento Integralista na Paraíba.

produzida em homenagem ao estado homônimo “foi deturpada”, sem citar em qual situação ocorreu essa deturpação, se atendo a dizer que a canção foi “inspirada na luta de Princesa”. Citando na sequência o escritor José Lins do Rego, que em 1950 ocupou o palanque adversário ao do “Rei do Baião”, aqui no estado. Na ocasião Ramalho Leite diz que se colocava a oportunidade de fazer uma reparação à mulher paraibana, ao estado e principalmente ao compositor e cantor Luiz Gonzaga.

Deputado defende Gonzaga. A intenção dos compositores Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira ao utilizarem a expressão “mulher-macho” na sua música *Paraíba* “não foi nunca a de deturpar a imagem da mulher paraibana. A verve sulista, carioca, que sempre procura minimizar as qualidades do nordestino, foi que transformou a expressão, recomendando mal” (*A União*, 10/09/1976).

Na fala do deputado, ele atribui que a deturpação da letra feita na região sul do país, mais especificamente no Rio de Janeiro, à época do lançamento, capital do Brasil, e o local do maior espaço de produção cultural e musical nesse período. E continua ratificando sua propositura:

A explicação foi dada na Assembleia, pelo deputado Ramalho Leite (Arena) ao propor o título de “Cidadão Paraibano” para o cantor Luiz Gonzaga. “Não vejo razão nenhuma para que seja negada a homenagem, pois ele é o maior divulgador da Paraíba” – enfatizou o orador. Na ocasião, o parlamentar leu trechos de uma carta que lhe foi enviada pela mulher do cantor, dona Helena Gonzaga, na qual afirma que a expressão “mulher-macho” não foi colocada na música de seu marido para denegrir a imagem da mulher paraibana. “O que entra aí – explica d. Helena Gonzaga – é a gramática, a língua portuguesa, pois a palavra Paraíba é feminina. Seja qual for sua definição, Paraíba é substantivo feminino. Seu único interesse foi o de exaltar a cidade de Princesa, cujos feitos estão na história da Revolução de 1930” (*A União*, 10/09/1976).

Na defesa da proposta Ramalho Leite utilizou as palavras da esposa²¹³ de Gonzaga, que explicou de modo didático que a palavra Paraíba é um verbete feminino. E que as raízes da composição estão na Revolução de 1930 no estado homônimo. E continua explicando:

²¹³ Luiz Gonzaga sofre. Sempre sofreu, pela deturpação que fizeram da expressão “MUIÉ MACHO”, como confidenciou em carta ao compositor Luiz Ramalho sua inseparável esposa Helena, “Madame Baião”. A verdade é que, Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga, referiam-se à PARAÍBA, substantivo feminino. Estado rebelde e sempre masculino, “muié macho sim sinhô”. Contra a vontade dos seus criadores, a expressão tornou-se epíteto insultuoso à mulher paraibana. Devíamos pois, uma reparação a Luiz Gonzaga. Devemos dizer-lhes hoje que acreditamos no seu amor à Paraíba e amamos a sua música. Que sua música toca o nosso coração. O coração da Paraíba (*O Norte*, 08/03/1979).

Há algum tempo, a Assembleia Legislativa rejeitou proposição idêntica à do sr. Ramalho Leite, por achar que Luiz Gonzaga ajudou a criar uma imagem negativa da mulher paraibana com aquela expressão, ou, como afirmou ontem o parlamentar arenista, pela “interpretação dúbia” que lhe foi dada. Mas, desta vez, não se colocou nenhum obstáculo a proposição, havendo inclusive diversos apartes de solidariedade ao seu autor (*‘A União’*, 10/09/1976).

Vale destacar que anos antes essa propositura de concessão de título de cidadania paraibana ao “Rei do Baião” havia sido apresentada e rejeitada pela Assembleia Estadual. Durante a pesquisa empreendida para a elaboração da presente dissertação, não encontramos as datas e os argumentos para a rejeição anterior. Todavia, as lutas oligárquicas locais estão relacionadas diretamente a essa polêmica cíclica em referência à canção de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira composta em 1950. O preâmbulo da música parte da Revolução de 1930, mais especificamente na Sedição de Princesa, movimento organizado pelo coronel José Pereira Lima²¹⁴, contra o presidente (governador) da Paraíba, João Pessoa²¹⁵.

O referido chefe político, que no final dos anos 1920 e início dos 30 liderara esse movimento contra o governo estadual a partir de sua base política na cidade de Princesa, também era admirador de músicas, em especial as do “Rei do Baião”. Na década de 1940, já afastado do prosclênio da política, continuava aficionado das músicas de Gonzaga, que estava em pleno auge da carreira, além de vários de seus parceiros angariados durante a vida, mas o que chama a atenção é a preferência do coronel por um compositor, então em começo de carreira artística, conforme podemos ver em escrito sobre o seu centenário de nascimento.

Ensariadas as armas, esfumados os fogaréus pela poeira do tempo, é bom que se diga que José Pereira Lima adora as músicas do meu amigo Zé Dantas, parceiro de Luiz Gonzaga, autor de Asa Branca e uma série de toadas, aboios e cantigas consagradas. Zé Dantas era médico, bateu azas e voou desse mundo afugentador da poesia, em plena mocidade. Vale, portanto, recordar a figura do chefe político sertanejo, uma espécie de barão feudal sem brasões outros que a lealdade, a coragem, o respeito à palavra empenhada, o culto da amizade. E que a passagem do centenário do seu nascimento seja comemorada condignamente (ÁLFIO PONZI²¹⁶, *‘A União’*, 08/08/1984).

²¹⁴ José Pereira Lima (Princesa Isabel, 04/12/1884 - Recife, 13/11/1949). Político e fazendeiro. Em 1915 foi da base de apoio da vitória de Antonio da Silva Pessoa para o governo da Paraíba, da vitória de Solon de Lucena (1920-1924) e de João Suassuna (1924-1928). Nesse último ano, rompeu com João Pessoa, ruptura essa que culminou com um conflito armado no interior da Paraíba.

²¹⁵ João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (Umbuzeiro – PB, 24/01/1878 - Recife, 26/06/1930). Foi um advogado e político. Exerceu a função de Presidente da Paraíba entre os anos 1928 a 1930.

²¹⁶ Álfio Ponzi (Cidade da Parahyba, 09/08/1914 - Rio de Janeiro, 02/10/1985). Foi um jurista, jornalista, escritor e professor de Direito Civil da UFPE.

A reportagem tem um tom apologético em referência a Zé Lima. Mas o destaque que quero fazer é em referência as composições citadas de Zé Dantas. Há um fato interessante, a relatar, pois até 1949, ano da morte do coronel José Pereira Lima, fã de Zé Dantas, o “Rei do Baião” Luiz Gonzaga só havia cantado duas músicas do compositor, sendo: ‘*Forró de Mané Vito*’ e ‘*Vem Morena*’. Sendo assim, Zé Pereira não teve tempo para acompanhar a maior parte das músicas de maior sucesso do médico pernambucano.

Entretanto e apesar de tudo, Pereira Lima não imaginava que ele iria ser homenageado numa canção do “Rei e do Bacharel” do Baião (como chamavam outro célebre parceiro Humberto Teixeira), que iria repercutir tanto na campanha eleitoral estadual no ano seguinte à sua morte. Essa campanha literalmente pegou fogo e sobre ela o pesquisador Renato Carneiro diz: “Na Parahyba, a eleição de 1950 para o governo do estado tomou a conotação não de uma festa democrática, mas a de uma verdadeira guerra sem precedentes na história política do nosso estado²¹⁷”.

Semelhante a uma batalha campal, a eleição de 1950 na Parahyba ficou conhecida na história eleitoral como uma das mais violentas de todos os tempos. Além dos memoráveis discursos dos grandes oradores e das passeatas que contagiaram os eleitores, o uso da violência marcou aquele pleito. Em alguns municípios, as divergências políticas foram resolvidas a bala. A polícia estadual, que deveria dar tranquilidade ao eleitorado, foi utilizada em prol da candidatura oficial (CARNEIRO, 2011, p. 236).

No ano de 1950, Luiz Gonzaga participou da campanha presidencial do ex-ditador Getúlio Vargas, novamente queria chegar à presidência da república pela via eleitoral. Com a vitória e posse de Vargas, voltaram a ganhar maior impulso os ideais nacionalistas a ele vinculados, desde a década de 1930. Uma das resultantes diretas foi um renovado incentivo para a produção e difusão de músicas regionais, beneficiando a obra musical de Gonzaga que ganhou a condição de um dos ícones da música brasileira.

Nesse mesmo ano, já numa campanha de âmbito estadual, Luiz Gonzaga veio tocar na Paraíba. No caso, veio apoiar a candidatura ao senado pelo PR, o advogado, político e alto burocrata José Pereira Lira. Essa candidatura integrava a Aliança Republicana, também formada pelo candidato da UDN ao governo do estado Argemiro de Figueiredo e a vice-

²¹⁷ CARNEIRO, 2011, p. 235.

governador Renato Ribeiro Coutinho, chapa essa apoiada pelo então governador do estado, José Targino Pereira da Costa²¹⁸ e pelo presidente da república Eurico Gaspar Dutra.

O processo de sucessão estadual de 1950 foi caracterizado também pelas divisões internas que atingiram as duas principais correntes políticas do estado. De um lado, José Américo de Almeida e Argemiro de Figueiredo “racharam” ao meio a UDN. De outro, o PSD *ruista* experimentou a dissidência entre José Pereira Lira e Ruy Carneiro. As cisões vividas nos seios dos dois partidos políticos se refletiram nas bancadas da Assembleia Legislativa. A cisão udenista provocou a aliança entre José Américo de Almeida e Ruy Carneiro, dando origem à Coligação Democrática Paraibana, enquanto que o rompimento pessedista desaguou na união entre Argemiro de Figueiredo e Pereira Lira (CARNEIRO, 2011, p. 236).

No lado adversário estava a Coligação Democrática Paraibana, tendo como candidato ao senado o nome de Ruy Carneiro²¹⁹ pelo PSD, apoiado pelo candidato ao governo do estado José Américo de Almeida e a vice-governador João Fernandes de Lima (PL), formando a chapa da oposição apoiado pelo candidato a presidente Getúlio Vargas, que já tinha esquecido as rugas recentes com o escritor da ‘*Bagaceira*’.

O vulto de José Américo de Almeida era, por sua vez, alimentado pelas ideias considerados revolucionários em 1930, que lhe valeram o reconhecimento de líder da revolução no Estado. Tendo sido secretário e “braço direito” do presidente João Pessoa, estivera à frente dos combates contra as forças comandadas por José Pereira quando da sedição de Princesa (SILVA, 2008, p. 123).

Formadas as coligações eleitorais, foram contratados para o lançamento da festa política da Aliança Republicana de Argemiro de Figueiredo, os mais populares cantores da maior estatal brasileira, a Rádio Nacional, com destaque para Luiz Gonzaga, no auge do baião como ritmo nacional. “No ano de 1950, no auge da carreira, o famoso Luiz Gonzaga recebe dos paulistas o Título de O Rei do Baião, que o consagrou para toda a sua vida e posteridade” (COSTA; MEDEIROS, 2011, p. 72). A ‘monarquia’ recém-conquistada e a enorme fama de Gonzaga foi usada pelos candidatos da situação na Paraíba. Por isso, o contrataram, junto com outros artistas.

²¹⁸ José Targino Pereira da Costa (Araruna – PB, 17/10/1893 - João Pessoa – PB, 27/09/1987). Latifundiário e político, integrante de uma das mais influentes oligarquias paraibanas.

²¹⁹ Ruy Carneiro (Pombal - PB, 20/08/1906 - Brasília, 20/07/1977). Foi um jornalista e político de grande influência entre os anos 1930 e 70, nomeando uma das mais importantes avenidas da Capital.

Sobre a chegada dos artistas de reconhecimento nacional e responsáveis pela animação do comício da campanha de Argemiro de Figueiredo, na capital paraibana e em Campina Grande o jornal ‘*A União*’, escreveu:

AS ESTRELAS DO RÁDIO NACIONAL, SÁBADO, NESTA CIDADE. “Show” na Lagoa, antes e depois do comício da UND e PR, com Luiz Gonzaga, Ester de Abreu²²⁰, Blackout²²¹, Rui Rey²²² e Jorge Goulart²²³, a convite do *broadcaster*²²⁴ Teófilo de Vasconcelos, fundador e superintendente das “Emissoras Paraibanas”. A convite das Emissoras Paraibanas (Rádio Arapuan de João Pessoa, Rádio Caturité, de Campina Grande, e Rádio Espinharas de Patos) estarão sábado nesta capital, Luiz Gonzaga, Ester de Abreu, Blackout, Rui Rey e Jorge Goulart, acompanhados os orquestrador da Rádio Nacional Edmundo Correia. Confirmando o embarque de avião, amanhã para o Recife, desses elementos recebeu hoje o *broadcaster* Teófilo de Vasconcelos um telegrama *Western*²²⁵ do jornalista José Caó, diretor da Rádio Nacional. Os artistas realizarão um grande “show” no Cassino da Lagoa, antes e depois do comício monstro da Aliança Republicana, no próximo sábado (‘*A União*’, 06/07/1950).

A visita dos artistas da Rádio Nacional era tão importante que fizeram uma cadeia de rádios paraibanas voltadas para a divulgação do evento político da Aliança Republicana, era um comício para entrar para a história do estado. O final da reportagem fala da especialidade de cada artista e sua importância:

Luiz Gonzaga e sua sanfona – o rei do baião – comporá aqui o baião Caturité, que antes do seu regresso ao Rio será executado para o público conterrâneo pelo seu próprio autor de grandiosos espetáculos gratuitos e ao ar livre. Ester de Abreu que tantos triunfos já alcançou nas grandes cidades, já é conhecida do povo paraibano, tendo se exibido em Campina Grande. Fadista ímpar, Ester de Abreu interpretará vários números sábado antes do comício da Lagoa. Jorge Goulart, o criador de “*brôtinho*” estará também no “show” juntamente com Rui Rey, cujo gênero é bolero, e com Blackout, o general da banda, de quem foram vendidos mais discos pelo carnaval (‘*A União*’, 06/07/1950).

²²⁰ Ester de Abreu Pereira (Lisboa – Portugal, 25/10/1921 - Rio de Janeiro, 24/02/1997). Foi uma atriz e cantora portuguesa radicada no Brasil.

²²¹ Otávio Henrique de Oliveira (Espírito Santo do Pinhal – SP, 05/12/1919 - Rio de Janeiro, 09/02/1983). Foi um cantor e compositor. Conhecido como o “General da Banda”.

²²² Domingos Zeminian (São Paulo, 04/01/1915 - Rio de Janeiro, 26/03/1995). Foi um ator, cantor e compositor.

²²³ Jorge Neves Bastos (Rio de Janeiro, 16/01/1926 - Rio de Janeiro, 17/03/2012). Foi um cantor, era ligado ao tema carnavalesco.

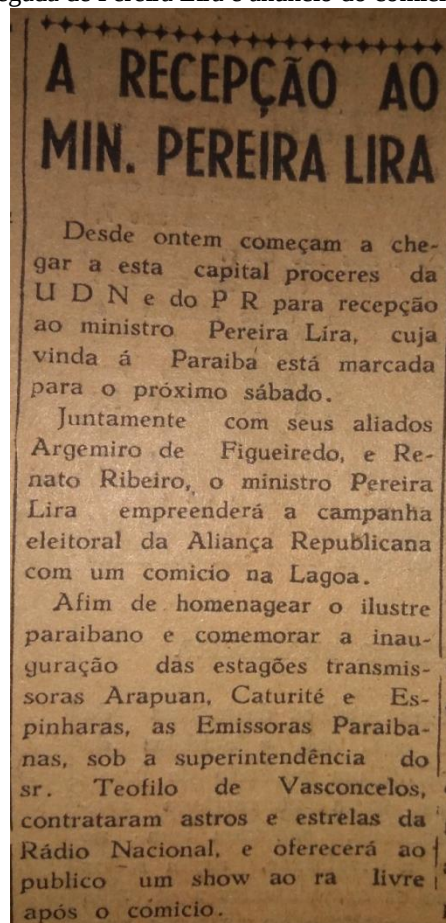
²²⁴ Tem o sentido de organizador, transmissor e locutor.

²²⁵ *Western Union* é uma empresa multinacional que oferece serviços financeiros e de comunicação. Sua sede fica nos Estados Unidos.

O periódico governamental paraibano narrou que o “Rei do Baião”, iria compor em sua estadia na Paraíba uma música inédita, que se chamaria Caturité. Entretanto, na discografia de Gonzaga não consta essa canção, que ficou somente na promessa de período eleitoral. Mas a pergunta a ser feita, quem foi à pessoa que contratou os mais destacados cantores e compositores do *cast* da maior emissora radiofônica do país?

O nome dele era José Pereira Lira, descendente dos Pereiras de Princesa, à época Ministro da Casa Civil do presidente Eurico Gaspar Dutra. Um dos políticos e juristas mais influentes no cenário nacional, que resolveu pela segunda vez se candidatar ao cargo de senador. Para dar maior atenção à sua candidatura, resolveu contratar por intermédio do diretor da Rádio Nacional os artistas da emissora estatal. Com intuito de realizar os chamados “comícios monstros”, nas duas maiores cidades da Paraíba, respectivamente, a capital João Pessoa e Campina Grande. Aquilo que hoje chamaríamos de showmício, à época, dada a enormidade das proporções do evento, ganhou o adjetivo de “monstro”. Talvez, na ideia de uma grande aglomeração popular ressoasse algum temor da “turba descontrolada”, na visão dos mais conservadores.

Figura 58 – Chegada de Pereira Lira e anúncio do comício em João Pessoa



Fonte: 'A União', 06/06/1950.

Todo esse encadeamento voltou a ser lembrado na década de 1980 e o jornal ‘*A União*’, reverberou a importância desse personagem de relevo na política e na justiça nacional e que passa quase despercebido na política local à época. O título da reportagem era a seguinte:

PEREIRA LIRA, O “Golbery” do Presidente Dutra. Com quatro cachimbos de dimensões variadas e duas latas de fumo importado marca “*Irlandez*” sempre à mão, o Ministro Pereira Lira, cercado de livros por todos os lados, não desmente o apelido assumido na sua campanha senatorial em 1950, na Paraíba: “cachimbão”. Há, porém, uma outra particularmente, mais interessante: ele é, sem dúvida, o último exemplar de uma espécie em extinção: a dos líderes políticos paraibanos surgidos para a vida pública nacional com a Revolução de 1930 (OLGA BARROS, ‘*A União*’, 03/07/1983).

Os relatos iniciais da matéria produzida na reta final da ditadura civil-militar comparam José Pereira Lira ao ministro Golbery do Couto e Silva²²⁶, que entre outros cargos públicos que exerceu com dois presidentes militares, Ernesto Geisel e João Figueiredo, as funções de Ministro Chefe do Gabinete Civil entre os anos de 1974 e 1981, mesma função de Pereira Lira executou no governo de Dutra na parte final da década de 1940.

De integrante do comitê do candidato Dutra, o Ministro Lira passaria a Chefe de Polícia, Secretário do Presidente e depois Chefe da Casa Civil, com uma influência de tal profundidade que analistas políticos comparam a soma de poderes que enfeixava nas mãos, a significativa participação do General Golbery no governo Figueiredo (‘*A União*’, 03/07/1983).

Zé Lira, como era popularmente conhecido, possuiu duas polêmicas graves ligadas à sua vida pública. A primeira aconteceu em 1946, no Rio de Janeiro, então sede do governo federal, quando cumpria a Chefia de Polícia do Governo Dutra. “Zé Pereira Lima [Lira²²⁷] foi chefe de polícia do Rio de Janeiro e foi responsável por mandar metralhar os operários que reivindicavam melhores salários no chamado massacre do Largo da Carioca” (COSTA; MEDEIROS, 2011, p. 75).

²²⁶ Golbery do Couto e Silva (Rio Grande – RS, 21/08/1911 - São Paulo, 18/09/1987). Foi um general e político.

²²⁷ O sobrenome de Lira está em destaque porque na biografia citada os autores confundem-se o Lira do personagem político da campanha de 1950, com o Lima do coronel Zé Pereira Lima de Princesa.

O jornal operário *Tribuna Popular*²²⁸, repercutiu esse acontecimento do dia 24 de maio, em várias páginas do período com títulos como: “Toda a América protesta contra a chacina do nosso povo. ‘Pró-Nazistas ainda mantêm posições no Governo Brasileiro’. A polícia esconde outros mortos – denunciam os feridos” (*Tribuna Popular*, 26/05/1946).

As reportagens da *Tribuna* atacam Pereira Lira e seu irmão Antônio Pereira Lira de defensores de nazistas, pois os trabalhadores envolvidos no comício eram ligados ao Partido Comunista, adversários recentes na Europa da Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945). Sobre esse acontecido de 1946, a jornalista Olga Barros, em defesa do político décadas após, escreve que: “Na realidade, depoentes isentos e, no caso do Rio, até decisões judiciais, inocentam o ministro Pereira Lira de quaisquer responsabilidades nos desfechos daqueles fatos lutosos²²⁹”.

O outro fato polêmico na biografia do ministro Zé Lira que esteve diretamente relacionado a essa presença de Gonzaga na campanha paraibana de 1950. Além de ter ficado marcado pela alcunha de “cachimbão”, devido ao seu hábito de fumante inveterado, ele também foi acusado como responsável (in)direto pelas vítimas fatais ocorridas no segundo “comício monstro” realizado em Campina Grande. Como descreve o jornal governamental paraibano, que o identifica como ‘O Professor’:

O Professor. Talvez o título que mais empolgue o dr. José Pereira Lira, seja o de professor. Em 1950, na mais agitada e até sangrenta campanha eleitoral da História da Paraíba, era assim que o chamavam: Professor Pereira Lira ou simplesmente Professor Lira. Os correligionários, com todo o respeito. Os adversários querendo fazer chacota (OLGA BARROS, ‘*A União*’, 03/07/1983).

Essa tragédia que envolveu o nome de Pereira Lira e que esteve ligada a Gonzaga e aos cantores da Nacional, aconteceu no dia 09 de julho em Campina Grande. Lembrando que na véspera dia 08 aconteceu o primeiro “comício monstro” em João Pessoa, para lançar a chapa da Aliança Democrática de Argemiro e Lira. Sem maiores incidentes registrados. O infausto acontecimento causou tal impacto que voltou a ser destacado pela imprensa paraibana no final da década de 1980:

O FATÍDICO 9 DE JULHO. A Campanha de Governador em 1950. Desde cedo, naquele domingo de sol, Campina Grande viveria um clima misto de

²²⁸ Jornal carioca criado no dia 22/05/1945 e fechado em dezembro de 1947, vinculado ao Partido Comunista Brasileiro.

²²⁹ ‘*A União*’, 03/07/1983.

festa e de apreensão. Caminhões e ônibus de todos os quadrantes do Estado chegavam pelas estradas poeirentas do litoral, do sertão, do brejo, do cariri e do curimataú, trazendo milhares de argemiristas com suas bandeiras e seus lenços amarelos. Os vivas a Argemiro, Renato Ribeiro e Pereira Lira recebiam das pessoas que se postavam as portas, janelas e calçadas, respostas diferentes: quem era adepto da Aliança se incorporava ao coro entusiasmado dos que chegavam de outros municípios; os correligionários exaltados da coligação, para contrariar, gritavam “morte a Argemiro” e “viva José Américo” (SYLVESTRE Apud ‘*A União*’, 14/02/1988).

O estado de beligerância na segunda maior cidade da Paraíba estava presente desde as primeiras horas do dia do “comício monstro”. Os ânimos estavam inflamados de ambos os lados, (Aliança Republicana de Argemiro e Zé Lira *versus* a Coligação Democrática Paraibana de Zé Américo e Ruy Carneiro). Lembrando a importância desse evento para a situação, era que Campina Grande era a base eleitoral de Argemiro de Figueiredo, candidato a governador. E seria uma ótima oportunidade para apresentar o postulante ao cargo de senador da coligação, o ministro Pereira Lira que não era benquisto no local, pelos aliados de José Américo.

Para realçar ainda mais sua posição, os americistas radicais, desde a véspera, ostentavam sinal de luto. Um laço preto na lapela dos paletós, nos bolsos das camisas esporte dos homens ou pregado nos vestidos das mulheres, simbolizava repúdio à presença em Campina Grande do professor Pereira Lira. Discussões e até engalfinhamentos ocorreram durante o dia em vários pontos do centro e de alguns bairros da cidade. Os coligados estavam informados com as negativas da Polícia às solicitações encaminhadas à Delegacia para a autorização da realização do comício, na mesma Praça da Bandeira, após a conclusão da festa Udenista (SYLVESTRE apud ‘*A União*’, 14/02/1988).

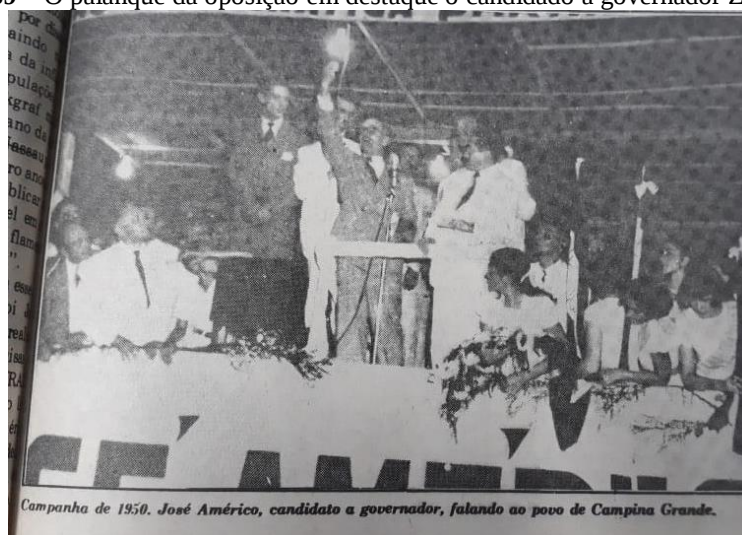
Observo a provocação ao candidato Zé Pereira, como a presença do preto nas roupas dos americistas (como eram conhecidos os eleitores do candidato José Américo), fazendo referência ao acontecido no Largo da Carioca, no Rio de Janeiro em 1946. Lembrando que o Governador do Estado José Targino apoiava a chapa Argemirista (como eram chamados os eleitores do candidato Argemiro de Figueiredo), por isso, a polícia militar garantia a segurança dos partidários da chapa udenista. Enquanto o prefeito de Campina Grande, Elpídio de Almeida²³⁰, apoiava a coligação pessedista da chapa da oposição. Em consequência disso tudo, vejamos como foi à passeata da Aliança:

²³⁰ Elpídio Josué de Almeida, (Areia, 01/11/1893 - Campina Grande, 26/03/1971). Foi um médico, político e historiador.

A PASSEATA. A programação dos dirigentes da Aliança foi elaborada com a finalidade de suplantar o comício-monstro realizado pela Coligação no dia 28 de maio. A partir de Santa Terezinha, automóveis, camionetas e outros veículos se concentravam esperando a caravana que vinha de João Pessoa. Ao longo da AV. Paulo de Frontin, do curtiúme dos Mota às imediações da SANBRA²³¹ e da Anderson & Clayton²³², no início da Miguel Couto, a multidão aguardava ansiosa e vibrante, com faixas, e bandeirolas e um intenso foguetório que recrudescia no momento em que foi anunciada pelos alto-falantes a chegada dos “Caravaneiros da Vitória”. Pereira Lira, Renato Ribeiro, João Agripino²³³ e outros líderes udenistas, recepcionados em Santa Terezinha por Argemiro de Figueiredo. Com várias bandas de músicas se intercalando entre a multidão, deu-se início à monumental passeata que percorreu várias ruas da cidade em direção à Praça da Bandeira (SYLVESTRE apud ‘A União’, 14/02/1988).

Pereira Lira havia tido a ideia de “encomendar uma música justamente a Luiz Gonzaga para a campanha de Argemiro de Figueiredo, numa clara tentativa de apropriar-se da sua musicalidade, talento e do seu prestígio sobre todas as camadas sociais do estado paraibano” (BARBOSA, 2011, p. 155). Para Gonzaga era mais uma atividade de sua vida profissional de músico popular.

Figura 59 – O palanque da oposição em destaque o candidato a governador Zé Américo



Fonte: ‘A União’, 14/02/1988.

²³¹ Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro foi fundada em Campina Grande em 1935. Era uma empresa responsável por beneficiamento de produtos como sisal, óleo alimentício e principalmente de algodão na época que Campina era conhecida como a Liverpool nordestina. A empresa foi adquirida pela Bunge. Ver: **SANBRA 70 anos 1993**. Fonte: <http://www.fundacaobunge.org.br>. Acesso em: 22/04/2019.

²³² Anderson, Clayton and Company ou Anderson, Clayton e Co. Era uma empresa de comércio de algodão iniciada em Oklahoma City.

²³³ João Agripino de Vasconcelos Maia Filho (Brejo do Cruz – PB, 01/03/1914 - João Pessoa, 06/02/1988). Foi um advogado e político.

Nesse sentido, o lançamento da música que se tornou posteriormente famosa e controversa, ‘*Paraíba*’, ocorreu nessa ocasião, em Campina Grande, por ser à base de apoio do candidato a governador e considerado pelos estrategistas de campanha um divisor de águas para o decorrer do período eleitoral. A grande concentração popular se deu na Praça da Bandeira, que era um dos únicos locais no centro da cidade a ter um espaço adequado para a aglomeração do eleitorado udenista. Agora veremos como foi o comício:

O COMÍCIO. Se não foi absolutamente o maior, aquele comício vespertino, com artistas do Rio de Janeiro e numerosas caravanas do interior e da Capital do Estado, deve se situar entre as maiores concentrações políticas já ocorridas em Campina Grande. Era um verdadeiro mar humano que se espalhava por toda a Praça da Bandeira, movimentando-se em direção ao palanque, colocado ao lado do atual abrigo Maringá, então em construção. Oradores se sucederam na tribuna com entusiasmo. Tarde inspiradora de belos e aplaudidos discursos. Joacil de Brito²³⁴, Ivandro Cunha Lima²³⁵, Álvaro Gaudêncio²³⁶, Haity Leal, Ernani Sátyro²³⁷, João Agripino, Pereira Lira, e finalmente, a palavra cadente, a oratória arrebatadora e os gestos largos de Argemiro de Figueiredo, mão direita para cima, dedo indicador em riste, como sempre. A multidão delirava com os discursos dos seus líderes e a seguir passaria a aplaudir os seus ídolos (SYLVESTRE apud ‘*A União*’, 14/02/1988).

Estava tudo caminhando aparentemente bem na festividade da Aliança Republicana, e parecia haver todos os elementos para dar certo, como ocorrera na Véspera na Capital. Havia correligionários de todas as partes do estado e a festividade corria solta. Destacados oradores e ao final, um show com os melhores artistas da época.

Depois dos oradores, chegou a vez dos artistas de rádio, com cantores de projeção nacional, a exemplo de Ester de Abreu, Luiz Gonzaga, Rui Rei, Black Out, Emilinha Borba²³⁸ e o acordeonista Sivuca²³⁹, paraibano de Itabaiana, à época ainda um cartaz apenas regional. O *show* terminou pouco antes das 20 horas e tudo estava calmo na Praça da Bandeira (SYLVESTRE apud ‘*A União*’, 14/02/1988).

²³⁴ Joacil de Brito Pereira (Caicó – RN, 13/02/1923 - João Pessoa, 29/08/2012). Foi um advogado, professor, pecuarista e político.

²³⁵ Ivandro Moura Cunha Lima, (Guarabira – PB, 26/05/1930). É um advogado, tabelião, proprietário rural e político.

²³⁶ Álvaro Gaudêncio Filho (São João do Cariri – PB, 08/02/1930 - Campina Grande, 12/03/2004). Foi um advogado, pecuarista e político.

²³⁷ Ernane Aires Sátyro e Sousa (Patos, 11/09/1911- Brasília, 08/05/1986). Foi um fazendeiro, poeta, cronista, romancista, ensaísta e político.

²³⁸ Emilia Savana da Silva Borba (Rio de Janeiro, 31/08/1923 - Rio de Janeiro, 03/10/2005). Foi uma cantora. É considerada uma das populares intérpretes do Brasil.

²³⁹ Severino Dias de Oliveira (Itabaiana – PB, 26/05/1930 - João Pessoa, 14/12/2006). Foi um multi-instrumentista, maestro, arranjador, compositor, orquestrador e cantor.

Foi nesse showmício que houve o lançamento da música “*Paraíba*”²⁴⁰, composição de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, encomendada por Pereira Lira, o mesmo aconteceu em Campina Grande. A canção em questão, que depois foi alvo de acirrados debates, era o baião que veio a se tornar um dos maiores sucesso de Gonzaga.

*Quando a lama virou pedra
E Mandacaru secou
Quando a ribaça de sede
Bateu asa e voou
Foi aí que eu vim me embora
Carregando a minha dor
Hoje eu mando um abraço
Pra ti pequenina*

*Paraíba masculina
Muié macho, sim sinhô*

*Eita pau pereira
Que em princesa já roncou
Eita Paraíba
Muié macho sim sinhô*

*Eita pau pereira
Meu bodoque não quebrou
Hoje eu mando
Um abraço pra ti pequenina*

*Paraíba masculina
Muié macho, sim sinhô*

*Quando a lama virou pedra
[...]*

*Paraíba masculina
Muié macho, sim sinhô*

Eita, eita

A princípio as primeiras frases da música, narram o drama da partida dos retirantes em consequência as secas da região nordeste do país, e que também assolam a Paraíba, e por causa disso buscariam mudar sua realidade igual às aves migratórias. Faz também menção à saudade que o emigrado teria de sua terra natal, que havia deixado de forma compulsória.

²⁴⁰ Fonte: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/47095/>. Acesso em: 15/04/2019.

Na sequência da canção, vemos que as quatro últimas frases dessa primeira estrofe fazem alusão ao emigrante saudosos de sua terra natal. Tendo a tentativa de identificar a situação do político com a do povo sofrido e com isso, servia como uma espécie de resposta às críticas sofridas pelo candidato ao senado de ter deixado a Paraíba há muitos anos para morar em outro estado. Mas a parte em que a propaganda política acabou ficando mais enfatizada pela política local foi à parte central da música que:

Referem-se a luta encabeçada pelo coronel Zé Pereira – que monopolizou política e economicamente, a cidade de São José de Princesa e os municípios circunvizinhos – contra as forças legalistas/situacionistas do então presidente da Paraíba, João Pessoa. A música mostra que, embora o coronel tenha perdido essa batalha, o poder e a força da oligarquia Pereira Lira ainda se fazia presente através do prestígio político do sobrinho do coronel Zé Pereira (BARBOSA, 2011, p. 158).

Com isso, podemos dizer que não foi só o refrão ‘mulher macho’ que inflamou o público, mas sim toda a canção e a antipatia a Pereira Lira e o rescaldo de antigas rivalidades políticas provindas de três décadas antes. Pois não considero que a composição seria um insulto a mulher paraibana.

Assim, logo após o encerramento do “comício monstro” de Campina Grande, ocorreu um conflito entre os partidários de José Américo e os correligionários de Argemiro de Figueiredo, ocasionando vários feridos e até vítimas fatais.

Figura 59 – Dedo em riste enquanto discursava era uma característica de Argemiro de Figueiredo



Fonte: 'A União', 14/02/1988.

Segundo Aires (2013, p. 4), “A tragédia ganhou projeção nacional através de discursos parlamentares no Congresso Nacional e da cobertura da imprensa do Recife e do Rio de Janeiro. O sepultamento das três vítimas arrastou uma multidão ao Cemitério do Monte Santo”, em Campina Grande.

José Pereira Lira havia contratado todos esses artistas com o intuito de inaugurar a nova sede dos Correios e Telégrafos de Campina Grande, feito na gestão do presidente Dutra, a seu pedido. “Como exemplo da utilização da máquina administrativa federal durante a campanha, verificou-se a inauguração do prédio dos Correios e Telégrafos em plena Praça da Bandeira, no centro de Campina Grande, figura entre os acontecimentos mais importantes” (BARBOSA, 2011, p. 142). A festa em questão duraria o dia todo e só encerraria no “showmício”. Para isso, de modo especial pedem a Humberto e Gonzaga uma composição especial.

A dupla imortal também causava escândalos, como o que seguiu a primeira apresentação da música “Paraíba”, num comício em Campina Grande. Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga tinham sido contatados através da Nacional, pelo chefe da Casa Civil de Dutra, para fazer um jingle para a campanha eleitoral de José Américo. Compuseram então a música “Paraíba”, com o célebre refrão “Paraíba masculina / Mulher macho sim senhor”, homenagem do cantor ao pequeno estado que se mostrara tão corajoso na época da Revolução de 30 (DREYFUS, 2012, p. 140).

Dessa forma, vemos que “usando de sua influência junto ao Palácio do Catete, angariou os recursos necessários para a contratação de vários artistas de projeção nacional” (BARBOSA, 2011, p. 142). Então, isso era uma oportunidade única, pois haveria a inauguração e logo o comício para o lançamento da chapa da situação para o governo do estado da Paraíba. Entretanto, ao final ocorreu uma tragédia.

A TRAGÉDIA. A festa udenista foi espetacular e, como não poderia deixar de ser, deixou eufóricos e envaidecidos os chefes e correligionários da UDN e do PR. A maior parte da multidão aliancista, terminado o *show*, desceu em passeata na direção do antigo Largo da Luz (hoje Posto Futurama), dobrou pela Vidal de Negreiros e se dispersou em frente à residência de Argemiro. Numa noite de domingo, com tantas atrações no centro da cidade, além do ajuntamento natural e diário em frente ao edifício Esial²⁴¹, o clima de

²⁴¹ O Edifício “Esial”, que se localizava bem na subida da Praça da Bandeira. Inaugurado em 17/01/1944, era uma propriedade de Luiz da Silva Mota, industrial. Lá funcionava a difusora “A Voz de Campina”. No prédio eram realizadas várias “calouradas” por Hilton Mota e José Jatahi, que contavam inclusive, com a participação de Jackson do Pandeiro ainda em início da carreira. Também se apresentariam nesse local, Marinês, além de outros artistas consagrados. No Esial, os políticos utilizavam-se da sacada para falar a seus eleitores em comícios. Fonte: <http://www.cgretalhos.blogspot.com/2009/09/memoria-fotografica-o-edificio-esial.html#.XL5E8khRfIU>. Acesso em: 22/04/2019.

confronto exacerbado e sobretudo a vontade de dar uma “resposta” ao professor Pereira Lira, foram o somatório de condicionamentos para um grito de entusiasmo e uma decisão irrefletida: “Queremos passeata”. Foi o bastante. Sem banda de música e sem camioneta com alto-falantes, simplesmente no grito, os pequenos ajuntamentos se agruparam e passaram a percorrer algumas ruas centrais da cidade. Por onde passaram arrancavam galhos de árvores, convocavam os amigos e conhecidos que estavam nas calçadas e o grupo foi se avolumando (SYLVESTRE apud ‘A União’, 14/02/1988).

Enciumados com a aglomeração de eleitores udenistas presentes no comício-monstro, os partidários pessedistas de José Américo de Almeida e Ruy Carneiro, resolveram responder à afronta gerada pelo lançamento da música “Paraíba”, improvisando uma passeata contra as frases alegadamente pejorativas acerca das mulheres paraibanas.

Mas a homenagem não foi bem entendida pela oposição, que proclamou que o baião era um insulto à mulher paraibana. Tanto que, segundo contam, a apresentação de “Paraíba” no comício, do qual participava grande parte do *casting* da Nacional, provocou um verdadeiro pugilato, com mortal desfecho... sem contar os feridos. Mas a música tirou o maior proveito do drama, sendo gravada, em 1950, por Emilinha Borba, Quatro Ases e Um Coringa e o sanfoneiro Orlando Silveira (DREYFUS, 2012, p. 142).

Fato interessante era que os palanques²⁴² das duas coligações, que realizariam comícios em dias distintos, conforme determinação policial localizava-se lado a lado na Praça da Bandeira, o que ficou mais fácil para vandalizar o púlpito adversário no momento dos nervos inflamados com a polêmica canção.

Ao chegar à Praça da Bandeira, já contrariando ordens policiais, que proibiam para aquele dia outras concentrações partidárias além da propaganda pela Aliança Renovadora, os jovens líderes da passeata da Coligação não subiram no palanque de sua facção política, mas invadiram o palanque udenista, ainda ornamentado com os cartazes, faixas e reproduções fotográficas ali dispostas para o comício recém-concluído. Tudo aconteceu em poucos minutos. Quando Durmeval Trigueiro²⁴³ começou a falar, começou também a pancadaria seguida de tiroteio. Os tiros foram detonados por revólveres e outras armas curtas. Se houve rajadas de metralhadoras, elas foram acionadas para cima. Do contrário, o total de mortos e feridos teria sido bem superior a três vítimas fatais e aos 15 a 20 feridos, pois era elevadíssimo o número de pessoas que se encontrava na Praça. Policiais

²⁴² CARNEIRO, 2011, p. 259.

²⁴³ Durmeval Bartolomeu Trigueiro Mendes (Cuiabá – MT - Rio de Janeiro, 09/02/1987). Em 1951, foi nomeado Secretário da prefeitura de Campina Grande. Em 1952, exerceu o cargo de Diretor do Departamento de Educação do Estado da Paraíba e começou a lecionar no ensino superior como professor titular de Sociologia da Educação. Participou da Criação da UFPB em 1955. Fonte: MENDES, (1990).

fardados foram vistos ajoelhados e fazendo pontaria em direção a multidão. Por quê? Teriam recebido ordens de atirar no povo ou estavam extravasando instintos bestiais? Civis foram vistos entrincheirados por trás dos palanques atirando contra os populares que corriam em todas as direções. Soldados e graduados da Polícia Militar foram vistos cobrindo de bordados o bancário Rubens de Souza Costa; os ferimentos das cacetadas em sua cabeça foram tantos e tão fortes que ele faleceria horas depois (SYLVESTRE Apud 'A União', 14/02/1988).

Analisando as notícias observei que hora as reportagens tratavam a coligação encabeçada por Argemiro de Figueiredo com o nome de Aliança Renovadora, mas também encontrei matérias que chamavam de Aliança Republicana. Entretanto, considero essa última nomenclatura a oficial da coligação, pois um dos partidos que compunham a chapa era o PR, Partido Republicano.

A reportagem destacava a liderança de oposição pessedista de Durmeval Trigueiro, à época um jovem estudante. Entretanto, o líder do time de José Américo em Campina Grande, era Félix Araújo²⁴⁴, muito ativo na política local, tanto que foi o mesmo que havia composto a música oficial da Coligação Democrática Paraibana e que organizou uma marcha de mulheres usando preto para afrontar Pereira Lira.

Figura 61 – Dia do comício monstro



Fonte: 'A União', 14/02/1988.

A tragédia gerada na Praça da Bandeira repercutiu em todo o país, que estava em plena campanha eleitoral para Presidente da República. O jornal 'A União', apoiador da campanha de Argemiro dedicou várias matérias sobre o inquérito policial, que ao final não culpou

²⁴⁴ Félix de Souza Araújo (Cabaceiras – PB, 22/12/1922 - Campina Grande, 27/07/1953). Foi um poeta, orador, ensaísta, crítico literário, escriturário, livreiro, radialista, jornalista e conferencista e político.

diretamente ninguém. Todavia, ainda é um assunto em aberto, tanto que anos depois volta a ser noticiado pela imprensa paraibana.

Decorrido todo esse tempo da chamada “Chacina da Praça da Bandeira”, uma visão clara e verdadeira do que aconteceu realmente, ainda permanece impossível. Há muito mistério envolvendo o episódio. O grande enigma continua, pois as versões variam de conformidade com a posição política do informante ou da testemunha. O fato é que Campina Grande cobrisse de luto e de medo. No dia 10, pela manhã, começaram a chegar jornalistas e políticos de João Pessoa e do Recife, enquanto contingentes policiais patrulhavam as ruas fortemente armados. A campanha eleitoral de 1950, na Paraíba, principalmente na região de Campina Grande, se dividiu em duas fases distintas: antes e depois do 9 de julho. Durante mais de duas semanas, a partir da noite da tragédia, não houve comícios em Campina. Os partidos preferiram deixar passar a fase maior de apreensão, enquanto se processavam entendimentos coordenados por personalidades locais, como o Bispo Diocesano. D. Anselmo Pietrulla²⁴⁵, tentando restabelecer um mínimo de confiança mútua e de compromisso com a tranquilidade da família campinense (*‘A União’*, 14/02/1988).

Enfim, o “comício monstro” que contou com grandes lideranças políticas do estado da Paraíba e com a participação dos maiores artistas do país, com destaque para Luiz Gonzaga, o “Rei do Baião”, que aproveitou e fez o lançamento da música *‘Paraíba’* – cuja finalidade era homenagear o Estado, exaltar os feitos do coronel Zé Pereira e seu sobrinho o Professor Zé Lira -, parece ter obtido resultado contrário ao almejado.

A música fora inspirada na história genial contada pelo próprio Luiz. Logo que sentou *praça* no Exército, em Fortaleza, houve o grande *levante de 1930*, na cidade de Princesa – PB, Luiz integrou um grupamento que foi destacado para fazer o desarmamento dos *coronéis* naquela região. Grupo ficou acampado na região entre Cajazeiras e Souza (PB), deslocando-se, em seguida, para a cidade de Princesa Isabel, com o objetivo de invadir a Fazenda do Coronel José Pereira para apreender as armas. Ao chegar à Casa Grande, o sargento bateu na porta e perguntou pelo Coronel José Pereira, surgiu uma mulher de fuzil em punho e dizendo-lhe: - *aqui não tem ninguém, estou sozinha*. Quando o sargento anunciou que ia entrar para apreender as armas, a mulher engatilhou o fuzil e gritou: - *aqui não entra ninguém e quem dê um passo à frente leva chumbo!* O sargento deu um passo atrás, recuou e foi embora com a tropa (COSTA; MEDEIROS, 2011, p. 75-76).

²⁴⁵ Anselmo Pietrulla (*Knurów* – Polônia, 12/09/1906 - Tubarão – SC, 25/05/1992). Foi um bispo católico da diocese da cidade de Campina Grande entre os anos de 1949 e 1955 e da cidade de Tubarão entre os anos de 1955 até 1981.

A canção passou de uma homenagem ao estado guerreiro e à família Pereira, se transformando em bode expiatório e logo ligaram a imagem de Pereira Lira à tragédia. Veio à tona tudo o que tinha ocorrido em 1946, no Largo da Carioca, no Rio. Se a música e os incidentes a ela relacionados não foram os direitos responsáveis pela derrota, não deixou de contribuir para o resultado, tanto que:

O resultado da campanha é conhecido de todos, vencendo José Américo de Almeida contra Argemiro de Figueiredo para o Governo do Estado, e Rui Carneiro derrotou Pereira Lira para o Senado. (do Livro – Lutas de Vidas e de Morte, do jornalista Josué Silvestre). (*'A União'*, 14/02/1988).

A coligação pessedista ou americista ganhou em tudo que disputou. Para presidente com Getúlio Vargas, que no momento estava no PTB, para governador com Zé Américo de Almeida e para vice-governador com João Fernandes de Lima, para senador com Rui Carneiro, para suplente de senador com Abelardo Jurema²⁴⁶. Nos deputados federais terminou 6 do PSD e 4 da UDN. E para deputado estadual os resultados apontam 19 parlamentares para o PSD e 15 para UDN.

Figura 62 – Disco de Emilinha Borba com a gravação de *'Paraíba'*, no lado A tinha a música *"Baião de Dois"*.



Fonte: https://www.produto.mercadolivre.com.br/MLB-1074245274-disco-78rpm-emilinha-borba-baio-de-dois-continental-paraiba-_JM. Acesso em: 23/04/2019.

Foi uma vitória esmagadora da Coligação Democrática Paraibana, (que de certo modo revivia antiga a Aliança Liberal em 1930) contra a Aliança Republicana (em larga medida antigos perrepistas em 1930). Sobre a vitória de americista, o próprio Luiz Gonzaga declarou: “ganhar eleição naquele tempo contra Zé Américo era uma coisa realmente muito difícil,

²⁴⁶ Abelardo de Araújo Jurema (Itabaiana, 15/02/1914 - João Pessoa, 09/02/1999). Foi um político, jornalista e advogado. Foi Ministro da Justiça no último ano do Governo de João Goulart, tendo sido destituído desse cargo pelo golpe de estado de 1964.

quase impossível” (ÂNGELO, 1990, p. 64). O realinhamento de forças políticas dos anos 1950, curiosamente, acabou por reeditar em certa medida as dissensões vivenciadas nos anos 1920/30.

Figura 63 – Charge mostrando a confiança de Argemiro de Figueiredo no seu time



Fonte: 'A União', 14/02/1988.

Quando terminou a campanha de governador na Paraíba, e as discussões arrefeceram, a cantora Emilinha Borba gravou a polêmica canção em homenagem ao estado homônimo e posteriormente os cantores também gravaram essa música de campanha. “A música *Paraíba* foi um sucesso tão grande que logo foi gravada por uma cantora japonesa, Keiko Ikuta²⁴⁷ e por Emilinha Borba”. (COSTA; MEDEIROS, 2011, p. 76).

Luiz Gonzaga só gravou a música em 1952, quando a polêmica tinha diminuído e o sucesso da composição já era enorme. A canção que “tinha nascido como um *jingle* encomendado à época do governo Dutra por José Pereira Lima [Lira], adversário ferrenho de José Américo. [...]. Por intermédio do diretor da *Rádio Nacional*, solicitou a Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, resultou no baião Paraíba” (COSTA; MEDEIROS, 2011, p. 76).

A participação de Luiz Gonzaga na ‘Revolução de 1930’ e, principalmente, na campanha governamental de 1950 sempre vai repercutir, pois estava presente ainda a disputa

²⁴⁷ Keiko Ikuta (Tóquio – Japão, 1928 – Sagamihara - Kamagawa, 18/04/1995). Foi uma cantora japonesa. Cantou também a música: ‘*Baião de Dois*’.

entre os perrepistas, usando como cor da coligação o amarelo²⁴⁸, representados por Pereira Lira e Argemiro de Figueiredo, contra os liberais representados por Rui Carneiro e José Américo de Almeida, tendo como cor partidária o branco²⁴⁹. Para aumentar a polêmica em torno da letra Gonzaga acrescentou no verso final de sua versão para a letra o refrão: “*sai pra lá peste!*”. Aumentando as discussões em torno da música.

3.3 ‘Hoje eu mando um abraço para ti pequenina, Paraíba masculina’.

Por isso, mesmo transcorridos quase trinta anos da refrega dos anos 50, conceder o título de cidadania para Luiz Gonzaga tornou-se num ato cercado de desconfianças e ressentimentos de alguns políticos liberais aos fatos pregressos de maneira direta ou envolvendo gerações anteriores de suas famílias. Vinte e seis anos depois, a disputa de 1950 – e, por que não dizer, a de 1930 – ainda não havia cicatrizado suas feridas. Tanto que a cerimônia de entrega do pergaminho de Cidadão Paraibano só ocorreu em 1979, dois anos após a sua propositura inicial. Ano em que o “Rei do Baião” estava retornando a mídia com o show e a música ‘*A Vida de Viajante*’, e cuidando melhor de sua imagem artística.

A concessão da comenda de cidadania paraibana para Gonzaga ocupou as páginas dos jornais paraibanos. Eram os últimos atos administrativos do governador Dorgival Terceiro Neto²⁵⁰, fã e amigo do “Rei do Baião”, que queria que o artista fosse homenageado ainda em sua gestão governamental.

ASSEMBLEIA ENTREGA CIDADANIA A LUIZ GONZAGA. Luiz Gonzaga, o famoso “Rei do Baião” será, a partir de amanhã, o mais novo cidadão paraibano. A Assembleia Legislativa, acolhendo um projeto de lei de autoria do 1º suplente de deputado estadual Ramalho Leite, marcou para às 20h de amanhã uma sessão especial, com o objetivo de entregar a cidadania paraibana a Luiz Gonzaga, em solenidade que contará com a presença do governador Dorgival Terceiro Neto, além de outras autoridades convidadas pelo dirigentes da Casa de Eptácio Pessoa. Por outro lado, hoje,

²⁴⁸ A adoção da cor amarela, por Argemiro de Figueiredo, seguia um conselho da assessoria de José Pereira Lira, seu aliado e candidato ao Senado. [...]. Os hinos da campanha diziam, com todas as letras: ‘Do Partido do Amarelo todos nós queremos ser’ (COUTINHO apud CARNEIRO, 2011, p. 243).

²⁴⁹ Do outro lado, os americistas eram os brancos, em razão do predomínio da cor branca nas manifestações da Coligação, principalmente nas passeatas das mulheres comandadas por Félix Araújo (CARNEIRO, Idem).

²⁵⁰ Dorgival Terceiro Neto (Taperoá, 12/09/1932 - João Pessoa, 12/04/2013). Foi um político, advogado e escritor. Havia sido Vice-Governador indireto na chapa de Ivan Bichara e o sucedeu quando o titular se candidatou ao Senado em 1978, completando o mandato governamental.

haverá uma outra sessão especial, também às 20h, para homenagear o professor Oscar Sampaio Visgueiro com a cidadania paraibana. O homenageado será saudado pelo deputado Edme Tavares²⁵¹, autor da proposição (*'O Norte'*, 06/03/1979).

A notícia da presença de seu Luiz já estava na mídia mesmo no recebimento do pergaminho por outro cidadão, no caso o professor Oscar Visgueiro²⁵². E ao anunciar que a Paraíba tem um mais novo cidadão, que era o professor Oscar Visgueiro, a notícia já faz a alusão que Luiz Gonzaga será o próximo a ser homenageado. E no dia seguinte a reportagem ocupou a primeira página dos jornais *'A União'* e *'O Norte'*.

Na época da concessão da cidadania para o “Rei do Baião”, o deputado que fez a propositura estava afastado da assembleia, pois ele estava na condição de suplente, mas na próxima legislatura iria reassumir a função na Casa de Epitácio Pessoa. Entretanto Ramalho Leite estava presente na sessão e escreveu o discurso do orador da sessão.

EXIGÊNCIA. O título de Cidadão Paraibano, que Luiz Gonzaga receberá amanhã, foi proposto pelo deputado Ramalho Leite, há cerca de dois anos. Por motivos superiores, a homenagem foi adiada por diversas vezes, mas agora, graças a um pedido do governador Dorgival Terceiro Neto, que expressou o desejo de ver Luiz Gonzaga homenageado antes do término do seu mandato, ficou estabelecido que a sessão especial se realizará mesmo amanhã. À sessão comparecerão o governador Dorgival Terceiro Neto, o deputado estadual Ramalho Leite, na qualidade de convidado, além de outras autoridades. A saudação ao homenageado será feita pelo deputado estadual Edme Tavares, que lerá o discurso escrito pelo Sr. Ramalho Leite, autor da proposição de concessão do título (*'A União'*, 06/03/1979).

O jornal *'O Norte'* escreveu sobre o evento:

CONVIDADO ESPECIAL. O Sr. Ramalho Leite apresentou o projeto de lei concedendo o título de cidadão paraibano ao sanfoneiro Luiz Gonzaga, há cerca de três anos. Na época, a iniciativa do parlamentar recebeu críticas, de alguns deputados, que não aceitavam as frases do “Rei do Baião” quando ele dizia, numa de suas músicas, “Paraíba masculina, muié macho sim sinhô”. Para os deputados, Luiz queria dizer na Paraíba as mulheres mandavam nos

²⁵¹ Oscar Sampaio Visgueiro (Maceió, 28/12/1925 - João Pessoa, 23/12/1992). Empresário e administrador, foi Presidente do FAGRIN (Fundo de Desenvolvimento Agrícola e Industrial) no início dos anos 60 e esteve envolvido na expansão da eletrificação na Paraíba.

²⁵² ONTEM, TÍTULO DE VISGUEIRO; HOJE, O DE LUIZ GONZAGA. O atual diretor presidente do Banco do Estado da Paraíba, professor Oscar Sampaio Visgueiro recebeu ontem o seu título de Cidadão Paraibano, na Assembleia Legislativa do Estado, que hoje à noite, entregará idêntica comenda ao conhecido Rei do Baião, Luiz “Lua” Gonzaga. Alagoano de nascimento, Visgueiro encontra-se hoje totalmente entrosado à vida paraibana, depois de vários anos de serviços prestados ao seu Estado de adoção, conforme ressaltou o deputado Edme Tavares, que, sendo o autor saudou-o. (*'A União'*, 07/03/1979).

homens. Depois dos devidos esclarecimentos, a Assembléia resolveu aprovar o projeto, mas desde então, não se chegou a marcar uma data para a solenidade. Ocorre que o governador Dorgival Terceiro Neto, um admirador do cantor, pediu para que o título fosse entregue antes de concluído o seu mandato. O sr. Ramalho Leite, que só assumirá depois do dia 15 a sua cadeira na Assembleia, comparecerá a sessão como convidado especial, enquanto o discurso de saudação será lido pelo deputado Edme Tavares²⁵³. Depois da sessão, Luiz Lua Gonzaga fará um show na Praça João Pessoa. O artista chegará amanhã a João Pessoa, acompanhado de sua esposa Helena (*'O Norte'*, 06/03/1979).

Quando em 1976, Ramalho Leite propôs o projeto de lei, os comentários em relação à música *'Paraíba'*, vieram logo à proa. Pois a letra da canção nunca foi entendida corretamente ou teve seu sentido propositalmente distorcido, devido a ter sido lançada em meio à campanha política mais polemizada do estado, em que se engalinharam ferozmente as oligarquias que disputavam o poder desde a década de 1920, e que em 1930 causou conflitos e rupturas de seus aliados.

Na década de 1970, vários descendentes desses blocos políticos ainda estavam na assembleia legislativa da Paraíba. E toda vez que se cita o nome de Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga, as várias versões surgidas no ano de 1950 para a canção homenageando o estado vem à tona.

E com isso, cada linha da composição teve ser novamente explicada, com a devida batalha em torno de seus significados. Entretanto, as notícias e principalmente a documentação arquivada na assembleia legislativa não mostram quem foram os opositores à proposta de Ramalho Leite. No dia depois da cerimônia os jornais destacaram:

LUIZ GONZAGA RECEBE CIDADANIA PARAIBANA - É de braços abertos que esta casa recebe Luiz Gonzaga do Nascimento, menino de Exú, soldado do Brasil, cidadão do Nordeste. Agora paraibano – veio macho, sim sinhô. Receba Luiz, a homenagem dos paraibanos, homens e mulheres. Da Paraíba pequenina, “muié macho, sim sinhô!”. Assim, o deputado Assis Camelo²⁵⁴ encerrou o discurso escrito pelo ex-deputado Ramalho Leite, autor da proposição concedendo o título de Cidadão Paraibano a Luiz Gonzaga, durante a solenidade realizada às 20 horas de ontem, no plenário da Assembleia Legislativa (*'A União'*, 08/03/1979).

²⁵³ Edme Tavares de Albuquerque (Cajazeiras, 06/02/1937 - Brasília, 16/05/ 2015). Foi um advogado e político.

²⁵⁴ Francisco de Assis Camelo (Alagoa Nova – PB, 12/09/1939). É um advogado e político. Foi nomeado procurador do Estado da Paraíba no ano de 1968. Exerceu seis mandatos como deputado estadual, entre os anos de 1967 a 1991, pelo partido da ARENA, PDS e PFL. Dados cedidos pelo próprio Assis Camelo.

A cerimônia de concessão do título foi presidida pelo deputado estadual Edme Tavares e como orador principal teve o deputado Assis Camelo, com o discurso produzido pelo propositor da comenda estadual, Ramalho Leite. E as homenagens continuam:

UM MENINO QUE TOCA. No discurso lido pelo deputado Assis Camelo, foi feito um retrospecto de toda a vida de Luiz Gonzaga desde a infância. “Januário, ao se casar com Santana, jamais pensou que o segundo filho, Luiz, seria seu sucessor no teclado das harmônicas pelas quebradas das serras do Exú”, disse o parlamentar, enfatizando que “Santana, na certa, já acostumada a não ter o marido nas noites de festas, lutou com todas as forças, contra a vocação do filho. Dois tocadores na mesma casa, era demais” (*‘A União’*, 08/03/1979).

Assis Camelo descreve a biografia do “Rei do Baião” desde a infância, como é de praxe nessa concessão de título. Logo após o orador passou a palavra ao homenageado. Que fez seus agradecimentos.

AGRADECIMENTO. O cantor e sanfoneiro Luiz Gonzaga; o “Rei do Baião”, recebeu às 20 horas de ontem, na Assembleia Legislativa, o título de “Cidadão Paraibano”, em solenidade que contou com a presença do governador Dorgival Terceiro Neto e de representantes do futuro governador, prefeito e políticos. “Vou evitar o estilo tradicional de fazer saudações, mesmo porque não tenho prática”, disse Luiz, no início de seu discurso lamentado em seguida a ausência da esposa, Helena, “pois queria provar que artista tem domicílio. Mas, invoco o testemunho do Dr. Dorgival, que conhece a minha esposa”. Durante mais de uma hora, Luiz Gonzaga falou da tribuna da Assembleia, na sua maneira descontraída de contagiar o público, relembrando fases de sua vida, desde o menino vendedor de cordas, em Exú; ao adolescente que fugiu de casa, depois de levar uma surra do pai, “apenas porque quis casar com uma moça que não era do meu nível”; sua passagem pelo Exército; a aquisição da primeira sanfona; os programas de calouros; as primeiras músicas gravadas e o retorno à casa paterna, depois de 20 anos quando, numa madrugada, ao bater na porta do velho Januário e dizer que era ele, recebeu do pai uma recriminação: “Isso é hora de chegar em casa, moleque?” (*‘A União’*, 08/03/1979).

Nas palavras de agradecimentos Gonzaga, ratifica a importância de Helena Cavalcanti na sua carreira artística e na vida pessoal. Foi ela quem fez a defesa do “Rei do Baião” em 1976, quando Ramalho Leite, colocou o projeto em votação, explicando a letra da música, composta sob encomenda em 1950. A *‘madame’* baião, foi anunciada que estaria presente no dia da homenagem, mas não veio na oportunidade do evento. Segundo o jornal *‘A União’*, o novo cidadão paraibano concluiu seu discurso com essas palavras:

- Sou um paraibano honorário e vou amar muito esse título – disse Luiz Gonzaga enfatizando que “esta terra, eu sempre exaltei como a mais valente e, essa homenagem, para mim, representa um prêmio muito grande, porque não sou cantador apenas de um Estado, mas de todo o Nordeste”. Ele confessou que esta foi a primeira vez que vestiu um *smocking* para receber um título, mas assegurou que iria guardá-lo na mala, pois “sei que vou receber muitos títulos ainda, antes de pendurar a sanfona definitivamente” (*‘A União’*, 08/03/1979).

O jornal *‘O Norte’* escreveu sobre o assunto:

LUIZ GONZAGA EXALTA PARAIBA. -“Essa terra eu sempre exaltei como a mais valente, e essa homenagem, para mim, é um prêmio muito grande, porque não sou apenas cantador de Pernambuco, do Rio Grande do Norte ou do Ceará, sou cantador do Nordeste”. Assim, o “Rei do Baião”, Luiz Gonzaga, terminou o que ele chamou de “conversa de matuto”, agradecendo a homenagem prestada pela Assembleia Legislativa do Estado, concedendo-lhe a cidadania paraibana, durante solenidade realizada às 20h de ontem. Luiz, trajando *smocking* preto e confessando que “esta foi a primeira vez que o vesti para receber um título”, conversou da tribuna durante quase uma hora, contando histórias de sua vida, cantando músicas que falavam da Paraíba, lembrando passagens de sua infância, sua fuga para o Exército depois de uma surra que levou da mãe, unicamente porque tentou namorar “uma moça que não era do meu nível”, conseguiu prender as atenções e fazer rir deputados, governador, professores, a galeria e os jornalistas presentes (*‘O Norte’*, 08/03/1979).

O que chama a atenção nos discursos nos dois períodos que Luiz Gonzaga enfatiza a sua vestimenta, pois o homenageado estava usando um *smocking*. Lembrando que em shows ele usava o gibão de vaqueiro e o chapéu de cangaceiros. Entretanto, o que houve foi que meses antes em uma homenagem em Teresina - PI, o presidente da Câmara de Vereadores se negou a conceder o título de cidadão da capital do Piauí, por causa da indumentária que estava usando.

Câmara nega título a Luiz Gonzaga no Piauí. Teresina – O presidente da Câmara Municipal de Teresina, Jofre Castello Branco, negou-se ontem pela manhã a entregar o título de cidadania da Capital do Piauí ao cantor e compositor Luiz Gonzaga, porque o “Rei do Baião” compareceu à sessão especial vestindo um conjunto tipo safári quadriculado, considerado pelo vereador, “inadequado para solenidades desse porte”. O segundo vice – presidente da Câmara, vereador Deoclécio Dantas resolveu abrir a sessão, permitindo que o homenageado recebesse a honraria sem considerar a exigência protocolar do Paletó e gravata (*‘A União’*, 06/09/1978).

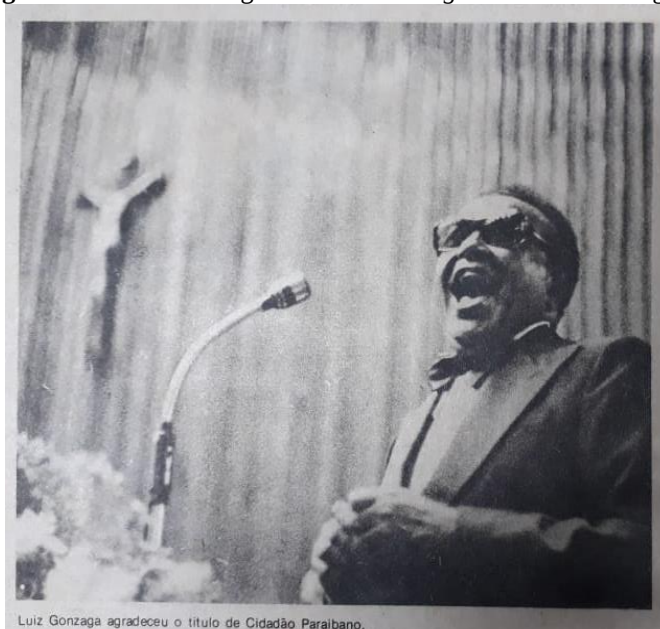
Foi instituído no legislativo brasileiro, até mesmo no calor nordestino, o padrão de vestimenta para os legisladores e convidados das sessões o terno e gravata como algo

regimental. Além de Gonzaga ter adquirido uma indumentária como a representação de uma região e aparece para receber uma honraria de roupa simples, isso provocou imbróglia na concessão do título. Mas mesmo assim conseguiu receber a honraria depois de certa discussão.

Ao agradecer o título, Luiz Gonzaga disse que não se apresentará, conforme quer o protocolo “porque há muito tempo não uso gravata”, explicando que “isso não deve ser tomado como um desrespeito a esta câmara”. Segundo o presidente Jofre Castello Branco, um coronel reformado da Polícia Militar, que já foi prefeito de Teresina no Governo do senador Helvídio Nunes, 20 minutos antes do início da sessão especial, Luiz Gonzaga foi advertido para as exigências do protocolo, mas insistiu em receber o título de cidadania “de mangas de camisa, com que não concordei”. Histórico. Ao agradecer a honraria Luiz Gonzaga procurou fazer um histórico de sua vida a partir de quando era garoto “levado” no Exú, sua terra natal em Pernambuco, até os tempos de “praça do Exército” em Fortaleza e Teresina. No seu discurso, sem considerar o protocolo da Casa, contou episódios de sua carreira de cantor e compositor, chegando inclusive a solfejar trechos de suas mais recentes composições. Foi aplaudidíssimo pela compacta massa que lotava as galerias da Câmara. O vereador Fernando Mendes, do MDB, autor do projeto que concedeu a cidadania a Luiz Gonzaga ao saudar o homenageado fez alusão à “atitude pouco cortês do presidente Jofre Castello Branco”, e reclamou, também, pela ausência de autoridade estaduais e do Prefeito, que, na sua concepção, demonstraram que não são sensíveis às artes e aos artistas brasileiros (*‘A União’*, 06/09/1978).

Título recebido e desculpas aceitas no Piauí. Foi a partir desse acontecimento que Gonzaga enfatizou seu traje ao receber a cidadania paraibana, que no dia do evento não teve problema por causa da roupa. Faltou relatar que a reportagem não cita se o ‘novo cidadão’ de Teresina fez uma apresentação para o povo em praça pública igual fez quando se tornou cidadão paraibano. Observo, ainda, que Gonzaga começava a enfrentar uma espécie de “renascimento” de sua carreira nacionalmente, que tivera grande sucesso entre as décadas de 1940 a 1960 e enfrentara certo ocaso entre os anos de 1960 e 1970. O título de Cidadão Paraibano veio quando a maré começava a subir novamente para o ‘Rei do Baião’. Esse era um momento no qual as homenagens se voltavam para a carreira pretérita, mas, ao mesmo tempo, sinalizavam que o “Rei” estava de volta.

Figura 64 – Luiz Gonzaga usando *smocking* no dia da homenagem



Fonte: ‘O Norte’, 08/03/1979.

Segundo o jornal ‘O Norte’, Gonzaga finalizou seu discurso agradecendo todos os presentes e falou também de sua participação no exército brasileiro. E segundo a reportagem as galerias estavam cheias e havia muitas autoridades:

Ao lembrar sua passagem pelo Exército, Luiz Gonzaga afirmou que atendeu a chamada convocação, unicamente porque não sabia o que queria dizer tal palavra. Compareceram à solenidade o governador Dorgival Terceiro Neto, o escritor Juarez da Gama Batista²⁵⁵, representando o governo eleito Tarcísio Burity²⁵⁶, o presidente da Câmara Municipal, Heraldo do Egípto²⁵⁷; o representante do prefeito Hermano Almeida e o presidente do clube de Diretores Lojistas, Josélio Paulo Neto (‘O Norte’, 08/03/1979).

Após os discursos e homenagem do dia festivo, e depois de todas as explicações, as lembranças da chamada ‘Revolução de 1930’, enquanto soldado, e a campanha eleitoral de 1950, como artista. “O verso “Muié macho sim sinhô” foi finalmente entendido ou seu sentido apaziguado, pelo menos naquele momento – é uma reverência à bravura do povo paraibano – e ontem o compositor e monumento vivo da Música Popular Brasileira recebeu

²⁵⁵ Juarez da Gama Batista (1927-1981). Foi um importante intelectual paraibano, que hoje nomeia a Biblioteca Pública do Estado da Paraíba.

²⁵⁶ Tarcísio de Miranda Burity (João Pessoa, 28/11/1938 - São Paulo, 08/07/2003). Foi um jurista, político, escritor e professor. Governou a Paraíba em duas ocasiões (1979-1982 e 1987-1991).

²⁵⁷ Heraldo do Egípto (1939 – 01/09/2012). Foi vereador por quatro vezes da capital paraibana.

na Assembleia Legislativa o título de Cidadão Paraibano²⁵⁸”. Para encerrar a matéria o período paraibano ‘*O Norte*’, enumera os apoiadores da comenda ao “Rei do Baião”.

Em data de 15 de setembro de 1976 o deputado Ramalho Leite, contando com o apoio dos seus colegas José Fernandes de Lima²⁵⁹, Inácio Pedrosa²⁶⁰, Américo Maia²⁶¹, Ananias Gadelha²⁶², Francisco Soares, Edvaldo Motta²⁶³, Luiz de Barros, Inácio Bento, Frei Marcelino, Juracy Palhano²⁶⁴, Evaldo Gonçalves²⁶⁵ e Manoel Gaudêncio²⁶⁶, apresentou Projeto-de-lei que “concede o título de cidadão paraibano ao cantor e compositor Luiz Gonzaga, “Pelos relevantes serviços prestados à Paraíba e ao Brasil” como divulgador da música Nordestina. A proposição recebeu apoio unânime de ambos os partidos, revelando-se a sessão de discussão e votação, verdadeira consagração ao nosso homenageado (‘*O Norte*’, 08/03/1979).

Segundo a reportagem, a propositura foi aprovada por todos os presentes. Sem citar que em 1976, as discussões em torno da participação de Luiz Gonzaga na campanha de 1950 e as polêmicas geradas com a música ‘*Paraíba*’. O que importa é que “O então governador Ivan Bichara Sobreira, sancionou o Projeto, que se transformou na lei nº 3.883 de 29 de dezembro de 1976, publicada no Diário Oficial do Estado, em 31 de dezembro de 1976. Com este discurso, o deputado Ramalho Leite saudou Luiz Gonzaga”. (‘*O Norte*’, 08/03/1979).

²⁵⁸ ‘*O Norte*’, 08/03/1979.

²⁵⁹ José Fernandes de Lima (Mamanguape, 11/06/1912 - João Pessoa, 09/11/1999). Foi um usineiro, advogado, professor, político, escritor e historiador.

²⁶⁰ Inácio Pedrosa Sobrinho (Cruz do Espírito Santo, 03/05/1923 - João Pessoa, 13/05/2011). Foi vereador de João Pessoa entre os anos de 1961 a 1964. Foi deputado estadual entre os anos de 1962 a 1982.

²⁶¹ Américo Sérgio Maia (Catolé do Rocha, 16/03/1916 – João Pessoa, 16/04/1999). Foi um padre e político. Líder de uma das mais importantes oligarquias paraibanas.

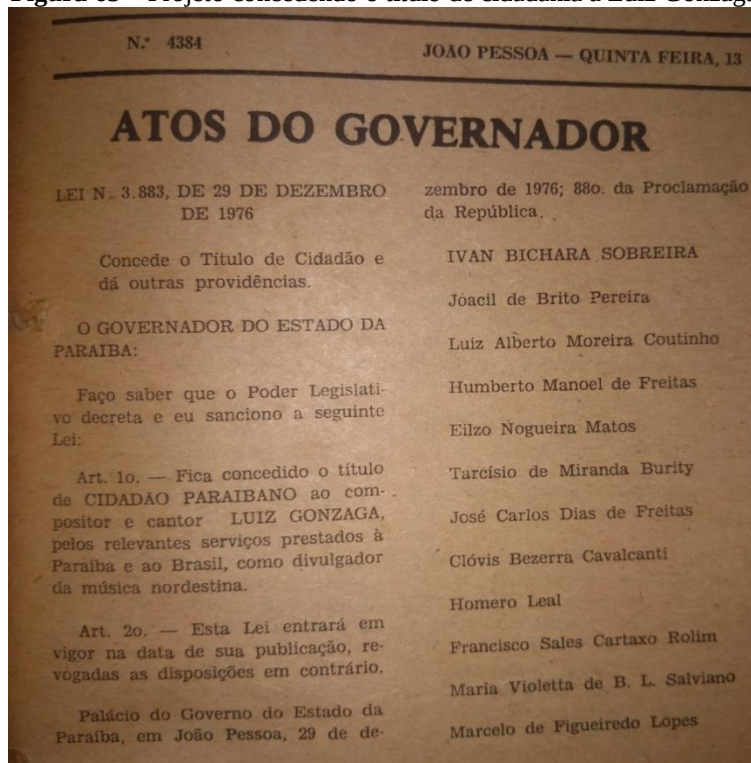
²⁶² Ananias Pordeus Gadelha (Sousa, 1924 - João Pessoa, 18/02/2012). Foi um advogado, professor e juiz.

²⁶³ Edivaldo Fernandes Motta (Patos, 11/06/1939 - São José de Espinharas, 12/06/1992). Foi um advogado e político.

²⁶⁴ João Juracy Palhano Freire (Remígio – PB, 19/06/1935). É um economista, empresário e político.

²⁶⁵ Evaldo Gonçalves de Queiroz (São João do Cariri-PB, 15/06/1933). É um advogado, professor, escritor e político.

²⁶⁶ Manoel Alceu Gaudêncio (Campina Grande, 08/08/1938). É um médico, empresário e político.

Figura 65 – Projeto concedendo o título de cidadania a Luiz Gonzaga

Fonte: Arquivo da Assembleia Legislativa da Paraíba

Diferente do que diz a reportagem, a publicação do projeto de lei só ocorreu na quinta-feira dia 13 de janeiro de 1977. Além dos nomes dos deputados estaduais eram diferentes do dia da aprovação do mesmo segundo o Diário Oficial do Estado da Paraíba.

Três meses depois de se tornar paraibano, o ‘Rei do Baião’ ganhou também uma honraria em formato de placa do prefeito de Campina Grande Enivaldo Ribeiro: “Prefeitura Municipal de Campina Grande, Secretaria de Educação e Cultura, a Luiz Gonzaga, filho de Januário a homenagem de Campina Grande (‘A União’, 29/06/1979)”. Na solenidade foram feitas algumas promessas na presença do homenageado:

Luiz agradeceu, dizendo e exaltando a hospitalidade e cavalheirismo dos campinenses. Por ocasião de seu discurso, disse o rei do Baião, que já manteve contato com o Presidente da PbTur, Luiz Crispim. Nesse contato ficou acertado que ainda este ano, será realizado em Campina Grande, o Primeiro Festival Nacional da Música Popular Regional Nordestina, reunindo cantores, compositores e sanfoneiros, com presença de Luiz Gonzaga (‘A União’, 29/06/1979).

Em março de 1979 a capital tinha laureado o “Rei do Baião” e em junho Campina Grande também fez sua homenagem e com a presença de autoridades de vários poderes, pois

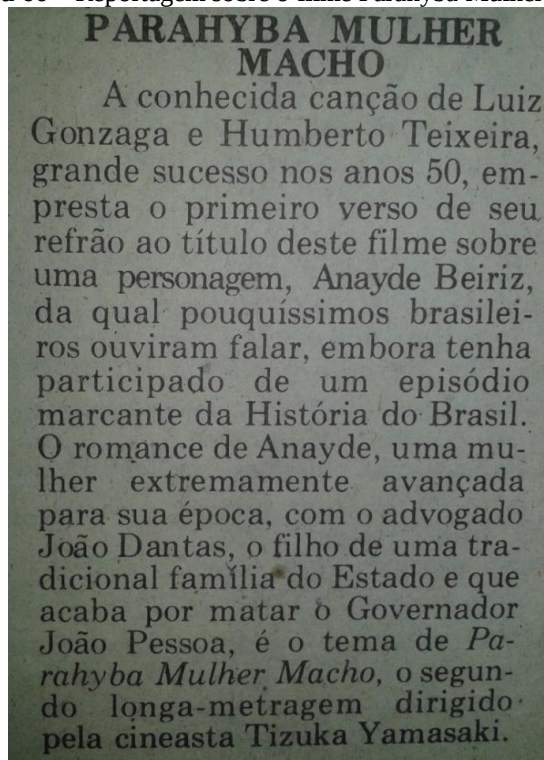
a reportagem elenca a presença de secretários em nível estadual e municipal, vereadores, comerciantes entre outros.

Enfim, oficialmente cidadão paraibano e também da cidade de Campina Grande, mas as polêmicas sobre a canção ‘*Paraíba*’, não se encerraram com essa homenagem. Quando a cineasta Tizuka Yamasaki²⁶⁷ lançou seu segundo filme: “*Paraíba Mulher Macho*” o assunto voltou à mídia e a discussão sobre a ‘Revolução de 1930’ e sobre a composição de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira.

“*Paraíba Mulher Macho*” em exibição hoje na Globo. A conhecida canção de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, grande sucesso nos anos 50, empresta o primeiro verso de seu refrão ao título desse filme sobre um personagem, Anayde Beiriz, da qual pouquíssimos brasileiros ouviram falar, embora tenha participado de um episódio marcante da História do Brasil. O romance de Anayde, uma mulher extremamente avançada para sua época, com o advogado João Dantas, o filho de uma tradicional família do Estado e que acaba por matar o Governador João Pessoa, é o tema deste filme, o segundo longa – metragem dirigido pela cineasta Tizuka Yamasaki. Lançado em 1983, este filme se baseia no livro *Anayde Beiriz – Paixão e Morte na Revolução de 30*, de José Joffily com argumento assinado por José Joffily Filho e a própria Tizuka. No elenco, os protagonistas são Tânia Alves (como Anayde), Cláudio Marzo (João Dantas) e Walmor Chagas (João Pessoa), além de José Dumont, Oswaldo Loureiro e Grande Otelo. A música é de Paulo Moura e o filme foi rodado em Recife, Olinda, Gravatá, Cabedelo, Ilha de Itamaracá, Suape e Gaibu (‘*O Norte*’, 11/03/1984).

Verificando a imprensa paraibana, a partir dos jornais ‘*A União*’ e ‘*O Norte*’, entre os anos de 1979 a 1989, observo que a chamada Sedição de Princesa, a ‘Revolução de 1930’ e a campanha eleitoral de 1950 na Paraíba, ainda é um assunto que emerge discussões que reverberam na atualidade, como as disputas perrepistas *versus* liberais, ou seja, Pereira Lima contra João Pessoa.

²⁶⁷ Tizuka Akiyoshi Yamasaki (Porto Alegre – RS, 12/05/1949). É uma diretora de cinema e televisão.

Figura 66 – Reportagem sobre o filme Parahyba Mulher Macho

Fonte: 'A União', 02/06/1985.

À época, tal como em 1980, era momento de cinquenta anos do movimento de 1930 e trinta anos dos incidentes de 1950 e esses temas empolgaram diversos debates, tanto nos círculos intelectuais e midiáticos quanto entre os políticos de carreira e a opinião pública em geral. Na verdade, como boa parte da elite política estadual tinha vínculos familiares com os protagonistas daqueles eventos das décadas anteriores, o assunto acabava entre o fogo brando e eventuais incêndios motivados por fatos, tal como a homenagem a Gonzaga, que trouxe um reavivamento das chamadas.

As reportagens alusivas a Gonzaga na ocasião, ratificam que o “Rei do Baião” havia participado ativamente do “comício-monstro”, mas somente tocando no evento da aliança republicana. Todavia, o lançamento de sua música inflamou os partidários da coligação democrática paraibana e não ligaram o incidente aos demais artistas contratados. Entretanto, temos que frisar que o seu envolvimento político costumava a ser muito frequente, principalmente na década de 1980, sendo sua carreira musical entremeada com a política em diversas ocasiões, conforme temos discutido ao longo de diversos momentos da textura dessa dissertação.

Saindo um pouco dessa relação mais direta entre a música de Gonzaga e a vida política de sua Cidade e do Estado vizinho, voltamos ao ponto central de nosso estudo, que busca

analisar mais detidamente a “volta do Rei”, quando o antigo cantor e compositor consagrado e esquecido pela grande mídia nacional emerge de quase duas décadas de certo ostracismo e retorna ao pleno sucesso, dessa vez entoando sua voz e tocando a sua sanfona para outra geração e, ao mesmo tempo, reatando uma relação entre pai e filho.

4 “Óia”²⁶⁸ eu aqui de novo”: o retorno do ‘Rei do Baião’ em 1979

A volta de Luiz Gonzaga à grande mídia nacionalmente iniciou-se no ano de 1979, no qual também se deu sua aproximação artística e pessoal com seu filho Gonzaguinha. O que fez o ‘Rei do Baião’ para retornar ao sucesso? Vamos nos debruçar sobre uma série de acontecimentos da vida pessoal e artística de Gonzaga, relacionados a um certo contexto vivenciado no país, que levarão o velho Rei do Baião de volta ao topo do sucesso, o que muitos de sua geração almejavam, mas bem poucos atingiram. Acompanhando as matérias e jornais, biografias e sua produção musical, procuro entender um pouco mais desse momento de “virada” na sua trajetória.

Figura 67 – Capa do disco ‘Óia Eu Aqui de Novo’



Fonte: <https://www.nativaperiodico.wordpress.com/2012/06/26/meu-walkman-45/>. Acesso em: 01/08/2019.

Para isso, vamos partir de algo bastante íntimo, mas de amplo conhecimento público, que era a relação, nesse caso, vou discorrer sobre a relação conflituosa entre Luiz Gonzaga do Nascimento (o pai) e o Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior (o filho). Segundo Echeverria (2006), Dreyfus (2012) e a quase totalidade dos testemunhos, esse é um momento dos mais importantes da carreira e da vida de ambos, pois junto com as pazes veio a posterior parceria artística que ambos tiveram na década de 1980, de amplos frutos para os dois e para a música brasileira como um todo. A reaproximação surgiu a partir da gravação do disco: “*Eu e Meu Pai*”, que deu origem ao show “*Vida do Viajante*”, onde os dois cantores e compositores passaram a excursionar pelo país, inclusive passando pela Paraíba.

²⁶⁸ Música composição de Antônio Barros, ano de lançamento 1967.

4. 1 Luiz, Respeita Januário: ‘Eu e Meu Pai’

O ano de 1979 foi o período da “retomada” da carreira do ‘Rei do Baião’, ou, melhor dizendo, a retomada em termos de sucesso mais amplo, já que Gonzaga jamais havia parado de produzir e não deixara o sucesso regional, pelo menos nas cidades sertanejas e no período junino. Isso por alguns motivos. O primeiro deles foi a gravação do disco “*Eu e Meu Pai*”. O *Long Play* era em homenagem ao pai de Luiz Gonzaga, o senhor Januário José dos Santos, que faleceu no dia 11 de junho de 1978, aos 89 anos. Seu Januário, como era conhecido, foi lembrado em várias músicas de Gonzaga. Entre elas a já mencionada “*Respeita Januário*”, de 1950, composição de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, além de “*O Vovô do Baião*” de 1974, composição de João Silva e Severino Ramos e “*Seu Januário o maior tocador*”, de 1984, composição de Luiz Guimarães.

Assim, o disco de 1979, homenageando antigos parceiros, “trouxe algumas regravações como ‘*Súplica Cearense*’, de Gordurinha²⁶⁹ e Nelinho, ‘*A Vida do Viajante*’, em parceria com Hervê Cordovil²⁷⁰, e a clássica ‘*Respeita Januário*’, com Humberto Teixeira. destacando-se ‘*Orélia*’ (ver letra em anexo), a última composição da dupla Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira” (COSTA; MEDEIROS, 2011, p. 104). “O LP foi além de uma despedida do pai, uma reconciliação com o filho Gonzaguinha na parceria em ‘*Rio Brígida*’ e um belíssimo duo em *A Vida de Viajante*” (MARINHO, 2015, p. 31).

A capa do disco demonstra toda uma representação iconográfica do nordeste pretensamente construída e debatida ao longo do século XX, tendo como destaque ao centro Luiz Gonzaga, com vestimenta de cangaceiro. No seu lado direito a religiosidade representada por Padre Cícero, igrejas e romeiros. Na margem direita inferior um bando de cangaceiros. Acima os vaqueiros na pega de boi ou na vaquejada.

Na margem esquerda as festas sintetizadas pelo sanfoneiro e o casal dançando. Mais abaixo o tocador de pífano com a estética de mestre Vitalino, que ficou famoso como ceramista, mas também, foi um exímio tocador do instrumento de Caruaru - PE. E onde estava o homenageado na capa? Seu Januário, pai, mestre e incentivador de Gonzaga, estava no canto inferior esquerdo, portando sua sanfona de oito baixos.

²⁶⁹ Waldeck Artur de Macedo (Salvador, 10/08/1922 – Rio de Janeiro, 16/01/1969). Foi um humorista, compositor, radialista e cantor.

²⁷⁰ Hervé Cordovil (Viçosa - MG, 03/02/1914 - São Paulo, 16/06/1979). Foi um compositor, pianista e maestro.

Figura 68 - Capa do disco 'Eu e Meu Pai'

Fonte: <http://www.forroemvinil.com>. Acesso em: 20/01/2019.

Analisando a imagem do LP que era dedicado para o pai de Gonzaga, as representações mais fortes eram a dos cangaceiros. O chamado Banditismo Social é um assunto frequente de debates e produções acadêmicas em regiões que foram atingidas por esse fenômeno, no caso do Nordeste do Brasil, se destaca o cangaço e sobre o mesmo teceremos algumas breves considerações, visando a entender um pouco mais a estética das indumentárias que celebrizaram o 'Rei do Baião'.

O cangaço, no Brasil, mais especificamente no nordeste, se destaca como esse fenômeno misto de banditismo com resistência às elites rurais, ao direito ao acesso a terra, a luta contra as dificuldades climáticas, entre outros motivos, a exemplo de rivalidades entre famílias. Entre os estereótipos de bandidos sanguinários e heróis populares, caminha a imagem dos cangaceiros, que tanto mobiliza as discussões de historiadores, sociólogos, jornalistas, criminalistas e outros intelectuais, bem como a cultura popular em geral.

O cangaço influenciou na vida, obra musical e estética do cantor e compositor Luiz Gonzaga, a admiração pelo 'Rei do Cangaço', a adoção da vestimenta de cangaceiro na carreira artística, e também o lançamento do Xaxado, como ritmo desenvolvido pelos bandoleiros, em nível nacional. A primeira biografia de Gonzaga que trata da admiração do Rei do Cangaço é o livro do jornalista Sinval Sá, lançado em 1966. Esse trabalho refere-se a uma entrevista concedida ao autor e vendida pelo cantor em seus shows. Sendo o relato em primeira pessoa muito presente nas biografias posteriormente publicadas.

No livro, Gonzaga relata que era uma criança que não gostava de brigar, mas admirava os cangaceiros e sua valentia. "Lampião, nem se fala. Era meu ídolo. Quando pegava um pedaço de jornal ou revista com a cara de Lampião, eu ficava abestado e pensava: 'vejam que

homem bonito'. Pensava em mais coisas. Pensava um dia criar coragem, ganhar o mato com meu fole, incorporar-me ao bando” (SÁ, 1999, p. 25-26).

As imagens dos cangaceiros, principalmente de Lampião, começaram a circular no nordeste brasileiro por intermédio dos jornais e revistas, sendo utilizadas de variados modos, como meio de divulgar as atrocidades provocadas, de divulgar a perseguição aos bandos ou até para ser usadas como propaganda de determinados produtos. A admiração de parte dos sertanejos vinha também da vida aventureira e da luta imaginada, em busca de justiça social que era negada pelos meios legais, eclodindo esses símbolos de valentia (masculinidade e honra) tão valorizados por uns e discriminados por outros.

Figura 69 - Imagem de Lampião feita por Benjamin Abrahão²⁷¹. Os ornamentos no chapéu começaram a ser usados a partir da década de 1930



Fonte: <http://www.ahistoria.com.br/lampiao-o-rei-do-cangaco/>. Acesso em: 20/01/2019.

Luiz Gonzaga, como muitos meninos sertanejos de sua geração, sonhava em entrar no bando para, primeiramente, ter o respeito dos meninos, segundo para receber uma sanfona nova da marca veado, modelo mais difundido no sertão nesse período, com oito baixos. E terceiro, para poder tocar para o Rei do Cangaço e seu bando. No depoimento para Sá, Gonzaga diz:

Eu sabia que eles gostavam de dançar. À falta de mulher, faziam com os fuzis um arranjo, punham-nos a jeito de dama. Ou então, numa alegria louca,

²⁷¹ Benjamin Abrahão Botto (Zahlé - Líbano, 1890 – Itaíba – PE, 07/05/1938). Foi um caixeiro viajante e secretário do Padre Cícero, onde conheceu Lampião. Fonte: <http://www.gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=214472>. Acesso em: 07/08/2019.

talvez de serem tão libertos, dançavam uns com os outros. O ritmo de xaxado era marcado no chão, com as alpercatas levantando poeira. Era um ritmo agitado, difícil. E eu havia de torná-lo mais característico, dar-lhe consistência, divulgá-lo. Seria apontado: - Tali o tocador de xaxado... Aprendeu com os cabras de Lampião (SÁ, 1999, p. 26).

O jovem Luiz Gonzaga, não cansava de ouvir as histórias fantásticas que contavam sobre o ‘Rei do Cangaço’ e suas façanhas. O tempo passou e a chance de conhecer Lampião então chegou, pois o bando de cangaceiros tinha que cruzar por Exu em direção a Juazeiro do Norte, a chamado do Padre Cícero.

O que estava acontecendo? A Coluna Prestes²⁷² estava próxima de Juazeiro do Norte, reduto do ‘poderoso’ Padre Cícero, e supostamente para fazer combate à coluna, o Deputado Federal Floro Bartolomeu²⁷³, aliado do líder religioso, havia sugerido convidar o bando de Lampião para ajudar na resistência à Coluna Prestes. O deputado sabia da admiração do cangaceiro pelo padre Cícero. Sendo assim, Lampião recebeu a convocação no sertão da Bahia, e trajeto até Juazeiro incluía passar pela terra natal de Luiz Gonzaga.

Dominique Dreyfus, a última biógrafa autorizada do Gonzagão, narrou essa situação dizendo que esse acontecimento ocorreu em 1926, e que o pequeno Luiz Gonzaga, acabou não conhecendo Lampião, mas conseguiu levar uns cascudos por causa do cangaceiro.

Quando Lampião e seu bando estavam indo para Juazeiro, correu o boato que eles iam passar pelo Araripe. As famílias daqui, então foram se esconder nos matos. Nós fomos também, lá pra beira do rio Brígida. Chegamos lá, minha mãe escolheu uma quixabeira grande que havia para a gente dormir debaixo. E eu bufando, reclamando que estava perdendo a oportunidade de ver Lampião. Quando foi no dia seguinte, minha mãe acordou, mal dormida, olhou pro céu, bocejou... e eu de olho nela. Daqui a pouco ela falou: - Será que o povo já voltou pro Araripe? Eu aí perguntei: - A senhora quer que eu vá ver? – tu tem coragem? – Nesse instante! Eu já tava de pé na estrada. Cheguei no Araripe, todo mundo lá, ninguém mais estava nos matos, só nós. Aí eu voltei pra a visar minha mãe. Atravessei o rio, quando avistei a quixabeira, aí tive uma ideia: “Agora vou me vingar, vou pegar um susto neles”. Dei um pique, cheguei gritando: “Corre gente que Lampião vem aí”. Quando olhei debaixo da quixabeira, meu pai já tinha jogado terra no fogo, estava todo mundo em pé, com a mochila no ombro, prontinho PA disparar, e eu aí caí na risada. [...]. Minha mãe viu que era brincadeira minha, foi

²⁷² Diante da repressão das forças legais, os revoltosos do levante de 1924 constituíram uma coluna, liderada por Miguel Costa e Luiz Carlos Prestes, cujo objetivo era percorrer o Brasil para levantar o país. A marcha da Coluna Prestes duraria três anos (DREYFUS, 2012, p. 45).

²⁷³ Floro Bartolomeu da Costa (Salvador, 17/08/1876 – Rio de Janeiro, 08/03/1926). Foi médico e político. Tornou-se amigo do padre Cícero Romão, e o convenceu a ingressar na política. Ambos organizaram uma revolta chamada de Sedição de Juazeiro, que ocorreu em 1914, por disputas pelo poder local. Flor Bartolomeu exerceu o cargo de deputado estadual pelo Ceará, e deputado federal.

chegando perto de mim, me agarrou e aí [...], todo mundo me dando cascudo na cabeça! (DREYFUS, 2012, p. 46).

A biografia escrita pelo jornalista Gildson Oliveira, última pessoa a entrevistar o ‘Rei do Baião’, levou a publicação de várias reportagens no jornal ‘*O Diário de Pernambuco*’, depois reunidas em livro. Nele o autor discute a importância simbólica para o nordeste de cada um desses três personagens, o padre, o cangaceiro e o cantor.

O padre ama, Luiz canta, Lampião mata. Mas, os três estão na terra. O monopólio da terra são raízes do mundo dos três. Enquanto a voz do eclesiástico da terra reparte e divide a terra, prega “quem matou, não mate mais”, Gonzaga canta que a terra é boa, mas falta carinho; ideologia de rigidez econômico – latifundiária o atirou para o cangaço. As diferenças entre si são marcantes (OLIVEIRA, 1991, p. 106).

Analisando parte da produção historiográfica dos estudiosos da cultura do Nordeste, admite-se uma ligação entre os três personagens, padre Cícero Romão Batista, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião e Luiz Gonzaga, compondo uma trilogia simbólica dos ídolos regionais.

São atores do mesmo palco, no mesmo chão, mas intrinsecamente desiguais. Padre Cícero é o condutor das massas nordestinas, é o conselheiro do rosário, é o padre, guia espiritual que aceitou colocar-se entre Deus e os homens para ajudá-los a carregar a cruz de suas vidas. Luiz Gonzaga é o cantor que encanta. A testemunha que defende; a voz que reivindica e revela as gentes sofridas. Lampião é a projeção do homem revoltado. Face negra do coração nordestino. É o terror. A fé, quando não educada, pervertida, é fanatismo (OLIVEIRA, 1991, p. 106).

Sendo assim, Padre Cícero, Lampião e Luiz Gonzaga, são como espécies de arquétipos de natureza daqueles que não se rendem fácil, símbolos de resistência regional cada um a sua forma, resultado intrínseco do chão nordestino, cultuados até hoje no sertão, entretanto, não são unanimidades, na verdade consistindo em personagens controversos sob muitos aspectos.

Em relação ao padre Cícero Romão, é comumente apontada a sua condição de proprietário de terras, ou seja, latifundiário, representando com isso, os coronéis do sertão, onde o poder político estava atrelado ao poderio econômico (sem falar no poder religioso exercido pelo sacerdote) sendo um dos motivos da opressão que faziam aos sertanejos a entrar no cangaço. Gonzaga nasceu no latifúndio da família Alencar, onde tinha proteção dos

mesmos, e não questionava abertamente o poder das oligarquias, na verdade se associava, para conseguir algo.

Lampião, segundo seus admiradores, era o único que se impunha ao sistema oligárquico, mesmo de modo parcial, pois se o coronel fosse seu aliado não sofria nenhuma importunação dos cangaceiros. Portanto, o ‘Rei do Cangaço’ era o único desobediente ao sistema vigente. “Lampião representa explosão violenta da revolta surda do pobre sertanejo nordestino contra as injustiças do latifúndio, da politicagem e do poder que exploram e desprezam como agora, na seca atual, passando fome, sem a menor assistência do governo todo poderoso” (OLIVEIRA, 1991, p. 110).

Assim, podemos observar que Virgulino Lampião era um desobediente social, bandoleiro vingativo, como sugere Ferreras (2003). “De quantas mortes enfrentou, tiroteios, emboscadas, de quantas vidas se compunha a sua vida. Múltiplas dimensões de bravura contadas em prosa, cinema, cordel, na voz dos repentistas. Lampião foi, também, um produto do nosso chão” (OLIVEIRA, 1991, p. 107).

Foi desse personagem, o cangaceiro, fruto da civilização do couro e da revolta social que Gonzaga lembrou-se como representante cultural quando estava compondo sua imagem artística. Passando a se vestir ao padrão estético de Lampião, seu ‘herói’ de infância em seu chapéu e cartucheira, e homenageando os vaqueiros em seu gibão e nas sandálias de couro. A carreira musical requer para alguns cantores a construção de arquétipos que acompanham a iconografia do artista pela vida toda, como foi o caso de Luiz Gonzaga.

Figura 70 - Lampião com a estética do chapéu anterior à década de 1930. Ao lado Luiz Gonzaga na década de 1950, com o primeiro modelo inspirado no Rei do Cangaço



Fonte: <http://www.forrodaminhaterra.blogspot.com/2011/11/museu-gonzagao-serrinha-bahia.html>. Acesso em: 20/01/2019.

Fato interessante é que na década de 1950, na era de ‘Ouro do Rádio’, só se podia apresentar nas casas de shows e estúdios de rádios se fosse de terno, gravata e chapéu, conhecido como estilo ‘summer’ (verão). Entretanto tudo mudou quando Gonzaga conheceu um acordeonista que se vestia à moda dos pampas, como havíamos mencionado anteriormente.

Figura 71 - Pedro Raimundo vestido de gaúcho e Luiz Gonzaga de chapéu de cangaceiro.



Fonte: <http://www.forrodaminhaterra.blogspot.com/2011/11/museu-gonzagao-serrinha-bahia.html>. Acesso em: 20/01/2019.

O nome desse artista que influenciou a vestimenta do “Rei do Baião” era Pedro Raimundo, trazido para a Rádio Nacional pelas mãos do radialista Almirante, o sanfoneiro e cantor catarinense, inovou utilizando roupa de gaúcho. Inspirado por ele, Gonzaga passa a pensar com qual roupa ele representaria a cultura nordestina. Em depoimento ao jornal ‘*O Estado de São Paulo*’, na reportagem ‘Pedro Raimundo, o gaúcho’, Gonzaga falou:

Quando ouvi aquela gaita (sanfona), aquele homem fazer aquilo no que era mestre, cantar, tocar, declamar, me deu uma loucura. O único espectador no estúdio (da rádio Mayrink Veiga) era eu e ele me reconheceu e até mexeu comigo, improvisando trovas sobre a minha presença. Senti que ele era uma fera e fiquei apaixonado. Encontrei o meu caminho ali (*‘O Estado de São Paulo’*, 9/06/1985, in CHAGAS, 1990).

Cabe salientar que nesse período havia um investimento na criação da cultural nacional e regional do país. E também existia a construção iconográfica de outro nordeste.

Posso citar as canções praieiras produzidas pelo cantor e compositor Dorival Caymmi e o desenvolvimento dos ritmos carnavalescos no Pernambuco terra do “Rei do Baião”.

O jornalista Assis Ângelo (2006), diz que Pedro Raimundo foi uma espécie de modelo estético para Gonzaga, assim como o acordeonista Antenógenes Silva. Os dois eram muito imitados. Antenógenes, na forma de tocar. Pedro, na maneira de se caracterizar.

Desde o começo da carreira, Gonzaga tentava se apresentar em público com um visual que lembrasse a sua terra, o Nordeste, como a rigor fazia Pedro Raymundo. Mas não lhe permitiam. Discriminação. Insistiu e resolveu o problema quando foi contratado pela Rádio Nacional. Suas primeiras apresentações foram com uma roupa que mais lembrava a de um caubói, aos moldes de Bob Néls²⁷⁴; com cartucheira e revólver de brinquedo à mostra, que trocou por chapéu de cangaceiro (e de vaqueiro) com gibão de couro e alpercatas de rabicho nos pés (ÂNGELO, 2006, p. 61-62).

Luiz Gonzaga em depoimento para Dreyfus (2012, p. 134) disse: “eu achei que Pedro Raimundo era minha base, comecei a pensar que tipo eu podia fazer, porque o carioca tinha sua camisa listada, o baiano tinha o chapéu de palha, o sulista era aquela roupa do Pedro”. A partir daí ele tinha que se colocar o desafio de criar a estética nordestina e o que vinha a cabeça de início era a figura lendária de Lampião. Com isso, ele telegrafou para sua mãe, Dona Santana, pedindo que enviasse um chapéu de couro semelhante ao do ‘Rei do Cangaço’. De início dona Santana de Luiz Gonzaga relutou em enviar o adereço, pois ela não gostava de cangaceiro.

Mas a admiração por Lampião, o ‘Rei do Cangaço’ e ‘herói’ do sertão, fazia parte da memória de Luiz Gonzaga de longa data. Entretanto, “disse, tempos depois, que gostava mesmo era de Antônio Silvino²⁷⁵, embora, ao se caracterizar no sul, tenha copiado a vestimenta dos cangaceiros nordestinos” (ECHEVERRIA, 2006, p. 29). Uma dessas declarações foi feita a imprensa paraibana em uma entrevista concedida em 1979.

²⁷⁴ Nelson Roberto Perez (Campinas, 12/10/1918 - Rio de Janeiro, 28/08/2009). Foi um ator e cantor. Conhecido como o ‘Vaqueiro Alegre’.

²⁷⁵ Manoel Baptista de Moraes (Afogados da Ingazeira, 02/11/1875 – Campina Grande, 30/07/1944). Quando entrou no cangaço adotou o nome de Antônio Silvino em homenagem a um tio, sua inserção no cangaço foi por causa do assassinato do pai Pedro Baptista de Moraes em 1896, por causa de conflitos de terras. Durante os tempos de cangaceiros foi apelidado de Rifle de Ouro. Sendo preso em 1914, ficando recluso na Casa de Detenção do Recife. E em 1937, recebeu o indulto de liberdade assinado pelo Presidente Vargas. Seus feitos foram imortalizados na literatura de cordel, o exaltando como um justiceiro. Fonte: <http://www.cgretalhos.blogspot.com/2018/01/o-cangaceiro-antonio-silvino-viveu-e.html#.XUtRwWRRfIU>. Acesso em: 07/08/2019.

Luiz Gonzaga disse que ‘é um adversário combativo dos admiradores de Lampião, porque o bicho só queria matar e roubar. Depois de tudo o que fez, o povo ainda queria transformá-lo num herói. Herói mesmo para mim é Antônio Silvino, o cabra que deu alguns exemplos de bravura para nós, e não Lampião, que jogava as criancinhas pra cima para aparar na ponta do facão Este era danado’ (*O Norte*, 27/06/1979).

Portanto, as representações dos cangaceiros que variavam entre Lampião e Antônio Silvino – e as eventuais conveniências políticas de lidar com essas imagens controversas - e influenciou sua estética, mudava no decorrer do tempo e/ou espaço em que Gonzaga estava. Por exemplo, se estivesse na ‘Missa do Vaqueiro’, seu Luiz elogiava Silvino e se estivesse dando entrevista na região sudeste fazia referência ao ‘Rei do Cangaço’.

Após ter a ideia de se caracterizar de cangaceiro, o dilema era onde e quando lançar, Luiz Gonzaga usou o chapéu de cangaceiro a primeira vez no ano de 1947, em plena Rádio Nacional do Rio de Janeiro. “Quando eu lancei o chapéu no auditório da Rádio Nacional, fui proibido de cantar com ele. O diretor artístico era Floriano Faissal²⁷⁶. Ali ‘não era casa de cangaceiro, não’: eu tinha mesmo de trabalhar era de *Summer*” (*Jornal do Brasil*, 30/07/83 in CHAGAS, 1990).

A Rádio Nacional havia sido criada no dia 12 de setembro de 1936, inicialmente era uma empresa privada, mas a partir de 08 de março de 1940, o Presidente Getúlio Vargas, a estatizou, transformando-a em emissora oficial do governo federal. Como Luiz Gonzaga queria se vestir de cangaceiro numa rádio que pertencia ao governo federal que foi o perseguidor dos cangaceiros durante décadas, e as ondas curtas PRE 8 (prefixo da Nacional), eram usadas para propagar as atrocidades dos bandoleiros no sertão nordestino? Certamente não era um desafio de pouca monta. Entretanto, Gonzaga persistiu até que os diretores permitissem a utilização da indumentária. Segundo Santos:

Essa atitude simbólica de Luiz Gonzaga e o fato de associar sua figura artística aos valores do cangaço – bravura, justiça, destemor, dignidade e coragem – contribuiu para uma outra perspectiva da visualização do movimento do cangaço nordestino, até então, constantemente entendido como sinônimo de banditismo e desagregador da suposta ordem estabelecida (VIEIRA *Apud* SANTOS, 2004, p. 101-102).

Assim, quando Luiz Gonzaga identificou esses aspectos simbólicos imaginados da cultura nordestina, a partir de uma ótica vinda da estética popular, o compositor percebeu a

²⁷⁶ Floriano Faissal (São Paulo, 22/02/1907 - Rio de Janeiro, 1986). Foi um ator, radioator e compositor.

força comunicativa desses elementos no sentido de levar a sua mensagem regional de resistência, com eficácia, ao público que consumia sua produção musical. Dessa forma:

Gonzaga, mídia humana, como sanfoneiro. Visual, misto de vaqueiro e cangaceiro, símbolo de resistência, reclame testemunhal das características típicas do homem e os traços de sua terra. Todo esse discurso oral e imagético nos deixou um complexo de narrativas condutoras da inserção da tradição nordestina na modernidade brasileira, suportada, principalmente, pela sua oralidade (AUSTREGÉSILO, 2012, p. 24).

A aceitação definitiva da estética de cangaceiro só ocorreu em 1949, onze anos depois da morte do ‘Rei do Cangaço’. Quando o chapéu chegou às mãos de Luiz Gonzaga, ele foi logo colando uma coroa no lugar das insígnias místicas utilizadas pelos cangaceiros. Após a utilização da indumentária dos bandoleiros de modo oficial, Gonzaga, começou a pensar em lançar o ritmo dançado pelos cangaceiros como ritmo regional, daí eclode o Xaxado.

Segundo Câmara Cascudo (1974), o xaxado é uma dança exclusivamente masculina, originária do alto sertão de Pernambuco, divulgada até o interior da Bahia pelo cangaceiro Lampião e os cabras do seu grupo. Dançam-na em círculo, fila indiana, um atrás do outro, sem volteio, avançando o pé direito em três e quatro movimentos laterais e puxando o esquerdo, num rápido e deslizado sapateado. Os cangaceiros executavam o xaxado marcando a queda da dominante com uma pancada no coice do fuzil.

Xaxado é onomatopéia do rumor *xa-xa-xa* das alpercatas, arrastadas no solo. De início falhou como dança-de-salão porque não é possível atuação feminina. Entretanto com o passar das décadas foi incorporada a participação das mulheres. “É preciso não esquecer, por fim, que a alpercata comparecia com o básico da sonoridade do xaxado, marcando o compasso resfolegante ao som do qual tinha lugar a dança da pisada” (MELLO, 2012, p. 99).

Segundo Oliveira (1991, p. 55), “citando o poeta pernambucano Jaime Griz, em pesquisa, concluiu que Lampião não foi o inventor do xaxado, mas apenas seu divulgador. E que a dança era conhecida no agreste e sertão de Pernambuco desde 1922/1926”. Sobre o tema Gildson Oliveira diz:

Na verdade seu grande divulgador não foi exatamente Virgulino Ferreira e sim Luiz Gonzaga. Mas o “Rei”, ao difundir o xaxado, não escondeu o mérito de Lampião. Tanto assim que seu maior sucesso nesse gênero traz o título de “Dança de Cangaceiro”, cujo refrão expressa: “Xaxado, meu bem, xaxado / xaxado vem do Sertão / é dança de cangaceiro / dos cabras de Lampião” (OLIVEIRA, 1991, p. 56).

O ano de lançamento Xaxado como ritmo nacional foi 1950, o mesmo em que Gonzaga havia acabado por se envolver nas tropelias políticas paraibanas. Durante a carreira Luiz Gonzaga fez em parceria com outros compositores, muitas músicas com a temática do xaxado. Por exemplo: “*Vamos Xaxear*” dos compositores Geraldo Nascimento e Luiz Gonzaga lançada em 1952, “*Xaxado*” música responsável pelo lançamento do ritmo em 1952 de Hervê Cordovil e Gonzaga, “*Para Xaxá*” de Sylvio de M. de Araujo e Luiz Gonzaga de 1953, “*Olha a pisada*” de Gonzaga e Zé Dantas de 1954, “*Óia eu aqui de novo*”, “*Lampião Falou*” dos compositores Venâncio e Aparício Nascimento de 1981, “*Maria Cangaceira*” (Maria Bonita, 1982) de Théo Azevedo, “*Lampião não era besta não*” de Solange Veras e Gonzaga de 1983, e as músicas instrumentais: “*Só Xaxando*” e “*Xaxá Mulher*”, de João Silva e Gonzaga lançadas no ano de 1989

Gonzaga tinha a percepção que sua música deveria ser vestida com um discurso imagético capaz de servir de suporte ao seu enunciado, complementando a sua oralidade. Tratava-se, portanto, de uma música para se ver e ouvir, vendo a imagem do som, reforçado, isto é, suportado pelos elementos simbólicos que caracterizavam as temáticas das canções voltadas para os valores, usos e costumes representativos da região nordestina. Interessante, ainda nesse sentido, perceber como um de seus parceiros, vindo de outra região com características naturais e sociais tão distintas, como Hervê Cordovil (parceiro em sete músicas, entre elas um dos grandes sucessos da carreira de Gonzaga, “*A Vida do Viajante*”), natural de Viçosa, Zona da Mata mineira, conseguiu traduzir em letra essa característica, mostrando o seu alcance em dimensão nacional.

O xaxado, para Gonzaga, era tão importante que determinada vez ele batizou um instrumentista seu com o nome do ritmo. “Em 1953, no caminho da cidade de Santo Antônio de Jesus – BA, em uma das paradas para um descanso e ensaio batizou o anão (Osvaldo Nunes Pereira) de Xaxado, que posteriormente passou a ser chamado de salário mínimo” (COSTA; MEDEIROS, 2011, p. 80).

Nesse entremeio, em 1955, Gonzaga conhece Marinês e a transforma em ‘Rainha do Xaxado’. Sobre o tema a cantora Marinês²⁷⁷ em depoimento a Dominique Dreyfus disse: “Não havia nenhuma tradição de mulher cantando xaxado, baião, xote. Também não era coisa de mulher essa roupa de couro que eu usava. Às cangaceiras não botavam roupa e chapéu de couro” (DREYFUS, 2012, p. 198-199). Marinês se apropriou da imagem de cangaceira e começou a lançar músicas com o ritmo dos cangaceiros.

²⁷⁷ Inês Caetano de Oliveira (São Vicente Férrer, 16/11/1935 – Recife, 14/05/2007). Foi uma cantora de forró, baião e xaxado.

O xaxado pode não ter sido o ritmo de maior sucesso de Luiz Gonzaga, entretanto foi o que mais influenciou o cantor na formulação de sua indumentária e da criação da representação iconográfica da região nordeste. Em partes redimindo a imagem do cangaceiro somente como um bandoleiro sanguinário, e o transformando num elemento produtor de cultural estética e musical.

Entretanto, ele não foi o único que se apropriou da estética do cangaço. O jornalista Assis Chateaubriand²⁷⁸ vestia-se de cangaceiro em momentos solenes de sua vida. Inclusive criou a “Ordem Revolucionária do Jagunço” para condecorar as pessoas que ele admirava. Para conceder a ordem, trajava-se de gibão e chapéu de couro e com um punhal à moda dos bandoleiros sertanejos, em mãos fazia o ritual. Um dos primeiros a receber a comenda foi o ex-primeiro ministro inglês Winston Churchill²⁷⁹. Outro fato interessante na história de Chateaubriand foi à utilização da indumentária de Lampião em plena campanha senatorial pela Paraíba em 1951. Como descreve Fernando Moraes:

Antes de se dirigir aos palanques, passava na casa do chefe político da primeira cidade onde haveria comício para vestir sobre o terno a roupa oficial de campanha, que lhe emprestava um ar de samurai da caatinga: gibão de couro cru coberto por um colete do mesmo material, calças de vaqueiro e chapéu de cangaceiro. Uma carabina calibre 44 “papo amarelo” que lhe tinha sido ofertada por um prefeito passou a ser parte integrante da extravagante indumentária (MORAIS, 1994, p. 521-522).

Com isso, observa-se, que a estética do cangaço estava ligada ao sentimento de honradez pessoal e valentia. Símbolo de resistência. Lampião foi um influenciador importante na vida e obra de Luiz Gonzaga. Desde sua infância a imagem do Rei do Cangaço era presente no imaginário do pequeno Luiz. Enquanto músico buscando uma caracterização regional em sua memória só vinha à representação dos cangaceiros. Entretanto, Gonzaga tinha o sentimento em relação às injustiças que permeava a vida do sertanejo, razão pela qual admirava a bravura de Lampião e Antônio Silvino, e paulatinamente a estética do cangaço.

O sertão, com características predominantemente rurais, trazia na composição da sua identidade, de forma recorrente, os traços do vaqueiro, do cangaceiro, das rezadeiras e toda a gama de atores do processo de produção cultural da região. Gonzaga conseguiu, além dessas figuras típicas, utilizar o

²⁷⁸ Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello (Umbuzeiro – PB, 04/10/1892 - São Paulo, 04/04/1968). Foi um jornalista, advogado, escritor, empresários, mecenas e político.

²⁷⁹ Winston Leonard Spencer Churchill (Oxfordshire - Reino Unido, 30/12/1874 – Londres – Inglaterra, 24/01/1965). Foi um político britânico. Destacou-se como Primeiro Ministro durante a Segunda Guerra Mundial.

símbolo fundamental, a pedra de toque, ressaltando a sanfona como referência de sua música. Sanfona e tocador faziam parte de um só conjunto. Juntou à sanfona, elementos como chapéu de couro e gibão, ressaltando as estrelas e outros adereços que simbolizavam os rituais e o imaginário popular do homem nordestino, ora tendendo para o vaqueiro, ora para o cangaceiro (AUSTREGÉSILO, 2012, p. 169).

Sobre a estética do cangaço que tanto influenciou a vestimenta do Rei do Baião, o escritor Federico Pernambucano de Mello (2012), nos alerta que, mesmo os cangaceiros habitando num meio natural cinzento e pobre, os bandoleiros vestiam-se de cor e muita riqueza. Satisfazendo seu anseio de arte voltado para o místico e de estilo baseado no arcaico brasileiro. “E viveu sem lei sem rei em nossos dias, depois de varar cinco séculos de história. Foi o último a fazê-lo com tanto orgulho. Com tanta cor. Com tanta festa. E com herança visual tão expressiva” (MELLO, 2012, p. 194).

Entretanto, a mudança na forma de como Gonzaga se apresentava nos palcos mudou mesmo quando conheceu o Pedro Raimundo. E “a partir daquele exemplo poderia muito bem divulgar o nordeste usando em suas apresentações artísticas a indumentária dos cangaceiros, homenageando seu ídolo Virgulino Ferreira e os vaqueiros. Bastava vestir uma roupa que era representativa do Sertão nordestino” (OLIVEIRA, 1991, p. 67).

O xaxado foi o ritmo que redimiou a imagem dos cangaceiros em nível nacional, pois se começou a se discutir, com isso, se os bandoleiros eram bandidos nobres ou vingadores. E Luiz Gonzaga aproveitando tudo conseguiu construir um estereótipo cultural de nordeste, a partir de sua vestimenta. Essas representações o acompanharam por toda a carreira e estava presente nas iconografias de seus discos e músicas.

4.2 “Minha vida é andar por esse país”

Voltando ao momento de 1979, já na contra capa do *Long Play* identifico quatro imagens de Luiz Gonzaga com o seu pai, seu Januário, o homenageado. A lista de músicas do lado A e B do disco, com os devidos compositores, a ficha técnica.

Figura 72 - Contracapa do disco 'Eu e Meu Pai'



Entretanto em destaque há um texto de um jovem universitário apresentando a representatividade simbólica e cultural de Luiz Gonzaga. E quem atribui ao ‘Rei do Baião’ determinadas características regionais:

O fenômeno Luiz Gonzaga no Nordeste brasileiro é algo selado por todas as gerações vindouras. Explicar tal fenômeno é abrir a boca e dela não sair sequer uma palavra coerente.

O nome e a figura deste homem, mistura-se com a terra, com o mato, com as aves e a zoadá do chocalho da melancólica vaca magra. Luiz Gonzaga tem presença marcante no sertão nordestino como o sol causticamente, que purifica tudo.

Luiz Gonzaga é também pureza. Pureza de um povo, de uma nação que infelizmente está em extinção: os sertanejos. São estes homens o alicerce do Brasil, são os que mais cedo acordam e ao cair da noite se retiram calados.

Luiz é a voz desse povo tão incompreendido, que não consegue falar, e canta.

Luiz é o sorriso solto, como asas brancas no ar, é aquele abraço fraternal que se dá num velho e querido amigo.

Mas Luiz também é muita coisa triste. É muito dia que não acaba. É aquela pontinha de esperança em alguma coisa. É a chuva que não veio. É a fogo – pagou, é o assum preto que não quer tudo tão seco.

Luiz é um invasor. Logo cedo, o radinho comprado ou na capital ou em São Paulo toca “Riacho do Navio”, “Triste Partida”, “Ovo de Codorna” – canções

que invadem o ar de casinhas pequenas de chão batido e de retrato do Padre Cícero na parede.

Luiz é aquela baforada boa de um “Braço de Judas” na porta de casa, onde um cachorro magro roi o osso de dois dias.

Luiz Gonzaga é o filho de Januário.

Luiz é também dia de feira, pó de arroz, farinha, peixe salgado, miudeza, doce, fava da melhor, galinhas gordas e tranças de corda estendidas na rua.

Luiz é aquela explosão de um forró, de um rela – bucho, o gemido de uma sanfona, uma boa lapada de cana. É aquele fungadinho no cangote, o olhar desconfiado e caído, é o trote do cavaleiro crioulo baixeiro.

Luiz Gonzaga é muito mais coisa do que ele é. É aquela noite que, de repente pipoca do céu lágrimas dos anjos, e cai arrastando xique – xique, aroeira, mandacaru, jurema preta, e sangra os açudes e enche os rios.

É aquele cheiro de mato verde, é o compadre de fogueira, o padrinho, o filho que foi para longe.

Luiz Gonzaga é sinônimo de uma infinita de coisas, de cenas, de costumes. É o rei de um povo poderoso, que não conhece seu poder. Ele sozinho é muita coisa linda e muita coisa triste. Ele é a alta árvore que ninguém sabe o tamanho.

Luiz é muita fé, muita sinceridade, muita confiança no semelhante e no ato de viver. Luiz Gonzaga retrata sentimentos de uma enorme quantidade de brasileiros que, se sabem falar, ficam mudos.

Aí ele pega uma sanfona e um chapéu de couro e canta. E encanta.

Luiz Gonzaga não é apenas um rei, ou um líder, um espelho ou um extra – normal. Este fenômeno é um dos poucos símbolos de unidade nacional brasileiro, é uma somatória do Nordeste num homem só.

Luiz Gonzaga é uma bandeira. Uma bandeira eterna.

Recife, 15/01/79

Luís Manoel Paes Siqueira

Luis Manoel²⁸⁰ é um jovem universitário de 18 anos, filho do ilustre casal Malvina e Luis Siqueira, este, Secretário de Estado do Governo de Pernambuco. Tem um livro publicado e escreveu este texto sobre Luiz Gonzaga antes de o conhecer pessoalmente.

O texto do jovem estudante Luis Manoel Siqueira, filho da elite política local, buscava sintetizar o que o “Rei do Baião”, significaria para a região nordeste e para a música brasileira. Pois o mesmo era filho do então secretário do Governador Marco Maciel, Luís Siqueira (pai). Os relatos escritos buscavam aproximar o cantor com a nova geração e também sugeriam aspectos da proximidade de Gonzaga com a política e famílias de relevo do Estado do Pernambuco.

Antes de avançarmos, seria interessante discutir, segundo Renato Ortiz, o conceito de pureza presente no texto supracitado, dizendo que “apesar da diversidade, a noção de cultura popular enquanto folclore recupera invariavelmente a ideia de ‘tradição’, seja na forma de tradição-sobrevivência ou na perspectiva de memória coletiva que age dinamicamente no mundo” (ORTIZ, 2006, p. 67-70). Sendo assim, pode-se observar que não há uma cultura

²⁸⁰ Luís Manoel Paes Siqueira (Garanhuns – PE, 1960). É um escritor comerciante, garimpeiro, agricultor, jornalista e Geógrafo.

pura, como tende a escrever o Luís Siqueira, talvez embalado por uma concepção essencialista de cultura nordestina. A música de Luiz Gonzaga é a mescla dos vários ritmos que vinham do norte colonial e imperial até as influências contemporâneas.

Outro ponto presente no texto transforma Gonzaga num “símbolo de unidade nacional brasileiro”, sendo uma convergência cultural para a nova geração da música do país. Sobre essa discussão cultura nacional e cultura popular Marilena Chauí nos diz que:

A incorporação do popular ao nacional e deste ao típico possui outras razões (além das imediatamente ideológicas), isto é, as dificuldades teóricas e práticas de dois conceitos controvertidos: o nacional e o popular, frequentemente juntados na expressão o nacional - popular (CHAUÍ, 1986, p. 93).

Vejo a partir daí, que a figura múltipla de Gonzaga escapa às abordagens unilaterais e simplistas. Assim como Lampião e Padre Cícero, sua figura é daquelas que continuam a provavelmente continuarão a alimentar controvérsias por bastante tempo.

Voltando ao LP de 1979, vamos entreter nossa atenção ao repertório musical que trouxe o “Rei do Baião” de volta ao topo das paradas de sucesso. O Long Play se iniciou com a canção “*Orélia*”, última composição inédita de Humberto Teixeira, que Luiz Gonzaga gravou. A canção descreve várias viagens pelo país sendo guiado por Deus e pelo destino, e depois relata o início de uma paixão por uma mulher de nome “*Orélia*”. A saudade é uma constante das músicas de Gonzaga, e entre os motes das composições a ausência e o amor pela mulher amada em diversas canções.

Outra música que Gonzaga regravou no disco foi “*Respeita Januário*”, um clássico em homenagem ao que foi gravada a primeira vez em 1950. A composição mostra a influência que Gonzaga recebeu de seu pai. E mesmo sendo um cantor de sucesso no centro sul do Brasil, ele tinha que continuar respeitando o velho Januário, o que, também seria uma espécie de recado para o próprio filho Gonzaguinha sobre as relações paternas e filiais. Cabe lembrar, ainda, que no final do ano de 1979, Humberto Teixeira, havia falecido no dia 03 de outubro, vítima de um enfarte, na cidade São Conrado no Rio de Janeiro. Sobre o assunto o jornalista Carlos Antônio Aranha²⁸¹ do jornal ‘*A União*’ escreveu:

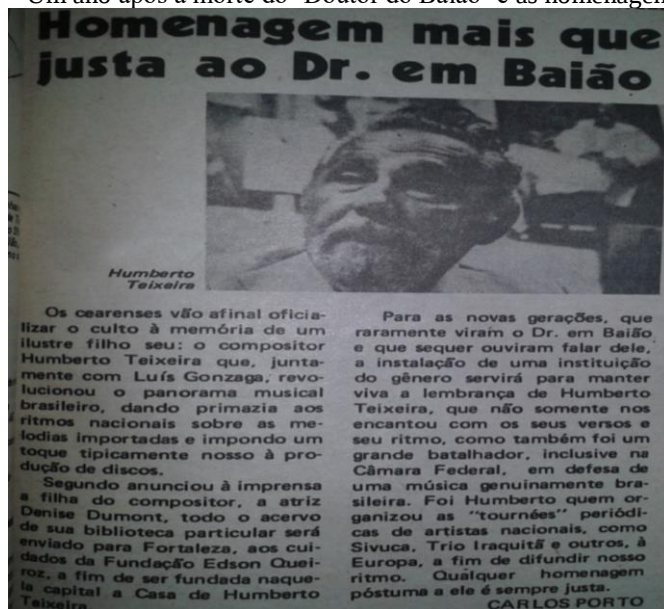
Humberto Teixeira, 600 músicas gravadas em vários estilos, 100 das quais em co-autoria com Luiz Gonzaga. Antes dele morrer no Rio anteontem,

²⁸¹ Carlos Antonio Aranha de Macêdo (João Pessoa, 18/03/1946). É um jornalista, músico, cantor, compositor, escritor, poeta, teatrólogo, produtor artístico, ator e cineasta.

considerava-se “indissolúvelmente ligado a todo o processo de lançamento, sucesso e redescobrimento do baião, visto que fui parceiro integral, na luta e na música, de todos os baiões que fiz com meu amigo Luiz Gonzaga”. Quando o baião iniciava sua fase de decadência no gosto popular, Humberto se elegia deputado federal pelo Ceará (1956 a 1960) graças à sua atuação musical, afastando-se desde então, da composição. Em 1972, animado com a nova divulgação dada ao baião por Caetano Veloso e Gilberto Gil, faria suas duas últimas músicas: a carnavalesca Sinforosa e o baião Ana Rosa (C. A. A., ‘A União’, 05/10/1979).

Foram três perdas importantes seguidas para Luiz Gonzaga, primeiro seu Januário em 1978, e em 1979 as perdas de dois parceiros: Hervê Cordovil e Humberto Teixeira. A matéria do jornalista Carlos Aranha, não leva em consideração que a música “*Orélia*”, como última composição de Teixeira para ‘Rei do Baião’. A lembrança do “Bacharel do Baião” permaneceu na imprensa paraibana, inclusive quando completou um ano de sua morte voltou a ser noticiado.

Figura 73 – Um ano após a morte do ‘Doutor do Baião’ e as homenagens póstumas.



Fonte: ‘A União’, 05/10/1980.

Nesse disco Gonzaga homenageou os antigos parceiros (Zé Dantas, Hervê Cordovil e Humberto Teixeira), e apresentou novos compositores, ao exemplo de Luiz Ramalho²⁸². Do artista paraibano ele gravou a música “*O Mangangá*” (ver letra em anexo). A canção descreve o inseto que poliniza vários tipos de plantas, inclusive a bananeira, que está presente na

²⁸² Luiz Ramalho (Bonito de Santa Fé – PB, 24/02/1931 - João Pessoa, 18/07/1981). Foi um compositor, instrumentista e produtor musical.

composição a partir da palavra mangará²⁸³. No decorrer da canção são narradas histórias engraçadas e meios duvidosas ou mentirosas, acontecidas e contadas no interior do nordeste, como anedotas.

Uma música de destaque do LP era a regravação da canção “*Súplica Cearense*”²⁸⁴, composição de Gordurinha e Nelinho, que havia sido composta em 1960 com a finalidade de arrecadar dinheiro para ajudar a população do Nordeste, que acabava de sofrer uma enchente que destruía os lares em vários estados nordestinos, sendo o estado mais atingido o do Ceará.

*Oh! Deus, perdoe este pobre coitado
Que de joelhos rezou um bocado
Pedindo pra chuva cair sem parar*

*Oh! Deus, será que o senhor se zangou
E só por isso o sol arretirou
Fazendo cair toda a chuva que há*

*Senhor, eu pedi para o sol se esconder um tiquinho
Pedi pra chover, mas chover de mansinho
Pra ver se nascia uma planta no chão*

*Oh! Deus, se eu não rezei direito o Senhor me perdoe
Eu acho que a culpa foi
Desse pobre que nem sabe fazer oração*

*Meu Deus, perdoe eu encher os meus olhos de água
E ter-lhe pedido cheinho de mágoa
Pro sol inclemente se arretirar*

*Desculpe eu pedir a toda hora pra chegar o inverno
Desculpe eu pedir para acabar com o inferno
Que sempre queimou o meu Ceará.*

O jornal ‘*Correio da Manhã*’, do Estado do Rio de Janeiro, descreve que “Inundações levam flagelo aos Estados Nordestinos”. A matéria relata a tragédia provocada pelas chuvas em vários estados. Na Paraíba, por exemplo, cita que: “O rio Piranhas transbordou com as últimas chuvas, inundando várias cidades ribeirinhas e rompendo vários açudes e barragens pelo percurso. Até agora, não são conhecidos detalhes sobre as enchentes” (‘*Correio da Manhã*’, 15/03/1960).

A próxima música do disco era a canção “*Acordo às Quatro*” (ver letra em anexo), composição do médico e poeta alagoano Marcondes Costa. O autor, sendo natural de Santana

²⁸³ Ponta terminal da inflorescência da bananeira, formada pelas brácteas que cobrem as pequenas pencas de flores abortadas; coração. Fonte: (FERREIRA, 1999, p. 1271).

²⁸⁴ <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/81584/>. Acesso em: 24/03/2019

do Ipanema, sertão Alagoano, fez questão de homenagear a cidade natal e também aos lavradores que acordam cedo para o trabalho braçal na zona rural, descrevendo com isso, hábitos e costumes do interior do país.

Gonzaga apresentou outra parceria, desta vez com o destacado compositor pernambucano Luiz Bandeira²⁸⁵, responsável por canções como: “*Voltei Recife*” (canção carnavalesca), “*Que Bonito É*” (canção ligada ao mundo do futebol), entre outras composições. Gonzaga cantou a música “*Romance Matuto*” (ver letra em anexo), uma poesia dedicada à afetividade sertaneja.

A próxima música do *long play* era a canção “*Sorriso Cativante*” (ver letra em anexo), composição da dupla Dominginhos, posteriormente apontado como o herdeiro musical de Luiz Gonzaga e da cantora Anastácia²⁸⁶. Ambos pernambucanos, que firmaram parceira na vida artística e pessoal.

Uma das músicas que tem o cunho político era a composição do casal Luiz e Helena Gonzaga, da canção ‘*Manoelito Cidadão*’. Em homenagem ao “fazendeiro baiano Manoelito Argolo, de Entre Rios²⁸⁷” cidade baiana, onde o mesmo havia sido prefeito e recebia o ‘Rei do Baião’ com frequência, principalmente na fazenda *Rancho Alegre*, citada em canções de Gonzaga. A relação do sanfoneiro de Exu com o fazendeiro e político era tanta que o filho de Manoelito, ganhou o nome de Luiz²⁸⁸ e teve o “Rei do Baião” como padrinho. Por tudo isso, Manoelito ganhou música. Foi assim que virou ‘*Manoelito Cidadão*²⁸⁹’, ‘o maior cabra desse Sertão’.

Ôô... Manoelito Cidadão
Gente boa tá aí mesmo
Melhor não conheço não }bis

A noite de São João
É a noite mais brasileira
Na fazenda Rancho Alegre
Tem rojão, fogo e ronqueira
Manoelito é aclamado
Por todos no Jaqueirão
Manoelito você é o maior
Sujeito desse sertão, meu irmão

É no Clube da Jaqueira

²⁸⁵ Luiz Bandeira (Recife, 25/12/1923 – Recife, 22/02/1998). Foi um cantor, rádio ator, instrumentista e compositor.

²⁸⁶ Lucinete Ferreira (Recife, 30/05/1947). É uma cantora e compositora.

²⁸⁷ Jornal *Correio da Bahia*. <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/video-historico-mostra-gonzagao-no-carnaval-de-salvador-assista/>. Acesso em 07/03/2019.

²⁸⁸ João Luiz Correia Argolo dos Santos (Entre Rios - BA, 23/06/1980) Político brasileiro.

²⁸⁹ <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/1561824/>. Acesso em: 24/03/2019.

*Da Fazenda Rancho Alegre
Que se brinca a noite inteira
Naquele gruda, me pegue
Entre riscos e alegrias
Todos cantavam com emoção
Manoelito, você é o maior
Cabra desse sertão, meu irmão.*

O escritor Carlos Alberto Dória faz uma análise sobre o termo *cabra* utilizado para adjetivar o senhor Manoelito, na maioria dos conceitos o substantivo *cabra* tem o cunho negativo. Mas em algumas situações possui caráter positivo, quando usado com o termo ‘bom’ (*cabra bom!*). E é sempre ligado a “sociedade patriarcal sertaneja, regida pelo princípio da honra, a política é uma esfera privativa dos homens” (DÓRIA, 1991, p. 154).

Na sequência das músicas vem a letra de “*Sou do Banco*”, composição do cearense José Clementino²⁹⁰, funcionário público federal e do pernambucano Hidelito Parente, funcionário do Banco do Brasil e sanfoneiro incentivado por Luiz Gonzaga. Sua ligação com Gonzaga já vinha do seu pai, Manuelito Parente, também bancário e representante financeiro do ‘Rei do Baião’, no Crato onde trabalhava. E era conterrâneo de Gonzaga, natural de Exu, por isso, a aproximação de ambos, que sempre hospedava o sanfoneiro famoso quando estava na região, hábito herdado por seu filho Hidelito Parente. Sobre o assunto o jornalista Antônio Rodrigues (2017) escreveu:

Sempre que ia ao Crato, Luiz Gonzaga se hospedava na casa do amigo Manoelito Parente. A ligação começou desde os tempos de menino, no Exu, quando trabalhou na Fazenda Manicoba, apanhando algodão. O dono da plantação era o pai de Hilda Parente, esposa de Manoelito. Depois que retornou, já consagrado “Rei do Baião”, o cantor retomou o contato e começou a amizade com a família. “Quando vinha pra cá, ele começou a se arrancar lá em casa”, conta Hidelito Parente, músico e filho do casal Hilda e Manoelito

“Meu pai falou com ele quando a Igreja de São Francisco estava em construção. Eles queriam que ele fizesse uma participação para tirar uma graninha para a igreja. Quando meu pai soube que ele era de Exu, e minha mãe também era de lá, ele fez o contato. Eles recordaram a amizade de jovens. Aí a amizade ficou mais aproximada”, completa.

Em toda visita Luiz Gonzaga dormia na casa de Manoelito e Hilda Parente. A chegada era uma festa para a família e vizinhos. O cantor pedia que os 11 filhos do casal o chamassem de “Tio Lua”. Após o jantar, havia a “hora da função”, onde cada garoto pegava seu instrumento e tocava meia hora de forró. Hidelito pegou gosto pela sanfona e Paulo, seu irmão, pela zabumba. Os dois chegaram a acompanhar o Rei do Baião em alguns shows pelo Crato (*Diário do Nordeste*, 09/12/2017).

²⁹⁰ José Clementino do Nascimento Sobrinho (Várzea Alegre – Ceará, 02/02/1936 – 05/04/2005). Funcionário público e compositor. Ver: CLEMENTINO, (2013).

O compositor Hidelito Parente, sendo bancário de profissão, produziu a canção no período de maior fomento dos bancos estaduais, que serviam de incentivo financeiro aos pequenos agricultores, para a produção agrícola, mas também para a aquisição de bovinos. O interessante da letra é a inserção do nome de um dos compositores na música e demonstra a visão do pequeno proprietário sobre os empréstimos bancários.

*Sou do Banco*²⁹¹

*É que o matuto deu de garra dos papéis
E foi bater no banco de Juazeiro
Tirou dinheiro e comprou cinco vaquinhas
E para tanto contratou logo um vaqueiro.
O tangedor montou logo um alazão
Abriu os peitos no aboio que não tem fim
Coitada da boiada encabulada
Com o chocalho tocando assim*

*Eu sou do banco, do banco do Brasil.
Do Banco do Nordeste, cabra da peste
No Ceará eu sou do Bec
Mas em Pernambuco sou do Bandepe
Bandepe, Bandepe, Bandepe, Bandepe.*

*E lá vai ele assustando a matutada
Em cada casa só se ouve um zum-zum-zum
Gado famoso e bonito desse tipo
Só quem possui é Feitosa dos Inhamús
Se alguém pergunta de quem é essa boiada
Ele responde: é de seu Zé Clementino
É aí que o gado emperra, o gado berra
Que o vaqueiro ta mentindo.*

*Eu sou do banco, do Banco do Brasil.
Do Banco do Nordeste, cabra da peste
No Ceará eu sou do Bec
Mas em Pernambuco sou do Bandepe
Bandepe, Bandepe, Bandepe, Bandepe.*

A composição seguinte é de Janduhy Finizola²⁹², conheceu o “Rei do Baião” por intermédio do também compositor Onildo Almeida²⁹³, quando fizeram uma canção em 1973 em alusão, ao então, novo ‘Cidadão de Caruaru’, Luiz Gonzaga. A música “O Caçador” (ver letra em anexo) fala sobre a preservação do meio ambiente, bandeira de luta de Gonzaga

²⁹¹ <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/1461436/>. Acesso em: 24/03/2019.

²⁹² Janduhy Finizola da Cunha (Jardim do Seridó - RN, 21/04/1931). É médico e compositor.

²⁹³ Onildo Almeida (Caruaru, 13/08/1928). É um compositor, músico e poeta.

presente em outras canções durante sua carreira artística. Sobre como o médico e compositor conheceu Gonzaga ele relatou:

Eu estava com uma música pronta que era a cara dele. Uma noite em que eu ia ter a oportunidade de falar com Gonzaga, foi o meu plantão no hospital [São Sebastião, em Caruaru]. De madrugada, fui acordado por um servente, avisando que Luiz Gonzaga estava ali, pensei que fosse uma brincadeira. Mas ele insistiu tanto que me levantei e fui ver se era verdade. Era Gonzaga, que foi logo perguntando, se eu era o doutor do baião. (JANDUHY FINIZOLA, 2012).

Na sequência vem à música composição de Luiz Gonzaga e Gonzaguinha. A letra faz uma descrição geográfica dos locais onde o Rio Brígida passava, desde a nascente, até chegar ao Rio São Francisco. Na segunda estrofe, fala sobre os conflitos oligárquicos que vinham afligindo a terra natal do ‘Rei do Baião’. Entretanto, o que mais chama a atenção na gravação, é o que não está na composição e sim o que Gonzaga pede no final da música e que não está escrito. Ele diz:

É mofi, mas não tem nó que o homem não consiga desatar. Alô Zé de Moura²⁹⁴, Marco Maciel, Nilo Coelho²⁹⁵, Osvaldo Coelho²⁹⁶, esse quarteto... Olhe o grande e saudoso Agamenon Magalhães²⁹⁷, está lá em cima esperando as barragens do Rio Brígida que ele tanto sonhou que tal, é agora? Esse quarteto, esse quarteto vai harmonizar meu sertão.

O “Rei do Baião” aproveitou o final da canção para pedir para os principais líderes políticos do Estado do Pernambuco para solucionar o problema da seca, criando as barragens do Rio Brígida²⁹⁸, sugeridas por Agamenon Magalhães, e ainda pede o fim do conflito do Exu, que só viria anos depois.

*O Rio Brígida
Nasce lá no pé da serra
Na Fazenda Gameleira
De seu Chico Alencar
E vai descendo
Vai rolando devagar
Chega em Novo Exu
E com licença eu vou cantar*

²⁹⁴ José Francisco de Moura Cavalcanti (São Vicente Férrer, 20/10/1925 - Recife, 28/11/1994). Foi um advogado e político. Homenageado na canção *Não é só a Paraíba que tem Zé*, lançada em 1977

²⁹⁵ Nilo de Sousa Coelho (Petrolina, 02/11/1920 - São Paulo, 09/10/1983). Foi um industrial, médico e político.

²⁹⁶ Osvaldo de Sousa Coelho (Juazeiro - BA, 24/08/1931 - Recife, 01/11/2015). Foi um advogado e político.

²⁹⁷ Agamenon Sérgio de Godoy Magalhães (Serra Talhada - PE, 05/11/1893 - Recife, 24/08/1952). Foi um promotor de direito, geógrafo, e político.

²⁹⁸ <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/1563169/>. Acesso em: 24/03/2019.

*Em Novo Exu
 Ele chora e sai rezando
 Vendo gente se matando
 Briga de irmão com irmão
 Tem jeito não
 Que isso é coisa de cacique
 E vai chegando
 Em São João do Araripe*

*Ah! Menino
 Se esse riacho falasse
 Quanta coisa
 Que ele tinha pra contar
 Ah! Quanta festa
 Quanto samba sem horário
 Eu e meu pai Januário
 Nós tocando sem parar
 São as lembranças
 Nessas água a rolar*

*Vai cortando
 Monte Belo, São Raimundo
 Tamarina, Barriguda, e Baraúnas
 E tem passagem
 Por Granito, que bonito
 Olha aí Parnamirim
 Terra Nova e Orocó
 E desatou
 No São Francisco esse nó } bis*

A próxima música ‘*Alvorada Nordestina*’ (ver letra em anexo) que é uma poesia dos compositores Orlando Silveira²⁹⁹ e Dalton Vogeler³⁰⁰, descrevendo como é o alvorecer no sertão. As ligações de Gonzaga com Silveira vêm de longa data, o primeiro contato entre os dois foi em 1951, quando o ‘Rei do Baião’, o levou para ser instrumentista no Rio de Janeiro. Já Orlando foi o arranjador de Luiz Gonzaga no disco ‘*70 Anos de Sanfona e Simpatia*’, lançado em 1983.

A única música do LP, ‘*Eu e Meu Pai*’, que Gonzaga não canta era a composição de João Silva e Pedro Maranguape, “*Adeus Januário*”³⁰¹, última canção do Lado B, a letra faz uma homenagem ao velho Januário, avó de Gonzaguinha, que havia falecido no ano anterior, e transformou-se no personagem central no disco lançado em 1979. Quem cantava a música era João Silva.

²⁹⁹ Orlando Silveira de Oliveira Silva (Rincão - SP, 27/05/1925 - Rio de Janeiro, 22/12/1993). Foi um acordeonista, maestro, compositor e arranjador.

³⁰⁰ Dalton Vogeler Gomes (Rio de Janeiro, 12/01/1926 – Rio de Janeiro, 08/12/2008). Foi um instrumentista e compositor.

³⁰¹ <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/1563839/>. Acesso em: 24/03/2019.

Ai que saudade, que dor
 Que eu sinto até agora
 De um velho e grande amigo
 Que do mundo foi embora
 Deus que ilumine os passos
 Do seu novo itinerário
 Tão guerreiro, companheiro
 Conselheiro Januário
 Seu Januário, Seu Januário} bis
 Deus que ilumine
 O seu novo itinerário
 Nesta minha homenagem
 Quero dividir a dor
 Com seu verdadeiro amigo
 Que sempre lutou consigo
 Na batalha e no amor
 Sem medir qualquer distância
 Sem contar qualquer horário
 Aqui vai como lembrança
 Meu deus, Seu Januário.

A partir desse álbum o ‘Mestre João Silva’ passou a ser o principal compositor responsável pela retomada da carreira de Gonzaga na década de 1980, se aprofundando no ritmo que ficou marcado na última década da carreira o forró. Que já tinha seus representantes Alcymar Monteiro, Jorge de Altinho, Waldonys, Santana e Flávio José, que seu Luiz buscou aproximação através de várias parcerias em shows e composições.

Assim, pode-se dizer que João Silva foi um dos maiores parceiros do ‘Rei do Baião’, com a produção de mais de cem músicas, entre elas sucessos tais como: ‘*Danado de bom*’, ‘*Nem se despediu de mim*’, ‘*Forró de Ouricuri*’, ‘*Pagode Russo*’, ‘*Arcoverde Meu*’, ‘*De Fiá Pavi*’, entre outras. Sua participação foi de fundamental importância para que em 1984, Luiz Gonzaga recebesse seu primeiro disco de ouro, com o LP ‘*Danado de Bom*’.

Entretanto, a música mais emblemática do *Long Play*, foi à regravação de ‘*A Vida do Viajante*’, na voz de Luiz Gonzaga, filho de Januário e Gonzaguinha, neto de Januário, em parceria com o recém-finado Hervê Cordovil. A canção foi tão importante que Gonzaga Júnior, também utilizou a música no seu LP lançado naquele mesmo ano, em duas faixas, uma cantando só e outra com o pai, consolidando a aproximação definitiva de ambos, com o estreitamento da relação afetiva dos dois, que rugas geradas pelo abandono durante a infância e a ideologia política haviam separado.

*A Vida do Viajante*³⁰²

*Minha vida é andar por este país
Pra ver se um dia descanso feliz
Guardando as recordações
Das terras onde passei
Andando pelos sertões
E dos amigos que lá deixei*

*Chuva e sol
Poeira e carvão
Longe de casa
Sigo o roteiro
Mais uma estação
E a alegria no coração*

*Minha vida é andar por esse país
[....]*

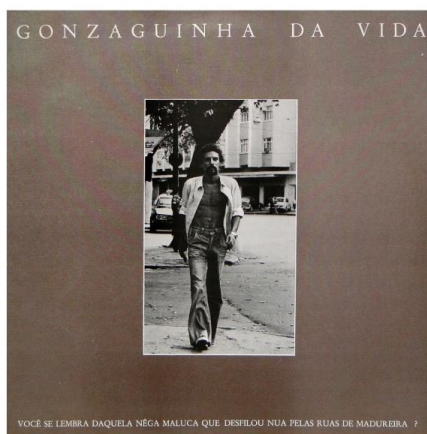
*Mar e terra
Inverno e verão
Mostro o sorriso
Mostro a alegria
Mas eu mesmo não
E a saudade no coração.*

Até esse encontro artístico em 1979, Luiz Gonzaga estava praticamente fora da grande mídia. Nesse ínterim, seu filho Gonzaguinha tinha sido um dos criadores, ao lado de Ivan Lins e Aldir Blanc, no MAU (Movimento Artístico Universitário), que era um importante símbolo da resistência ao governo militar. Nos anos de 1970 sua fama vinha em ascendência e no período do lançamento da música Gonzaguinha estava no auge da carreira, representava uma importante voz na resistência da juventude à ditadura.

Essa aproximação artística, entre pai e filho, foi importante para a carreira do Rei do Baião, pois também o aproximou de maneira mais estreita dos jovens que estavam fazendo à Música Popular Brasileira (MPB), dando-lhe mais espaço na mídia no sudeste do país. Como já havíamos dito, havia um certo interesse por Gonzaga como uma “referência do passado”, uma espécie de “antecessor ilustre”, mas o Gonzaga como um cantor e compositor “atual”, com novas músicas e em parcerias com os jovens era uma dimensão diferente.

³⁰² <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/82381/>. Acesso em: 24/03/2019.

Figura 74 – Capa do LP ‘Gonzaguinha da Vida’.



Fonte: <https://www.vinilrecords.com.br/produto/gonzaguinha-gonzaguinha-da-vida/>. Acesso em: 22/05/2019.

O *Long Play Gonzaguinha da Vida* era o sétimo do cantor, tinha as participações dos cantores Djavan³⁰³ e Nana Caymmi, do grupo Novo Samba³⁰⁴, além do já mencionado dueto com seu pai, Luiz Gonzaga.

Segundo o *Dicionário Cravo Albin*, Gonzaguinha “em 1979, encabeçando a lista dos maiores arrecadadores de direitos autorais, lançou o LP ‘Gonzaguinha da Vida’, realizando show homônimo. O disco contou com a participação de Nana Caymmi na faixa ‘Por um segundo’”³⁰⁵. Outras músicas desse trabalho de Gonzaga Júnior de sua própria autoria, que são: ‘João do Amor Divino’, ‘Com a perna no mundo’ (com participação de Djavan), ‘Diga lá’, ‘coração’ (com a música incidental: ‘Espere por mim, morena’), ‘Artistas da vida’, ‘O preto que satisfaz’, ‘Explode coração’, ‘Desenredo’ (‘G.R.E.S. Unidos do Pau Brasil’) em parceria com o cantor e compositor Ivan Lins, ‘O trem’ (Você se lembra daquela nêga maluca que desfilou nua pelas ruas de Madureira? [música de capa]), ‘Galopando’ (Música incidental: Galope), e em duas faixas a de número 10 tem a música: ‘Vida de Viajante’ (Música incidental: ‘A Vida do Viajante’) cantada por Gonzaguinha sozinho, e encerrando o disco novamente a canção: ‘A Vida do Viajante’ (com Luiz Gonzaga), agora a mesma do disco do pai.

Lembrando que os discos foram lançados por gravados diferentes. Gonzaga trabalhava no selo RCA e Gonzaguinha gravava pela EMI³⁰⁶. Portanto, a regravação da música ‘A Vida

³⁰³ Djavan Caetano Viana (Maceió, 27/01/1949). É um cantor, compositor, produtor musical e violonista.

³⁰⁴ Conjunto Nosso Samba é um grupo de samba formado na década de 1960 no Rio de Janeiro.

³⁰⁵ Fonte: <http://www.dicionariompb.com.br/gonzaguinha/dados-artisticos>. Acesso em 08/03/2019.

³⁰⁶ A *Electric and Musical Industries Ltd.* Foi uma empresa multinacional britânica do ramo fonográfico com sede em Londres, Inglaterra. No momento da sua dissolução, em 2012, foi o quarto maior grupo de gravadoras da indústria musical e foi uma das quatro grandes *majors* fonográficas.

do *Viajante*’, foi fundamental para a retomada da carreira de Luiz Gonzaga, e para isso, contribuiu muito a parceria pessoal e artística do seu filho Gonzaguinha.

4. 3 Gonzaguinha e Gonzagão: ‘A Vida de Viajante’

Conforme dissemos anteriormente e vamos aprofundar aqui, a relação entre Gonzaguinha e seu célebre pai foi moldada em torno a muitas idas e vindas, aproximações e afastamentos. As incertezas sobre a paternidade em decorrência da suposta esterilidade de Gonzaga, a ausência paterna durante a infância e juventude do filho, deixaram mágoas profundas.

Sobre essa relação Echeverria (2006, p. 13) diz: “uma sombra presente a se alimentar de mistério, dúvida e incerteza fez florescer a personalidade de Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior. Essa sombra atendia pelo nome do pai”. Assim,

A história de amor que uniu pai e filho faz vibrar o imaginário popular. No sonho de um, no desejo do outro, esses dois artistas do Brasil, de vozes e intenções distintas, uniram seu nome e destino pela força da própria vontade. E selaram seu trágico final feliz (ECHEVERRIA, 2006, p. 307).

Gonzaguinha era um homem com formação superior em Economia, enquanto o pai tinha uma escolaridade elementar, com um domínio básico do alfabeto, das operações matemáticas. O primeiro fazia oposição ao regime militar em suas canções e entrevistas, já o segundo tinha servido no exército, e, se não apoiava abertamente o governo ditatorial, tinha relações amistosas com muitos de seus integrantes, como já vimos no caso do Ministro Armando Falcão. Tudo isso provocou o afastamento pessoal de ambos. “Tanto que só dividiram um mesmo palco, no final dos anos de 1970. Alguns poucos jornais registraram o acontecimento, em notinhas (ÂNGELO, 2006, p. 33).

O jornal paraibano ‘A União’ registrou esse encontro na coluna de música assinada pelo jornalista e compositor Carlos Aranha, com o título da matéria: A PRÉVIA DE GONZAGÃO E GONZAGUINHA.

QUANDO Gonzaguinha encerrou recentemente a temporada paulista, em sucesso absoluto, recebeu a visita inesperada, que acabou fazendo maior

show com ele: nada menos do que seu pai - Luiz Gonzaga, o Gonzagão. Juntos, cantaram sucessos de um e do outro. O espetáculo foi tão emocionante que só terminou a uma da manhã. Quando levaram em dueto a canção *Vida de Viajante*, que gravaram juntos no LP *Gonzaguinha da Vida*. O encontro inusitado de Gonzaguinha & Gonzagão foi quase que uma prévia do show que farão, ano que vem, por todas as Capitais brasileiras (*'A União'*, 10/11/1979).

Na preparação para a realização dos vários shows da turnê Gonzaguinha e Gonzagão, *'Vida do Viajante'*, foi lançado no Fantástico, programa jornalístico dos domingos da Rede Globo de Televisão, o clipe oficial da canção. O cenário era uma estação, onde pai e filho ficavam sentados, cantando a música símbolo de quem viaja muito pelo país.

Figura 75 – Gonzaguinha e Gonzagão no Fantástico em 1979 cantando *'A Vida do Viajante'*.



Fonte: <https://www.globoplay.globo.com/v/2747259/>. Acesso em 23/05/2019.

Gonzaga Júnior estava encerrando a temporada de shows do disco *'Gonzaguinha da Vida'* e ainda embalado pelo sucesso da composição *'Explode Coração'*. Quando planejou fazer uma excursão para comemorar a aproximação com o pai e o sucesso do lançamento da música *'Vida de Viajante'*, no LP *'Eu e Meu Pai'*. Foi nesse período que Luiz Gonzaga, o “Rei do Baião”, passou a ser chamado de Gonzagão. Sobre a origem da nova alcunha de Gonzaga, Echeverria (2006, p. 201) diz: “Na verdade, a primeira vez que foram nomeados Gonzaguinha e Gonzagão foi no forró de Pedro Sertanejo³⁰⁷, pai de Oswaldinho do Arcodeom³⁰⁸, em São Paulo”. Em depoimento a Dominique Dreyfus, o velho Luiz descreve a origem da denominação:

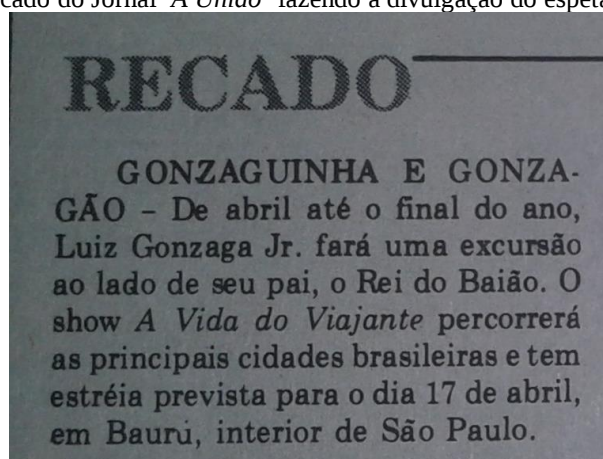
³⁰⁷ Pedro de Almeida e Silva (Euclides da Cunha - BA, 26/04/1927 – 03/01/1997). Foi o pioneiro do forró em São Paulo. Era sanfoneiro, compositor, radialista e fundador em 1964 do primeiro selo independente, a Gravadora Cantagalo. Gravou ao longo de sua carreira mais de 100 LP's.

³⁰⁸ Oswaldo de Almeida e Silva (Duque de Caxias - RJ, 05/06/1954). Sanfoneiro que acompanhou Luiz Gonzaga em vários shows principalmente na década de 1980.

Nós fomos tocar num forró em São Paulo. Quando chegamos lá, o forró estava engalanado, era faixa pra todo lado, bandeira e mais bandeira, frases e mais frases e o locutor apresentando a festa. Gonzaguinha aí me mostrou uma faixa. Estava escrito: “Gonzaguinha e Gonzagão, a maior dupla sertaneja do Brasil”. Ah! Essa aí nós gostamos e daí por diante passou a ser nosso *slogan* (DREYFUS, 2012, p. 291).

Definido o nome da ‘dupla’ que começava ganhar corpo a partir de um show na capital paulista, a assessoria de Gonzaga Júnior iniciou a divulgação da turnê nos principais meios de comunicação. Vejamos como foi à propaganda na Paraíba:

Figura 76 - Coluna Recado do Jornal ‘A União’ fazendo a divulgação do espetáculo ‘Vida do Viajante’.



Fonte: ‘A União’, 29 março e abril de 1980.

A notícia relata que a estreia do show ocorreria no dia 17 de abril, entretanto teve início somente no dia 24 do mesmo mês devido a uma série de condições operacionais que implicaram em mudanças de datas.

Cabe salientar que outro fator que influenciou a retomada da carreira do Rei do Baião foi à criação da empresa Ação Produções Artísticas no Rio de Janeiro no início do ano de 1980. Essa produtora artística cuidou da carreira do Gonzagão até seu final em 1989, ano também do término da empresa. Os responsáveis eram Bel Fernandes, Inah Falcão, Bia Aydar (responsável por Luiz Gonzaga³⁰⁹), Fernando Faro e o próprio Gonzaguinha. “A Ação passou a organizar a produção das festas juninas no Nordeste com Gonzagão, Dominginhos, Osvaldinho do Acordeom e também Sivuca. Era trabalho certo de maio a julho³¹⁰”. Acerca do início da produtora artística Regina Echeverria escreve:

³⁰⁹ ECHEVERRIA, 2006, p. 269.

³¹⁰ ECHEVERRIA, 2006, p. 190.

E nós começamos a trabalhar imediatamente com o Gonzagão. O Gonzaguinha tinha uma bronca porque acreditava que as pessoas exploravam o pai, o que não é mentira. Exploravam mesmo. E arrastou o Gonzagão com todo cuidado. E o fato de termos Gonzagão e Gonzaguinha fez a empresa crescer rapidamente” (ECHEVERRIA, 2006, p. 190).

A exploração da imagem do ‘Rei do Baião’ até a década de 1970 vem da mentalidade antiga de Gonzaga, da política de favores, de clientela, de personalismo, refletia em sua vida artística não moldada em termos empresariais e como no sertão o que valia era a palavra, o sanfoneiro não dava muita atenção aos seus contratos. Como na “velha política” tudo se fazia na base do compadrio, o artista acabava sendo engolfado num esquema empresarial fora do seu controle, conforme já mencionamos anteriormente. Temos algo similar no que acontecia em relação ao futebol, podendo ser citado o caso de Garrincha³¹¹ como um dos mais emblemáticos, por exemplo.

A partir da criação da empresa por Gonzaguinha e sua visão de mercado gerado pela formação superior, Luiz Gonzaga, pela primeira vez na carreira, teve uma assessoria organizando seus shows e eventos, houve uma profissionalização na vida artística e pessoal do “Rei do Baião”. Tendo uma agenda organizada e cumpria rotineiramente os horários preestabelecidos de ensaios, principalmente para a realização da turnê com seu filho. Essa visão empresarial-contratual se relaciona a um mundo da urbanidade e da política impessoal, bem distinta das concepções de Gonzaga, da política como laços pessoais. A concepção de política se espelha na concepção de carreira artística. São lógicas distintas emergidas a partir daí e que serão absorvidas nas andanças pelo país.

E, assim, com uma enorme boa vontade de ambas as partes, resolveram fazer um show juntos e rodar o Brasil como nunca o velho Lua tinha feito igual. Infraestrutura, organização, gente para resolver os problemas. Ele só precisava subir no palco, tocar e cantar. Vida do Viajante foi o título mais apropriado (ECHEVERRIA, 2006, p. 201).

E as viagens começaram. No dia 24 de março de 1980, Gonzaguinha concedeu uma entrevista coletiva na sede da Associação Paraibana de Imprensa. Durante duas horas o cantor e compositor falou sobre vários assuntos, inclusive sobre a situação política, dizendo que “a

³¹¹ Manoel Francisco dos Santos (Magé, 28/10/1933 - Rio de Janeiro, 20/01/1983). Jogador de futebol. CASTRO, Ruy. **Estrela Solitária**: um brasileiro chamado Garrincha. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.

Abertura favoreceu o nosso trabalho”. Esse relato foi dado por causa da divulgação da estreia do espetáculo ‘*Gonzaguinha da Vida*’, disco lançado em 1979.

O show ocorreu no Teatro Santa Roza na terça dia 25, já na noite do dia 26, Gonzaguinha se apresentou no ginásio de esportes do Clube Astréa, e na sexta dia 28 o espetáculo foi realizado em Campina Grande. Entre as músicas cantadas estava ‘*A Vida do Viajante*’, canção que deu origem ao espetáculo que estava realizando com o ‘Rei do Baião’, e estava parado esperando a recuperação de Luiz Gonzaga de uma convalescência sobre a qual falaremos adiante.

Gonzaguinha relatou as experiências adquiridas com o Gonzagão: “sobre o trabalho ao lado de seu pai, o compositor pernambucano Luiz Gonzaga, Gonzaguinha disse que a maior influência que o chamado Rei do Baião tem lhe passado se relaciona com o seu comportamento no palco, ‘na capacidade de improviso, brincadeira, e pique³¹²”.

João Pessoa estava na rota da passagem do show ‘*Vida de Viajante*’, a coordenação do evento seria responsabilidade de uma produtora local, que ainda estava em dúvida do espaço onde ia ocorrer o evento, como narra o jornal ‘*A União*’:

A Ação Produções Artísticas, do Rio de Janeiro, entregou à Jaguaribe Produções a coordenação do roteiro do grande show com Gonzaguinha e Gonzagão para as cidades de Natal, João Pessoa, Campina Grande, Caruaru, Recife, Maceió e Aracaju. O espetáculo local será realizado no ginásio de esporte do Astréa ou no Almeidão – o que será definido até o final do mês. A escolha da Jaguaribe para coordenar o espetáculo *A Vida do Viajante* em sete cidades nordestinas foi por conta do trabalho desenvolvido pelo compositor Carlos Aranha na promoção do *Explode Coração*, com Gonzaguinha, em João Pessoa, Campina Grande e Natal, recentemente. A decisão final foi tomada ontem pela Ação Produções e comunicada, por telefone, por um dos diretores da firma, o produtor Paulo Roberto Fernandes. O “Rei do Baião” e seu filho Luiz Gonzaga Júnior, já começaram os ensaios para o show *Vida do Viajante*, sob a direção de Fernando Faro³¹³ e com cenografia de Naum Alves de Souza³¹⁴ (*A União*, 09/04/1980).

Gonzaguinha gostava do trabalho de Carlos Aranha como produtor de eventos na Paraíba por causa de trabalhos anteriores, por isso, o deixava na organização. Entretanto, antes de se apresentar em João Pessoa, aconteceu um problema com Luiz Gonzaga durante uma apresentação do show.

³¹² ‘*A União*’, 25/03/1980, reportagem com o título: Gonzaguinha “importante é a liberdade”.

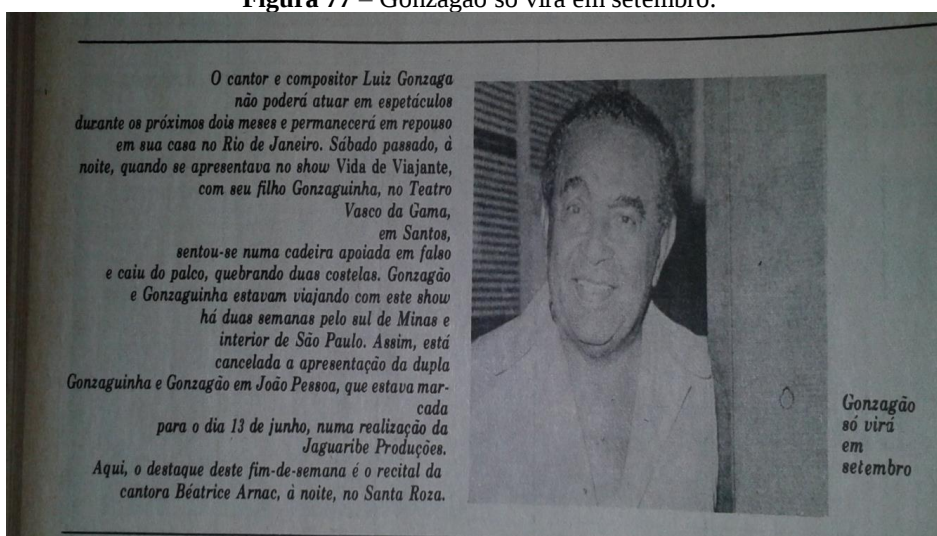
³¹³ Fernando Abílio de Faro dos Santos (Aracaju - SE, 21/06/1927 – São Paulo, 25/04/2016). Foi um jornalista, produtor musical e diretor de televisão.

³¹⁴ Naum Alves de Souza (Pirajuí - SP, 01/01/1942 - São Paulo, 09/04/2016). Foi um diretor, autor, cenógrafo e figurinista.

Em maio, durante apresentação do show *Vida de Viajante* no Teatro Vasco da Gama, em Santos, litoral paulista, sentou-se numa cadeira apoiada em falso e caiu do palco, quebrando duas costelas. Pai e filho estavam viajando com esse show há duas semanas pelo sul de Minas e interior de São Paulo. Foi medicado na cidade após o acidente e teve de ficar dois meses sem fazer show, recuperando-se em sua casa no Rio (ECHEVERRIA, 2006, p. 202).

Por causa disso, o show que iria acontecer no dia 13 de junho em João Pessoa, teve que ser adiado para setembro depois que todos os eventos foram realocados na nova agenda de shows.

Figura 77 – Gonzagão só virá em setembro.



Fonte: 'A União', 10/05/1980

A imprensa paraibana continua noticiando as prováveis datas do retorno dos shows da dupla de Gonzagas, que seria início de julho. Pois a excursão estava interrompida desde o começo de maio, em decorrência do incidente em Santos. Enquanto isto Gonzaguinha continua sozinho, a fazer shows (como aconteceu semana anterior no Rio, no Madureira), lá Gonzaga Júnior agradeceu a força que todos vinham dando para o reinício da turnê brasileira da '*Vida do Viajante*'.

Em João Pessoa e Campina Grande, o show com Gonzaguinha e Gonzagão deverá ser apresentado em meados de setembro / outubro, no ginásio de esportes do Clube Astréa e no Campinense Clube, respectivamente, segundo informações da Jaguaribe Produções, que está mantendo entendimentos com a Ação Produções Artísticas do Rio, para a realização do espetáculo ('A União', 27/05/1980).

Ainda antes de Gonzaga Jr., vir à Paraíba e apresentar o show ao lado do pai, houve um evento no qual Gonzaguinha era o convidado especial do *Festival da Nova Música Popular Brasileira - MPB 80*. Que teve a participação do compositor paraibano Luiz Ramalho. Sobre o músico a sinopse do festival dizia que Luiz Ramalho começou a produzir música em 1967, conquistando o segundo lugar num festival em João Pessoa, com a música: “*Meação*”, falando sobre o sacrifício do homem do campo. Em 1978, em outro festival na capital paraibana, venceu com a canção “*Tropeiro*”, música mais tarde gravada por Elba Ramalho.

Neste ínterim entre um concurso musical e outro, Luiz Ramalho não deixou de produzir, “tendo duas de suas músicas gravadas [por Dom Um Romão³¹⁵] pela Pablo, de Nova Iorque, gravadora especializada em músicas latinas americanas, ‘*Amor em Jacumã*’ [em parceria de Dom Um Romão] e ‘*Preço de Cada Um*’ [em parceria com Glorinha Gadelha]. Além de sucessos como ‘*Vim Vim*’, gravado por Alceu Valença, ‘*Veio D’água*’ com Elba Ramalho³¹⁶”, que está no primeiro disco da cantora paraibana *Ave de Prata* de 1979.

Entretanto, sua canção mais popular é “*Facilita*”, em parceria com o ‘Rei do Baião’ gravada em 1973 no LP ‘*Luiz Gonzaga*’ pela Odeon. No ano de 1974, Gonzaga lançou do compositor as músicas: ‘*Retrato de um Forró*’ e ‘*Daquele Jeito*’ que dá nome ao LP pelo mesmo selo discográfico. E ainda a canção: ‘*Roendo Unha*’ no disco ‘*Capim Novo*’ pela RCA em 1976.

O festival em que a composição de Luiz Ramalho foi a mais aclamada pelo público ficou mais conhecido por MPB 80, Apesar de sua preferência pelos ritmos nordestinos, Luiz Ramalho diz que procurou fazer em “*Foi Deus Quem Fez Você*” uma coisa bem diferente, mais romântica, mais próxima às músicas de Roberto Carlos. “Minha música – diz Luiz – é quase um hino ao amor, procurando mostrar que deve haver uma força que unifique as tendências opostas do comportamento humano em todos os níveis³¹⁷”.

O programa foi apresentado na faixa de programação *Sexta Super*, depois das 21 horas. Durante as eliminatórias, foram realizados shows com destacados nomes da MPB, como Caetano Veloso, Dorival Caymmi, Nelson Gonçalves e Tom Jobim. Ainda, foram apresentados alguns depoimentos sobre os festivais “como os do então ministro da Educação

³¹⁵ Dom Um Romão (Rio de Janeiro, 03/08/1925 – Rio de Janeiro, 26/07/2005). Foi um multi-instrumentista e compositor. Fonte: <http://dicionariompb.com.br/dom-um-romao/dados-artisticos>. Acesso em: 01/07/2020.

³¹⁶ ‘*A União*’, 14/05/1980.

³¹⁷ ‘*A União*’, *Idem*.

e Cultura Eduardo Portella³¹⁸, dos críticos musicais Ricardo Cravo Albin³¹⁹ e Sérgio Cabral, do jornalista Blota Júnior³²⁰ e dos cantores Ângela Maria, Caetano Veloso, Elis Regina, Jair Rodrigues, Nara Leão e Zé Ramalho³²¹.”.

A final foi realizada no ginásio do Maracanãzinho, no dia 23 de agosto, reunindo um público de 30 mil pessoas. Enquanto os jurados davam as notas, Fagner, Gonzaguinha e Jorge Ben Jor (ainda conhecido como Jorge Ben), que presidiam o evento, se apresentavam para a plateia. O Festival MPB 80 teve a vitória da música “*Agonia*” defendida por Oswaldo Montenegro e o prêmio de melhor intérprete para o cantor Jessé, e melhor arranjo para o Quinteto Violado. Sobre o festival Sílvia Osias falou:

Em três horas de show, em meio à péssima acústica do ginásio, os artistas muitas vezes apresentavam um resultado muito inferior ao obtido no palco do Teatro Fênix – na verdade, um estúdio. Os apresentadores também. E as câmaras de vez em quando corriam um pouco perdidas pela ruidosa platéia, colhendo reações que lembram imagens dos programas da jovem guarda (*‘A União’*, 27/08/1980).

A dita ‘ruidosa’ participação do público partia principalmente por causa do segundo lugar da música composta por Luiz Ramalho. Na coluna d’*A União*, do dia 27 de agosto de 1980, o jornalista Sílvia Osias, relatou que Gonzaguinha analisou o Festival MPB 80, criticando a composição do paraibano Luiz Ramalho, da música “*Foi Deus Quem Fez Você*” defendida por Amelinha, vice-campeão do festival, chamando a música de “uma canção romântica que nada acrescenta a um gênero nitidamente obsoleto”, ou seja, nas palavras de Gonzaga Júnior, a canção desse paraibano era em seus versos melódicos semelhantes à chamada música “Brega”.

Esse festival em destaque teve como presidente de honra Luiz Gonzaga e sua representação de nordeste, como um espaço esquecido do país. E por isso, quando foi apresentar o “Rei do Baião”, como convidado especial do evento Gonzaguinha disse as seguintes palavras:

³¹⁸ Eduardo Mattos Portella (Salvador, 8/10/1932 – Rio de Janeiro, 02/05/2017). Foi um professor, escritor, conferencista, pesquisador, pensador, advogado e político.

³¹⁹ Ricardo Cravo Albin (Salvador, 20/12/1940). É um advogado, jornalista, historiador, radialista e musicólogo, sendo considerado um dos maiores pesquisadores da MPB. Fonte: <http://dicionariompb.com.br/ricardo-cravo-albin/biografia>. Acesso em: 02/07/2020.

³²⁰ José Blota Júnior (Ribeirão Bonito - SP, 03/03/1920 - São Paulo, 22/12/1999). Foi um advogado, locutor, apresentador, político, empresário, jornalista, roteirista e produtor de rádio e televisão.

³²¹ <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/musicais-e-shows/festival-da-nova-musica-popular-brasileira-mpb-80.htm>. Acesso em: 07/08/2019.

Rapidamente falar, objetivamente pedir, a uma pessoa que entregou e que entrega 40 anos de vida por um trabalho. A uma voz que representa todo um pedaço esquecido do Brasil. Hoje ele é presidente de honra do festival. Eu gostaria que vocês cantassem com ele, meu pai, Luiz Gonzaga³²².

O público que estava presente no ginásio aplaudiu o sanfoneiro de Exu de pé, quando Gonzaga foi chamado ao palco à primeira ação que ele fez foi cumprimentar os músicos, e depois fez o mesmo com Gonzaguinha, logo em seguida os dois começam a cantar a música símbolo da aproximação de ambos, '*Vida do Viajante*', música símbolo do retorno às paradas de sucesso.

Figura 78 – Luiz Gonzaga cantando '*A Vida de Viajante*' no Festival MPB 80



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=g3ONbwVoVvo>. Acesso em 23/05/2019.

No meio da plateia estavam personalidades como o apresentador Chacrinha, o cantor Agnaldo Timóteo e João Nogueira, e as atrizes: Lélia Abramo, Ida Gomes e Narjara Turetta. Todos cantando com o Gonzagão. Foi um tributo da maior relevância para o velho sanfoneiro de Exu. Sobre a apresentação de Luiz Gonzaga no festival o colunista Sílvio Osias diz:

Na sua rápida apresentação, Gonzaguinha aproveitou para fazer um registro importante: lembrar que são muito graves as atitudes que a extrema direita vem praticando contra a imprensa alternativa. E chamou ao palco uma figura de grande importância: seu pai, Luiz Gonzaga, com quem cantou a comovente *Vida do Viajante*, nome do show que os dois brevemente mostrarão pelo nordeste ('*A União*', 27/08/1980).

Luiz Gonzaga ameaçou várias vezes, durante a carreira, abandonar os palcos e voltar a morar em Exu, depois de sua pacificação. Não foi diferente no espetáculo '*A Vida do*

³²² Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=g3ONbwVoVvo>. Acesso em: 23/05/2019.

Viajante'. Tanto que os jornais paraibanos destacam que o “Rei do Baião” estava fazendo “sua despedida dos palcos brasileiros e amanhã [dia 17 de outubro], às 09 e meia da noite, no ginásio de esporte do Clube Astréa, e cantará pela última vez o público de João Pessoa, ao lado do seu filho Luiz Gonzaga Júnior³²³”.

Os ingressos para o espetáculo *Vida do Viajante*, com Gonzaguinha e Gonzagão, estão sendo vendidos ao preço único de 200 cruzeiros, no ginásio do Astréa e em posto instalado na Aky Discos, na Miguel Couto. Gonzaguinha e Gonzagão vêm a João Pessoa por conta de uma realização associada da Ação Produção Artísticas, do Rio de Janeiro, e da Asa Branca Produções, de Recife, tendo assessoria local da Jaguaribe Produções. Com grande êxito, A Vida do Viajante já fez apresentações em várias cidades do sul do país. As últimas foram Brasília e Belo Horizonte. Amanhã será a vez de João Pessoa, no Astréa, e sábado próximo em Recife (*A União*, 16/10/1980).

A tão sonhada e anunciada despedida dos palcos só viria efetivamente a acontecer anos depois, quando Luiz Gonzaga já estava enfermo numa cadeira, no teatro Guararapes no Recife em 1989.

Figura 79 – Mostrando os ensaios para o show ‘*Vida de Viajante*’



Fonte: Jornal ‘O Norte’, 27/05/1980.

Ao longo dos anos subsequentes, seus shows continuaram sendo sempre muito procurados, especialmente no período junino. A passagem do espetáculo ‘*Vida de Viajante*’, pelo nordeste foi um sucesso. Esse sucesso se expandiu para anos depois.

³²³ ‘*A União*’, 16/10/1980.

Figura 80 – Divulgação do espetáculo ‘Vida do Viajante’.



Fonte: ‘A União’, 16/10/1980.

Analisando os shows que estiveram em destaque no ano de 1980, outro colunista da imprensa local disse que:

A VIDA DO VIAJANTE – Luiz Gonzaga é naturalmente um dos nomes mais importante da MPB e Gonzaguinha, embora cometendo aqui – acolá um deslize, é ainda uma das principais esperanças de sua geração. A reunião dos dois no show *A Vida do Viajante* foi acima de tudo saudável e, não fossem algumas besteiras que fizeram, teria dado no melhor show do ano – (Francisco “Tico” Pinto) (‘A União’, 01/01/1981).

O analista não explicitou que supostas besteiras teriam sido essas acontecidas no espetáculo, pois as biografias analisadas e outras fontes dizem que o show foi sempre um sucesso de público e crítica e não apontam incidentes significativos. Seriam os comentários políticos de Gonzaguinha? Regina Echeverria fala sobre o espetáculo:

Em janeiro de 1981, o show ‘*Vida de Viajante*’ chegou ao Rio de Janeiro, depois de mais de cem apresentações pelo Brasil. Pai e filho apresentaram-se no Rio Palace Hotel. Na presença de mais de cem convidados, Gonzaguinha e Gonzagão registraram nos estúdios Oden o show que realizaram por todo o país (ECHEVERRIA, 2006, p. 203).

Em meio a essa onda de celebrações ao ‘Rei do Baião’, em 1981 foi ao ar um Programa da série *Grandes Nomes*³²⁴, da Rede Globo, dirigido por Daniel Filho, que em

³²⁴ Programa exibido entre os anos de 1980 até 1984 pela Rede Globo de Televisão, que apresentava um especial nas sextas à noite mensalmente, trazendo nomes consagrados da música brasileira. Fonte: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/musicais-e-shows/serie-grandes-nomes/>. Acesso em: 02/07/2020.

primeiro de maio de 1981, homenageou Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior, o Gonzaguinha. No espetáculo os artistas iam mostrando seu repertório e recebendo convidados. Entre eles estava Roberto Ribeiro, As Frenéticas e Simone, entretanto, o ponto alto foi à participação do Gonzagão.

Figura 81 – Gonzaguinha e Gonzagão dançando no palco do programa Grandes Nomes da Rede Globo



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=mZsoH8ZjMs8>. Acesso em 23/05/2019.

A plateia era formada por representantes do Comitê Brasileiro pela Anistia, Movimento Negro, Associação de Favelas do Rio e das faculdades cariocas – público escolhido pelo artista. “O cenário inicial reproduzia um casarão em ruínas, com grandes retratos dos convidados especiais emoldurando as paredes. Ao longo da apresentação, o painel de fundo era trocado, mostrando outras imagens³²⁵”. O programa mensal tinha um formato biográfico, os cantores iam se apresentando e o cantor contava um pouco de sua história de vida. Vejamos o que o Jornal ‘*A União*’ diz sobre o show:

Logo depois, mais um convidado, talvez o mais importante da noite: Luiz Gonzaga, recebido em delírio pela plateia, que cantou sem acompanhamento, mostrando somente a sua enorme capacidade vocal, o lamento *Légua Tirana*, tendo ao fundo um painel com imagens agrestes do sertão nordestino – berço e fonte maior de inspiração do compositor. Sem sanfona e sem chapéu de couro – marcas quase registradas da sua personalidade artística – Gonzagão ouviu Gonzaguinha cantar *Eu Apenas Queria Que Você Soubesse*, com ele dançando na maior desenvoltura pelo palco, o que resultou num comentário de dona Dina, sua comadre e mãe adotiva de Gonzaguinha – “O Lua está tão saidinho”. Terminando esse ato de amor, *A Vida de Viajante*, sucesso na voz dos dois. Aplausos de pé – o que obrigou a volta ao palco de Gonzaga pai várias vezes para agradecer.

³²⁵

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/musicais-e-shows/serie-grandes-nomes/luiz-gonzaga-do-nascimento-junior-01-05-1981.htm>. Acesso em: 23/05/2019.

Sou nascido no Morro de São Carlos, Odaléia, minha mãe, era cantora de boate. Meu pai, Luiz Gonzaga, sofreu muito quando chegou ao Rio de Janeiro. Fui criado por meus padrinhos, Dina e Xavier. Essa é a minha formação, meu estilo de vida. Meu trabalho é na periferia, subo no palco como quem anda pela rua (*'A União'*, 30/04/1981).

Foi um espetáculo à parte a participação de Luiz Gonzaga, vestido de roupa social, sem os trajes que Gonzagão estipulou como sendo símbolo imaginado do Nordeste, o “Rei do Baião”, dançou com desenvoltura e interagiu com o público, recebendo até o elogio da comadre Dina, mãe de criação de Gonzaguinha. Dias depois seu Luiz declarou na coluna de televisão do periódico *'O Norte'*, na reportagem O QUE ELES DIZEM... Luiz Gonzaga declarou: “Foi Gonzaguinha, meu filho, quem me mostrou um novo caminho. Foi ele quem me levou ao palco sem medo” (*'O Norte'*, 06/05/1981). Gonzaga fala da renovação da carreira após o show que lhe trouxe novamente para a grande mídia. O jornal *'O Norte'* fez um editorial com tudo o que pai e filho fizeram nessa temporada:

GONZAGUINHA E GONZAGÃO. Dois Estilos e uma só homenagem. Pela primeira vez em seus 40 anos de carreira, Luiz Gonzaga aceitou trabalhar sob esquema rígido – um show tecnicamente trabalhado e ensaiado, - e viajar pelo país cumprindo rigorosamente um calendário. Tudo isso por um motivo muito especial: trabalhar ao lado de seu filho Gonzaguinha, que firma-se na carreira de intérprete, pois compositor o é há tempos. Também porque o “Rei do Baião” começa a despedir-se dos palcos brasileiros, é o último ano em que faz apresentação ao vivo. Depois dessa decisão e de submeter-se a três semanas de ensaios, sob a direção de Fernando Faro o show *Vida de Viajante* foi lançado em abril, exibido inicialmente pelo interior paulista e, agora, depois de passar por Minas e Brasília, chega a João Pessoa. Graças a isso o grande público ganhou a oportunidade dever e ouvir, num lance ensaiadíssimo, um dos maiores nomes da música popular. O velho sanfoneiro entra em cena mais uma vez, só que agora dividindo seu público com o filho e dividindo as emoções dos dois com grandes platéias. Como o próprio Luiz Gonzaga explica, a arte de ambos tem uma grande proximidade, na medida em que transmite a mesma mensagem. Transmite o sofrimento de uma região, do povo, a beleza que está contida nas coisas simples “Eu falo do sofrimento de uma região, do povo qual faço parte e conheço bem. O Gonzaguinha, como tem uma visão mais abrangente, consegue falar sobre o mesmo problema, colocando-o a nível nacional e mundial” (*'O Norte'*, 17/10/1981).

Cabe notar a alegada pretensão de Luiz Gonzaga de se aposentar depois da turnê com seu filho, entretanto, isso nunca aconteceu de fato. O “Rei do Baião” só deixou de se apresentar quando adoeceu de modo grave no período junino de 1989, com sua agenda lotada de compromissos. Após anos de parceria com Gonzaguinha, seu Luiz passou a entender a

abrangência e importância da obra do neto de Januário, que no encerramento da canção ‘*Vida de Viajante*’ teria passado de geração em geração. Sobre Gonzaga o colunista continua.

EM PLENA FORMA. Luiz Gonzaga em plena forma, apesar do susto que provocou durante o show realizado em Santos, no final de abril, quando sentiu-se mal, caiu do palco e motivou o cancelamento do espetáculo – além disso, obrigou a suspensão dos trabalhos durante os meses de maio, junho e julho. O velho sanfoneiro está firme e suportando todo o exaustivo esquema de trabalho sem a menor demonstração de cansaço. Um homem forte, segundo ele, fruto de uma região onde os fracos não sobreviveu e que transmite essa força a todo o grupo com quem trabalha. O filho, que agora alcança sucesso a nível nacional, por sua vez, assume a honra de trabalhar com o homem que durante muitos anos levou a música de sua região, a música de seu povo, para um público culturalmente colonizado (‘*O Norte*’, 17/10/1981).

Aqui o colunista compara o “Rei do Baião” com as palavras de Euclides da Cunha, em sua obra prima *Os Sertões*, dizendo que Gonzaga ‘é um forte’ e fazendo a relação entre o vigor físico do cantor, e as características do Nordeste brasileiro. Além de deixar claro, a veneração do filho Gonzaguinha, pelo seu pai Gonzagão. Na continuação o jornalista diz:

Gonzaguinha sabe da responsabilidade que representa trabalhar junto com o “Rei do Baião”, o cantador que durante anos lutou pela veiculação da rica arte que é nordestina, que é seu próprio pai. E faz questão de salientar que o único vínculo que ainda persiste entre os dois é a relação pai-filho. “Artisticamente somos duas pessoas diferentes, como no dia-a-dia somos duas pessoas distintas. Ele tem a vida dele, a formação dele e eu tenho a minha vida, dentro da qual ele ocupou papel importantíssimo, dando-me lastro cultural e emocional para sair para o mundo, aprender a conviver com ele e a lutar para que melhore”. E os dois estão juntos. Junto com seus músicos. Frederyko e Ary Piassarollo nas guitarras, Pascoal Meireles na bateria. Paulo Maranhão no baixo, Jota Moraes nos teclados – grupo do Gonzaguinha, Xaxado no triângulo e Azulão na zabumba (companheiros do Gonzagão). A sanfona logicamente, na mão do “Rei do Baião”. E o show consegue agradar a todos que tem a oportunidade de assisti-lo. Agrade porque atinge todos os públicos. Atinge aqueles que gostam da música brasileira. E aqueles que sabem captar a mensagem da música que diz respeito diretamente à nossa realidade (‘*O Norte*’, 17/10/1981).

Na entrevista, Gonzaguinha relata a importância do seu pai em sua vida, que lhe deu condição de se formar numa Universidade – o primeiro na numerosa família de Januário e Santana –, mas também narrou a influência oriunda do “Rei do Baião”, o músico do Nordeste. Na sequência da reportagem Sílvia Osias escreve:

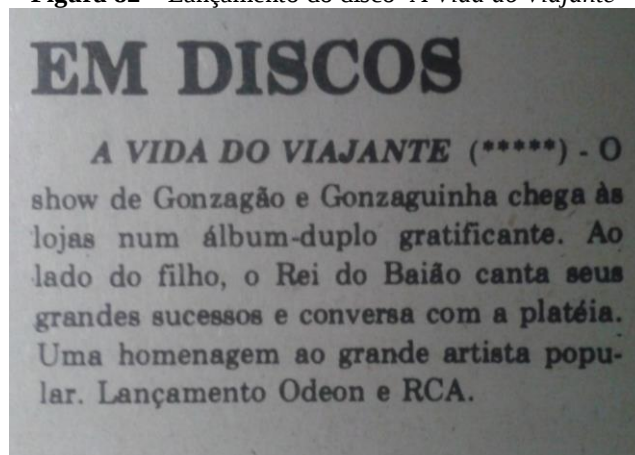
MUITA EMOÇÃO. O show consegue emocionar. Muito. Quando o filho, ainda no início canta *Começaria Tudo Outra Vez*, por exemplo. Quando Gonzaguinha discorre, com grande seriedade, sobre o momento político e social do povo brasileiro. Nesse ponto, ele atinge firmemente o público com a frase “Nós estamos todos aqui, rindo, brincando e cantando, mas o momento é de muita seriedade”. Quando o velho, com suas histórias, afirma, “Eu sempre fui um cantor marginalizado porque sempre cantei as misérias do Nordeste, e o Nordeste sempre foi sacrificado pelos Governos”. E ainda mais quando os dois, Gonzaguinha e Gonzagão, cantam juntos as músicas clássicas nordestinas (Idem).

Nesse trecho, aparece um pouco da conotação política de parte do espetáculo, onde Gonzaguinha fala do momento difícil em que a sociedade brasileira vive, em plena ditadura militar. E depois Gonzagão falava da marginalização do seu trabalho artístico por descrever as mazelas que a região nordeste sempre sofreu. Posteriormente a coluna narra como era estar presente no espetáculo.

Um dos momentos que literalmente levanta o público é quando os dois cantam a música – título do espetáculo: *Vida de Viajante*. Com um sorriso largo e sua sanfona branca, o velho Luiz mostra o que é realmente a peregrinação de um cantor do povo, que vai levando a vida cantando e mostrando, em cada momento, a sua cultura e o seu sentimento, que são, pela forma mais simples de comunicação, talvez a mais legítima expressão de beleza artística nacional. Com isso, o ginásio do Astréa passará por um momento histórico, que raramente será repetido (*‘O Norte’*, 17/10/1981).

Assim, posso afirmar que o ápice do ano de 1981, para os artistas envolvidos no espetáculo, foi o lançamento do álbum duplo *‘A Vida do Viajante’*, fruto dos vários shows feito por pai e filho, no dia 25 de dezembro.

Figura 82 – Lançamento do disco *‘A Vida do Viajante’*



Fonte: *‘A União’*, 25/12/1981.

Sendo um sucesso de vendas, colunistas de músicas como Francisco Tico Pinto e Carmélio Reynaldo fizeram elogios ao álbum duplo proveniente da gravação dos shows³²⁶. Por isso que, “em 1982, no lançamento do disco de Gonzaguinha *Caminhos do Coração* ainda relatavam o sucesso do álbum da ‘Dupla Caipira’ Gonzagão e Gonzaguinha” (‘*A União*’, 04/07/1982).

Enfim, um disco gravado em 1979, provocou uma mudança muito grande da carreira do ‘Rei do Baião’, era um LP para homenagear seu Januário, “vovô do baião”, mas fez mais que isso, colocou Gonzaga novamente na grande mídia, e o colocou como influenciador de cantores como Alceu Valença, Fagner, Elba Ramalho, Luiz Caldas, entre outros. E fez também, a aproximação com seu filho Gonzaguinha.

O sucesso da música ‘*Vida de Viajante*’ realizou um sonho de pai e filho que foi fazer as pazes e trilhar um caminho juntos. Gonzaguinha em pleno sucesso no período da ditadura militar, fez emergir novamente um “personagem símbolo do nordeste”, a sua dita majestade, o “Rei do Baião”, que estava afastado do sucesso nacional desde a década de 1960, adquirindo inclusive uma nova estratégia de *marketing*, que foi a adoção do termo Gonzagão, nome que assinará seus trabalhos a partir do ano de 1982, e que serviu para diferenciar do diminutivo do filho.

A parceria Gonzaguinha e Gonzagão, passou do trabalho para a vida afetiva, ficaram mais tempos juntos, inclusive Gonzaguinha passou a gerenciar a carreira do pai a partir da empresa Ação Produções Artísticas. A dupla deu tão certo, que em discos subsequentes, tinham a participação de Gonzaguinha, como na música: “*Não Vendo, Nem Troco*” composição dos dois, lançada em 1981, outra música foi “*Prece Por Novo Exu*” de 1982, e “*Pense N’eu*” gravada em 1984 para o que seria novamente o show da despedida, organizado pela Rede Globo de Televisão.

Para além dos próprios esforços de Luiz Gonzaga e dessa parceria com seu filho Gonzaguinha, esse “Retorno do Rei” às paradas de sucesso contou com uma expressiva adesão de jovens cantores e compositores, que mantiveram viva a obra de Gonzaga nos anos de menor estrelato e vieram a interagir com o velho sanfoneiro nessa nova onda musical do ‘Rei do Baião’.

³²⁶ DISCOS – 5. *Vida de Viajante – Ao Vivo*, Gonzaguinha & Gonzagão, (EMI - Odeon). Francisco (Tico), Pinto, produtor radiofônico. Carmélio Reynaldo – crítico 5. *A Vida do Viajante* (Gonzaguinha e Gonzagão) Odeon/ RCA. (‘*O Norte*’, 03/01/1982).

5 *Um Rei regressado: Luiz Gonzaga e as novas gerações da MPB*

Já na década de 1970, como já vimos em relação a Caetano Veloso e Gilberto Gil, mas ainda mais intensamente na década seguinte, Luiz Gonzaga tornou-se um tipo de referencial para os artistas nordestinos das gerações subsequentes que o seguiram. Dominginhos e Gonzaguinha eram os herdeiros diretos do ‘Rei do Baião’. Mas havia outros artistas que se sentiam herdeiros de Gonzagão ou atribuíam a ele alguma influência sobre sua produção musical e, com isso, e o ‘Rei’ aproveitou para gravar com todos eles e também para ser o padrinho artístico de cantores mais identificados com o “forró”, como Pinto do Acordeon, Alcymar Monteiro, Oswaldinho do Acordeon, Jorge de Altinho, Nando Cordel, Waldonys, ou com uma produção mais diversa, muito embora em algum nível de diálogo com as raízes sertanejas, como Alceu Valença, Elba Ramalho, Fagner, Luiz Caldas, Nazaré Pereira, Quinteto Violado, Os Novos Baianos, entre outros. E esse sentimento vinha permeado por outro, qual seja, de retorno às raízes, de preservação da tradição.

Certamente, essas associações estavam longe de ser lineares e não poderiam ser interpretadas como uma mera imitação do Rei do Baião, mas como um rico e diverso diálogo de gerações, no qual não faltava às vezes estranhamento. Em alguns casos, Seu Luiz teve de se acostumar à presença de alguns cabeludos com indumentárias e costumes muito distintos dos seus, mas nesses diálogos ganhou a música brasileira.

5. 1 Volta pra Casa Luiz...

Desde que começou a ver o seu sucesso nacional declinar em alguma medida, Gonzaga foi percebendo que para permanecer na mídia teria que se aproximar da nova geração da MPB e da música regional nordestina, que surgiam entre os anos 60 e 70, alguns dos quais tinham o “Rei” como uma referência musical. Ao longo dessas décadas, como vimos, Gonzaga ensaiou várias aproximações, nem sempre bem sucedidas ou de longo fôlego, mas o sagaz sanfoneiro de Exu não era de se entregar e sua arte ainda tinha força para retomar o grande público.

Esse período da retomada das paradas de sucesso, começou com o lançamento de uma musicalidade nova com orquestra de violinos e tudo que si tem direito, isso ocorreu no disco: ‘*O Homem da Terra*’, que teve a participação especial e que acabou se tornando rotineira nos

trabalhos produzidos a partir de então, de Gonzaguinha na regravação de ‘*A Triste Partida*’, composição de poeta cearense Patativa do Assaré e cantada à primeira vez pelo ‘Rei do Baião’ na década de 1960. O LP ‘*O Homem da Terra*’, como foi dito no capítulo anterior, era um disco que possuía uma propaganda do Banco Bamerindus, mas também uma homenagem a Humberto Teixeira na música ‘*O Adeus da Asa Branca*’ composição de Dalton Vogeler.

Segundo Dreyfus (2012), nesse período Gonzaga fez uma turnê junto com Clara Nunes, Altamiro Carrilho, Waldir Azevedo, João Nogueira e João Bosco. Numa série de shows com o título “Sabor Brasil”, patrocinado pela indústria de cigarros Souza Cruz, no centro sul do país. O intuito era mostrar a mistura da musicalidade brasileira, mesclado à nova e velha geração da MPB.

Entretanto, o sanfoneiro de Exu não havia abandonado as suas ligações políticas. Assim, o envolvimento de Gonzaga com a Paraíba voltou a se estreitar neste período, a partir de uma situação local. Nesse caso, ele foi convidado para colaborar no apaziguamento de um conflito agrário acontecido próximo ao litoral do estado, mais especificamente na Fazenda Alagamar³²⁷. Essa luta pela terra já foi estudada por Dulce Cantalice (1995), Emília Moreira (1997), Vanderlan Pereira (2012) entre outros.

A disputa pela propriedade da terra começou no ano de 1975 com a morte do proprietário do estabelecimento. As terras foram arrendadas para outros fazendeiros que provocavam um estremecimento com os antigos moradores, posseiros e foreiros do local. Os trabalhadores rurais reivindicavam a posse da propriedade e os novos donos queriam expulsar os habitantes locais. Para impedir os possíveis conflitos, os agricultores contavam com a ajuda da Igreja Católica, que estava baseada nos ideias progressistas do Arcebispo da Paraíba Dom José Maria Pires, do Arcebispo de Recife e Olinda Dom Helder Câmara, entre outros.

A primeira reivindicação pela posse da terra em favor dos moradores aconteceu no dia 07 de novembro de 1978, dia da visita do então Presidente da República Ernesto Geisel ao Palácio da Redenção. Parte dos moradores da Fazenda Alagamar, pediu a intervenção presidencial no caso. As negociações pacíficas ou não, avançaram no decorrer dos anos e em 1980, o “novo” Presidente Militar veio ao estado em questão devolver a posse em favor dos agricultores de boa parte da terra em disputa.

³²⁷ CANTALICE, Dulce Maria Barbosa. **Capital, Estado e Conflito** - Questionando Alagamar. João Pessoa: Fiplan, 1985. MOREIRA, Emília. **Por um Pedaco de Chão**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1997. PEREIRA, Vanderlan Paulo de Oliveira. **Em Nome de Deus, dos Pobres e da Libertação: Ação pastoral e política em Dom José Maria Pires, de 1966 a 1980**. Dissertação de Mestrado em História. João Pessoa: UFPB, 2012.

O dia escolhido pelo Presidente João Figueiredo para o evento foi 26 de junho de 1980. E o jornal '*O Norte*' fez a cobertura política da festividade, que iniciou primeiramente por Campina Grande e, depois veio à sede do governo da Paraíba, de lá partindo para Alagamar.

O Presidente Figueiredo, falando ontem, à tarde para 2 mil agricultores reunidos na Fazenda "Maria de Mello", na região de Alagamar, a 65 km de João Pessoa, disse acreditar que a violência "jamais será usada" para resolver os problemas do campo e citou Alagamar como exemplo de soluções pacífica, "onde os trabalhadores podem, agora, afirmar de alto e bom som, que não há força humana que retire essa terra das mãos dos senhores". Discursando na mesma solenidade, o Ministro da Agricultura, Amaury Stábile, advertiu que as autoridades "não serão levadas a tomar decisões pela criação artificial de um clima de tensão social" e anunciou que a desapropriação de terras por interesse social só ocorrerá após minucioso exame e desde que represente "a solução mais adequada, esgotadas as demais alternativas de entendimento previstas na legislação" ('*O Norte*', 27/06/1980).

Na fazenda relatada os conflitos pela posse da terra não estavam totalmente sanados. Por isso o discurso buscando a pacificação das disputas. O Estado da Paraíba tinha envolvimento recente com questões agrárias eram as chamadas 'Ligas Camponesas' que tinham sofrido repressão dos governos militares. Mesmo com a participação de órgãos do governo do estado e governo federal nesta nova disputa agrária os ânimos não estavam amenos.

Em Alagamar – onde a insatisfação continua por parte da maioria dos agricultores – o Presidente conheceu a experiência da cooperativa instalada pelo INCRA para distribuir a terra entre os camponeses e visitou uma escola mantida pelo Governo Tarcísio Burity. Bem humorado o tempo todo, Figueiredo, ao descer do helicóptero, teve que se demorar 15 minutos antes de chegar ao palanque – a 8 metros de distância – pois fez questão de apertar as mãos de centenas de pessoas e populares enfileirados e de beijar escolares ('*O Norte*', 27/06/1980).

Os poderes públicos tinham criado uma cooperativa para auxiliar os agricultores no trabalho diário e uma cooperativa para subsidiar os produtos alimentícios para o consumo diário dos trabalhadores envolvidos buscando a pacificação do conflito sob a batuta do Estado. E para animar o evento e amenizar algum conflito o governador Burity contratou o sanfoneiro de Exu para tocar na entrega dos termos de posse para alguns posseiros.

Contratado pelo governo do Estado para “animar” o ambiente antes da chegada da comitiva, o cantor Luiz Gonzaga ofereceu um “show” à parte no palanque montado na fazenda “Maria de Mello”, em Alagamar. Não despertou muitos aplausos. Só uma pequena “claque” formada ao redor do palanque a aplaudia (*O Norte*, 27/06/1980).

O show de Luiz Gonzaga e seu conjunto musical na Fazenda ‘Maria de Mello’, começou muito antes da chegada do Presidente Figueiredo. Além dos moradores e vizinhos da localidade, o público contava com a participação de pessoas dos municípios de Itabaiana e Salgado de São Félix.

Entretanto o sanfoneiro de Exu não estava agradando a todos, o problema deveria ser que Gonzagão parava a apresentação para falar com o público sobre tudo o que estava ocorrendo no lugar que estava cantando. Como narra à imprensa local:

Luiz Gonzaga cantou: pouco aplausos mas muitos conselhos. Em dado momento, Gonzaga chegou a advertir: - Só espero que vocês aplaudiram o presidente. Senão, seria uma vergonha para mim. Ele intercalava suas músicas com alguns “conselhos” aos agricultores: - O nordestino tem que regressar à sua terra. Porque ir ao sul do país? Tem que voltar, principalmente agora quando as autoridades pensam em resolver nossos problemas. O nordestino não vai fazer nada em São Paulo. Vi nessa cooperativa o que não tenha visto antes. Os preços são cobrados 50 por cento a menos. É uma cooperativa bem organizada, bonita, charmosa, com preços acessíveis ao nosso povo. É tanto desconto... Tem de tudo... O governo está oferecendo todas as vantagens... Temos é que ficar no Nordeste. Eu mesmo já voltei, estou em Exu, minha terra... (*O Norte*, 27/06/1980).

A preocupação de Gonzaga era fazer os posseiros esquecer os conflitos e lutas pela terra recém-conquistada e que com isso recebesse o presidente com animação, foi para isso que havia sido contratado. E nos intervalos entre as canções orientava os agricultores para permanecer no nordeste, não migrar mais para o sudeste. Pois os que estavam lá começavam a retornar para os locais de origem e que ele estava vendo essa possibilidade a partir da harmonização de sua cidade natal depois de anos de conflitos familiares.

A notícia do impresso paraibano e seu Luiz só esqueceram de dizer que a região nordeste estava enfrentando em alguns estados outra seca calamitosa, que em muitas situações forçava os nordestinos emigrar novamente. Por isso, o show de Gonzaga não repercutiu tanto, pois ele utilizou o espetáculo para defender a política vigente numa perspectiva de apaziguamento das tensões.

Figura 83 – Gonzagão cantando ao lado de ‘Salário Mínimo’ na Fazenda “Maria de Mello” em Alagamar/PB



Fonte: Jornal ‘O Norte’, 27/06/1980.

Entre as autoridades que assistiram parte do espetáculo do ‘Rei do Baião’ estavam o governador da Paraíba, o ministro Amaury Stábile, o Chefe da Segurança Presidencial major Heitor Aquino, o secretário particular do presidente o General Otávio Medeiros, o chefe do Serviço Nacional de Inteligência (SNI), Danilo Venturini, Chefe da Casa Militar, o jornalista Alexandre Garcia, e assessores que chegaram em dois helicópteros. E no decorrer da reportagem o jornal paraibano descreve ‘o bom humor do presidente’, tentando construir em vários trechos uma imagem apaziguadora de Figueiredo e mostrando sua interação com o público do evento.

Para chegar ao palanque, a 8 metros de distância, em “Maria de Mello” o presidente gastou 15 minutos, pois fez questão de apertar as mãos de centenas de crianças já no palanque exigiu a presença do cantor Luiz Gonzaga, (que minutos antes ali estivera improvisando um show para os agricultores). Figueiredo abraçou Gonzaga, que o chamou de “meu comandante” e cantou dois baiões. - aqui está, presidente, o povo caboclo, sadio, cheio de fé no Brasil e no senhor, que é o homem mais popular deste país – disse Gonzaga, entregando em seguida um disco autografado (‘O Norte’, idem).

Cabe relatar que a relação de seu Luiz com as altas instâncias do poder vinha de longa data, de tantas campanhas políticas realizadas. E o termo ‘meu comandante’ era compreensível, Gonzaga era ex-militar e nutria discreta admiração pelos militares no governo federal e tinha amizades no campo governamental, embora não fizesse apologia da ditadura. A notícia não descreve as músicas cantadas na oportunidade desse show em Alagamar. Mas provavelmente o disco entregue ao presidente era o LP ‘O Homem da Terra’, que Gonzaga estava fazendo a divulgação nesse período.

E antes de encerrar a apresentação, o cantor disse ao Presidente Figueiredo que tinha guardado um presente para entregá-lo, era chapéu de couro para lhe dar, “mas esqueci de trazê-lo. E iria pedir a V. *Excia*; que tirasse uma foto com esse meu chapéu suado, mas seria falta de ética³²⁸”. Segundo a reportagem o presidente ‘descontraído’ do jeito que estava, pegou o chapéu do sanfoneiro e posou para os fotógrafos e ficou no palanque com o símbolo nordestino instituído pelo Gonzagaão.

Figura 84 – Figueiredo usando o chapéu de Luiz Gonzaga na Paraíba



Fonte: Jornal ‘O Norte’, 27/06/1980.

Era a primeira vez um presidente da república militar e/ou civil usava o chapéu que tinha sua origem iconográfica nos cangaceiros de Lampião que foram perseguidos e derrotados durante o governo militar de Getúlio Vargas e que posteriormente Gonzaga tinha se apropriado da simbologia a partir de sua indumentária. Lembrando que sua utilização na política havia ocorrido com Assis Chateaubriand também na Paraíba na campanha senatorial extemporânea ocorrida no ano de 1951.

Essa representação ganhou novas formas, a partir da utilização por Figueiredo, passou a ter o sentido de ser o chapéu do ‘Rei do Baião’ e utilizado nas campanhas eleitorais subsequentes até hoje. Políticos como Fernando Henrique Cardoso, José Serra, Aécio Neves, Geraldo Alckmin, Fernando Haddad e o atual presidente da república já usaram o chapéu de

³²⁸ Jornal ‘O Norte’, 27/06/1980.

couro para se associar à cultura nordestina na busca por votos na região. Podemos dizer, nesse caso, que Lula consiste numa exceção, pois é nordestino e entende o poder simbólico desse artefato local.

Foi a partir dos anos 80, que começaram a se intensificar as homenagens ao ‘Rei do Baião’. Posso citar o décimo quarto Festival de Jazz de Montreux, na Suíça³²⁹. Na chamada “Noite Brasileira” do festival, em 05 de julho de 1980, se apresentaram o sanfoneiro, Oswaldinho do Acordeon, filho de Pedro Sertanejo e afilhado musical de Gonzaga e o guitarrista Pepeu Gomes. Juntos no palco o integrante dos tropicalistas ‘Novos Baianos’ apresentou a seguinte canção:

*Rei do Baião
(Pepeu Gomes e Baby Consuelo)*

[que forró da gosta serena!... hei]

*Quando eu cheguei lá no sertão
Eu conheci Luiz Gonzaga, meu irmão
Quando eu cheguei lá no sertão
Eu conheci Luiz Gonzaga, meu irmão*

*Eu agradeço a Deus por isso
Que para mim foi à maior emoção
Naquele dia de grande luz
O baião conquistou meu coração*

*Gonzaga, sanfoneiro do sertão
Gonzaga, seu chapéu e seu gibão
Gonzaga, o romeiro do sertão
Gonzaga, sempre o rei do baião*

[solta os bicho, Jorginho]

*Quando eu cheguei lá no sertão
Eu conheci o Oswaldinho, meu irmão
Quando eu cheguei lá no sertão
Eu conheci o Oswaldinho, meu irmão*

*Com a sanfona arrepiou
E no baião ele mostrou
E com seu jeito gostoso de tocar
Sua estrela para sempre vai brilhar*

*Gonzaga, sanfoneiro do sertão
Gonzaga, seu chapéu e seu gibão*

³²⁹ O Festival de Jazz de Montreux é um dos mais importantes e prestigiados festivais internacionais de música da atualidade, criado em 1967, pelo produtor musical Claude Nobs e realizado anualmente nos verões, na cidade suíça de Montreux. Desde finais dos anos 70, a música brasileira tem destacada participação no Festival. <https://www.montreuxjazzfestival.com/en/festival/about-montreux-jazz-festival/>. Acesso em 09/10/2020.

*Gonzaga, o romeiro do sertão
Gonzaga, sempre o rei do baião*

Essa apresentação não era a primeira de Pepeu Gomes, uma vez que no festival de 1978 já havia se apresentado ao lado de Gilberto Gil. Em 1980, essa música foi à sétima apresentada no show e os acordes da sanfona elétrica foram feitas por Oswaldinho, que também foi lembrado na composição. Observo que as representações do sertão criadas por Gonzaga durante sua carreira estão presentes, como um sertanejo festivo, religioso e sua simbologia estava ratificada pelo chapéu de couro e gibão. Deixando transparecer a admiração da juventude que produzia a nova sonoridade do país por Luiz Gonzaga.

Juntamente nessa mesma semana, mais precisamente no dia 09 de julho, o sanfoneiro de Exu, estava realizando uma apresentação que ele considerou como sendo o ápice de sua carreira artística. Que foi quando tocou e cantou em Fortaleza para o papa João Paulo II, que estava em visita oficial ao Brasil. Gonzaga sempre foi muito religioso, por influência de dona Santana e em diversos discos de sua carreira a temática religiosa foi cantada. Então a admiração pelo líder a igreja católica era imenso.

Figura 85 – Luiz Gonzaga e o Papa João Paulo II



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/483925922451772762/>. Acesso em: 08/08/2020.

Era a primeira visita do Papa João Paulo II ao Brasil, que havia iniciado no dia 30 de junho. E que durou 12 dias, percorreu aproximadamente 14 mil quilômetros, visitando as seguintes capitais: Brasília, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Vitória, Porto Alegre, Curitiba, Manaus, Recife, Salvador, Belém, Teresina, Fortaleza e a basílica de Aparecida do Norte, no interior de São Paulo.

Com o Estádio Governador Plácido Castelo (o Castelão) lotado e após vários empurrões sofridos e uma queda que o machucou, Luiz Gonzaga cantou para o sumo pontífice as canções: ‘Asa Branca’ e ‘Obrigado, João Paulo’, que era um baião que havia escrito em

parceria com o padre Gothardo Lemos³³⁰. O papa agradeceu a homenagem, foi o momento que o ‘Rei do Baião’ se aproximou do dito Monarca de Roma. “Quando eu acabei de cantar, me aproximei dele e ele disse: ‘Obrigado, cantador’. Então eu acho que atingi o máximo (DREYFUS, 2012, p. 288).

A apresentação teve a cobertura da imprensa, mas a notícia principal do dia ao qual Gonzaga se fez um show para *Karol Wojtyla* foi à morte do *poetinha* Vinicius de Moraes. Assim quando pesquisado nos jornais paraibanos o ápice da carreira de seu Luiz não tinha nenhum relato.

Figura 86 - Capa e contracapa do disco em homenagem ao Papa João Paulo II



Fonte: <http://www.forroemvinil.com/compactos/compacto-luiz-gonzaga-2/>. Acesso em: 08/08/2020.

Essa apresentação deu origem a um disco compacto, com as músicas: ‘*Louvação a João XXIII*’, composição de Nertan Macedo³³¹ e do religioso Monsenhor João Guedelha Mourão. E ‘*Obrigado, João Paulo*’. Cabe dizer que a canção do lado B desse compacto, “*Louvação a João XXIII*”, foi gravada originalmente pela dita majestade do nordeste em 1967, no LP “*O sanfoneiro do povo de Deus*”, que reunia várias músicas de cunho religioso.

A gravadora RCA percebeu a retomada da carreira do sanfoneiro de Exu, e iniciou um processo de modernização tecnológica das músicas que foram sucesso no passado ou no decorrer das décadas de ostracismo parcial do cantor e compositor nordestino. Com isso, o primeiro disco lançado no ano de 1981, foi o LP *Luiz Gonzaga volume 03*. Que era uma sequência de compilações dos grandes sucessos, assim, o volume 01 saiu no ano em 1971 e o volume 02 circulou em 1979.

³³⁰ Gothardo Thomaz de Lemos, (Quixadá – CE, 22/09/1928 – Fortaleza, 05/02/2015). Foi um professor de Sociologia, compositor, padre e torcedor símbolo do time do Ceará.

³³¹ Nertan Macêdo (Crato, 20/05/1929). É um escritor e compositor cearense, com importante obras sobre a história e cultura regionais.

O volume 03 tinha início com a canção de Geraldo Vandré, '*Para Não dizer Que Não Falei de Flores*', que era uma das músicas usadas na década de 1970 para aproximar Gonzaga da nova geração. Na sequência vinham composições de Humberto Teixeira, Zé Dantas, Guio de Moraes, '*Súplica Cearense*' de Gordurinha e Nelinho, e uma composição de Anastácia e Dominguinhos, '*Alegria de Pé de Serra*'.

Fato a ser citado era que a última faixa do disco que trazia '*Forró de Mané Vito*', que foi a primeira música que Gonzaga tinha gravado em 1949, e que aparecia no título a palavra forró, que tinha o sentido de casa de show, mas que na década de 1980, passou a ser o ritmo que modernizava o baião gonzagueano. É também o ritmo pelo qual Jackson do Pandeiro buscava retornar a grande mídia com *Long Play* '*Isso é que é Forró*' que tiveram como músicas de destaque: '*Cabeça Feita*' e '*Tem Pouca Diferença*'. Esse estilo musical ficou em segundo plano na carreira do filho de Januário, por causa do sucesso do Baião, que deu a coroa a Luiz Gonzaga.

Verificando a discografia observa-se que há registro de mais 24 músicas tendo como título diretamente o verbete forró. A maioria lançadas na década de 1980 e em parceria com o compositor João Silva.

Outra jogada de marketing, que vale salientar, foi que a gravadora de Luiz Gonzaga, buscando a retomada do espaço midiático nacionalmente e estimulou parcerias, criadas para as regravações de músicas do 'Rei do Baião'. O primeiro exemplo foi o LP '*A Festa*', lançado no mês de abril de 1981, e que contou com a parceria cada vez mais frequente com seu filho, Gonzaguinha, na música de sua composição: '*Não Vendo, Nem troco*'.

A primeira faixa tinha uma das músicas mais conhecidas do país, a canção '*Luar do Sertão*', composição de Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco. Para cantar ao lado de Luiz Gonzaga convidaram um dos cantores e compositores que estava nas paradas de sucesso nacionalmente, Milton Nascimento. Sobre o encontro Gonzaga relatou:

Nós nem ensaiamos, todo mundo sabe cantar essa música. [...]. Depois pediram pra gente posar juntos para uma foto. Aí eu falei pro Milton: 'Olha, eu tenho uma ideia genial. Você não precisa se promover, porque você é um grande astro. Mas eu tenho interesse em me promover à custa de seu nome, então será que dá pra gente trocar de aparências?'. Ele achou graça, e aceitou a gente trocar de chapéu (DREYFUS, 2012. p. 289).

Na verdade a troca não foi só de chapéu e sim da indumentária completa. E o sanfoneiro de Exu sabia o exatamente o que estava fazendo, uma vez que associava a sua

imagem ao cantor mineiro que tinha liderado o movimento musical Clube da Esquina nos anos 70 e estava em um momento de bastante sucesso em sua carreira. Para Milton também tratava-se de uma deferência a um dos mais importantes representantes da música brasileira. A foto ficou famosa e circulou nos jornais do país.

‘A Festa’ ainda tinha a participação de Dominginhos em ‘Depois da Derradeira’, composição sua com Fausto Lino. E em duas músicas a contribuição de Emilinha Borba, que cantou ‘Paraíba’, sucesso na voz na década de 1950 e uma composição inédita de Gonzaga e Dalton Voleger em ‘O Resto A Gente Ajeita’. Emilinha Borba, uma das rainhas do rádio, no mesmo período em que seu Luiz tinha adquirido sua monarquia, também estava tateando, buscando seu retorno as paradas de sucesso, e por isso, a parceria era fundamental para ambos nesse intuito.

Nesse mesmo LP dois parceiros do sanfoneiro famoso de Exu, emprestaram seu talento e voz. O primeiro era Nelson Valença, que tinha produzido uma canção ‘Pesqueira Centenária’ (como subtítulo tinha o nome ‘A Festa Que Vamos Dar’), em homenagem ao primeiro centenário de fundação da cidade de Pesqueira no interior de Pernambuco. Segundo letrista era o poeta paraibano Zé Marcolino, na regravação da música ‘Cacimba Nova’. Das 12 faixas do disco somente cinco não tinha convidados para cantar com rei.

Entretanto, o disco mais comentado desse ano chegou às lojas em maio, era a parceria entre pai e filho pensada desde 1979 e colocada em prática no ano de 1980, e somente lançado em 1981, estou falando do LP duplo da turnê ‘Vida de Viajante’.

Figura 87 – Capa e contracapa do LP duplo da turnê que aproximou pai e filho



Fonte: <https://immub.org/album/a-vida-do-viajante-luiz-gonzaga-e-gonzaguinha>. Acesso em: 08/08/2020.

A capa do disco duplo trazia o título: *‘Discanço em casa moro no mundo’*, que era título de uma música instrumental composição de Gonzaguinha, Jota Moraes e Ari Piassarollo, tocada nos intervalos do espetáculo. Somente na contra capa vinha o nome dos shows que aproximaram pai e filho. Portanto, era uma mescla entre os grandes sucessos do pai e do filho que o público tinha gostado.

O LP tinha o selo de três gravadoras a EMI, a qual Gonzaguinha era contratado e as Odeon e RCA que Luiz Gonzaga possuía vínculos. O disco iniciava com os sucessos de Gonzaguinha, depois pai e filho cantavam juntos e ao final Gonzaga canta sozinho e ao final encerravam com a música que deu origem a turnê, *‘A Vida de Viajante’*.

Além de tudo, um fato político curioso ocorrido em 30 de abril de 1981, denotou a posição de Gonzaga perante as novas demandas que se colocavam. O referido acontecimento foi a sua participação, a convite de Chico Buarque, para ser homenageado na festividade do Primeiro de Maio organizado pelo Centro Brasil Democrático (Cebrade), presidido pelo arquiteto Oscar Niemeyer e ligado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). A festa contou com a presença do próprio Chico Buarque, A Cor do Som, Ângela Rô Rô, As Frenéticas, Djavan, Gal Costa, Elba Ramalho, Simone, Clara Nunes, Cauby Peixoto, Céu da Boca, Fagner, Dona Ivone Lara, João Bosco, João Nogueira, João do Vale, Miúcha, MPB 4, Gonzaguinha, Ney Matogrosso, Renato Ribeiro, Paulinho da Viola, Alceu Valença, Beth Carvalho, entre outros artistas.

No meio do espetáculo enquanto Alceu Valença cantava, um barulho ocorreu no estacionamento, uma bomba tinha estourado. Esse incidente ficou conhecido como atentado do Centro de Convenções do Riocentro, no Rio de Janeiro. Em declaração para a imprensa o ‘Rei do Baião’ disse que repudiava o atentado com conotações políticas. E que lá todos estavam para fazer o show para os trabalhadores.

Continuando sua faina, em 1982 foram lançados 04 LPs, a partir de agora Gonzaga passou a ser chamado de Gonzagão. E o primeiro desses discos foi *‘O Rei Volta Pra Casa’*, que contou com os arranjos, melodias e sonoridades do Quinteto Violado e a participação da Orquestra do maestro Clóvis Pereira. A faixa número um era a que dava nome ao disco, era uma entrevista feita por Aguinaldo Batista, que apresentava fases da vida de seu Luiz, intercalando com canções que foram sucesso e estavam de volta nas rádios nordestinas, enquanto era entrevistado o Quinteto Violado cantava pedindo *“Volta pra casa, Luiz”*. Além de dar outros acordes para *‘Juazeiro’* de Humberto e Gonzaga. Cabe relatar que como passou a ser tradicional Gonzaguinha interpretou *‘Asa Branca’*.

Foram organizados dois discos tendo como título ‘*Os Grandes Momentos de Luiz Gonzaga*’, o primeiro pela gravadora RCA e que trazia ‘*Luar do Sertão*’ cantada em parceria com Milton Nascimento e o segundo LP foi produzido pela gravadora ‘Som Livre’, ligada à Rede Globo de Televisão, que realizou a divulgação por meio de uma propaganda do disco no canal em nível nacional. E o ano finalizou com a colocação no mercado de o ‘*Eterno Cantador*’. Que começou a cantar composição da nova geração da música nordestina, posso citar Jurandy da Feira³³², a canção era ‘*Fruto da Terra*’. E pela primeira fez uma parceira com a paraibana Elba Ramalho, na regravação da letra de Zé Dantas, ‘*Farinhada*’. Essa dupla se intensificou nos próximos vinis do Gonzagão.

Entretanto, o ápice do ano de 1982, foi ir tocar pela primeira vez na capital da França. A organizadora do show foi à cantora Nazareth Pereira³³³. Radicada em Paris, era considerada uma ‘embaixatriz’ da MPB na Europa. E a música nordestina veio à proa, quando em um show de 1981, na casa de espetáculo Bobino ‘*O Cheiro da Carolina*’ (Zé Gonzaga e Amorim Rego), celebrizada pelo Rei, movimentou o público. Que ficou curioso para descobrir quem era o autor. Isso rendeu para o ‘Rei do Baião’ o convite para se apresentar na ‘Cidade Luz’.

Figura 88 – Nazaré Pereira e Luiz Gonzaga na *Champs Elysées* com o Arco do Triunfo ao fundo.



Fonte: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2012/08/02/os-valetes-do-rei-do-baiao-contam-a-sua-historia-51334.php>. Acesso em: 10/08/2020.

Gonzagão passou dez dias em Paris. Tirou fotos na avenida ‘*Champs Elysées*’ e na Torre ‘*Eiffel*’, deu várias entrevistas de divulgação do show para a imprensa escrita e falada. Aproveitou a oportunidade e jantou com o cineasta Nelson Pereira dos Santos e com o economista Celso Furtado.

³³² Jurandy Ferreira Gomes (Tucano – BA, 02/11/1950). Cantor, compositor e violeiro. Foi Luiz Gonzaga que deu o apelido de Jurandy da Feira. Fonte: <http://dicionariompb.com.br/jurandy-da-feira>. Acesso em: 10/08/2020.

³³³ Maria de Nazaré Pereira (Xapuri - AC, 10/12/1940. É uma cantora, compositora e atriz. Fonte: <https://www.g1.globo.com/pa/para/e-do-para/noticia/2019/01/05/conheca-a-historia-da-cantora-nazare-pereira-sucesso-dos-anos-80-e-apaixonada-pelo-para.ghtml>. Acesso em: 28/12/2019.

Quando estava na Torre Eiffel cantou a música ‘Boiadeiro’, a qual abria seus shows. E disse: “*Alô Paris aqui ta o Luiz, feliz. Alô francês chegou a minha vez. Essa é que é a história. É manhã bonita, iluminando o ‘Rei do Baião’. É hoje só, amanhã não tem mais*”³³⁴. Estava vestido com chapéu de couro e gibão. Na sequência também apresentou seu sucesso recente ao lado do filho, ‘*Não Vendo Nem Troco*’, que tinha ganhado um clipe no fantástico.

No dia da apresentação teve como acompanhamento os músicos de sua anfitriã Nazaré Pereira, que subiu ao palco para cantar ‘*O Cheiro da Carolina*’. Entre o público ouvinte além do público francês, estavam jornalistas, brasileiros de várias partes da Europa, e à cantora Maria Bethânia. O jornal ‘*A União*’ deu destaque ao feito na reportagem: ‘*Sucesso em Paris – Gonzaga*’ relatando:

O cantor Luiz Gonzaga, que voltou sábado [dia 22] de Paris, após fazer uma única apresentação, com grande sucesso, no teatro Bobino, deixou o público entusiasmado com a sua música, ‘a tal ponto que me senti como se estivesse cantando no Brasil, em 1950, quando eu estava no meu apogeu’ (‘*A União*’, 25/05/1982).

Na viagem o sanfoneiro de Exu ficou emocionado com a apresentação e relembrou o auge de seu sucesso. O show tinha acontecido no domingo dia 16 de maio, e Gonzaga aproveitou alguns dias de folga ao lado de dona Helena para conhecer a famosa capital francesa.

Figura 89 – Seu Luiz e Dona Helena tomando chá em frente ao Le Bobino



Fonte: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2012/08/02/os-valetes-do-rei-do-baião-contam-a-sua-historia-51334.php>. Acesso em: 10/08/2020.

A viagem foi tão proveitosa que compôs a canção ‘*Acre Doce*’, ao lado de Nazaré Pereira. Era uma letra em homenagem à cidade natal da ‘embaixatriz’ da MPB em território

³³⁴ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=DA9VHrVsLM8>. Acesso 10/08/2020.

francês. E por fim, o ano de 1982 termina em festa. Com o retorno do filho famoso para residir em Exu, de onde havia saído quase menino, tantos anos atrás. E o *‘Diário de Pernambuco’* fez a cobertura do evento na reportagem *‘Exu Festeja Volta de Luiz Gonzaga’*

Exu – A volta definitiva do cantor Luiz Gonzaga a Exu será comemorada no dia 12, nesta cidade, com uma grande festa que está sendo organizada pela Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, Prefeitura de Exu, Rede Globo e outras entidades. O governador José Ramos e o ex-governador Marco Maciel estarão presentes aos festejos, que contarão com a participação de vários artistas brasileiros e grupos folclóricos da região. Já foi solicitado ao Conselho Nacional de Petróleo a abertura dos postos de gasolina nas cidades que ficam na rota de acesso a Exu, possibilitando assim o deslocamento do público de vários pontos do nordeste. A festa deverá começar logo na manhã do dia 12 e será encerrada com um grande show (*‘Diário de Pernambuco’*, 03/12/1982).

A mídia e vários órgãos governamentais deram ampla cobertura ao retorno do filho de Januário a sua terra natal. Essa festa teve a participação dos políticos locais, principalmente os pernambucanos que além de recepcionar Luiz Gonzaga, aproveitaram para inaugurar o trecho da BR 122, que entre Ouricuri e Exu recebeu o nome de Rodovia Asa Branca. E para isso, foi criada uma rede federal de postos de gasolina, com o intuito de interiorizar rotas de transportes interestaduais.

Era a terceira vez que Gonzaga mudava a sede da corte do baião. No início da carreira nos anos de 1940, a monarquia do baião era no Rio de Janeiro, depois na década de 1950 com a mudança da gravadora RCA, o público alvo das canções de Gonzaga passaram a ser os migrantes nordestinos que chegavam em São Paulo. Em 1986, no LP *‘Forró de Cabo a Rabo’* a *‘Rodovia Asa Branca’* ganhou uma composição.

*Eu vi um dia
Dois homens fazer um trato
De ligar Exu ao Crato
Pernambuco ao Ceará
O homem de cá
Trabalhou chegou primeiro
E o de lá também ligeiro
Num dançou eu chego lá*

*Olha o homem aí
É gente da gente
Olha o homem aí
Alegre e contente*

Olha os homem aí

*É o povo que diz
Olha os homem aí
Juntos com Luiz*

*Roda, rodada
Rodando, roda rodeia
Rodovia, Asa Branca
Tá todinha prá você
Olha o homem aí....*

*Ei, êi...
É Asa Branca voltando
É carreta rodando
É o povo cantando
Junto com Luiz*

*Olha os homem aí...
Roda, rodada...*

*Ê,ê
Vocês precisavam também ver
Os dois homem de manga de camisa
Abraçados em cima da divisa
Pernambuco e Ceará
Naquela data tão festiva
Pareciam imitar o Patativa
Você canta lá
Que eu canto cá.*

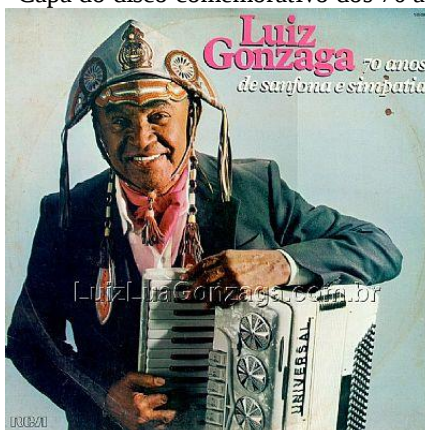
A estrada simbolizava a almejada “chegada da civilização” e a união entre o estado da poesia de Patativa do Assaré com o estado do ‘Rei do Baião’. E a partir de 1982 o reinado chegou definitivamente a Exu, que ficava no interior da região e com isso facilitava o deslocamento para aos estados nos quais o sanfoneiro ainda mobilizava grande público. Marco Maciel, que tinha em Gonzaga seu principal cabo eleitoral e foi por seu empenho político e proximidade com o presidente João Figueiredo que houve a ideia da rodovia federal e dos postos de combustíveis passando por Exu. Era na hora do ‘Rei ’ voltar para a casa.

Em diversas ocasiões Luiz Gonzaga anunciou que um dia deixaria o Rio de Janeiro, onde mora há muito tempo, esquecendo as tournées e voltaria a morar em Exu, onde nasceu e tem uma casa, onde passa suas férias. Agora a decisão foi tomada e Exu vai comemorá-la, prestando uma grande homenagem ao ‘Rei do Baião’. Criador de muitos sucessos, Luiz Gonzaga tem sido o maior divulgador dos ritmos nordestinos, influenciando diversas gerações de músicos brasileiros. Sempre cantando temas regionais, é considerado pela crítica e pelo público um dos mais importantes compositores da música popular brasileira (*‘Diário de Pernambuco’*, 03/12/1982).

O que deu subsídio para a mudança de Luiz Gonzaga foi à pacificação de seu Exu. Depois de décadas de conflito pelo poder ou por vingança a cidade vivia em relativa paz após a intervenção militar. E agora, seguindo a rota da Asa Branca, que, segundo as suas aspirações, permitiria a volta dos períodos de bonança ao reino do baião, o velho sanfoneiro se via regressado para sua cidade de origem.

Em 1983 Gonzagão chegava à faixa etária dos septuagenários e a RCA comemorou lançando o disco: ‘*Luiz Gonzaga - 70 anos de Sanfona e Simpatia*’. Com destaque para a parceria com o compositor Téo Azevedo, na canção: ‘*A Peleja do Gonzagão X Téo Azevedo*’, que era nada mais nada menos do que uma disputa muito divertida de qual lugar era melhor, o nordeste de seu Luiz ou Minas Gerais, terra do autor da canção.

Figura 90 – Capa do disco comemorativo dos 70 anos de idade



Fonte: <https://immub.org/album/70-anos-de-sanfona-e-simpatia>. Acesso em: 08/08/2020.

O LP tinha na primeira faixa, “*Sequei os Olhos*” (Luiz Gonzaga e João Silva), uma música protesto sobre nova seca que assolava a região. Uma das faixas mais destacadas foi parceria entre Gonzaga e Alceu Valença em ‘*Plano Piloto*’ composição de Carlos Fernando e Alceu Valença. Sobre esse encontro musical o pernambucano de São Bento do Luna disse:

A gente tinha se conhecido em 1982, em Natal, no show *Nordeste Urgente* para os flagelados. Depois a gente se encontrou em São Paulo. [...]. Quando a gente gravou “Plano Piloto”, ele me disse: “Olha, você, que é mais novo, vai no corredinho, e eu caio no xote, que é mais devagarzinho” (DREYFUS, 2012, p. 295).

Alceu Valença fazia parte da nova geração musical nordestina que usava os cabelos longos em relação aos quais, tanto Gonzaga, quanto Jackson do Pandeiro tinham preconceito, pois acusavam ‘os cabelos’ da perda do seu espaço musical no centro sul do país. Estou

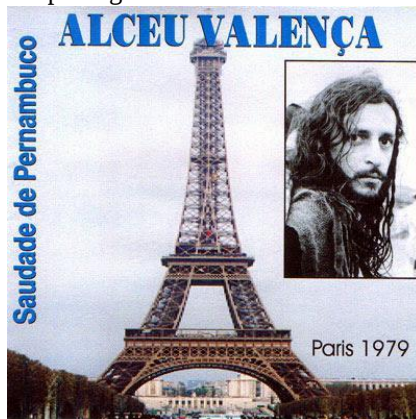
citando Jackson porque ele foi o primeiro artista que produziu a música nordestina que Alceu se aproximou. “Ele não gostava nada de cabeludos, a quem associava ao pessoal da Jovem Guarda, movimento que, segundo ele [Jackson], estava acabando com a música brasileira³³⁵”.

Valença procurou o cantor de Alagoa Grande, pois havia inscrito a música ‘*Papagaio do Futuro*’ no VII Festival Internacional da Canção (FIC) de 1972, era a uma sonoridade muito próxima da realizada pelo ‘*Rei do Ritmo*’ no auge do sucesso. Após apresentar a letra em forma de coco, Jackson disse: “Esses dois cabeludos não são cabras safados, não. E foi assim que ele aceitou participar do festival conosco” (‘*Correio Braziliense*’, 31/08/2019). Devido a problemas técnicos na acústica do Maracanãzinho foram eliminados, mas tiveram sua apresentação gravada no LP que saiu naquele ano das melhores músicas.

A aproximação de ambos que continuou ao longo da década de 1970 rendeu o contrato para apresentação no ‘*Projeto Pixinguinha*’ em 1978, começando em 1º de maio em São Paulo, indo depois para o Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Belém entre outras cidades, durando até junho. A partir desse conjunto de espetáculos juntos, Jackson incentivou Alceu a cantar ritmos carnavalescos nordestinos. Ele relatava “Pra cantar frevo, tem que ter queixada, ou seja a capacidade de articular as palavras dentro da métrica. A partir de seu incentivo passei a cantar e compor frevos”.

Na década de 1970, Alceu já tinha gravado três LPs no Brasil, quando viajou para a França e lá tão longe continuou desenvolvendo suas influências musicais, ouvidas desde criança. Gravando o disco: ‘*Saudade de Pernambuco*’, música que tinha sido sucesso na voz de Gonzaga no auge do baião em 1953. Esse disco realizado em 1979, mas só veio a ser lançado no Brasil décadas depois.

Figura 91 – Capa original do disco ‘*Saudade de Pernambuco*’



Fonte: https://www.diariodaregiao.com.br/_conteudo/blogs/mochilacultural/a-saudade-de-pernambuco-do-cantor-alceu-valen%C3%A7a-1.653682.html. Acesso em: 08/08/2020.

³³⁵ Fonte: ‘*Correio Braziliense*’, 31/08/2019.

A capa LP possuía a imagem do famoso monumento de Paris, e a música que daria no ao disco era sucesso nos shows que Alceu fazia na ‘Cidade Luz’. Quando Alceu resolveu voltar para o Brasil. A primeira pessoa que ele procurou novamente foi Jackson do Pandeiro, que estava esquecido pela mídia muito semelhante a Luiz Gonzaga. Com o retorno Valença apresentou para o ‘Rei do Ritmo’ ‘Coração Bobo’ e se inscreveram para o Festival da Tupi de 1979. Sendo eliminados do mesmo jeito. Mas o selo Ariola gostou da música e lançou num disco de mesmo nome tornando-se o sucesso pioneiro de Alceu nacionalmente.

A boa relação com o ‘Rei do Ritmo’ só se encerrou em 1982, ano da morte do paraibano famoso. Foi a partir daí, que Valença procurou sua outra referência de nordestinidade, Luiz Gonzaga. E em 1983 começaram a produzir juntos, isso explica a música ‘Plano Piloto’ e a relação profícua de ambos nos anos seguintes.

Por fim, o *Long Play* ‘Saudade de Pernambuco’ voltou à tona de novo em 1990. Quando foi redescoberto por um técnico da Rádio Transamérica. Após tudo isso, foram feitos melhoramentos tecnológicos para ser lançado numa tiragem limitada em 1998. A nova capa escolhida, de outra foto de Alceu dos anos 70, era mais ligada à iconografia estética desenvolvida por Gonzaga no decorrer da carreira.

Figura 92 – Alceu Valença um cangaceiro em Paris



Fonte: <https://portalcbncampinas.com.br/2018/04/alceu-valenca-saudade-de-pernambuco/>. Acesso em: 08/08/2020.

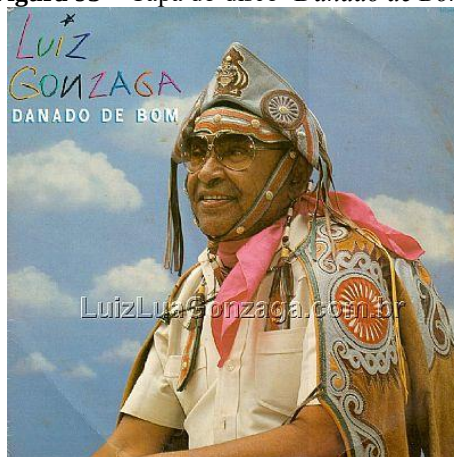
Era um Alceu vestido com um gibão e o chapéu de cangaceiro em pleno jardim parisiense, era o cangaço chegando à capital francesa. Mesmo que só tenha conhecido pessoalmente o ‘Rei do Baião’ em 1982, Alceu já recebia essa influência da cultura sertaneja e da estética do cangaço nos anos 70, por ter usado essa indumentária, mas também por

menções musicais a essas influências em algumas de suas produções, tal como em *Espelho Cristalino*, de 1977, no qual dizia “*meu anel, cravejado de brilhantes, são os olhos do Capitão Curisco*”.

Verificando a discografia no *site* do cantor pernambucano não consta no catálogo oficial de Alceu Valença, e quase ficou esquecido na história e das análises representativas que podem ser realizadas. Não obstante, seu relançamento décadas após à feitura, deixa evidente as buscas de aproximações entre essas diversas referências na obra de Alceu e não escapa a identidade entre a faixa título e um antigo sucesso homônimo de Gonzaga, de 1953. Nas décadas seguintes, mesmo após o falecimento de Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga, Alceu Valença sempre fez questão de frisar as ricas influências recebidas de ambos.

O ano de 1984 começou com uma estratégia para melhorar a vendagem dos discos do Gonzagão, conduziram a sua produção para o selo mais barato e popular da RCA. O que ocorreu? As vendagens que ficavam na média de 25 mil LPs desde a década de 1960, passaram para 200 mil cópias a partir do *Long Play* ‘*Danado de Bom*’.

Figura 93 – Capa do disco ‘*Danado de Bom*’



Fonte: <https://immub.org/album/danado-de-bom>. Acesso em: 08/08/2020.

A união Luiz Gonzaga e João Silva rendeu o primeiro disco de ouro para o sanfoneiro de Exu em 1984, com o lançamento do LP ‘*Danado de Bom*’. Que contava com quatro composições de João Silva. Sobre o disco o jornal ‘*A União*’ escreveu:

[...] Luiz Gonzaga. Ele acaba de conquistar o seu primeiro Disco de Ouro por vendagem: *Danado de Bom* ficou prá, lá de ótimo depois de varar esse Brasil e vendeu 100.000 cópias, provando que a sanfona do Gonzagão é de ouro mesmo e está chegando onde merece. Nos próximos dias a Rede Globo vai reprisar o especial *Danado de Bom*, onde o Lua anunciou seus planos: “Este foi o meu último show, agora vou partir para uma vida mais tranqüila no meu pé de serra, junto da mulher que me espera há mais de 30 anos. A

sanfona está muito pesada”. Na verdade, isso deve ter sido mais uma das do Rei do Baião, como a declaração” (*A União*, 29/06/1984).

Lançado em fevereiro, ‘*Danado de Bom*’ tinha como principal responsável um poeta de que precisava para desenvolver o forró como o grande ritmo do momento, que era João Silva. As palavras de Gonzaga foram: “E quando o forró começou a subir eu vi que ele era um bom forrozeiro, então fui para a casa dele e falei assim: ‘João, o forró agora está muito forte e eu quero trabalhar com você’” (DREYFUS, 2012, p. 300).

A partir de ‘*Danado de Bom*’, foram às parcerias com João Silva que puxaram todos os discos de Gonzaga. Outro fato a se relatar era que as músicas nos discos não eram mais baião, todas vinham como o ritmo forró, mesmo que fosse alguma regravação das décadas anteriores. Grande sucesso foi à faixa “*Sanfoninha Choradeira*”, que Gonzaga cantou com Elba Ramalho, foi algo arrasador na mídia. Tanto que a gravadora da cantora acabou não gostando, porque as rádios só tocavam essa música dela. Outro grande sucesso do disco foi um pout-pourri com Fagner. Sobre o LP o jornal ‘*A União*’ deu destaque:

O fato é que esse é o 48º LP do Mestre Lua foi gravado em clima de muita emoção e ao lado de gente querida. [...]. *Danado de Bom* é o título de um dos forrós desse disco que conta com a participação de Gonzaguinha, Dominguinhos e Elba Ramalho, e a surpresa de Fagner, num encontro histórico, a cantar um *pout-pourri* dos grandes sucessos da carreira de Luiz Gonzaga: *Respeita Januário*, *Riacho do Navio* e *Forró no Escuro*. Num clima misto de descontração e reverência – Gonzagão exerce forte influência sobre todos os convidados – Gonzaguinha compôs, no próprio estúdio, *Pense N’eu*, um baião – resposta para *Lula, meu Filho*: “Minha criatividade jorra como petróleo árabe quando estou trabalhando com meu pai. Afinal não é todo mundo que tem a sorte de poder gravar um disco com um pai tão ilustre”. - Com Gonzagão eu piso 200 – dizia Elba Ramalho, entusiasmada com o disco no qual participa cantando *Sanfoninha Choradeira*. “Elba é a própria sanfoninha”, definiu Luiz. Como Fagner e Dominguinhos, Elba estabelece linha direta entre seu trabalho e o de Gonzaga: “É meu mestre. Foi ele que me deu régua e compasso”. E foi na *Discoteca do Chacrinha*, na TV Globo; que Luiz Gonzaga recebeu o seu Disco de Ouro, prêmio a que fez jus por ter vendido as primeiras 100.000 cópias. Agora, é trabalhar e chegar ao Disco de Platina (*A União*, 29/06/1984).

E três meses mais tarde, em maio, recebeu o primeiro disco de ouro da carreira. “O LP que ainda recebeu um segundo disco de ouro. O sucesso de ‘*Danado de Bom*’, que ia se

repetir com os discos seguintes, comercialmente se explica pela reorientação, pela RCA, da política de divulgação de Luiz Gonzaga³³⁶.”.

Os dois discos de ouro representaram para o Gonzagão a consolidação da carreira na década de 1980, ele agora estava presente em todas as mídias, fazia com frequência apresentações em programas como o dominical *Som Brasil*³³⁷ apresentado por Rolando Boldrin e posteriormente por Lima Duarte, na Rede Globo, que o convidou para fazer o especial ‘*Danado de Bom*’, que foi aproveitado para servir como despedida da carreira.

Figura 94 – Capa do show da despedida gravado em 1984 e lançado em formato de DVD em 2003.



Fonte: <https://immub.org/album/danado-de-bom-1>. Acesso em: 10/08/2020.

Foi gravado e transmitido no mês de maio. E para a realização Gonzagão convidou à nova e a velha gerações do baião que participaram do disco. A apresentação teve 12 músicas. Do repertório recente tinha ‘*Terra, Vida e Esperança*’ do compositor Jurandy da Feira. As participações especiais são de Sivuca na canção “*Aproveita Gente*”. Em “*Pense N’eu*” a parceira pai e filho se renova. Do repertório do ‘Príncipe do Baião’, Dominginhos, cantou e tocou a canção “*Sete Meninas*” e que permaneceu no palco para dançar com sua esposa, de então, a cantora Guadalupe, a música ‘*Sebastiana*’, sucesso na voz de Jackson do Pandeiro, e composição do paraibano Rosil Cavalcante. No decorrer do show Fagner entra no palco para cantar ‘*Forró no Escuro*’ e Elba Ramalho para interpretar ‘*Sanfoninha Choradeira*’, sucesso recente de ambos.

E para finalizar todos cantam o clássico ‘*Asa Branca*’. Como sanfoneiro especial do espetáculo: Oswaldinho do Acordeon. Além de imagens antigas do início da carreira do

³³⁶ Dreyfus, 2012, p. 299.

³³⁷ Transmitido pela Rede Globo foi criado pelo cantor Rolando Boldrin. O primeiro programa foi ao ar em agosto de 1981, com o objetivo de divulgar para o país a importância da música regional. Era exibido nas manhãs de domingos. Fonte: <https://www.memoriaglobo.globo.com/entretenimento/musica-e-shows/som-brasil-1981>. Acesso em: 28/12/2019.

sanfoneiro, foram gravados depoimentos dos artistas participantes e imagens da cidade de Exu que foram retiradas que um programa *Globo Repórter* especial que iria ao ar tempos depois selando o encerramento da carreira artística. Entretanto, não foi dessa vez que Gonzaga parou de tocar.

A aproximação com Fagner na segunda faixa de ‘*Danado de Bom*’ rendeu a produção do primeiro álbum de ambos. Gentilmente cedido pela CBS, gravadora a qual Fagner tinha contrato. Fagner conhecia Gonzaga desde a infância, pois tinha assistido um show do seu ídolo ao lado do seu pai em Fortaleza. Segundo Fagner, “a vida toda, ele foi e continua sendo um incentivo, um exemplo, um espelho pra minha geração” (Dreyfus, 2012, p. 301).

No segundo *Long Play* do cantor cearense de ‘*Ave Noturna*’ de 1975, ele gravou “*Riacho do Navio*”, composição de Zé Dantas e Luiz Gonzaga, deixando claro que seu Luiz era uma referência para o cantor de Orós. “Com o pout-pourri, [de ‘*Danado de Bom*’] a gente entrou na FM, ele ficou muito empolgado e criou-se então uma identidade forte entre nós. Foi quando eu falei do meu projeto de a gente gravar um disco juntos” (DREYFUS, 2012, p. 301). E o disco saiu com o nome dos dois, mesmo sendo de gravadoras diferentes.

Figura 95 – Capa do primeiro disco da aproximação entre o Rei e Fagner



Fonte: <https://immub.org/album/luiz-gonzaga-fagner>. Acesso em: 08/08/2020.

Além de cantor, Fagner também era produtor musical na CBS e por causa disso ele fez questão de escolher todo o repertório, fez novos arranjos e fez toda a produção do disco. O LP não teve muita divulgação, por ser uma coprodução entre as gravadoras, mas mesmo assim, vendeu quase 100 mil cópias. Foi um sucesso, e por isso, novos convites se avolumaram.

O primeiro foi para participar do disco ‘*Vaca Profana*’ da cantora Gal Costa. Escolheram cantar a canção ‘*Tem Pouca Diferença*’ do compositor alagoano Durval Vieira. Por curiosidade essa era uma das músicas usadas por Jackson do Pandeiro para a retomada da

carreira na década de 1980, mas que tinha sido encerrada por causa do seu falecimento. Outra contribuição à carreira de outra cantora foi à composição feita ao lado de João Silva para Alcione, na música ‘*Forrofiar*’. Tem que ser relatado que o programa infantil ‘Clube do Bozo’ lançou um LP e nele Gonzaga cantou a música ‘*Forró das Crianças*’ (composição de João Silva e Gonzaga).

Entretanto, o ápice de ano de 1984 foi receber o prestigioso prêmio Shell da música brasileira. Antes dele tinha sido homenageados Pixinguinha (em 1981), Tom Jobim (1982) e Dorival Caymmi (1983). Quando foi laureado, seu Luiz declarou que tinha chegado ao auge da carreira e que iria se aposentar. E, como das outras vezes que disse que deixaria a carreira artística, não se aposentou.

Por causa dessa premiação a RCA lançou o LP Luiz Gonzaga e Camargo Guarnieri. O Long Play tinha esse nome porque o prêmio se dividia em duas categorias a popular que o Gonzagão ganhou e a de música erudita, cujo premiado havia sido o compositor e maestro paulista Mozart Camargo Guarnieri (1907-1993). No lado A constavam músicas de Gonzaga e no lado B as composições do maestro.

A década de 1980 não estava na metade e o sanfoneiro de Exu já estava se sentindo repleto de homenagens com títulos de cidadanias concedidos por inúmeras cidades no interior do país. E com reconhecimento nacional. Isso ocorreu justamente no período de efetiva profissionalização das festividades juninas, as quais ele era o símbolo máximo para a música do período. Assim, sua missão ainda não estava cumprida.

E foi a partir de 1983, que começou a profissionalização das festas juninas, na gestão do Prefeito Ronaldo Cunha Lima em Campina Grande. A ideia era que fosse criado ‘*O Maior São João do Mundo*’ na cidade paraibana, que até então realizava uma festividade de vulto, mas não nas proporções que veio a tomar depois. Cabe salientar, inclusive, que nas pesquisas realizadas na imprensa (‘*O Norte*’ e ‘*A União*’) paraibana até 1984 o período junino era muito comemorado na capital paraibana, a festa se concentrava na Praça da Independência e contava como atrações principais, Gonzaga, Dominginhos e Sivuca por vários anos consecutivos.

Nos dois primeiros anos dos festejos em Campina Grande, maciçamente patrocinados pela prefeitura era uma festa considerada familiar ou de bairros. Mas a partir de 1985 houve a profissionalização do evento, sobre a festividade o pesquisador Wagner dos Santos diz:

É justamente neste período e em relação a estas inúmeras mudanças pela quais a cidade vinha passando, que emergiu ou se constituiu o principal dispositivo da estratégia da família Cunha Lima, a invenção de determinadas festas, no caso do governo de Ronaldo, o “Maior São João do Mundo”, como evento turístico, o que redefiniria de forma sensível a imagem que os

letrados, intelectuais, políticos e demais elites locais construíram ou tinha da cidade (SANTOS, 2016, p. 112).

E Gonzaga foi à esteira dessa festividade, que agigantou-se na maior cidade do interior do nordeste, chegando, inclusive, a ofuscar os festejos na Capital e em diversas outras cidades paraibanas. Para isso foi feito o espaço do Parque do Povo e a Pirâmide lugar simbólico do festejo. Além disso, também por conta do sucesso do evento, as casas de show *Spazzio*, Forrock, Vila Forró e Vale do Jatobá. O ‘Rei do Baião’ chegou a tocar em todas e era a atração principal do ‘Maior São João do Mundo’, sempre se apresentando na véspera ou no dia de São João. O único ano que ele não se apresentou foi em 1989, pois já estava muito doente no Recife, mas seu show estava marcado como a grande atração.

Outra cidade que seguiu essa mesma linha de promover a profissionalização dos festejos juninos foi Caruaru, cidade a qual Gonzaga nutria grande carinho, na qual já tinha cantado em várias oportunidades e que era a terra que duas pessoas que ele muito admirava, primeiramente o compositor Onildo Almeida e em segundo lugar o artesão Mestre Vitalino. Enquanto Campina Grande alardeia “O Maior São João do Mundo”, Caruaru divulga “O Melhor São João do Mundo”, numa ampla disputa de fama e tamanho; nessa rivalidade de grandezas quem ganhou foi o velho Luiz, pois ele também realizava suas apresentações na cidade do interior de Pernambuco e era um nome inquestionável em ambas as “maiores” festas. Sendo assim, na retomada do sucesso o maior e o melhor foram elementos fundamentais e com isso, Gonzaga atrelou sua imagem definitivamente ao período junino.

Figura 96 – Estátua de Luiz Gonzaga no pátio do Forró



Fonte: <http://vozeversodecaruaru.blogspot.com/2012/08/monumentos-do-patio-do-forro.html>. Acesso em: 30/08/2020.

Inclusive em Caruaru o pátio onde se realiza a festa tem uma estátua usando o chapéu de couro, gibão e sanfona, em homenagem ao sanfoneiro de Exu, tocando para quem queria dançar até quando não é período junino.

Na década de 1980, outro cantor da ‘Era de Ouro do Rádio’ que também estava tentando retomar a carreira de sucesso, depois de ter passado por problemas pessoais graves era Nelson Gonçalves. Um fato interessante da história de Nelson Gonçalves era que ele entrou na RCA no mesmo dia que Luiz Gonzaga, 14 de março de 1941. Este relato foi feito pelo ‘Rei do Baião’ quando ambos gravaram a música “*Asa Branca*” no LP *Nelson Gonçalves: Eu e Eles*, no ano de 1985. Era a gravadora utilizando a mesma estratégia de Luiz Gonzaga de atrelar a carreira de Nelson a outros cantores e compositores e as novas gerações. Mas a retomada das carreiras de ambos seguiu caminhos diferentes, pois Gonzaga possuía uma legião de discípulos e uma festa regional a seu favor, além de estratégias inovadoras como participar da profissionalização do carnaval de Salvador. Nelson manteve uma considerável evidência e continuou um bom vendedor de discos, jamais chegando a um ostracismo completo, como muitos da sua geração e de Gonzaga, mas, no entanto, não chegou a retomar a projeção nas proporções do Rei do Baião.

5. 2 Missão Cumprida³³⁸: Luiz Gonzaga já tocou no trio elétrico

O que ainda faltava para um velho sanfoneiro de mais de 70 anos de idade e 45 anos de carreira? Faltava receber o reconhecimento de sua gravadora, pois isso foi laureado com o prêmio *Nipper* de Ouro. Esse título só era concedido pela RCA para os artistas que mais vendiam discos e que permaneciam muito tempo na empresa. *Nipper* era o nome do cachorro que serviu de modelo para ser impresso na parte interna dos LPs (imagem do cachorro ouvindo o gramofone). Esse prêmio foi concedido poucas vezes, o primeiro a recebê-lo foi Elvis Presley, no Brasil somente Nelson Gonçalves e Luiz Gonzaga tinha essa premiação.

E a RCA publicou o disco 45 anos de sucesso com a seleção de sucesso ao longo da carreira. Mais, o destaque mesmo foi o LP ‘*Gonzagão Sanfoneiro Macho*’ que ganhou dois discos de ouro.

³³⁸ Composição de Pinto do Acordeon, lançada em 1986, com a participação de Luiz Gonzaga.

Figura 97 – Capa do disco ‘Gonzagão Sanfoneiro Macho’



Fonte: <https://immub.org/album/sanfoneiro-macho>. Acesso em: 10/08/2020.

Esse disco, seguindo as estratégias da gravadora, contava com a participação de vários convidados: Gonzaguinha, que já era parceiro habitual, na música ‘*Eu e minha Branca*’, com Sivuca e Glória Gadelha cantou ‘*A Mulher do Sanfoneiro*’, ao lado de Gal Costa – agradecendo ao ‘Rei’ pela presença no disco Vaca Profana – interpretou a composição de Cecéu ‘*Forró Nº 1*’ e a contribuição de Elba Ramalho no clássico ‘*Qui Nem Jiló*’. Destaque é a intensa parceria com João Silva que está mais presente que nunca, com várias composições consolidando o forró com o ritmo do momento no nordeste.

Importante, ainda, ressaltar a contribuição que Gonzagão vinha fazendo desde o ano de 1979, para as campanhas contra as sucessivas secas que novamente assolavam o nordeste, emergindo a ideia de sucessivos shows com participação de vários artistas do ‘*Nordeste Urgente*’ ou ‘*S.O.S. Nordeste*’, promovido pela Rede Globo, isso ocorreu 1984. Em 1985 houve ao contrário um excesso de chuvas que também promoveu tragédias na região e a culminância das campanhas humanitárias foi o lançamento do LP ‘*Nordeste Já*’.

A ideia partiu do Sindicato dos Músicos Profissionais e contou com a contribuição de cerca de 150 artistas, e Gonzaga cantou um trecho da música ‘*Seca D’água*’. A distribuição e comercialização ficaram por conta da Caixa Econômica Federal. Esse trabalho seguiu o modelo da campanha publicitária realizada por artistas dos Estados Unidos da América para ajudar os povos da África. E deu subsídio para a criação no ano posterior do projeto ‘*Criança Esperança*’.

Símbolo do renascimento musical de Gonzaga foi sua participação no carnaval de Salvador³³⁹ em 1986. Segundo o cantor e compositor Gereba³⁴⁰: “O primeiro trio do Circuito

³³⁹ A ligação de Gonzaga com a Bahia se confirmou com o título de Cidadão Baiano que ele recebeu na Assembleia Legislativa da Bahia, em 1984. Fonte: *Correio da Bahia*, 24/05/2017.

Barra - Ondina foi o nosso. Nós, com Luiz Gonzaga, criamos o Barra - Ondina. Mas o pessoal do axé odeia que a gente diga isso”³⁴¹. Seu Luiz tinha tido contato com os idealizadores do trio elétrico da Bahia, A convite dos músicos Armandinho, Dodô e Osmar, fez uma participação no disco *Chame Gente*, que saiu pela RCA. Cantando a música: *Instrumento Bom*, uma de Moraes Moreira e Fred Góes em homenagem a sanfona de Luiz Gonzaga. Essa aproximação rendeu o convite para a participação na terra do Axé music:

Pela primeira vez na carreira, Luiz Gonzaga subia em um trio elétrico. E muito bem acompanhado. Além de Gonzagão, Dominginhos, Gereba, Bule-Bule³⁴² e Grupo Bendegó. Talvez a primeira vez em que uma sanfona, abraçada por Dominginhos, fazia dueto com a guitarra baiana, tocada por Zeca Barreto, do Bendegó, irmão de Gereba. “Foi uma porrada! Saímos do Porto da Barra, quando chegamos no Espanhol já tinha 80 mil pessoas atrás” (*‘Correio da Bahia’*, 24/05/2017).

Gonzaga queria consolidar seu sucesso e no dia seguinte, o ‘Rei do Baião’ novamente subiu no trio elétrico. Na Praça Castro Alves, “o poeta do Sertão tocava para o poeta dos escravos. Luiz Gonzaga teria participado do Trio Carnaforró quatro dias seguidos. Nos quatro dias, ele bateu o recorde de público da vida dele. Tocou para mais de um milhão de pessoas³⁴³”. Na terra do Axé, o baião e o forró fizeram muito sucesso. Em homenagem a esse momento marcante na carreira de seu Luiz, Moraes Moreira compôs a música ‘*Bahião com H*’³⁴⁴

*Luiz Gonzaga já tocou no trio elétrico
Sujeito eclético, o rei do baião
Tenho certeza que pensou feliz
Quase todo este país, só vem de caminhão*

*Uma sanfona e um linguajar poético
Forró frenético de arrepiar
Chegou dizendo, canto xote e frevo
Se quiser escrevo um bahião com H*

*Luiz Gonzaga já tocou no trio elétrico
[....]*

³⁴⁰ Winston Geraldo Guimarães Barreto (Monte Santo - BA, 14/08/1946). É um compositor, violonista, arranjador e produtor.

³⁴¹ Reportagem: Rei do Baião tocou em 1986 na maior festa do planeta, inspirou os tropicalistas e gravou com a família Macêdo e Luiz Caldas. Fonte: ‘*Correio da Bahia*’ (24/05/2017). Acesso em: 28/12/2019.

³⁴² Antônio Ribeiro da Conceição (Antônio Cardoso - BA, 22/10/1947). É um músico, repentista, escritor e poeta.

³⁴³ ‘*Correio da Bahia*’, 24/05/2017.

³⁴⁴ Fonte: <https://www.kboing.com.br/moraes-moreira/bahiao-com-h/>. Acesso em: 10/08/2020.

*Uma sanfona e um linguajar poético
[...]*

*Pernambuco grande é pernambucão
Baiano grande é um baião
Pernambuco grande é pernambucão
Baiano grande é um baião
Pernambuco grande é pernambucão
Baiano grande é um baião
Pernambuco grande é pernambucão
Baiano grande é um baião.*

Isso nos leva a pensar o processo de urbanização da música nordestina, desde a década de 1940, sob a liderança de Luiz Gonzaga. Podemos dizer que no início da carreira e no fim, da carreira do “Rei do Baião”, ficou claro que sempre ocorreram ondas de sucesso e retração dos ritmos propalados pelo sanfoneiro de Exu, isso ocorreu muito em razão das transformações socioculturais mais amplas, além das demandas da indústria fonográfica e, mais recentemente, da indústria de massa produzida pela mídia, em que o forró ganhou destaque nacionalmente.

Assim mesmo, a aproximação e influência com das novas gerações na música de Gonzaga, ficou como última representação uma canção voltada exclusivamente para os festejos juninos, é a primeira iconografia a ser pensada no mês do São João. Para esse período se voltou à carreira do Gonzagão, pois seus LPs começavam a ser comercializados antes do mês de junho, para que quando chegasse às festas juninas o público já conhecesse o repertório que seria cantado pelo ‘Rei’.

Antes do período junino Gonzaga teve um evento de cunho político para se apresentar. Era o lançamento do Projeto de Irrigação do Nordeste que beneficiaria os nove estados nordestinos mais o vale do Jequitinhonha em Minas Gerais. O local escolhido pela assessoria do governo federal para o evento foi Juazeiro do Norte, terra do ‘Padim Ciço’. Seria um milagre governamental para sanar o problema das secas no sertão. Sobre o assunto o ‘*Jornal do Brasil*’, relatou a saga do “presidente romeiro” nas sagradas terras de Juazeiro:

A visita a Juazeiro do Norte durou quatro horas e proporcionou a Sarney uma das maiores manifestações de apoio, desde que assumiu a Presidência da República. Cerca de 200 mil pessoas lotaram as praças, o aeroporto, e cinco quilômetros de estradas até o horto, onde está o monumento ao padre Cícero. Recebido como um romeiro ilustre, o presidente, já no aeroporto, sentiu o carinho do povo, que gritava seu nome e aplaudia, exibindo cartazes e imagens do padre Cícero, mas também pedia em faixas: “Presidente,

desarme os latifundiários”, “Presidente, a Sunab só existe nas capitais?”, “Presidente, queremos reforma agrária” (*Jornal do Brasil*, 24/05/1986).

Cabe salientar que era um momento de alta inflacionária no país por isso o protesto de parte dos populares que aproveitaram a visita presidencial para realizar algumas cobranças, como desarmamento, reforma agrária e que o interior tivesse a presença da Superintendência Nacional de Abastecimento (Sunab), órgão federal criado na década de 1960 para fiscalizar o controle dos preços das mercadorias, e que funcionava com maior efetividade nas cidades grandes do país.

Além da população presente, havia os governadores dos respectivos estados que seriam beneficiados e de alguns ministros de estado, como o da irrigação: Vicente Fialho, do Trabalho: Almir Pazzianotto, dos Transportes: José Reinaldo Tavares e do interior: Ronaldo Costa Souto. O anfitrião do evento era o governador do Ceará Gonzaga Mota, e para animar as festividades contrataram outro Gonzaga, o de Exu, esse sendo considerado uma das maiores representações regionais e a voz simbólica de um povo. “O cantor e compositor Luiz Gonzaga saudou Sarney com uma música que falava do padre Cícero. Entre um acorde e outro, dizia: ‘Presidente, aí estão os fiscais’, enquanto a multidão aplaudia” (*Jornal do Brasil*, 24/05/1986).

A música citada era ‘*Viva Meu Padim*’, composição de Gonzaga e João Silva, e que serviu para apresentar ao presidente que no sertão do Ceará o presidente Sarney tinha seus fiscais para ficar de olho no aumento dos preços dos produtos consumidos.

Figura 98 – José Sarney e Luiz Gonzaga em Juazeiro do Norte



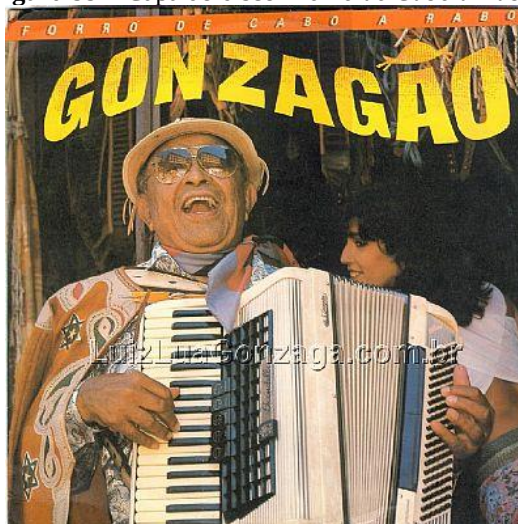
Fonte: Jornal ‘*O Norte*’, 24/05/1986.

Além dos abraços e trocas de cortesias com Sarney no palanque, no decorrer do comício seu Luiz fez uma recomendação à esposa do presidente, dona Marly Sarney, dizendo: “Alô, dona Marly, tenho um pedido a fazer”, todos ficaram esperando qual pedido seria esse, e o sanfoneiro complementou: “quando o presidente for pintar o cabelo, não deixe ele pintar o bigode, ficou horrível!”³⁴⁵. A frase foi motivo de risos do público e das autoridades presentes. Essa brincadeira mostra a proximidade que Gonzagão tinha ou buscava com as pessoas que faziam a política em vários níveis governamentais.

Seguindo a questão mercadológica criada pela gravadora do ‘Rei do Baião’ veio o lançamento do LP de *‘Forró de Cabo a Rabo’*, visando o período junino. Com 05 composições de João Silva e algumas parcerias novas, como a realizada com Benito Di Paula em *‘Viva Meu Padim’*. Vale ressaltar que havia uma admiração múltipla entre Benito e Gonzaga, era uma relação que vinha da década de 1970, quando Di Paula era uma dos maiores vendedores de disco de samba do país.

Em 1975 em um trabalho lançado pela gravadora Copacabana cantou *‘Sanfona Branca’*, uma das letras mais belas que fazia referência ao sanfoneiro de Exu, que ficou emocionado com a canção. Nesse mesmo ano em forma de retribuição Gonzaga compôs ao lado de Agnaldo Batista a música *‘Chapéu de Couro e Gratidão’* no disco *‘Chá Cutuba’* e passou a chamar Benito de filho postiço. Essa parceria com Di Paula fez os baiões chegar às rodas de sambas e emergiu um novo filão para a retomada da carreira do filho de Januário, numa época em que as vacas estavam magras.

Figura 99 – Capa do disco *‘Forró de Cabo a Rabo’*



Fonte: <https://immub.org/album/forro-de-cabo-a-rabo>. Acesso em: 10/08/2020.

³⁴⁵ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=HAX8QIqO7pw>. Acesso em: 12/08/2020.

Outras duas faixas tiveram participações especiais, a primeira era a música instrumental ‘*Forrónerão*’ (que era uma mistura do forró nordestino com o *vanerão* ritmo da região Sul) com o jovem músico gaúcho Renato Borghetti, na qual no preâmbulo da canção Gonzaga cantou de modo incidental ‘*Jardim da Saudade*’ de outro grande gaúcho Lupicínio Rodrigues. Borghetti nesse período era considerado um dos melhores músicos do país, pois tinha ganhado recentemente um disco de ouro, que pela primeira vez no Brasil foi concedido para um LP instrumental. E a outra parceria muito especial para Gonzagão foi na letra de ‘*Quadrilha Chorona*’ (Luiz Gonzaga e Maranguape), na qual Chico Anysio interpretava o seu personagem televisivo professor Raimundo Nonato e recitava uma quadrilha junina. Esse LP atingiu grande sucesso, vendeu muito bem e rendeu dois discos de ouro e um de platina para o ‘Rei do Baião’.

Em junho seu Luiz aproveitou que Alceu Valença estava fazendo um show no Crato, e o convidou a tomar café no parque Aza Branca. A conversa era para combinar a viagem que iria fazer no mês seguinte em Paris, ambos cantariam no grande festival de música brasileira *Couleurs Du Brésil* (Cores do Brasil). Esse festival era comemorativo aos anos Brasil – França que iria de 86 a 88. “Durante dois anos dois países desenvolveriam, ampliariam, expandiriam contatos e intercâmbios econômicos, industriais, científicos e, culturais... e que foram inaugurados com o *Couleurs [Du] Brésil*” (DREYFUS³⁴⁶, 1999, p. 300). As apresentações aconteceram entre os dias 02 e 06 de julho e contaram com a presença de Milton Nascimento, Gal Costa, Chico Buarque, Maria Bethânia, Baden Powell entre outros. Os espetáculos aconteciam em três palcos no ‘*Zenith*’, no ‘*Olympia*’ e na ‘*Grande Halle de la Velette*’.

Antes de apresentar seu Luiz foi assistir ao show de Gilberto Gil no ‘*Olympia*’ de quem era admirador. Gonzagão foi escalado para se apresentar no encerramento do festival na maior das três salas, a ‘*Grande Halle*’, o sanfoneiro tocou seu baião, forró, xaxado e xote, na mesma noite que Fafá de Belém, Moraes Moreira, Armandinho Macedo e Alceu Valença, para uma plateia de seis mil pessoas, entre os espectadores estavam dois ministros da cultura na plateia o francês Jack Lang e o do Brasil Celso Furtado, que foram para seu camarim. Outra fã não teve a mesma sorte de conhecer seu ídolo naquela noite, à jornalista francesa Dominique Dreyfus.

³⁴⁶ DREYFUS, Dominique. **O Violão Vadia de Baden Powell**. São Paulo: Editora 34, 1999.

Figura 100 – Patativa do Assaré, Luiz Gonzaga, José Clementino e Dominique Dreyfus, foto tirada em 1987.



Fonte: <http://www.revistacontinente.com.br/secoes/arquivo/-senti-a-pessoa-gonzaga-muito-sofrida--triste->. Acesso em 10/08/2020.

Ela era fã de Gonzaga desde a infância quando esporadicamente visita os parentes no estado de Pernambuco. Após assistir o show do ‘Rei do Baião’, conseguiu o telefone de seu ídolo e na primeira oportunidade ligou para o sanfoneiro para pedir permissão para escrever a biografia autorizada do ‘Rei’. O levantamento das fontes para a realização do livro ocorreu entre os meses de junho e agosto de 1987, período que seu local de trabalho passou a ser o parque ‘Aza Branca’, onde conheceu as pessoas responsáveis pela carreira do cidadão famoso de Exu. Entre as personalidades que conheceu estavam o compositor Zé Clementino e o poeta Patativa do Assaré.

Gonzaga recebia e fazia homenagem aos amigos músicos, o exemplo foi o show ‘Luar do Sertão’, realizado no Palácio das Convenções do Anhembi em São Paulo, em novembro de 1986, comemorando os vinte anos de carreira de Gilberto Gil. Além do ‘Rei do Baião’, estavam Elba Ramalho, Dominginhos, Belchior, Tom Zé, entre outros. Era Gonzagão se apresentando na segunda sede da corte do baião.

Em meio a todos esses eventos uma composição que emocionou muito Luiz Gonzaga foi à música ‘*Missão Cumprida*’, do sanfoneiro Pinto do Acordeon³⁴⁷ no disco ‘*Me Botando Pra Roer*’.

*Está viajado, mas ainda está de pé
Está pra tudo para o que der e vier
Não bate pino e trata bem a mulher*

*Está mais aceso do que fogo em busca pé
Já viajou leste, oeste, norte e sul*

³⁴⁷ Francisco Ferreira Lima (Conceição - PB, 18/02/1950 - São Paulo, 21/07/2020). Foi um instrumentista, cantor, compositor e político.

O mundo inteiro está cantando o seu baião

*Minha missão está cumprida
Já fiz tudo nesta vida
Estou feliz com povão*

*Minha missão está cumprida
Já fiz tudo nesta vida
Estou feliz com meu sertão*

*Aproveite o talento do veim
É muito amado e ainda está de cima
Quando toca acha o tom
Quando canta acha a rima
E o gogó é afinado em todo clima.*

A música falava das viagens e das regiões visitadas pela corte do baião no decorrer das décadas e da afinação do cantor de Exu. No final da canção Gonzagão diz: “Obrigado Pinto! Nego Pinto, cantador e sanfoneiro da Paraíba. Alô Piancó, alô Conceição! Terra de Elba Ramalho”. E Pinto responde: “E o padrinho o major João *Migué*?” E o sanfoneiro de Exu complementa: “Alô Patos e Espinharas. Pinto você é o mais caro dos meus descendentes. Boa sorte pra você, meu caro”. No sertão estava a paisagem cantada nas canções de seu Luiz e era o local que revela novos cantores e compositores que iriam continuar o legado do baião e do forró nos anos posteriores.

Fato interessante foi o primeiro encontro entre os dois que ocorreu em 1959, num show que Luiz Gonzaga fez na Escola Estadual José Leite na cidade de Conceição, interior da Paraíba, para um público pagante. Enquanto isso a criançada subiu do teto da escola, vendo a movimentação o ‘Rei do Baião’ avisou: “Ô molequeira que está em cima do telhado, em cima das casas, porque não teve condição de entrar aqui para me assistir! Amanhã, às dez da manhã, eu volto pra tocar de graça pra vocês aqui na frente do grupo” (Marcelo e Rodrigues, 2012, p. 89).

Entre essas crianças que assistiram a segunda apresentação do sanfoneiro estava o pequeno Francisco Lima, que deixou de trabalhar no roçado do pai para ver o show. E por ter faltado à labuta levou uma surra do pai, mas conheceu alguém ao qual lhe inspirou para a futura carreira artística. Encantado com o espetáculo que viu o menino disse: “Eu quero ser Luiz Gonzaga!”. Na década de 1970 quando passou a tocar ao lado do seu ídolo, Pinto contou a história para o ‘Rei’ que respondeu: “bem feito! Mereceu a surra por ter desobedecido ao seu pai”. Isso demonstra que com o passar dos anos mais pessoas se aproximavam do velho sanfoneiro.

As homenagens ao Rei do Baião continuavam no seguinte. Tanto que no mês de maio de 1987. Houve no Ginásio de Esportes Geraldo Magalhães (o Geraldão) no Recife, um show em comemoração aos 50 anos de carreira de Luiz Gonzaga, no palco estavam presentes: Elba Ramalho, Gonzaguinha, Fagner, Alcione, Alceu Valença, Dominginhos, Renato Borghetti, Nando Cordel, Jorge de Altinho, Marinês e Sérgio Reis. Foi um sucesso de público e mídia.

Nesse mesmo ano houve a renovação da parceria com João Silva no disco ‘*De Fiá Pavi*’, que chegou às lojas em junho. E contava com a contribuição de novos compositores do forró, entre eles estava Alcymar Monteiro, na música ‘*Festa de Santo Antonio*’. Além de cantar novamente ao lado do filho, uma música em homenagem a sua neta ‘*Mariana*’. A RCA escolheu a composição de João Silva e Oseinha, “*De Fiá Pavi*” para dar destaque e aumentar a vendagem do LP. Mas o público nas festas juninas e os programas de rádios só pediam e tocavam “*Nem Se despediu de Mim.*”

Figura 101- Capa do disco ‘*Gonzagão de Fiá Pavi*’



Fonte: <https://immub.org/album/de-fia-pavi>. Acesso em: 12/08/2020.

Na onda do sucesso deste disco Luiz Gonzaga estava tocando em Campina Grande nas festividades do parque povo, quando foi levado a tocar dias seguidos. O que estava acontecendo? Elba Ramalho que estava grávida do seu primeiro filho (Luan) e o menino resolveu nascer antes do tempo médico, no dia 25. Sobre o fato Gonzaga declarou:

Nós tínhamos juntado 30 mil pessoas no auditório. Nunca houve isso no Brasil! Agora eu tinha sido contratado pra fazer três shows, acabei fazendo quatro porque no dia do último show dela, ela teve menino! Aí me contrataram para substituí-la. Ele devia ta doido pra ver ela cantar, porque ela é uma beleza. Ela sabe que se precisar do ‘Pai Lua’, como ela me chama, é só mandar dizer, que eu vou na hora (DREYFUS, 2012, p. 308).

A parceria Elba e Gonzaga durante a década de 1980 foi muito proveitosa para ambos. Com isso, começaram a tocar juntos no São João de Campina, Caruaru e em outras cidades que desenvolviam a festividade do mês de junho. Assim, a imagem da cantora paraibana ficou atrelada até hoje como uma das personalidades mais próximas do ‘Rei do Baião’.

Outro cantor e compositor que atrelou a imagem a Luiz Gonzaga foi o ‘Rei do Axé Music’, Luiz Caldas que estava consolidando e desenvolvendo o axé como novo ritmo do carnaval. Cabe dizer que Caldas lançou no disco ‘*Lá Vem o Guarda*’ a música ‘*Amazonas*’ (Gerônimo, Jorge Matos e Luiz Caldas) a dupla de Luiz, cantou uma canção em homenagem ao maior estado do país. Não foi a primeira vez que o cantor baiano falou da influência de Gonzagão em sua carreira. Cito que em 1982, no terceiro LP, tinha a letra ‘*Axé Pra Lua*’³⁴⁸.

*Mas eu sou o assum preto do afoxé
Qual é, qual é, qual é
Posso ser asa branca pra quem quer
Qual é, qual é, qual é
Não vendo, não troco, nem dou minha fé
Qual é, qual é, qual é
Paraíba pra homem ou mulher
Qual é, qual é, qual é*

*Axé pra Januário
Lua pra Luiz
Transando seus cento e vinte baixos
Fazendo um forroxé, xotexé feliz.*

Era uma música que trazia parte da simbologia inserida por Gonzagão no decorrer da carreira artística e no final fazia a confluência entre o forró e o xote com o axé, era a mistura de ritmos que caracteriza a produção musical do país. A admiração e a aproximação de Luiz Caldas por Gonzaga continuou mesmo depois da morte do sanfoneiro. Fica demonstrado esse fato no ano de 1998, quando o ‘Rei do Axé Music’ publicou um CD com os forrós mais conhecidos da produção de seu Luiz e o título do compacto disco era ‘*Forró de Cabo a Rabo*’, título já usado anos antes por Gonzagão.

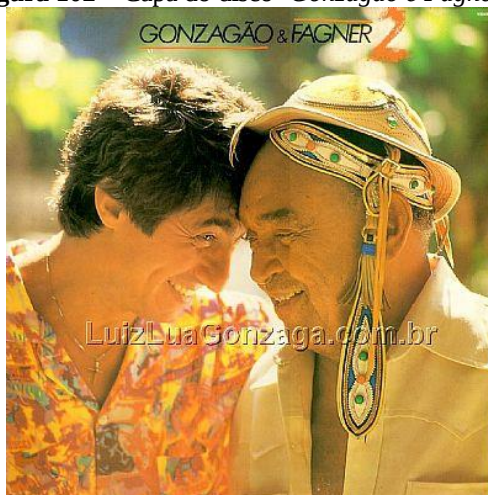
No final do ano de 1987, Fagner rompeu o contrato com a gravadora CBS e assinou contrato com o selo ao qual Gonzaga já estava há meio século e estavam pensando as formas

³⁴⁸ Fonte: <https://www.letras.mus.br/luis-caldas/1028281/>. Acesso em: 09/08/2020.

de realizar as comemorações. E com isso, veio a ideia de ambos para gravar a segunda edição do disco lançado em 1984. E que só seria lançado no ano seguinte.

E assim foi o primeiro lançado do ano de 1988, foi o LP *‘Gonzagão e Fagner 2’*. Com a supervisão e orientação de Gonzaguinha que não quis participar do disco número um da nova dupla do forró. O filho de Gonzaga contribuiu na regravação da música *‘Noites Brasileiras’*, composição de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, a primeira versão tinha sido gravada em 1954. Era a ideia de atualizar as canções que fizeram sucesso décadas anteriores. Também era a reaproximação com a obra de Zé Dantas.

Figura 102 – Capa do disco *‘Gonzagão e Fagner 2’*

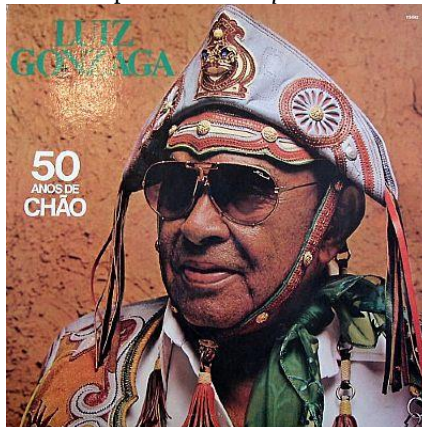


Fonte: <https://immub.org/album/abc-do-sertao-gonzagao-fagner-2>. Acesso em: 12/08/2020.

A RCA lançou na sequência uma caixa com cinco LPs sob o título *‘Cinquenta Anos de Chão’*, que era uma compilação com 60 músicas de vários compositores que acompanharam o sanfoneiro no decorrer de toda sua carreira, entre eles se destacam: Humberto Teixeira, Zé Dantas, Antônio Barros e Céceu, Ari Rangel de Sales, João Silva, Dominginhos, João Pernambuco e Catulo da Paixão Cearense, Fausto Lino, José Clementino, Severino Ramos, Padre Gothardo, Miguel Lima, Klécio Caldas e Armando Cavalcanti, Guio de Moraes, José Fernandes, Hervê Cordovil, Patativa do Assaré, Nelson Barbalho, Onildo Almeida, Zé Marcolino.

E nos dois últimos discos da caixa estão as parcerias com os cantores da geração do forró e de novos letristas, os quais o filho de Januário manteve uma cooperação intensa na década de 1980. Isso era o que a gravadora considerava o essencial de toda a obra de Luiz Gonzaga.

Figura 103 – Capa do LP ‘Cinquenta Anos de Chão’

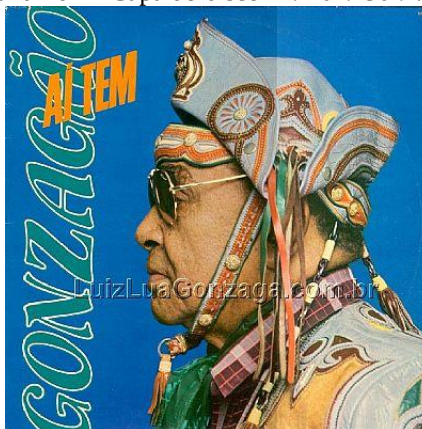


Fonte: <https://immub.org/album/50-anos-de-chao>. Acesso em: 12/08/2020.

Era notório o tom de despedida que a gravadora fazia ao artista depois de quase meio século de colaboração. Sobre esse trabalho, ele foi relançado novamente no ano de 1996 em formato de Compacto Disco (no caso em três CDs).

E ainda teve o terceiro disco do ano, lançou pela RCA Ariola, o LP ‘*Aí Tem Gonzaga*’. Destaca-se a renovação da parceria com a Rainha do Baião, Carmélia Alves, na música ‘*Vamos Ajuntar os Troços*’ composição de Antônio Barros. Teve também a contribuição vocal de seu sobrinho sanfoneiro e cantor Joquinha Gonzaga, em ‘*Dá Licença Pra Mais Um*’, dos autores João Silva e Raimundo Evangelista.

Figura 104 – Capa do disco ‘*Aí Tem Gonzaga*’



Fonte: <https://immub.org/album/ai-tem-gonzagao>. Acesso em: 12/08/2020.

Era outro disco com a participação intensa de composições de João Silva, mas também de novos participantes como as letras de Jorge de Altinho, em ‘*Bom Pra Eu*’, de Nando Cordel tinha a música ‘*No Canto do Salão*’, e ‘*Cajueiro Velho*’ de Céceu. Entretanto, cito a

canção '*Taqui Pá Tu*' (João Silva e Luiz Gonzaga), cantada ao lado de outro grande representante da nova geração nordestina, Geraldo Azevedo.

Ai, ai, ai, ui, ui, ui
Taqui, taqui
O pitoco, seu louco
Seu louco da êga
O galope da nêga
Da nêga arretada
Que veio das brenhas
Lá do Piancó Taqui, taqui
O pitoco e a banana
Moleque sacana
Bebedor de cana
Te arranca e te dana
E deixa meu forró
Ainda bem que não chegasse
Me cabuletasse
Comigo arranjasse
O maior sururu
Se tu não respeitasse
Cecéu, Marcolino Trio Nordestino
Jackson do Pandeiro
O maior forrozeiro
E este sanfoneiro das terras de Exu
Então, taqui
Taqui pá tu.

A canção faz referência aos cantores e compositores que fizeram a história do forró no passar do tempo, e o interessante que cita Jackson do Pandeiro, 'o maior forrozeiro'. Cabe dizer que durante muitos anos foi criada uma rivalidade entre o 'Rei do Ritmo' e o 'Rei do Baião'. Entretanto, os músicos tocaram juntos em algumas oportunidades. Geraldo Azevedo era da mesma turma dos cabeludos que Alceu Valença fazia parte, mas que nunca negou suas 'raízes nordestinas'.

Tanto que em 1982, após assistir a um show de Luiz Gonzaga e Sivuca, compôs uma série de letras para o disco '*For All Para Todos*'. A única canção que não era de sua autoria era '*Baião da Garoa*', de Gonzaga e Hervê Cordovil. Esse LP rendeu elogios por parte de seu Luiz para o conterrâneo pernambucano, por meio de uma ligação telefônica que Geraldo Azevedo não acreditou e pensava que era um trote, foi a partir daí, que passaram a conviver e gravaram a canção supracitada.

Em 1989, Luiz Gonzaga deixou à gravadora RCA e passou para a Copacabana, onde gravou seu último LP '*Vou Te Matar de Cheiro*'. Além de ter a maioria das composições João

Silva também dividiu os vocais com o sanfoneiro de Exu, eles cantaram três músicas juntos, ‘*Um Pra Mim Um Pra Tu*’, ‘*Arcoverde Meu*’ e ‘*Ladrão de Bode*’, essa última composição de Rui de Moraes e Silva. Ainda houve tempo para uma canção em homenagem ao ambientalista Chico Mendes, que tinha sido brutalmente assassinado e foi lembrado na música ‘*Xote Ecológico*’ (Aguinaldo Batista e Luiz Gonzaga).

Figura 105 – Capa do disco ‘*Vou Te Matar de Cheiro*’



Fonte: <https://immub.org/album/vou-te-matar-de-cheiro>. Acesso em: 12/08/2020.

Lançado antes do São João o disco rendeu algumas participações em programas de TV, como o Som Brasil. Foi o primeiro que apareceu na capa sem a representação cultural que criou para ser sua marca, o chapéu couro e gibão. Era um Gonzaga de cara limpa sem sua iconografia, era um sanfoneiro que não tocava mais há anos por causa da doença que lhe acompanhava nos últimos anos da carreira.

Mesmo doente Gonzaga estava com a agenda lotada para o período junino, dividindo suas principais apresentações entre o ‘Melhor São João’ em Caruaru e o ‘Maior São João’ em Campina Grande. E foi justamente na semana de São João, que o ‘Rei’ se sentiu mal e internado no hospital Santa Joana no Recife. No dia de apresentação em Campina foi substituído por Elba Ramalho, invertendo o que tinha acontecido em 1987 quando Gonzaga substituiu Elba.

Houve tempo para a última apresentação da longa carreira musical e que se realizou no dia 02 de julho no Teatro Guararapes em Olinda, com o auditório lotado. Luiz Gonzaga vestido com seu gibão e chapéu de couro de cor branca, e de cadeira de rodas sendo levado por Edelzuíta Rabelo, sua namorada, pois estava em processo de litúgio com dona Helena Cavalcanti. Participou do show que foi capitaneado por João Silva e que teve a contribuição de Dominginhos, Pinto do Acordeon, Sivuca, Oswaldinho, Marinês, entre outros. Mas o que

chamou a atenção era um pequeno sanfoneiro de 16 anos de nome Waldonys. Afilhado do Gonzagão, que tinha ganhado a sanfona do padrinho famoso. O ‘Rei’ quando ia à Fortaleza se hospedava na residência dos pais de Waldonys e dizia que os Menezes eram sua família ‘branca’. Com essa influência, seguiu a carreira musical e a simbologia gonzagueana. Sobre o padrinho, o sanfoneiro e viador declarou ao *‘Diário do Nordeste’*:

Seu Luiz, quando ninguém pensava nisso, criou uma marca. Se você vê (o visual de) um chapéu de couro, um gibão e uma sanfona, isso é Luiz Gonzaga. Ele criou uma marca registrada, num período sem tecnologia digital, sem rede social. Quanto mais o tempo passa, mais ele está vivo na memória das pessoas (*‘Diário do Nordeste’*, 02/08/2019).

O marketing criado por Gonzaga passou a representar, nas palavras de Waldonys, uma simbologia que torna o sanfoneiro inesquecível e que sua imagem ficou atrelada ao forró e paulatinamente às representações juninas. Eric Hobsbawm (1984) explica que as tradições se voltam ao passado e exercem poder simbólico na sociedade. E que quando o contexto histórico é marcado por transformações amplas e rápidas, são inventadas novas tradições. As tradições inventadas surgem, assim, em defesa da restauração das antigas tradições e utilizam a História como legitimadora das ações e como amálgama da coesão do grupo. As novas tradições se firmam pela repetição frente à formalização e ritualização do passado.

Dois meses após sua última apresentação, no dia 02 de agosto de 1989, chegaram ao fim a carreira e a vida do dito monarca do baião. A notícia repercutiu em todas as mídias, houve ampla cobertura das TVs, e as capas dos jornais estampavam sua imagem, as rádios nordestinas não pararam de tocar suas canções. O sepultamento aconteceu dois dias depois onde tudo começou na cidade do Exu, no parque ‘Aza Branca’, com a presença maciça de vários artistas, compositores, políticos, maçons e os fãs.

A morte do Gonzagão fez a vendagem dos discos dispararem e as homenagens aumentarem. Tanto que no dia 13 de dezembro, aconteceu um show em Exu pela passagem do aniversário de Luiz Gonzaga. Participaram: Elba Ramalho, Gonzaguinha, Fagner, Dominginhos, Joãozinho do Exu e Joquinha Gonzaga. E que passaria a ser a festa mais popular da cidade sertaneja.

Cabe salientar que a partir da década de 1990 começou a era do *compact disc* no Brasil e a obra de Gonzaga foi revisitada em sete CDs e sua iconografia é revalidada todo período junino, por causa dos forrós lançados nos anos de 1980 e das imagens criadas por ele para representar o São João.

6 Considerações Finais

Chego ao fim dessa escrita com a sensação do dever cumprido do que me propus a estudar. Estudei as influências que Luiz Gonzaga recebeu desde sua infância, a partir de uma educação familiar diferenciada em relação à que foi dada aos outros irmãos, pois muito jovem aprendeu a dedilhar a sanfona com seu pai Januário, dando a possibilidade de tocar nas proximidades da cidade de Exu. Teve desde cedo uma proximidade com a ‘Casa Grande’ da fazenda dos Alencar recebendo assim, uma educação que os demais meninos da localidade não tiveram acesso. Na juventude teve que migrar primeiro numa onda interna, em busca de novas oportunidades. Primeiro foi para Fortaleza, e lá se filiou no exército e, isso deu condição de conhecer outras regiões do Brasil.

Quando saiu da caserna, resolveu ficar na então capital do país (Rio de Janeiro), lugar efervescente que deu condições para ele sonhar com uma carreira artística. Lembrando que os ritmos nortistas (nordestinos) já eram conhecidos e apreciados na ‘Cidade Maravilhosa’. O que fez sua carreira alavancar foi à parceria dos compositores nordestinos estabelecidos no Rio e que deram subsídio para o lançamento de um segmento musical “novo”, o Baião, que se transformou em um dos ritmos mais tocados no país de meados da década de 1940 até o ano de 1958, quando outro o advento da Bossa Nova e o surgimento da modernização do Brasil no governo de JK. O Baião, nesse momento passou de uma música nacional para uma canção regional.

No auge da carreira de Luiz Gonzaga suas músicas foram difundidas pelas ondas do rádio em sua fase dourada, e com a popularidade da TV a partir da década de 1960, Gonzaga deixou de ser um padrão midiático para o novo meio de comunicação de massas. A TV era jovem e queria com isso, jovens vestidos com o padrão internacional da moda. O ‘Rei do Baião’ em sua indumentária utilizava as vestes de cangaceiros, o que foi considerado retrógrado e violento, portanto ultrapassado para o novo meio de comunicação.

O país do presidente ‘Bossa Nova’ e da ‘Jovem Guarda’ não tinha espaço para uma música que falava somente em secas, estávamos no período que se convencionou a se chamar de desenvolvimentista e a música baseada no folclore passou a ser vista como atrasada, e o “Rei do Baião” era um destacado representante desse segmento musical. Por isso, as canções de Gonzaga foram relegadas à região de origem, o Nordeste. Nesse espaço seu Luiz nunca perdeu a atribuída majestade. E foi nesse espaço geográfico que firmou sua corte, fazendo de um tudo, propagandas políticas, comerciais de produtos variados e shows em praças, circos,

em cima de caminhão, para o povo ver que não só a ‘sanfona era do povo’, mas que o tocador também era.

Tanto é assim que estão nítidas as participações e contribuições que a pessoa Luiz Gonzaga fez para apaziguar o sangrento conflito pelo poder local entre os Alencar e os Sampaio, que de longa data que abalava a sua Exu. O ‘Rei do Baião’ usou para finalizar as rixas o seu capital político e sua representação cultural nos vários entes da federação, até encontrar o Presidente da República em exercício Aureliano Chaves, que acabou por intervir no conflito. Nesse sentido, ele também entrou em contato com o governador Marco Maciel, e em parceria Estado de Pernambuco e Governo Federal deram fim às rivalidades, por intermédio de uma intervenção militar que durou mais de um ano. Cabe dizer que Gonzaga foi, em seguidas oportunidades, o principal cabo eleitoral de Marco Maciel no Pernambuco.

Há também relações entre Gonzaga e a política de outros estados, no caso me ative ao estado da Paraíba. Local onde a primeira passagem do ainda jovem Luiz Gonzaga foi participando da chamada “Revolução de 1930”, quando servia ao exército e chegou a conhecer a cidade de Princesa Isabel no auge do conflito Pereira Lima *versus* João Pessoa. Entretanto, a participação mais polêmica do ‘Rei do Baião’ na história paraibana foi em 1950, na campanha eleitoral Argemiro de Figueiredo *versus* José Américo de Almeida, no trágico comício monstro realizado em Campina Grande.

Tudo isso, por uma alegada causa do lançamento para música ‘*Paraíba*’, que ainda hoje é vítima de interpretações ambíguas dependendo que de quem ouve a canção. Apesar dessa polêmica, a referida canção está em qualquer coletânea dos maiores sucessos do ‘Rei do Baião’, foi gravada e regrava inúmeras vezes. Os conflitos em torno de sua apresentação vieram à tona novamente em 1979, quando Gonzaga foi laureado com o título de cidadão paraibano, não sem antes ter visto uma celeuma política em torno do significado de sua célebre composição.

Analisei, a partir disso, que no decorrer das décadas seu Luiz esteve frequentemente envolvido em refregas políticas, seja em seu Estado natal, na vizinha Paraíba, em dimensão regional e até nacional, mesmo no período de seu ostracismo midiático nas décadas de 1960 e 1970, pois ele continuou fazendo comícios pelo interior do nordeste.

Sendo assim, a dada identidade política e cultural do Nordeste, construída a partir da representação gonzagueana é pensada como um imaginário social que delimitou além do território, e dos conteúdos históricos, formadores dos padrões políticos, econômicos, sociais e culturais. Para Albuquerque Jr. (2001) o Nordeste foi, e ainda é, uma criação cultural que recorta não apenas um espaço geográfico, pois há nordestinos em todo o país vivenciando

contraditoriamente suas identidades e um amálgama cultural, sendo o Nordeste um espaço marcado em poder e saber, presentes na memória coletiva e individual que Luiz Gonzaga buscou descrever em suas canções.

Tentei compreender como duas pessoas – pai (em certa medida alinhado com posições políticas conservadoras) e filho (alinhado de maneira muito engajada a uma militância de esquerda), mas também separados por circunstâncias muito particulares de suas vidas – tinham em determinado período sensibilidades políticas diferentes, mas por causa de uma música em parceria em um disco lançado em 1979, em homenagem ao velho Januário provocou a aproximação entre Luiz Gonzaga e seu filho Gonzaguinha, que à época era símbolo de resistência contra a ditadura militar. Essa junção deu origem ao show ‘*Vida de Viajante*’, que trouxe Gonzaga de volta ao topo das paradas de sucesso, dando um novo fôlego a carreira. Sendo assim, o velho sanfoneiro de Exu teve que se aproximar ou dialogar com uma juventude que trazia novas questões, distantes em alguma medida de sua obra, mas na qual a sensibilidade para questões sociais permitiu um diálogo artístico sob novas condições.

A aproximação de Gonzagão e Gonzaguinha foi interessante para ambos, pois além de reatar os laços de família, as gravadoras (RCA e EMI) dos dois cantores e compositores se uniram para lançar os LPs resultados do show *Vida de Viajante*. Além do mais, Gonzaguinha fundou uma produtora musical, e um dos que passaram a ser assessorados foi o ‘Rei do Baião’, que pela primeira vez teve uma agenda organizada e uma divulgação dos shows de forma profissional.

É interessante buscar numa compreensão futura como é feita a difusão das músicas de seu Luiz na mídia atualmente, por exemplo, na Paraíba pode-se citar o sistema Correios de Rádio em João Pessoa e a Rádio Caturité de Campina Grande que possuem no final de semana programas exclusivos sobre a vida e obra do ‘Rei do Baião’, não deixando as representações de Gonzaga cair no esquecimento.

E no período junino as reapropriações da imagem de Gonzaga e de sua indumentária, chapéu de couro, gibão e sanfona, estão presentes em todas as cidades pequenas ou grandes ao exemplo de Caruaru e Campina Grande que fazem as maiores e melhores festas ditas tradicionais do período. Diga-se de passagem, uma tradição recente.

O ‘Rei do Baião’ criou ou inventou uma tradição para a região nordeste. Primeiro baseado na bravura e resistência dos cangaceiros representadas pelo chapéu de couro todo enfeitado com insígnias sagradas buscando a proteção divina. A segunda representação estava na honradez dos vaqueiros vestidos com suas armaduras também de couro para enfrentar o

inóspito sertão e a terceira iconografia explícita na sanfona emerge a alegria de um povo, que mesmo com todo o sofrimento ainda consegue ser feliz. E ainda posso citar outra simbologia a da religiosidade presente do beatismo de padre Cícero do Juazeiro do Norte.

Hobsbawm (1984, p. 20) lembra a força dos símbolos para as “tradições inventadas”. Normalmente ao se inventarem tradições, são institucionalizadas práticas simbólicas representadas por cerimoniais, rituais, festejos públicos e privados, feriados, criações de memoriais e monumentos, além de uma preocupação constante com o ensino na perspectiva de que a tradição não seja esquecida.

Tenho que relatar algo pessoal sobre a pesquisa: quando finalizei o levantamento das escritas da pesquisa nos arquivos paraibanos, resolvi visitar os principais mercados e salões de artesanatos da capital do estado. Percebi que a imagem de Lampião era mais presente nos *souvenires* que a imagem de Gonzaga, mas isso se invertia no mês de junho. Pois foi como o ‘Rei do Baião’ teve sua iconografia atrelada na década de 1980. Característica disso foi que todas as músicas que foram sucesso décadas antes foram regravadas com o selo de forró, ritmo que se desenvolveu a partir desse período até hoje. Então, Luiz Gonzaga, Nordeste, Forró e São João viraram sinônimos regionais.

Portanto, a relação entre o ‘Rei do Baião’ e seus súditos e seguidores deram condições para desenvolver uma paisagem sonora do sertão nordestino a ser divulgada pelo país. Enfim, o ressurgimento de Gonzaga na década de 1980 não se deve exclusivamente a Gonzaguinha, mas também a duas vertentes: uma universitária de cantores como Alceu Valença, Elba Ramalho, Fagner, Geraldo Azevedo, Luiz Caldas, Alcymar Monteiro, Nando Cordel, Jorge de Altinho, entre outros que, impregnados de matrizes oriundas do forró gonzagueano, dito tradicional e introduzem padrões da música urbana.

Tem que ser ratificado que outros cantores da chamada ‘Era de Ouro do Rádio’ tentaram retomar suas carreiras nas décadas de 1970, 1980 e 1990, mas o caso de Gonzaga foi diferenciado, pois ele tinha um filho na crista do sucesso nacional e o sanfoneiro de Exu atrelou sua imagem ao do filho e depois a de outros cantores e compositores. Outros que tentaram voltas – Jackson do Pandeiro, João do Vale, Sivuca, Sílvio Caldas, Orlando Silva entre outros, tiveram sucessos diferentes, talvez Nelson Gonçalves seja um caso notável, mas não nas mesmas proporções que Gonzaga.

Enfim, isso nos levou a pensar o processo de desenvolvimento da música nordestina, a partir de uma composição entre matrizes urbanas e rurais, que ele teve a arte de conciliar numa produção original, sob a liderança de Luiz Gonzaga, no início da carreira e no fim, fica claro que sempre ocorreram ondas de sucesso e/ou ausência da grande mídia, muito em razão

das demandas da indústria fonográfica e, mais recentemente, da indústria de massa produzida pela mídia. Assim mesmo, a aproximação e influência com das novas gerações na música de Gonzaga, é a primeira iconografia a ser pensada no mês do São João.

O sanfoneiro de Exu compôs com felicidade uma música na qual elaborou representações de um mundo rural em um meio urbano, criando uma síntese bastante original. Essa música sofreu as vicissitudes do mercado fonográfico e da indústria cultural, sendo muitas vezes identificada como uma “música de calendário festivo”, associada aos festejos juninos, mas a riqueza da mesma evitou que fosse rotulada e isolada em guetos e ganhasse uma universalidade, que só se consegue cantando com verdade o seu local. Muito embora os festejos juninos sejam marcados pela presença inegável de Gonzaga, sua música transcende esse período e essa fronteira, sendo obra que continua a marcar novas gerações de todo e qualquer lugar, tal como as Escolas de Samba Unidos da Tijuca, no Rio de Janeiro, que ganhou o Carnaval daquele ano, com o enredo “O Dia em Que Toda a Realeza Desembarcou na Avenida para Coroar o Rei Luiz do Sertão” e a Dragões da Real, em São Paulo, que em 2017 trouxe para a avenida o enredo “Dragões canta Asa Branca”, em homenagem ao povo nordestino e ao seu símbolo maior, Luiz Gonzaga.

O rei regressou para sua casa, o nordeste na década de 1980, e recuperou sua coroa na grande mídia nacional. E mesmo depois de sua partida em 1989 para o ‘Extremo Oriente’ como dizem os maçons, sua representação regional emerge a cada ano nos momentos mais festivos de seus súditos.

REFERÊNCIAS

1 - Arquivos:

- Arquivo da Assembleia Legislativa da Paraíba
- Espaço Cultural José Lins do Rego
- Fundação Casa de José Américo de Almeida

2 – Documentos

- Ata da Sessão Extraordinária da Assembleia Legislativa da Paraíba – 15/09/1976
- Atos do Governador da Paraíba – 13/01/1977
- Diário Oficial do Estado de Pernambuco – 10/11/1981

3 - Periódicos

- Jornal *A União*. Ano de 1950
- Jornal *A União*. Entre os anos de 1979 a 1989
- Jornal *Correio Braziliense* – 30/04/2014
- Jornal *Correio da Bahia* – 24/06/2017
- Jornal *Correio da Manhã* – 15/03/1960
- *Jornal da Paraíba* – 14/05/2011
- Jornal *Diário do Nordeste* – 09/12/2017 - 30/10/2004 – 09/11/2009
- *Jornal do Brasil* – 01/10/1981 e 30/07/1983
- Jornal *Estadão* – 14/12/2017
- Jornal *Folha da Manhã* – 27/07/1930
- Jornal *Folha de Pernambuco* – 30/08/2017
- Jornal *Folha de São Paulo* – 17/07/1980 – 21/12/1983 - 06/12/1994 - 12/02/2010
- Jornal *Folha Mineira* – 26/10/1955
- Jornal *Gazeta de Alagoas* – 16/12/2012
- Jornal *Gazeta do Povo* – 30/03/2018
- Jornal *O Diário de Pernambuco* – 28/03/1971 - 13/06/2019
- Jornal *O Estado de São Paulo* – 09/06/1985 - 12/10/2013 e 12/12/2013
- Jornal *O Globo* – 03/11/2012
- Jornal *O Norte*. Entre os anos de 1979 a 1989
- Jornal *O Povo* – 01/05/1953

- *Jornal Tribuna Popular* – 26/05/1946
- *Jornal Última Hora* – 23/03/1972
- *O Jornal de Maringá* – 22/09/1955
- *O Pasquim* – 23/08/1971
- *O Poti* – 12/08/1955

4 - Bibliográficas:

AIRES, José Luciano de Queiroz. **Baião no Palanque**: Sucesso na voz de Luiz Gonzaga, a música ‘Paraíba’ foi lançada em meio a uma acirrada disputa política em 1950. Revista de História da Biblioteca Nacional, número 99. Rio de Janeiro: Dezembro de 2013.

ALBUQUERQUE, A. Tenório d’. **O Que é Maçonaria?** 6ª ed. Rio de Janeiro: Aurora, 1998.

ALBUQUERQUE JR; Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: As fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção Preconceitos; v. 3).

_____. **Nos destinos de fronteira**: história, espaços e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008.

_____. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**. 4ª ed. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1980.

AGUIAR, Wellington. **João Pessoa**: o reformador. João Pessoa: Ideia, 2005.

ÂNGELO, Assis. **Eu Vou Contar Prá Vocês**. São Paulo: Ícone, 1990.

_____. **Dicionário Gonzagueano, de A a Z**. São Paulo: Trends, 2006.

ARAÚJO, Germana Gonçalves de. **Aparência Cangaceira**: um estudo sobre a aparição como aspecto de poder. Tese (doutorado em Cultura e Sociedade). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013.

AUSTREGÉSILO. José Mário. **Luiz Gonzaga**: o homem, sua terra e sua luta. Recife: Fase Faculdade, 2012.

BARBOSA, Jigavo Correia. **Política e Assistencialismo na Paraíba**: o governo de José Américo de Almeida (1951 - 1956). Dissertação de Mestrado em História. João Pessoa: UFPB, 2011.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

_____. **A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier**. Revista Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

BRANCO, Angelo Castelo. **Marco Maciel: um artífice do entendimento**. Recife: Cepe, 2017.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre, SIRINELLI, Jean- François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico: memória e sociedade**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

_____. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. Tradução Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** 2ª edição. Tradução Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2008.

_____. **A Fabricação do Rei: a construção da imagem pública de Luís XIV**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CALADO, Carlos. **Tropicália: A História de uma revolução musical**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

CABRAL, Sergio. **No tempo do Almirante: uma história do rádio e da MPB**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

CHAGAS, Luiz. **Luiz Gonzaga**. São Paulo: Martin Claret, 1990. (coleção Vozes do Brasil).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1974.

_____. **Vaqueiros e Cantadores**. São Paulo: Global, 2005.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. **O Mundo Como Representação**. Revista Estudos Avançados. São Paulo, v. 5, n. 11, abril, 1991.

_____. **Os Desafios da Escrita**. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.

_____. **A Mão do Autor e a Mente do Editor**. Tradução George Schlesinger. 1ª Ed. São Paulo: Unesp, 2014.

CALDAS, Waldenyr. **Iniciação à Música Popular Brasileira**. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1989, (Série Princípios).

CALDAS, Joaquim Moreira. **Porque João Dantas assassinou João Pessoa: o delicto do “Glória” e a tragédia do Recife em 1930**. 3ª Ed. João Pessoa: Parahyba Verdade, 2008.

CARNEIRO, Renato César. **A bagaceira Eleitoral: verba, verbo e populismo – A História do Voto na Parahyba (Da “Revolução de 30” a 1965)**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011. Volume 2.

CARVALHO, José Murilo. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: uma discussão conceitual. In: **Pontos e Bordados: escritos de história e política**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joazeiro**. Tradução Maria Yeda Linhares. 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. 3ª Ed. São Paulo: 1989.

_____. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 1990.

CANTALICE, Dulce Maria Barbosa. **Capital, Estado e Conflito - Questionando Alagamar**. João Pessoa: Fiplan, 1985.

CAYMMI, Dorival. **O Cancioneiro da Bahia**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

CAYMMI, Stella. **Dorival Caymmi: o Mar e o Tempo**. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. **O Que é Que a Baiana Tem?: Dorival Caymmi na era do Rádio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: A Arte de Fazer**. Tradução: Ephrain Ferreira Alves. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CEARENSE, Catulo da Paixão. **Mata Iluminada**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Bedeschi, 1951.

CLEMENTINO, Jurani O. **Zé Clementino: o matuto que devolveu o trono ao rei**. Campina Grande: Latus / EDUEPB, 2013.

CORREIA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

COSTA, Antonio Francisco e MEDEIROS, José Nobre de. **Porque o Rei é Imortal!**. Salvador: Paginae, 2011.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: Campanha de Canudos**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1905.

CRUZ, Heloísa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. **Na oficina do Historiador: Conversa Sobre História e Imprensa.** Revista Projeto História, São Paulo, nº 35, p. 255 – 272. Educ, 2007.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma sociologia do Dilema Brasileiro;** 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA.

DÓRIA, Carlos Alberto. **Ensaio Enveredados.** São Paulo: Siciliano, 1991.

DO Ó, Alarcon Agra e SOUZA, Antonio C. Barbosa (Orgs.). **A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural.** 2ª Ed. João Pessoa: Ideia, 2005.

DREYFUS, Dominique. **Vida do Viajante a Saga de Luiz Gonzaga.** São Paulo: Editora 34, 2012.

DUPIN, Leonardo Vilaça. **“A Paz Começa Dentro de Família”:** Uma etnografia no sertão do São Francisco. Dissertação de Mestrado em Extensão Rural. Viçosa: UFV, 2010.

ECHEVERRIA, Regina. **Gonzaguinha e Gonzagão: uma história brasileira.** São Paulo: Ediouro, 2006.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos: Gênese e Lutas.** 8ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930: História e Historiografia.** São Paulo: Brasiliense, 1970.

FERRARI, Monia de Melo. **A Migração Nordestina para São Paulo no segundo Governo Vargas (1951 - 1954) – seca e desigualdades regionais.** (Dissertação de mestrado em Ciências Sociais na Universidade Federal de São Carlos). São Carlos: UFSCAR, 2005.

FERRERAS, Norberto O. **Bandoleiros, cangaceiros e matreiros: revisão da historiografia sobre o Banditismo Social na América Latina.** Revista de História, Franca, V. 22, nº. 2, p. 211 – 226, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, José de Jesus. **Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, sua Vida, seus Amigos, suas Canções.** São Paulo: Ática, 1986.

GOMES, Paulo César da Costa. O Conceito de Região e sua Discussão. In: CASTRO, I. E. GOMES, P. C. C. CORRÊA, R. L. **Geografia Conceitos e Temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

GOMES, Sebastião Marcos Ferreira. **A Música Regionalista Nordestina como Construção da Identidade do Povo Nordestino.** Monografia de Especialização em Fundamentos da Educação. Campina Grande: UEPB, 2015.

GONÇALVES, Camila Koshiba. **Música em 78 Rotações**: “Discos a todos os preços” na São Paulo dos 30. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo: USP, 2006.

HOBBSBAWM, Eric. A invenção das Tradições. In: **A Invenção das tradições**. HOBBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (org.). Tradução de Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. **Rebeldes Primitivos**: estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

INOJOSA, Joaquim. **República de Princesa (José Pereira X João Pessoa - 1930)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

JESUS, Kallyne Nóbrega Gomes de. **A Música de Luiz Gonzaga na Construção da Identidade Regional**. TCC do curso de História. Campina Grande: UEPB, 2011.

JOFILLY, José. **Revolta e Revolução**: Cinquenta Anos Depois. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JULLIARD, Jacques. “A Política”. In Jacques Le Goff e Pierre Nora. **História**: Novas Abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

WALKER, Daniel. **Biografia de Padre Cícero**. Juazeiro do Norte: Os Juazeiros Editora, 2004.

LACERDA, Izomar. **Nós Somos Batutas**: uma antropologia da trajetória do grupo musical carioca Os Oito Batutas e suas articulações com o pensamento musical brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Flor Amorosa: 2009.

LEAL, José de Souza e BARBOSA, Artur Luiz. **João Pernambuco**: A arte de um povo. Rio de Janeiro: MEC/Funarte, 1982.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**: O Município e o Regime Representativo no Brasil. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LE GOFF, Jacques. “A política será ainda a ossatura da História?”. In LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: Edição 70, 1983.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (org.). **Usos e abusos da história oral**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (dir.). **Por Uma História Política**. 2ª ed. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

LIMA, José Cunha e FERREIRA, André da Cunha. A paisagem do sertão nordestino decantada na canção ‘vozes da seca’. In: TOLEDO, Fabiane dos Santos (org.). **Meio Ambiente em Foco**. Belo Horizonte: Poisson, 2018, (volume 01).

LIMA, José Cunha. **Luiz Gonzaga, o Baião e o Nordeste**: Construção da Identidade Nordestina na Década de 1950. Monografia (Licenciatura Plena em História – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades – Guarabira - PB), 2008.

_____. **“Saudade o meu remédio é cantar”**: Um estudo sobre a saudade na música de Luiz Gonzaga. Monografia de Especialização em História Cultural. Guarabira: UEPB, 2011.

_____. **De Rei do Baião a pedreiro – livre**: um estudo sobre as relações da Maçonaria na vida e obra de Luiz Gonzaga a partir de suas bibliografias. In: XVIII Encontro Estadual de História ANPUH-PB - História: desafios do ensino, da pesquisa e da extensão no tempo presente, 2018, João Pessoa. Anais Digitais do XVIII Encontro Estadual de História ANPUH-PB: História: desafios do ensino, da pesquisa e da extensão no tempo presente: 30 de julho a 03 de agosto de 2018. João Pessoa: Editora do CCTA - UFPB, 2018. v. 1. p. 800-809.

LIRA NETO. **Padre Cícero**: Poder, Fé e Guerra no Sertão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LOPES, Régis. **Padre Cícero**. 2ª Ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. (Coleção Terra Bárbara, vol. 3).

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MARINHO, Andréa Carla Melo. **O ciclo junino e as representações sociais do nordeste brasileiro**: um estudo de reconstrução da memória por meio da produção musical de Luiz Gonzaga. Dissertação de Mestrado do PPGCI. Recife: UFPE, 2015.

MARIZ, Celso. **Memória da Assembleia Legislativa**. João Pessoa: ND, 1987.

MARIZ, Vasco. **A Canção Popular Brasileira**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 2006.

MARTINS, Luiza Mara Braga. **Os Oito Batutas**: História e Música Brasileira nos anos 1920. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

MEDEIROS, Irani (org.). **O Cangaço nos Folhetos de Feira**. João Pessoa: UFPB, 2009.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol**: Violência e banditismo no Nordeste do Brasil. 5ª Ed. São Paulo: A Girafa, 2011.

_____. **Estrelas de Couro**: A Estética do Cangaço. 2ª Ed. São Paulo: Escrituras, 2012.

_____. **Apagando o Lampião**: Vida e morte do Rei do Cangaço. São Paulo: Global, 2018.

MELO, Fernando. **João Pessoa** – Uma biografia. 3ª Edição. João Pessoa: Ideia, 2003.

MELO, José Otávio de Arruda. **João Pessoa perante a História**. João Pessoa: A União, 1978.

MENDES, Durmeval Trigueiro. **Filosofia política da educação brasileira**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Os Errantes do Novo Século**: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Edusp, 2011.

MONTEIRO, Denilson. **Dez! Nota Dez!** Eu sou Carlos Imperial. São Paulo: Matrix, 2008.

MORAIS, Fernando. **Chatô: O Rei do Brasil**: a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORAES, Jonas Rodrigues. **Polifonia e Hibridismo Musicais**: Relações dialógicas entre Luiz Gonzaga, Gilberto Gil e Torquato Neto. Tese de Doutorado em história Social. São Paulo: PUC, 2014.

MORAES, Mário de. **Recordações de Ary Barroso**. Brasília: MEC/Funarte, 1979.

MOREIRA, Emília. **Por um Pedaco de Chão**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1997.

MOURA, Fernando; VICENTE, Antônio. **O Rei do Ritmo**. São Paulo: Edições 34, 2001.

NAPOLITANO, Marcos. **História e Música**: História Cultural da Música popular. Belo Horizonte: Autentica, 2002.

_____. "Forjando a revolução, remodelando o mercado: arte engajada no Brasil (1956-1969). In FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão. **Nacionalismo e reformismo radical** (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, (As esquerdas no Brasil, Vol. 2).

_____. **1964**: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

NÓBREGA, João Bezerra. **Lampião e o cangaço na Paraíba**. João Pessoa: Ideia, 2011.

OLIVEIRA, Bismarck Martins de. **O Cangaceirismo no Nordeste**. Campina Grande: Brasília, 1988.

OLIVEIRA, Gildson. **Luiz Gonzaga o Matuto que Conquistou o Mundo**. 3ª ed. Recife: Editora Comunicarte, 1991.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião**: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflito de classes. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

OLINTO, Antonio. **Ary Barroso**: a História de uma paixão. Maringá - PR: Mondrian, 2003.

ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira**: Cultura Brasileira e Indústria Cultural. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PARENTE, Harlan Teixeira. **Na Trilha do Sucesso:** Representações de Luiz Gonzaga (1946 – 1989). Dissertação de Mestrado em História Social da Cultura Regional. Recife: UFRPE, 2016.

PEREIRA, Vanderlan Paulo de Oliveira. **Em Nome de Deus, dos Pobres e da Libertação:** Ação pastoral e política em Dom José Maria Pires, de 1966 a 1980. Dissertação de Mestrado em História. João Pessoa: UFPB, 2012.

PESAVENTO, Sandra J. **História e História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESSOA, Ângelo Emílio da Silva. **As Ruínas da Tradição:** A Cada da Torre de Garcia d'Ávila, Família e propriedade no nordeste colonial. 2ª Ed. João Pessoa: UFPB, 2017.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

PIMENTEL, Luís. **Ary Barroso.** Rio de Janeiro: Editora Moderna, 2008.

PONZI, Alfio. **Presença Italiana na Paraíba.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1989.

PRAXEDI, Zé. **Luiz Gonzaga e outras poesias.** Natal: Sebo Vermelho, 2012.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Messianismo no Brasil e no Mundo.** São Paulo: Dominus / Edusp, 1965.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social** (A guerra sertaneja do Contestado: 1912 - 1916). 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1977.

RAMALHO, Elba Braga. **Cantoria Nordestina:** música e palavra. São Paulo: Terceira Margem, 2000a.

_____. **Luiz Gonzaga:** a síntese poética e musical do sertão. São Paulo: Terceira Margem, 2000b.

RAMOS, Manuela Fonsêca. **Na levada do Pandeiro:** a música de Jackson do pandeiro entre 1953 e 1967. Dissertação de Mestrado do PPGH. João Pessoa: UFPB, 2012.

RÉMOND, René (dir.). **Por Uma História Política.** 2ª edição. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

RODRIGUES, Inês Caminha Lopes. **A Revolta de Princesa:** uma contribuição ao estudo do mandonismo local Paraíba (1930). João Pessoa: A União, 1978.

_____. **A Revolta de Princesa:** poder privado X poder instituído. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político.** São Paulo, Alameda, 2010.

SÁ, Sinval. **Luiz Gonzaga o sanfoneiro do Riacho da Brígida:** Vida e andanças do Rei do Baião. 7ª edição, Brasília: Thesaurus, 1999.

SANTIAGO, Vandeck. **João Cântio: o padre vaqueiro**. Recife: Cepe, 2019.

SANTOS, Elane de Jesus. **A Condição Exílica do Sertanejo em Composições Interpretadas por Luiz Gonzaga**. Monografia de Licenciatura em Letras. Amargosa: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2016.

SANTOS, José de Farias. **Luiz Gonzaga: A música como expressão do Nordeste**. São Paulo: IBRASA, 2004.

SANTOS, Wagner Geminiano dos. **Enredando Campina Grande nas Teias da Cultura: (des)inventando festas e (re)inventando a cidade (1965-2002)**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

SENE, Eustáquio de. **Globalização e Espaço Geográfico**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004;

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (Volume 3).

SILVA, Glauber Paiva da. **Práticas e representações nordestinas na musicografia de Jackson do Pandeiro (1953 - 1981)**. Dissertação de Mestrado do PPGH. Recife: UFRPE, 2018.

SILVA, Alômia Abrantes da. **Paraíba, mulher-macho: tessituras do gênero, (desa)firos da história**. Tese de doutorado em História. Recife: UFPE, 2008.

SILVA, Josenildo Marques da. **As duas faces: a construção da imagem pública de Wilson Braga em jornais paraibanos (1980-1986)**. Dissertação de Mestrado em História. Campina Grande, 2014.

SILVA, Kamillo Karol Ribeiro e. **“Nos Caminhos da memória, nas águas do Jaguaribe”:** Memórias das enchentes e, Jaguaruana – CE (1960, 1975, 1985). Dissertação de mestrado em História Social. Fortaleza: UFC, 2006.

SILVA, Uvandererson Vitor da. **Velhos Caminhos, Novos Destinos: migrante nordestino na região metropolitana de São Paulo**. (Dissertação de mestrado em Sociologia na USP). São Paulo: USP, 2008.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **O Regionalismo Nordestino: Existência e Consciência da Desigualdade Regional**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

SYLVESTRE, Josué. **Lutas de Vida e de Morte: fatos e personagens de história de Campina Grande (1945/1953)**. Brasília: Senado Federal, 1982.

SOBRAL, Moacir Ribeiro Barreto. **Hospitalidade e Música: O Baião de Luiz Gonzaga e as representações culturais da Comensalidade e da migração nordestina**. Dissertação de Mestrado em Hospitalidade. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2013.

TABORSA, Felipe. **A Imagem do Som de Dorival Caymmi**. Rio de Janeiro: Globo, 2005.

TINHORÃO, José Ramos. **História Social da Música Popular Brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____, _____. **Música Popular um Tema em Debate**. 3ª Ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea**: Vidas de Santos. Tradução de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Compainha das Letras, 2003.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a História e Foucault revoluciona a História**. Tradução de Alda Baltazar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed. Brasília: Editora da UnB, 2008.

VERÍSSIMO, Érico. **Incidente em Antares**. Rio de Janeiro: Globo, 1971.

VIANNA, Letícia C. R. **Bezerra da Silva Produto do Morro**: trajetória e obra de um sambista que não é santo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

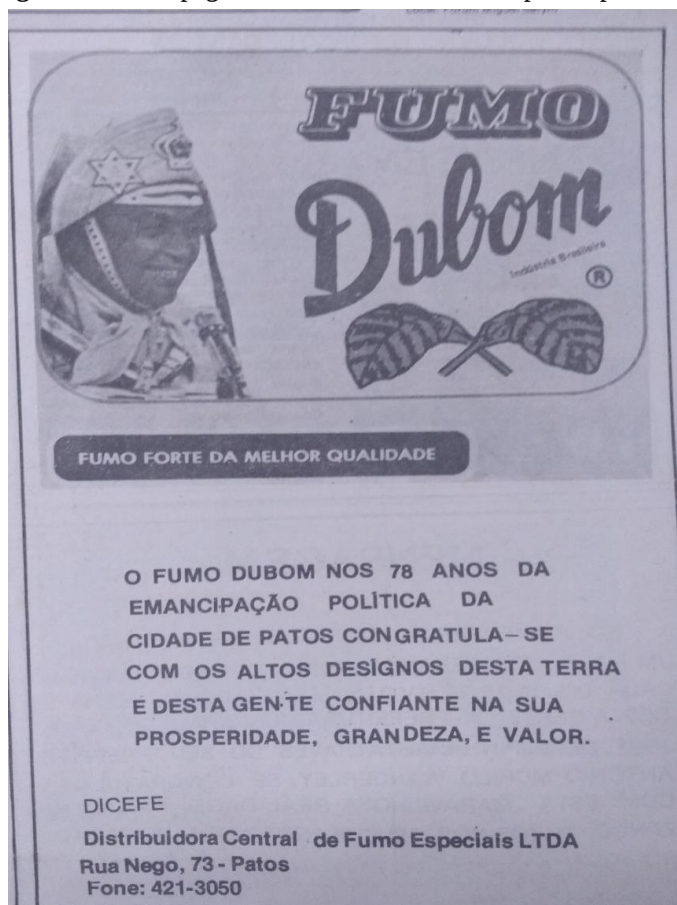
VIDAL, Ademar. **João Pessoa e a Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

VIEIRA, Sulamita. **O Sertão em Movimento**: a dinâmica da produção cultural. São Paulo: ANABLUME, 2000.

WALKER, Daniel. **Biografia de Padre Cícero**. Juazeiro do Norte: Os Juazeiros Editora, 2004.

Anexos

Figura 106 – Propaganda do Fumo Dubom na imprensa paraibana



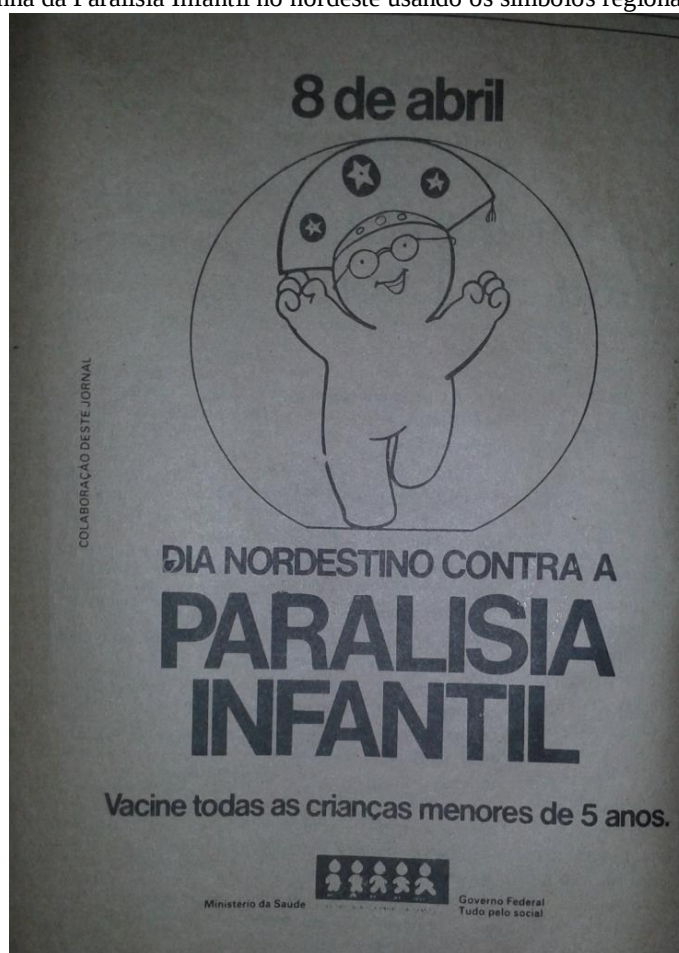
Fonte: 'O Norte' (24/10/81)

Figura 107 - Propaganda do São João em João Pessoa



Fonte: 'A União' (28/06/84)

Figura 108 – Campanha da Paralisia Infantil no nordeste usando os símbolos regionais criados por Gonzaga



Fonte: 'A União' (05/04/1989)

Orélia³⁴⁹

Humberto Teixeira

Caminheiro sem destino
 O destino é Deus quem dá
 Sempre em paz comigo mesmo
 Coração só pra cantar

Um xamego hoje aqui
 Amanhã, um denço acolá
 E o pó das estradas apagando
 Os xodós que eu tive por lá
 Foi entonce que ela surgiu
 Tava escrito Orélia chegar

Orélia, ai, ai, Orélia
 Só de olhar teu olhar magneto
 Vi logo o meu fim
 Que paixão, foi um choque da peste
 Meu corpo tremeu que nem curumim

Orélia, ai, ai, Orélia
 Ai, bichinha, se tu me deixar
 Vai ser muito ruim
 Faço arte no leste e no oeste
 No sul, no nordeste
 Dou cabo de mim

O Mangangá³⁵⁰

Luiz Ramalho

Eu vi bicho roncando
 Mariá
 Por trás do mangará
 Mariá
 Pelo jeito do ronco Mariá
 Vi que era mangangá
 Mariá

Ascenço Corgo que era cabra destemido
 Matou 16 pintada em Paraíba e Ceará
 Na fuma entrava de espingarda e candeeiro
 E atirava no terreiro dos óio pra num errar

Eu vi bicho roncando
 Mariá
 Por trás do mangará

³⁴⁹ Fonte: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/1084307/>. Acesso em: 24/03/2019.

³⁵⁰ Fonte: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/1532186/>. Acesso em: 24 de março de 2019.

Mariá
 Pelo jeito do ronco Mariá
 Vi que era mangangá

Na minha terra tem menino barrigudo
 Lobisomem cabeludo, tem gato maracajá
 Tem redemoinho que dá volta na poeira
 Inácio da catingueira que dá volta no ganzá

Eu vi bicho roncando
 Mariá
 Por trás do mangará
 Mariá
 Pelo jeito do ronco Mariá
 Vi que era mangangá

Tudo que a gente precisa mesmo comprá
 É calça, camisa e cueca, feijão, farinha e jabá
 Mas uma "fia" que se cria com cuidado
 Vem qualquer cabra safado pede a mão a gente dá

Eu vi bicho roncando
 Mariá
 Por trás do mangará
 Mariá
 Pelo jeito do ronco Mariá
 Vi que era mangangá

Acordo às Quatro³⁵¹
 Marcondes Costa

Acordo às quatro
 Tomo meu café
 Dou um beijo na muié
 E nas crianças também
 Vou pro trabáio
 Com céu ainda escuro
 Respirando esse ar puro
 Que só minha terra tem

Levo comigo
 Minha foice e a enxada
 Vou seguindo pela estrada
 Vou pro campo trabaiá
 Vou ouvindo
 O cantar dos passarinhos
 Vou andando, vou sozinho
 Tenho Deus pra me ajudar

Tenho as miúças
 Carneiro, porco e galinha

³⁵¹ <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/1566219/>. Acesso em: 24/03/2019.

Tenho inté uma vaquinha
 Que a muié véve a cuidar
 E os menino
 Digo sempre a Iracema
 Em Santana de Ipanema
 Todos os três vai estudar

Pois eu não quero
 Fío meu analfabeto
 Quero no caminho certo
 Da cartilha do abc

Eu mesmo
 Nunca tive essa sorte
 Mas eu luto inté a morte } bis
 Móde eles aprende.

Romance Matuto³⁵²
 Luiz Bandeira

Menina, se você quiser...
 Eu faço esse mundo seu!
 Quem é sincero assim não teme...
 Você tem o leme do destino meu!

Morena, você vai ouvir...
 Palavras lindas de amor!
 Que vem de um coração menino...
 Meigo e nordestino, deste cantador!

Sou carinhoso, danadinho de bom...
 Modéstia parte, eu não conheço igual!
 Se pego um fole não escolho o tom...
 Morre a tristeza e nasce um carnaval!

Menina pode acreditar...
 Não pense pra se resolver!
 Felicidade está bem perto, sou o conto certo...
 É só você querer!!

Sorriso Cativante³⁵³
 Dominginhos e Anastácia

Quando chego no meu rancho
 Vejo a minha moreninha
 De sorriso cativante

³⁵² <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/1321987/>. Acesso em: 24/03/2019.

³⁵³ <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/1563426/>. Acesso em: 24 de março de 2019.

Eu sacudo a poeira da estrada
E os contratempos da vida
Deixo em lugar distante

Minha paz está ali dentro
Essa moreninha é meu calmante bis

Troço gostoso é o amor
Coisa gostosa é querer bem
É uma fogueira bem acesa
E a quintura da fogueira só faz bem

Quando chego perto da morena
Sinto que eu pego fogo, também.

O Caçador³⁵⁴

Janduhy Finizola

Tudo é começo
Madrugada, alvorecer
A vida inteira já começa a renascer
Mas que contraste
Faz um tiro de espingarda
Guarda incerteza
Malvadeza, que tristeza

É por certo um caçador
O das aves, matador
Que dormiu numa tocaia
A esperar que caia
Inocente a juriti
Pobrezinha nesta vida
Tão cedo pra bebida
Vuou, nunca mais voltou

Que sol bonito
Infinito é o viver
Quantas rolinhas,
ribançons pra gente ver
Quase em segredo
Cantam um canto de arremedo
E logo um tiro
Tão certo, traiçoeiro

É por certo um caçador
Pra matar, arremedou
Rola-branca ou cascavel

³⁵⁴ <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/1562179/>. Acesso em: 24/03/2019.

Pra ele é mais troféu

Do que carne pra comer
Nem a miúda cafofa
Só tinha quase pena
Quanta pena ela deixou

Sol poente a Asa Branca
Vem também beber e vai morrer
Morre assim tanta beleza
Que Deus por natureza
Deixou lá no sertão ôô...

Foi pro certo um caçador
De caçar não se cansou
Mas, se assim continuar
Só resta pra matar
Atirar na solidão} bis

Alvorada Nordestina³⁵⁵

Orlando Silveira e Dalton Vogeler

Olha o céu mudou de cor
Lua se escondeu
Sensitiva flor murchou
Todo o campo se acendeu
Belo horizonte, atrás dos montes
O sol nasceu

Mais um dia raiou enfim
E a esperança vem renascer em mim
Ver meu campo florir
As aves cantando e agente a sorrir

Quando o céu mudar de cor
Lua se esconder
Quando o sol também se for
É sinal que vai chover
Volta a paz então
No meu sertão é só vive

Adeus a Januário³⁵⁶

João Silva e Pedro Maranguape

Ai que saudade, que dor
Que eu sinto até agora
De um velho e grande amigo
Que do mundo foi embora

³⁵⁵ <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/1563821/>. Acesso em: 24 de março de 2019.

³⁵⁶ <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/1563839/>. Acesso em: 24/03/2019.

Deus que ilumine os passos
Do seu novo itinerário
Tão guerreiro, companheiro
Conselheiro Januário
Seu Januário, Seu Januário } bis
Deus que ilumine
O seu novo itinerário
Nesta minha homenagem
Quero dividir a dor
Com seu verdadeiro amigo
Que sempre lutou consigo
Na batalha e no amor
Sem medir qualquer distância
Sem contar qualquer horário
Aqui vai como lembrança
Meu deus, Seu Januário